

Revista The Bard

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea

Ano 5 - Nº 29 - Edição Janeiro e Fevereiro 2025

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

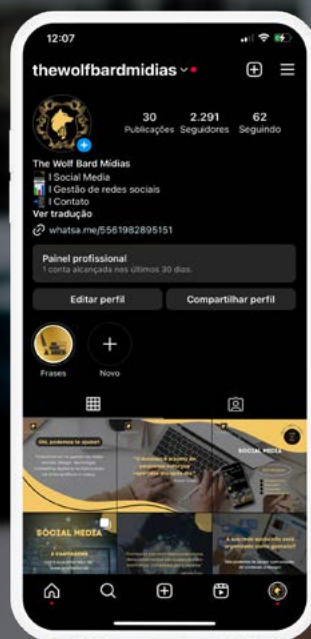
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.





Está sem tempo para administrar suas redes sociais?

Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL



Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e treze Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS





WOLF BARD

POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL



Edições da Revista

ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imenso prazer que damos as boas-vindas à 29ª edição da Revista Interativa The Bard. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Espaço dedicado aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado Impresso de participação.

Nessa edição vem na Matéria de Capa com o tema “Museus pelo Mundo: o papel desses espaços de exposição representação e memória na cultura contemporânea”, explorando o impacto dos museus ao redor do mundo e como influenciam na sociedade moderna, por J.B Wolf.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha, Itália, Canadá e EUA;

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Artigos”, “Prosa”, “Contos”, Minicontos” e “Crônicas”. Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Nossa revista conta com muitas novidades para nossos leitores, trazendo de volta algumas colunas como “Coluna Ágora”, por Mia Koda, “Livraria Encantada”, por Suzane Veiga, “Vai um livro aí?”, por Arely Soares, “Nem te conto”, por Fabiana Francisco. E com grandes novidades as colunas: “A língua em movimento”, por Aline Abreu; “A arte Sistêmica”, por Kenia Pauli.

Estamos apresentando aos nossos colaboradores e aos leitores da Revista The Bard, a nossa Agência de Marketing Digital, um projeto para trabalhar na gestão de redes sociais, site, design, tecnologia e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.

Clique aqui

Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
30ª Edição **MAR/ABR 2025**



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

29ª edição



Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação
e memória na cultura contemporânea

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 29ª edição Janeiro e Fevereiro 2025, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 29ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Magali Rabello Rocha

Paulista, natural de Santo André. Nasceu em 23 de dezembro de 1965. É autora dos livros SUBTERFÚGIOS, FRAGMENTOS e POÉTICA e é coautora de 11 antologias. Classificou-se entre os 10 primeiros colocados no Prêmio VIP de Literatura em 2024. É membro das academias de letras: AIL - Academia Independente de Letras, AMCL - Academia Mundial de Cultura e Literatura, AILB - Academia Internacional de Literatura Brasileira, ALALS - Académie des Lettres et Arts Luso-Suisse e NALAP - Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal.

INSTAGRAM



Antonio Carlos Rodrigues Marques

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

FACEBOOK



Tainá Martins Rosa de Sales

Farmacêutica e apaixonada por literatura, participei da publicação de dois livros de antologia poética "sarau Brasil 2022" e "sarau Brasil 2023" pela editora vivara. A poesia é o que me move, é onde eu encontro conforto para expressar os meus sentimentos mais profundos, onde eu encontro abrigo para mostrar para o mundo toda intensidade que mora dentro de mim.

INSTAGRAM



Israel Sousa da Cunha

Escritor com experiência em escrita criativa. É membro da Academia Interamericana de Escritores - AINTE. É membro da Academia Aldeias-Altense de Letras - ALL. Participou da 1ª e 2ª edição da antologia Becos da palavra: Ecos que emergem da Princesa do Sertão (2022 e 2023). Publicou o livro Vozes que emergem dentro de mim (2023). Participou Coletânea Aldeias Altas: Olá! Escrevo e vivo poeticamente à docência (2024). Antologia Cartas de amor (2024).

INSTAGRAM



Claudionor Aparecido Ritondale

Nasceu em São Paulo, onde sempre morou. Casado com Lúcia, pai de Graziella, encantado por sua cocker spaniel inglesa azul-ruão, a Lola. Tem 68 anos, já publicou 64 livros das mais diversas áreas: poesia, prosa, didáticos, de viagem, etc. Em uma de suas viagens, esteve em Paris, onde conheceu o museu Quai Branly, objeto de seu artigo. Ministra aulas particulares e cursos de português, italiano, música e técnicas de tradução. É tradutor de seis idiomas. Vencedor de alguns prêmios literários no Brasil e no exterior.

LINKEDIN





Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

28ª edição



HISTÓRIA DE NATAL: "Como diferentes culturas celebram esta data"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 28ª edição Novembro e Dezembro de 2024, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 28ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Silvana Silveira Fernandes

Silvana Silveira Fernandes nasceu e mora em Ponta Grossa, Paraná. Advogada, cursou Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e é pós-graduada pela Escola da Magistratura do Paraná (EMAP). Escritora de poemas e contos infantil e infantojuvenil. Autora do livro Romance em Marselha pela Editora Proverbo; Coletânea de Microcontos 2024, Editora Perso-na; Antologia PoesiaBR n.08, Editora Versiprosa, XV Coletânea Século XXI, PoeArt Editora.

INSTAGRAM



Luana da Silva Lourenço

Licenciada e mestre em Artes Cênicas sempre amei a poesia seja na arte ou até mesmo para lidar com trabalhos educacionais. Mais recentemente me aventurei na área da Biblioteconomia que, por sua vez, mantém relação com as Artes Cênicas através da proposta de ações culturais.

INSTAGRAM



Neri Luiz Cappellari

Neri Luiz Cappellari é natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul (RS). Lançou seu primeiro livro de poesias "Fragmentos" em 2012. Tem participação em diversas Coletâneas. É membro efetivo da Academia de Escritores do Litoral Norte (AELN); membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21); membro correspondente do Instituto Cultural Português.

FACEBOOK



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

MATÉRIA DE CAPA
J.B. WOLF



ACESSE A COLUNA

COLUNA Ágora
MIA KORA



ACESSE A COLUNA

Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



ACESSE A COLUNA

Grandes Autores
VANINA SIGRIST



ACESSE A COLUNA

Autopoesia & Narrativas
STELLA GASPAR



ACESSE A COLUNA

FRASES E PENSAMENTOS
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

História das Artes
DETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA

Vida de Autor
LILIAN STOCCO



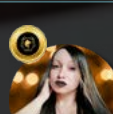
ACESSE A COLUNA

Recita-me
JULIANA ROSSI



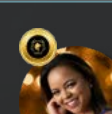
ACESSE A COLUNA

Nossa LITERATURA
VIRTUDES POÉTICAS
MÁRCIA NEVES



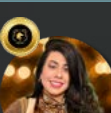
ACESSE A COLUNA

Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



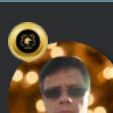
ACESSE A COLUNA

MITOLOGIAS CRÔNICAS
LADYLENE APARECIDA



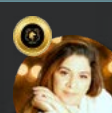
ACESSE A COLUNA

A Língua em movimento
ALINE ABREU



ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZOCARATO



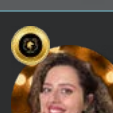
ACESSE A COLUNA

Humaniliterar
SUELI LOPES



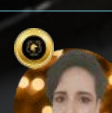
ACESSE A COLUNA

As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA

Livraria Encantada
SUZANE VEIGA



ACESSE A COLUNA

Hollywood & suas magias
TAMY SIMÕES



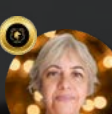
ACESSE A COLUNA

Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA



ACESSE A COLUNA

Recanto das Culturas tradicionais
EDNA GRENAND



ACESSE A COLUNA

Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BETH BALTAR



ACESSE A COLUNA

Raizes de Moçambique
DANY AMADO



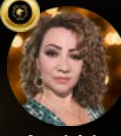
ACESSE A COLUNA

Vai um livro aí?
ARELY SOARES



ACESSE A COLUNA

Semeando a Escrita
LILIAN BARBOSA



ACESSE A COLUNA

A arte sistêmica
KENIA PAOLI



ACESSE A COLUNA

ResilienteMENTE
ADRIANA STRELLA



ACESSE A COLUNA

Teia de Artes e Fatos
ZENAIDE DOS SANTOS



ACESSE A COLUNA

Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA

Artigos
COLUNA DA REVISTA



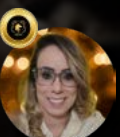
ACESSE A COLUNA

Prosa
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



ACESSE A COLUNA

Nem te conto
FADIANA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Contos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Crônicas
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Diretora da Equipe de Marketing

ACESSE



SIDNEI MANOEL FERREIRA
Poeta
Redator de Marketing

ACESSE



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



ANFRÉ FERREIRA
Escritor
Divulgador

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



LARISSA RESENDE
Escritora
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA



Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



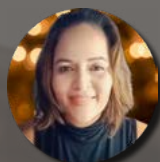
BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

MUSEU DO LOUVRE

Paris não seria a mesma sem o icônico Museu do Louvre, um dos maiores e mais impressionantes museus do mundo. Sua coleção de pinturas abrange desde a Idade Média até meados do século XIX.



Museus pelo Mundo: o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea

Os museus são mais do que meros espaços de exposição. Eles são templos de memória coletiva, guardiões de histórias e representações culturais que nos conectam ao passado, nos ajudam a entender o presente e inspiram visões para o futuro. Em um mundo cada vez mais globalizado e digital, esses espaços continuam a desempenhar um papel central na construção da identidade cultural e

na valorização da diversidade. Mas qual é, de fato, a relevância dos museus na cultura contemporânea?

Neste artigo, exploraremos o impacto dos museus ao redor do mundo, analisando como eles influenciam a sociedade moderna, preservam a memória histórica e se adaptam às demandas de um público em constante mudança.

MUSEUS NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA

Os museus têm a função primordial de preservar o patrimônio histórico e cultural das sociedades. Obras de arte, artefatos arqueológicos, documentos antigos e objetos cotidianos são cuidadosamente mantidos e catalogados para garantir que as gerações futuras tenham acesso às suas histórias.

- Guardando o passado para o futuro:

Espaços como o Louvre, em Paris, e o Museu Britânico, em Londres, abrigam coleções que remontam às civilizações antigas. Essas instituições não apenas preservam artefatos, mas também oferecem contexto e interpretação, ajudando o público a entender seu significado no tempo e no espaço.

- A valorização da diversidade cultural:

Além de conservar o passado, os museus também promovem o diálogo intercultural. O Museu Nacional do Qatar, por exemplo, é um marco de como essas instituições podem refletir a identidade de uma nação ao mesmo tempo em que dialogam com o mundo.



Museus pelo Mundo: o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea

MUSEUS COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

No cenário contemporâneo, os museus ultrapassaram a função de armazenamento de objetos para se tornarem catalisadores de transformação social.



Imagem de Nelson Kon por sp.gov.br

- Espaços de reflexão e inclusão:

Muitos museus têm adotado uma abordagem mais inclusiva, como o Museu Afro Brasil, em São Paulo, que celebra a cultura africana e sua influência na sociedade brasileira. Essas iniciativas ajudam a questionar narrativas dominantes e promover a equidade social.



Imagem do Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand

- Museus e a educação:

Além disso, os museus desempenham um papel fundamental na educação informal. Projetos interativos, como os do Smithsonian, nos Estados Unidos, aproximam o público jovem de temas complexos, como ciência, história e meio ambiente, de maneira acessível e envolvente.



O impacto tecnológico nos museus

A tecnologia tem revolucionado o papel dos museus no mundo moderno, tornando suas exposições mais acessíveis e interativas.

- Realidade virtual e aumentada: Instituições como o Museu do Prado, na Espanha, têm utilizado tecnologias como a realidade aumentada para permitir que visitantes explorem obras em detalhes que seriam impossíveis a olho nu.

- Museus digitais: Além disso, plataformas online, como o Google Arts & Culture, têm democratizado o acesso às coleções de grandes museus, permitindo que qualquer pessoa, em qualquer lugar, explore acervos vastos e diversos.



Museus e o turismo cultural

- Destinos icônicos: O Museu Hermitage, na Rússia, e o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, no Brasil, não são apenas locais de exposição, mas também símbolos de suas cidades, atraindo turistas de todo o mundo.

- Experiências únicas: Muitos museus têm investido em experiências únicas para os visitantes, como tours noturnos e exposições imersivas, garantindo que cada visita seja memorável.

Os museus também desempenham um papel importante no turismo cultural, atraindo milhões de visitantes anualmente e impulsionando economias locais.

ESPAÇOS DE EXPOSIÇÃO E INOVAÇÃO

Museus do Futuro: Sustentabilidade e Inovação em Primeiro Plano

Os museus contemporâneos não se limitam mais à exposição de objetos ou obras. Eles abraçam novas tecnologias e formatos para enriquecer a experiência dos visitantes.

Os museus do futuro estão sendo moldados por duas forças motrizes: a sustentabilidade ambiental e a inovação tecnológica. Cada vez mais, essas instituições estão se posicionando como modelos de responsabilidade ecológica e acessibilidade digital, criando um impacto positivo em escala global.

A sustentabilidade ambiental é um princípio fundamental na concepção e operação dos museus modernos. Muitos edifícios estão sendo projetados com materiais ecológicos e sistemas eficientes que reduzem significativamente o impacto ambiental. Além disso, o uso

de energia renovável para sustentar suas atividades é uma prática crescente, demonstrando o compromisso dessas instituições com um futuro mais verde. Um exemplo brilhante é o Louvre Abu Dhabi, cuja arquitetura combina sistemas de resfriamento e iluminação naturais, proporcionando um ambiente confortável e ecologicamente responsável.

No campo da inovação, a inclusão digital tem transformado a maneira como os museus se conectam com o público. A digitalização de acervos não apenas preserva obras e artefatos para as gerações futuras, mas também amplia o alcance cultural, permitindo que pessoas



Tecnologia e inovação

O futuro dos museus está intrinsecamente ligado à sustentabilidade e à inclusão de tecnologias de ponta.

de diferentes lugares explorem coleções e exposições. Tours virtuais gratuitos e bancos de dados interativos são apenas algumas das ferramentas que tornam a experiência museológica mais acessível e enriquecedora. Assim, os museus reforçam seu papel como portais de conhecimento e inclusão global.

O futuro dos museus está intrinsecamente ligado à sustentabilidade e à inclusão de tecnologias de ponta.

Sustentabilidade ambiental

A arquitetura dos museus modernos reflete um compromisso crescente com a sustentabilidade ambiental. Cada vez mais, são utilizados materiais sustentáveis na construção e manutenção dessas instituições, garantindo que o impacto ambiental seja minimizado desde a concepção dos edifícios. Além disso, muitos museus têm adotado o uso de energia renovável para suas operações diárias, reduzindo significativamente sua pegada de carbono.

Um exemplo notável é o Louvre Abu Dhabi, projetado com um foco claro em eficiência ecológica. O museu utiliza sistemas de resfriamento e iluminação naturais, que não apenas proporcionam conforto aos visitantes, mas também reduzem o consumo energético, servindo como um modelo de inovação arquitetônica sustentável.

Inclusão digital

A digitalização dos acervos está revolucionando o acesso à arte e à história, permitindo que pessoas de qualquer parte do mundo explorem coleções antes restritas a visitantes presenciais. Por meio de plataformas online, museus disponibilizam tours virtuais gratuitos, que oferecem experiências imersivas sem a necessidade de deslocamento. Além disso, o acesso a bancos de dados detalhados sobre as coleções amplia o conhecimento disponível, promovendo um aprendizado rico e acessível para públicos diversos.

O futuro dos museus está em nossas mãos

Os museus continuarão sendo pilares culturais em um mundo em constante transformação. Eles não apenas preservam o passado, mas também inspiram o futuro, incentivando a reflexão e o diálogo. Cabe a cada um de nós apoiar essas instituições e reconhecer seu papel vital na formação de sociedades mais conscientes, conectadas e inclusivas.

Visitar museus, participar de suas iniciativas e valorizar seus esforços são pequenas ações que têm um impacto significativo na preservação de nossa herança cultural e na construção de um futuro mais esclarecido.

"O Museu do Amanhã é um convite a imaginar, questionar e construir o futuro que queremos para o planeta e para a humanidade."



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO



O Museu do Amanhã

O mais visitado do Brasil, é único em sua essência, diferenciando-se não apenas por seu formato arrojado, mas por ser mais "amanhã" do que "museu". Uma estrutura monumental em forma de bromélia, projetada por Calatrava, acolhe ideias, explorações e reflexões sobre o desconhecido e nossas ações para o futuro da humanidade e do planeta. Ele aborda temas como manipulação de átomos, criação de microrganismos artificiais, mudanças climáticas e as dimensões artísticas e culturais que influenciarão nossas escolhas nas próximas cinco décadas. É um museu que milita pela ciência e pela inovação.

INSTAGRAM

POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e torne-se um escritor

**Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0**



CONHEÇA O CURSO! >>

CLIQUE AQUI





Revista Interativa THE BARD
Ed. Janeiro & Fevereiro 2025

- 8 Boas-vindas
Revista Mês Jan & Fev - Lu Ferreira
- 9 Símbolos & Funções
Saiba como funciona os ícones da Revista
- 12 Espaço reservado aos Apoia-
dores da Revista que adquiri-
ram o Certificado Impresso
- 16 Colunas & Colunistas
Links ativos para as colunas
- 18 Marketing & Divulgação
Segue a rede social de nossos
colaboradores
- 20 Matéria de Capa
Museus pelo Mundo: o papel desses
espaços de exposição, representação e
memória na cultura contemporânea, por
J.B. Wolf
- 30 Ficha Técnica
Processo editorial, colunistas, colaboradores
e representantes internacionais
- 32 Coluna Ágora
Por Mia Koda
- 36 Tudo Sobre Cinema
Por Claudia Faggi
- 44 Grandes Autores
Museus são ótimos destinos de viagem
Por Vanina Sigris
- 50 Autopoiese & Narrativas
Percurso cultural histórico Museus -
Origem e Legados
Por Stella Gaspar

56 Frases & Pensamentos
Frases e seus autores

58 História das Artes
Museus pelo Mundo
por Betânia Pereira

66 Vida de Autor
Vida de Autor
por Lilian Stocco

70 Recita-me
por Juliana Rossi e poetas convidados:
• Poetisa Juliana Rossi
• Poeta Luiz Solrak Lima
• Poetisa Gabriela Almeida
• Poetisa Raissa Souto
• Poetisa M^a Lúcia Haddad
• Poetisa Rilnete Melo

78 Nossa Literatura -
Virtudes Poéticas
Museus pelo mundo: janelas para a vida
Por Márcia Neves

86 Prosa Poética
• Artigo Jeane Tertuliano
• Prosa de Clarice Lispector
• Nas entrelinhas da Prosa Poética
• Prosadora Jeane Tertuliano
• Prosadora Paula Souza
• Prosadora Cacá Matos
• Prosadora Eliane Manieski
• Prosadora Giovanna Barros
• Prosadora Stephanny Santos

96 Mitologias & Crônicas
• Panteão Celta
Por Ladylene Aparecida

104 A Língua em Movimento
Português sem fronteiras
Por Aline Abreu

112 Coluna Dialética
• Artigo "O Museu: um espaço de
esquecimento e locução da memória"
Por Clayton Zocarato

122 Humaniliterar 
• Artigo "The Arrival: a chegada
da esperança"
Por Sueli Lopes

126 As cores da sociedade
• Artigo "Museus pelo Mundo"
Por Elke Lubitz

130 Livraria Encantada
Resenha de livros
Por Suzane Veiga

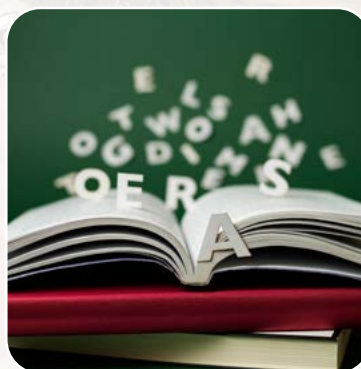
138 Hollywood e suas Magias
• Artigo "Hollywood e os Museus do Cinema:
onde a ficção encontra a história"
Por Tamy Simões



20



50



104



130



140 Nau Literária

- Artigo "Museus: faróis da memória e do conhecimento", Por Magna Aspásia
- Convidado: Escritor Rodolfo Medeiros

150 Recanto das Culturas Tradicionais

Artigo: "Novas cartografias dos museus na luta para reformar a relação entre passado, presente e futuro", Por Edna Brennand

156 Florescendo em Pensamentos

- Artigo "Top 10"
Por Cris Gomes

160 Literatura de Cordel

- Artigo "O cordel em Museus: entre memória, informação e cultura"
Por Beth Baltar

166 Raízes de Moçambique



- Artigo "Depressão em Moçambique: um reflexo de desafios sociais e conflitos", Por Dany Amado Vasco
- Convidados:
 - Poetisa e escritora Naty
 - Escritor Dany Amado
 - Escritora Filomena Nhancale
 - Escritora Rosália Chamboco
 - Escritor James Nungo
 - Escritor Sábado Valente

176 Vai um livro aí?

Resenhas de Livros, Por Arely Soares

182 Semeando a escrita

Artigo: "O poder das memórias - reminiscências de nossas vivências", Por Lilian Barbosa

- Convidado: Escritor centenário e finalista do Prêmio Jabuti 2024, Arnaldo Júlio Barbosa

192 A Arte Sistêmica



- Artigo "A arte de conectar histórias: como a literatura revela e cura padrões familiares e culturais", Por Kenia Pauli

198 ResilienteMente



- Artigo "A importância do autoconhecimento"
Por Adriana Strella

202 Coluna Teia de Artes e Fatos

- Artigo "Curiosidades sobre alguns museus ao redor do mundo"
Por Zenaide dos Santos Sa

206 Desnuda em Palavras - Erótico

- Grandes autores: Escritor Marçal Aquino
- Identidade Libertina, Por Tônia Lavínia
- Entrevista: Escritor Wesley Rezende

218 Artigos

- Escritor Claudionor Ritondale

222 Prosa

- Poetisa Stella Gaspar
- Poetisa Arely Soares

224 À Poesia

Países participantes na Revista The Bard

226 Poetas & Poetisas

Apresentação Por Edna Lessa

240 Nem te conto - Minicontos

Por Fabiana Francisco

244 Minicontos

- Escritora Eli Silvestre
- Escritora Wilma Silva Meira

246 Contos

- Escritor Israel Cunha
- Escritora Rute Ella Dominici

252 Crônicas

- Cronista Lais Mendes
- Cronista André Luis Ferreira
- Cronista R.J. Bombardi
- Cronista Neri Cappellari

258 Agência The Wolf Bard

Gestão e Marketing de Redes Sociais

266 Parceria Vip Selo Litero-Cultural The Wolf Bard

280 Vitrine The Bard

Prestigie os escritores Nacionais



150



160



182



240



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 5, Nº 29, Janeiro e Fevereiro 2025
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Betânia Pereira,
Cristina Gomes, Márcia Neves

Redatores Digitais: Mía Koda e Luiz Solrak

Representantes Internacionais:

• Representante autorizado em Moçambique 
Dany Amado Vasco

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - J.B Wolf
- Coluna Ágora - Mía Koda
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Grandes Autores - Vanina Sigrist
- Autopoesia & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lilian Stocco
- Recita-me - Juliana Rossi
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- A Língua em Movimento - Aline Abreu
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Coluna Humaniliterar - Sueli Lopes
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Livraria Encantada - Suzane Veiga
- Hollywood e suas magias - Tamy Simões
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Recanto das Culturas Tradicionais - Edna Brennand
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Coluna Raízes de Moçambique - Dany Amado Vasco
- Vai um livro aí? - Arely Soares
- Semeando a Escrita - Lilian Barbosa
- A Arte Sistêmica - Kenia Pauli
- ResilienteMente - Adriana Strella
- Coluna Teia de Artes e Fatos - Zenaide dos Santos
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavinia
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Nem Te Conto - Minicontos - Fabiana Francisco
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 18 e 19

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

ISSN 2764-9768

SNIIC AG-217193

Revista The Bard

Poesia, arte e música



113 Países





01



POR MIA KODA



Psicanalista, poetisa, criadora de conteúdo digital e escritora. Entre minhas obras, destacam-se “Pânico”, “Nevoeiro”, “Acabou o: mãe, cadê meu tênis?” e “Rios Internos”. Atuo como Redatora Digital da Revista The Bard e tenho a honra de integrar instituições como a FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes e a Academia Penapolense de Letras.

Bem-vindo à Coluna Ágora! Este é um espaço dedicado à arte de ouvir, conectar e compartilhar. Nossa coluna é inteiramente voltada para entrevistas exclusivas com as mentes mais brilhantes e criativas do universo artístico, literário e cultural, tanto no Brasil quanto no mundo.

Inspirada na Ágora da Grécia Antiga — a praça central que era o coração pulsante do diálogo e da troca de ideias —, nossa coluna resgata o espírito vibrante desse encontro. Naquela época, filósofos, oradores e visionários se reuniam para debater questões fundamentais sobre a existência, a sociedade e o futuro. Esse legado de conversas transformadoras é a base do que buscamos criar aqui.

Na Coluna Ágora, cada entrevista é uma oportunidade de explorar trajetórias marcantes, descobrir histórias inspiradoras e mergulhar em reflexões profundas sobre o mundo contemporâneo. Traremos artistas, escritores, pensadores e criadores para compartilhar não apenas suas obras, mas também suas visões e os valores que os movem.

Aqui, acreditamos no poder da palavra para conectar, emocionar e transformar. Este espaço é

uma celebração do diálogo, da diversidade e do impacto que uma boa conversa pode ter em nossas vidas.

Seja bem-vindo à nossa Ágora moderna, onde as entrevistas se tornam encontros ricos em ideias, emoções e histórias inesquecíveis.

Coluna Ágora: o palco das vozes que inspiram, emocionam e transformam.

APRESENTAÇÃO COMO COLUNISTA

É com grande entusiasmo e coração cheio de expectativas que dou início a mais um projeto que reflete minha paixão pela arte, pelo conhecimento e pela troca de ideias. Estou falando da Coluna Ágora, um espaço onde a criatividade, a reflexão e o pensamento crítico se encontram em diálogos inspiradores e transformadores.

Sou Mia Koda, psicanalista, espiritualista, poetisa, compositora, criadora de conteúdo digital e escritora, com uma trajetória marcada pela busca incessante de compreensão e expressão do ser hu-

mano. Ao longo dos anos, tive o privilégio de escrever e publicar obras que falam sobre as emoções, as relações humanas e as complexidades da existência, como os livros “Pânico”, “Nevoeiro”, “Acabou o: mãe, cadê meu tênis?” e “Rios Internos”. Minha escrita é, em essência, uma ponte entre o mundo interno e o externo, buscando iluminar, provocar e transformar a vida daqueles que me leem.

Agora, com a Coluna Ágora, o objetivo é ir além das palavras impressas em livros e mergulhar em um espaço ainda mais dinâmico e enriquecedor. Inspirada na Ágora da Grécia Antiga — o local onde se reuniam filósofos, pensadores, oradores e visionários para discutir temas fundamentais sobre a vida, a sociedade e o futuro —, nossa coluna nasce com a intenção de ser um ponto de encontro de ideias.

Na Coluna Ágora, cada entrevista será um convite para conhecer a fundo as histórias de personalidades que fazem a diferença no mundo artístico, literário e cultural. Pessoas que, com seus talentos e trajetórias, têm o poder de transformar a percepção do mundo ao nosso redor. Estou imensamente animada para trazer para você nomes incríveis, cujas histórias, experiências e visões vão enriquecer ainda mais este espaço. A ideia é proporcionar aos leitores não apenas uma entrevista, mas uma verdadeira imersão no pensamento e na criação de pessoas que, de forma direta ou indireta, nos fazem refletir sobre quem somos e o que podemos alcançar.

A cada entrevista, um novo olhar sobre a vida, a arte e o futuro. Cada conversa será uma oportunidade única de mergulhar em processos criativos, filosofias de vida e ideias que têm o poder de nos transformar. Através desses diálogos, desejo proporcionar a você, leitor, uma experiência sensível, reflexiva e profundamente enriquecedora.

Neste espaço, vou me dedicar a entrevistar escritores, artistas, pensadores e visionários de diversos campos, com a missão de iluminar caminhos, inspirar mudanças e conectar você, meu querido leitor, a ideias que têm o poder de moldar o presente e sonhar com um futuro melhor. Cada nome que trago para esta coluna é escolhido com o cuidado de quem deseja construir algo que transcende o simples ato de escrever. Aqui, buscamos o encontro de ideias, a conexão entre diferentes mundos e perspectivas, e, claro, a criação de um espaço em que a palavra tenha o poder de mover, emocionar e transformar.



Imagem de Serhii_bobyk por Freepik

A Coluna Ágora será um lugar onde a arte e a literatura se encontram com o pensamento crítico e a filosofia, gerando uma interação rica e fluida, que vai além das questões estéticas e mergulha nas questões existenciais, sociais e culturais que moldam o nosso tempo. Em cada texto, em cada entrevista, espero criar uma experiência única, onde a troca de ideias seja tão intensa quanto as conversas que aconteciam nas praças das antigas cidades gregas.



Imagem de Pvproductions por Freepik

Estou profundamente empolgada com tudo o que está por vir. As histórias que irei contar, os pensamentos que serão compartilhados e as pessoas incríveis que terão a chance de se conectar com você, meu leitor. A Coluna Ágora é, para mim, mais do que um simples espaço de entrevistas. É uma verdadeira jornada de descobertas, uma oportunidade para explorar o que nos move, o que nos inspira e o que, de fato, pode mudar o rumo de nossas vidas.

Seja bem-vindo à Coluna Ágora. Um lugar onde a arte, a literatura e a reflexão se unem para criar algo belo e transformador. Estou animada e grata por você estar aqui, pronto para embarcar nesta jornada de troca, inspiração e conhecimento. Vamos juntos construir esse espaço, que se tornará, sem dúvida, um lugar especial para todos aqueles que buscam mais do que informações: buscam transformação.

Mia Koda

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

17


CLAUDIA FAGGI


Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte.

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?



Na 29ª edição da Revista Internacional The Bard, exploramos a eterna questão: a vida imita a arte ou vice-versa? Através de uma seleção diversificada de filmes, mergulhamos nesse fascinante diálogo entre realidade e ficção.

Desde dramas baseados em fatos reais como "A Vítima Invisível: O Caso Eliza Samudio" e "Monstros: Irmãos Menendez: Assassinos dos Pais", até narrativas fictícias como "O Que Tiver Que Ser Será" e "A Vingança Está na Moda", cada obra nos convida a refletir sobre como as histórias do cinema se entrelaçam com nossas próprias experiências.

"Querida Alice" e "Invejosa" completam o quadro, abordando emoções universais como amor, perda e inveja. Estas produções demonstram como o cinema pode capturar a essência da experiência humana, oferecendo tanto um espelho de nossas vidas quanto um catalisador para novas perspectivas.

Ao final, percebemos que vida e arte estão em constante interação, cada uma nutrindo e transformando a outra. Esta edição da The Bard nos convida a apreciar esse intercâmbio perpétuo, reconhecendo o poder do cinema em refletir e moldar nossa compreensão do mundo.

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE







A VÍTIMA INVISÍVEL: O CASO ELIZA SAMUDIO



O documentário, *A Vítima Invisível: O Caso Eliza Samudio* aborda o trágico caso da jovem Eliza, uma mulher que desapareceu em 2009 e cujo o corpo nunca foi encontrado.

O que você vai ver sobre esse caso de assassinato?

São detalhes inéditos e o envolvimento do ex-goleiro Bruno, que foi condenado pelo crime junto com outras oito pessoas, ou se você preferir os famosos parças, como são conhecidos os babás de jogadores de futebol.

A produção teve acesso a conversas e mensagens pessoais de Eliza, oferecendo uma perspectiva íntima dos eventos que antecederam seu desaparecimento.

A película também explora a investigação e as falhas no sistema que permitiram que o crime ocorresse.

Na época Eliza foi totalmente esquecida, entregando o protagonismo total para o ex-goleiro do flamengo, ou seja, para o assassino.

A Vítima Invisível: O Caso Eliza Samudio está na Netflix e vale a reflexão e abordagem.

Beijos

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo



O QUE TIVER DE SER SERÁ

O filme *O Que Tiver Que Ser Será* é um drama sueco lançado na Netflix em novembro de 2024.

Eu me emocionei muito!

A película é dirigida e estrelada por Josephine Bornebusch e o filme conta a história de Stella, uma mulher que tenta manter sua família unida em meio a uma série de desafios pessoais e emocionais. Confesso que existe uma tensão e acredito que o filme representa muitas famílias que vivem seus conflitos diários.

Stella decide levar sua família em uma viagem de carro para o torneio de pole dance da filha, na esperança de resolver os problemas que estão afetando a harmonia familiar, durante a viagem, segredos são revelados, ressentimentos entram em choque e sentimentos são colocados à prova.

O filme tem sido elogiado por sua abordagem íntima e sensível aos temas familiares e emocionais, e já alcançou o Top 10 da Netflix em mais de 30 países.

Se emocione com o filme *O Que Tiver de ser será*!

Beijos

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo





A VINGANÇA ESTÁ NA MODA



A Vingança está na Moda é um filme de comédia e drama de 2015, dirigido por Jocelyn Moorhouse e estrelado por Kate Winslet, Liam Hemsworth e Sarah Snook.

O filme é uma adaptação do romance homônimo de Rosalie Ham.

A história segue Myrtle Tilly Dunnage, uma mulher que retorna à sua cidade natal na Austrália rural após muitos anos de exílio em Paris, onde se tornou uma famosa modista de alta costura.

Tilly volta para enfrentar o passado e vingar-se das pessoas que a prejudicaram quando era criança.

Com sua máquina de costura, ela transforma a aparência das mulheres da cidade e, ao mesmo tempo, busca justiça por um crime que a afetou pessoalmente.

O filme é uma mistura de humor, drama e vingança, com Kate Winslet brilhando em seu papel como a destemida Tilly. É uma história cativante sobre redenção e a busca por justiça pessoal.

Beijos

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo



QUERIDA ALICE

Querida Alice é um filme de suspense psicológico de 2022 e está no Prime Video, a direção é de Mary Nighy.

O filme é estrelado por Anna Kendrick, que vive esse papel intensamente e nos leva para o mundo de uma mulher com medo, insegura e presa a um homem egoísta, manipulador e abusador. Dá pra sentir a tensão no ar...

Tentando ajudar Alice, suas amigas a convidam para uma viagem até uma casa de campo, sugerindo que ela esconda seu paradeiro do namorado.

O filme aborda temas como a violência psicológica e a busca pela liberdade em relacionamentos tóxicos.

Querida Alice, tem o poder de mostrar o que é abuso psicológico em um relacionamento, mostra algo que muitas vezes a gente não vê porque confundiu uma atitude suspeita com normalidade.

Beijos especiais...

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo





MONSTROS: IRMÃOS MENENDEZ: ASSASSINOS DOS PAIS



A série *Monstros: Irmãos Menendez: Assassinos dos Pais* está na Netflix e é uma antologia que aborda diferentes crimes reais. A primeira temporada foi sobre o infame serial killer Jeffrey Dahmer, conhecido como “O Canibal de Milwaukee”.

A segunda temporada da série “Monstros” foca no caso dos irmãos Menendez, que mataram seus pais em 1989.

A série explora as complexidades do caso, incluindo as alegações de abuso sexual e abuso psicológico que os irmãos disseram ter sofrido pelos pais.

A caracterização da série chega a ser impressionante. Os atores são parecidos com os réus na vida real, além da época ter sido roteirizada com mestria.

Sim...

A série *Os irmãos Menendez* impactou o público de streaming de forma unânime, assim como *Dahmer*.

Você precisa conferir o desfecho deste caso que causa comoção até hoje.

Beijos

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo



INVEJOSA

Invejosa é uma série da Netflix que explora temas como rivalidade, ambição e as complexidades das relações humanas. A trama gira em torno de personagens que enfrentam dilemas morais e conflitos intensos, muitas vezes impulsionados pela inveja. Com um enredo intrigante e reviravoltas surpreendentes, a série apresenta uma visão crítica sobre como a inveja pode moldar comportamentos e decisões.

Os personagens são bem desenvolvidos, e as suas interações revelam camadas emocionais que cativam o público. A produção se destaca pela qualidade da direção e da fotografia, criando uma atmosfera que complementa a narrativa. Se você gosta de histórias que exploram a natureza humana, "Invejosa" pode ser uma ótima escolha, é uma comédia Argentina repleta de personalidade.

A personagem principal de "Invejosa" é Marina, que lida com questões de ambição, insegurança e rivalidade. Ela geralmente é retratada como alguém que parece ter uma vida perfeita, mas, por trás das aparências, luta com sentimentos de inadequação e a necessidade de ser admirada. Parece a vida nas redes sociais, algo que vemos o tempo todo!

Ao longo da série, vemos sua jornada emocional, onde a inveja a leva a tomar decisões impulsivas que afetam não apenas a sua vida, mas também a vida das pessoas ao seu redor. Essa luta interna a torna uma personagem intrigante, provocando empatia e, ao mesmo tempo, críticas por suas escolhas.

Sua evolução ao longo da série, repleta de reviravoltas, é um dos pontos altos da narrativa, fazendo com que o público se questione sobre os limites da ambição e os efeitos corrosivos da inveja.

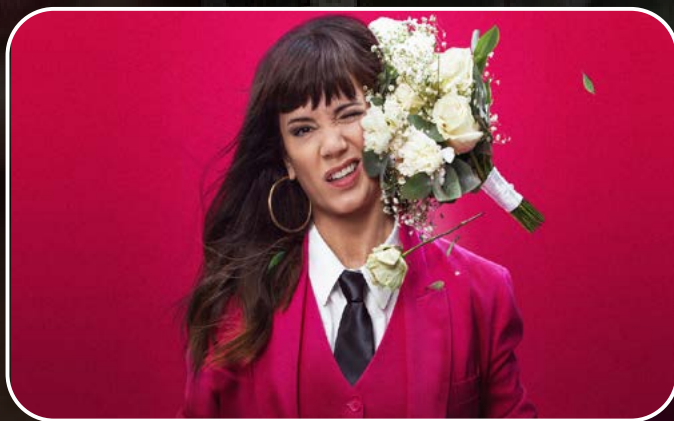
Invejosa é uma série apaixonante e está na Netflix!

Beijos

Claudia Faggi



COLUMNAS E COLUNISTAS



Assistir ao vídeo





Vanina Sigrist 

Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, professora em cursos de graduação, autora do livro infantil "De quem é a rua?" (2021) e criadora da Casa na Arte (com canal no YouTube). Adoro ser mãe, cuidar de plantas, comer bem, meditar e curtir amigos, artes e livros.

Museus são ótimos destinos de viagem

Por Vanina Sigrist



Imagem de Luigi Rigoni por Melhores destinos

O tipo de passeio que mais me encanta quando estou à toa num fim de semana ou realmente de férias em algum lugar novo é o cultural, sem a menor dúvida, além do gastronômico, porque sou as duas coisas: curiosa e comilona. Visitar espaços como museus é um programa que sempre está incluso nos meus roteiros. Sinto que estou perdendo a oportunidade de uma excelente experiência quan-

do não tenho tempo de entrar num espaço assim, mesmo que nas cidadezinhas de interior. Eu não resisto, podendo ser o museu que for: da música, do café, de um time de futebol, do trem bélico, da arte ultra contemporânea. O último que conheci, aliás, foi o Museu Asas de um Sonho, antigo Museu TAM, na pacata Itu, a cem quilômetros de São Paulo.

Sou também daquelas que sempre se desgarram do grupo, caso eu esteja em algum. Todos que me acompanham parecem apreciar as obras expostas em maior velocidade que a minha. Não sei se sou eu, que me demoro demais, ou eles, que se impacientam, mas, quando percebo, estou sozinha na sala, custando a absorver tudo que se oferece aos meus sentidos. Além disso, sempre leio alguma etiqueta e tento anotar referências para, mais tarde, mergulhar nas obras dos artistas pouco familiares.

Até porque, vocês já devem ter sentido o mesmo, uma única visita a um museu nunca basta. Sobram informações e estímulos de um acervo, por menor que seja. É preciso tempo de decantação. Que dirá quando estamos, por exemplo, num Louvre, não é?

Minha inesquecível experiência no Musée du Louvre, em Paris, quando ainda bem jovem e pela primeira vez na Europa, foi exatamente assim. Resumindo, de maravilhamento e de exaustão. Porque tudo começa já na interminável fila a que se sujeitam os turistas nos meses de verão na França, principalmente se você deseja economizar o valor do ingresso escolhendo o domingo de entrada gratuita. Em seguida, entra em cena a logística de visita nas incontáveis salas que transbordam séculos de história. Eu confesso que nem sabia para onde olhar, se para os artefatos da antiga Mesopotâmia, as cerâmicas de civilizações aborígenes, os tantos anjos e demônios da pintura clássica ou para ela, sim, ela, a magnânima Gioconda, ou a popular Mona Lisa, já muito conhecida por mim através de ilustrações e para a qual todas as centenas de turistas pareciam se dirigir, aos montes, num caloroso mês de julho.



Imagem de Artelia Group

Fato é que, em circunstâncias assim, torna-se impossível ver a obra. Eu apenas a olhei. Fiquei diante dela por longos minutos, mas a metros de uma distância salpicada por dezenas de cabeças e câmeras fotográficas inconvenientemente levantadas na altura do meu campo de visão. Eu não a vi verdadeiramente, não consegui admirá-la - e me lembro bem de ter me sentido frustrada pela dimensão real do quadro, bem inferior do que na minha imaginação. Essas interferências no contato com a arte são bem comuns e, na verdade, fazem parte do processo e da construção das nossas memórias.

Nesse meio tempo, ia eu no Louvre escutando o que os guias falavam cacofonicamente em

línguas as mais variadas, me deixando levar por explicações sempre fragmentadas, talhadas. Por mais que se tente seguir a numeração predeterminada de sequências e se busque apoio em recursos humanos ou tecnológicos de mínima orientação, a confusão persiste, junto da sede, da fome e do cansaço. Assim, podemos encontrar em certos museus um refúgio a tal balbúrdia nas salas de vendas de sua linha de produtos, mas também elas povoadas de estímulos, em postais, catálogos, réplicas, camisetas, miniaturas. A jornada ainda se alonga para o término da visita do lado externo, onde se tenta minimamente organizar tudo o que se viu, inclusive as fotos (nunca exagero nesse ponto porque acho que ele me desvia da vivência genuína, não só nos museus).

Para além dos relatos pessoais que tanto eu quanto vocês temos dos museus que já visitamos na vida, existem estudos acadêmicos que incrementam com mais propriedade esse universo, traçando análises históricas sobre o surgimento dos milhares de museus no mundo, discussões críticas sobre os papéis que cumpriram e cumprem na sociedade, perspectivas acaloradas sobre ideologias e investimentos públicos e privados, e por aí vai. Não sou museóloga, mas vira e mexe leio pesquisas sobre as mais recentes tendências do setor, porque realmente me interessam à medida que me proporcionam mais entendimento sobre como esses espaços são pensados, com quais finalidades, para que públicos, sob quais valores socio-estéticos. Penso que essa disposição seja mais necessária com as convergências digitais das duas últimas décadas, que transformaram todo o cenário.

Um texto ainda do início dessa revolução, mas que nos ajuda muito a entender o movimento de criação dos museus, especialmente no Brasil, a partir do século XIX, é o de Myrian Sepúlveda dos Santos (2004), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O seu “Museus brasileiros e política cultural”, sob o aporte teórico de muitos autores nacionais e estrangeiros dos anos 1990, recupera algumas fases importantes dessa linha do tempo, quando houve números maiores ou menores de novos museus ou críticas mais contundentes a eles por seu papel de fortalecimento de estados nacionais, poderes militares e elites privilegiadas.



Citando Huyssen (1995), Santos (2004, p.54) localiza uma transformação nessa atuação: “O museu, como espaço da preservação da cultura das elites e do discurso oficial, teria sido substituído por uma instituição que se abre aos meios de comunicação de massa e ao grande público”. A democratização desses espaços de abrigo da arte, da cultura e dos valores de comunidades ainda assim não cessa as críticas à sua política, porém repropõe o próprio conceito do que seja um museu e onde ele possa estar e “acontecer”:



Imagem de VvoveVale por iStock

A partir da definição básica de museu como instituição permanente, que adquire, conserva, pesquisa, transmite e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, diversos adendos foram realizados, ampliando a diversidade do que se compreendia por museu, assim como seus vínculos e responsabilidades em relação à sociedade. Atualmente podem ser consideradas instituições museais não só monumentos, jardins botânicos e zoológicos, aquários, galerias, centros científicos, planetários, reservas naturais, como também centros culturais, práticas culturais capazes de preservar legados intangíveis e atividades criativas do mundo digital. (Santos, 2024, p.57-58)

Já nem cabe mais, nesse sentido, a expressão “isso parece peça de museu”, que por muito tempo denotou coisa velha, empoeirada, sem serventia. Hoje os museus em muitos países são abertos, ao ar livre, como o Inhotim, na região serrana de Minas Gerais, até itinerantes, como o Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, ou totalmente integrados à arquitetura, à geografia, à natureza ou ao clima da

cidade, como o Museu do Amanhã, no Rio. Todos os três, inclusive, museus dos nossos sonhos e projeções atuais, que nada têm de velharias seculares.

Há ainda, vamos lembrar, os museus com projetos de digitalização de seus acervos, que possibilitam o acesso remoto àqueles que não podem visitar de modo presencial a instituição, reforçando vieses educativos e científicos; ou os museus inteiramente digitais, muitos bem sofisticados, que permitem ao visitante experiências imersivas interessantes, giros em 360 graus por salas virtuais repletas de arte e história, que só existem no ciberespaço.

Eu particularmente ainda prefiro o impacto real das obras sobre mim e toda aquela experiência cativante e bagunçada de um museu com textura, aromas e gente, que mencionei no início. Acho insubstituível sentir o trabalho de direção e de curadoria de um museu ou de suas mostras independentes. É como sentir a assinatura do cineasta de um filme ou do maestro de uma sinfônica. É a presença invisível do museu (para a qual quase ninguém liga, a não ser se quiser gastar uns minutos lendo a apresentação que adesiva as paredes de entrada da exposição) que rege as obras, escolhendo-as e alinhavando-as. Tudo isso dá o tom da conversa.

Só a experiência ao vivo, que sacode todo o nosso corpo, permite que possamos eleger nossas preferências. Foi assim que pude preferir o Musée D’Orsay ao Louvre, já que ele me colocou defronte aos impressionistas que tanto amo, às pinceladas que tanto sobram nas telas, e à estação de trem que tanta memória guarda, e que sozinha já é um museu charmosíssimo. Foi assim que troquei toda a Galeria degli Uffizi, em Florença, bem menos interessante, por uma mostra de uma única obra do britânico Damien Hirst, *For the Love of God*, cujo brilho único me deixou cegada por anos e anos. Foi assim que escolhi aqui em Santos, onde moro atualmente, o Museu do Mar como um dos meus favoritos (e talvez dos menos badalados para o público em geral, que logo pensa em Museu do Café ou Museu Pelé ao ter Santos como destino), já que foi dentro dele que vivi a experiência irrepetível de segurar com minhas mãos um filhotinho de tubarão.

Espero que todos nós, caros leitores, possamos fazer a vida valer mais a pena com um delicioso repertório de experiências nos mais marcantes museus do mundo. Uma ótima viagem!

Por Vanina Sigríst



Imagem de Paristickets



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

Percurso cultural histórico Museus — Origem e Legados

Considerações Iniciais

A Revista Internacional The Bard, na sua 29ª edição, tem como tema de capa "Museus pelo mundo. O papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea."

A Coluna Autopoiese & Narrativas, busca neste artigo integrativo, intitulado; "Percurso Cultural Histórico — Museus e seus Legados", visa desenvolver uma narrativa autopoietica, objetivando contribuir para o intercâmbio de conhecimentos, pesquisa e divulgação das instituições museológicas, aos que apreciam essas importantes instituições de preservação da memória e difusão do patrimônio cultural. Neles, encontram-se acervos de diferentes naturezas e temporalidades.

Por meio de suas coleções e acervos, os museus apresentam a permanência em contraponto com a transitoriedade. Sua base está na perspectiva preservacionista. Pode-se afirmar que, os museus

colaboram efetivamente com o desenvolvimento social, econômico e cultural. Nesse sentido, a narrativa se desenvolverá explorando o conceito de "museu", seu desenvolvimento histórico, importância no contexto contemporâneo e legados deixados ao longo do tempo, como apresenta Maria Cristina Oliveira Bruno (2011), conceituando-os como locais de seu tempo, visíveis aos seus contemporâneos e sempre servindo a causas de sua época.

Existe uma multiplicidade de visões sobre os museus na atualidade. Muitos contribuirão para o intercâmbio de ideias e experiências relativas ao contexto museológico paulista e brasileiro. Citamos Maria Xavier Cury, que é concisa ao circunscrever museus como "uma modalidade pragmática da museologia". Ana Silvia Bloise nos fornece a pista histórica dos museus vinculados às hierarquias sociais do legado europeu moderno e ao culto dos vestígios do passado. Nesse sentido, aponta as contradições de um caráter público. Ana Mae Barbosa pensa os "museus como laboratórios de experimentação, com a função

Percurso cultural histórico Museus — Origem e Legados

Por Stella Gaspar

de uma escola crítica e transformadora que questione os valores do próprio museu”. Essa dimensão do indivíduo, da perspectiva do potencial educativo das instituições museais, também transparece na escrita de Marcelo Mattos Araujo, que enfatiza o papel transformador do museu na sociedade contemporânea, em “ações que nos desautomatizem. (Museus: o que são, para que servem? São Paulo–SP, 2011).

Ao final da narrativa, concluirei com as principais abordagens e reflexões acerca desse bem comum com diferentes olhares dinâmicos e públicos. Assim, é uma alegria para mim, compartilhar com todos vocês, esses escritos e achados.

Bem-vindos!

1. Percurso cultural histórico — Museus — Origem e Legados

“A arte não reproduz o que vemos. Ela nos faz ver.” (Publicado em Revista Educação e Cultura — Paul Klee, um “Degenerado”. 24/02/2019).



Imagem de StockSnap por Pixabay

O Conselho Internacional de Museus — ICOM é uma associação profissional sem fins lucrativos, financiada predominantemente pela contribuição de seus membros, por atividades que desenvolve e pelo patrocínio de organizações públicas e privadas. O

ICOM foi criado em 1946 e tem sede em Paris, junto à UNESCO. É uma associação que estabelece padrões éticos e profissionais para os museus e promove a capacitação e o avanço do conhecimento. Em 24 de agosto de 2022, o ICOM aprovou uma nova definição de museu, incorporando elementos como sustentabilidade, inclusão, diversidade e garantia de direitos.

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, promovendo a diversidade e a sustentabilidade. A função primária de uma instituição museológica é contar a história do homem e como a sociedade evoluiu em seu ambiente ao longo dos anos, seja qual for o tipo de museu e das peças que compõem seu acervo.

Quando visitamos um museu depreendemos o quão pequenos somos, e entendemos a valência dos rendimentos de nossas transformações culturais. Identificando nossa história por meio de objetos e imagens, fazendo com que criemos bens para reflexão sobre o passado, a atualidade e o futuro. Isso terá como consequência o desenvolvimento da nossa capacidade adaptativa ao longo da vida e formas de viver.

1.1 - Museu, templo. Morada das Musas.



Imagem de Lionel Borie por Pixabay



A palavra museu vem do grego mouseion, que significa “templo ou morada das musas”. Tem início na mitologia grega quando Zeus, Senhor dos deuses, tem relações com Mnemósine, a deusa da memória, que gera e dá à luz a nove musas.

Minhas Eternas Musas

Por Falcão S.R - Rio de Janeiro-RJ.

*Num sonho tão divino que nunca imaginei.
Buscando inspiração para escrever um poema.
Nove musas da mitologia grega encontrei.
Sendo agora de meus versos o lindo tema.*

*Urânia falou-me de minha estrela.
Seus fenômenos e mágica fantasia.
Que cada um tenha sua companheira.
Que lá do alto nos observa e guia.*

*Tália disse-me que a vida é uma comédia.
Encenada num palco escuro ou iluminado.
Depende de nós sermos alegria ou tragédia.
Um pesadelo ou jardim florido e abençoado.*

*Calíope muito eloquente e vaidosa.
Relatou-me sobre guerras e vitórias.
Epoeias épicas grandiosas.
Que mudaram o curso da história.*

*Polímnia com sua retórica envolvente.
Parecendo um político enganador.
Tentou me convencer, inutilmente.
Que só os tolos acreditam no amor.*

*Euterpe com seu lirismo, me brindou.
Exibindo seu talento em notas musicais.
Tocando a flauta, o mundo encantou.
Belos momentos que não esquecerei jamais.*

*Clio frustrada e totalmente entristecida.
Com aqueles que pela paz tanto lutaram.
Fez um relato do que foi a sua vida.
Que infelizmente o homem nunca acatou.*

*Erato, amável, sublime e radiosa.
Lirismo que a poesia romântica fascina.
A musa da ternura esplendorosa.
Amor que consagra e a alma ilumina.*

*Terpsícore deu um show de talento.
Numa dança onde parecia levitar.
Como folha levada pelo vento.
E beleza da luz da lua sobre o mar.*

*Melpômene enganou-me com seu canto.
Tal qual sereia, ilude o humilde pescador.
Não percebendo que era amargura e pranto.
O que ocultava sob o som de um falso amor.*

*Fui ao encontro de Mnemósine e Zeus.
Para agradecer pela imensurável alegria.
Por serem pais de quem ilumina os dias meus.
As musas das artes, ciência e poesia.*

(Texto publicado no site Luso-Poemas <https://www.luso-poemas.net>)

As musas eram as filhas de Zeus e Mnemósine, a deusa da memória, e eram ninfas que habitavam os bosques. Com o tempo, foram elevadas à categoria de divindades e se tornaram inspiradoras da poesia e da música.

As nove musas eram: Calíope, Clio, Erato, Euterpe, Melpôme, Polímnia, Tália.

Calíope. (A da bela voz). **Clio** (A que celebra). **Erato** (A amorosa). **Euterpe** (Deusa da música e da poesia lírica) **Melpômene** (A cantora, melodiosa) **Polímnia** (Deusa dos hinos) **Tália** (Deusa do florescer) **Terpsícore** (deleite da dança).



Imagem de ha11ok por Pixabay.

As Musas são figuras femininas da mitologia grega, fonte de inspiração nas artes ou ciências. O significado de musa tornou-se abrangente, sendo utilizado no sentido figurado para designar a mulher amada ou aquela que traz inspiração, seja na pintura, na poesia ou outras formas de expressão cultural.

Na literatura, as musas são invocadas tipicamente ao princípio, ou próximo, de um poema épico ou história clássica grega. Serviam de ajuda a um autor, ou como autêntico orador do qual o autor não era mais que a voz. Originalmente, a invocação às musas era uma indicação de que o orador se movia na tradição poética, conforme as fórmulas estabelecidas.

Na Grécia Antiga, o museu era um templo das Musas, divindades que presidiam a poesia, a música, a oratória, a história, a tragédia, a comédia, a dança e a astronomia. Esses templos, bem como os de outras divindades, recebiam muitas oferendas em objetos preciosos ou exóticos, que podiam ser exibidos ao público mediante o pagamento de uma pequena taxa. Em Atenas, se tornou afamada a coleção de expostas nas escadarias da Acrópole no século V a.C. Os romanos expunham coleções públicas nos fóruns, jardins públicos, templos, teatros e termas, muitas vezes reunidas como botins de guerra. No oriente, onde o culto à personalidade de reis e heróis era forte, objetos históricos foram coletados com a função de preservação da memória e dos feitos gloriosos desses personagens. Dos museus da Antiguidade, o mais famoso foi o criado em Alexandria por Ptolomeu Sóter em torno do século III a.C., que continha estátuas de filósofos, objetos astronômicos e cirúrgicos e um parque zoológico, embora a instituição fosse primariamente uma academia de filosofia, e mais tarde incorporasse uma enorme coleção de obras escritas, formando-se a célebre Biblioteca de Alexandria.

2 - Um diálogo no tempo -vivendo e aprendendo

Os museus preservam a identidade de uma comunidade, nação, estado ou região. São espaços para a pesquisa, estudos e conhecimentos da histó-

ria. É um espaço de conexão entre ciência, cultura e sociedade, tendo como pressuposto básico informar e educar por meio de exposições permanentes, atividades recreativas, multimídias, teatro, vídeo e laboratórios. Uma de suas funções é despertar a curiosidade, estimulando a reflexão e o debate, promovendo a cidadania, colaborando para a sustentabilidade das transformações culturais, estando ao longo do tempo auxiliando para a formação cultural em nosso país, intensificando saberes inerentes às construções do desenvolvimento humano ao longo do traçado histórico, com um leque bastante amplo de informação, nos processos de conhecimento, em diferentes ângulos.

Na história e seus percursos vivemos e aprendemos, num sentido profundo, que nos leva a compreender a própria vida.

A concepção de museus trazida nesta narrativa é um tributo ao reconhecimento de que estas instituições vivem em conexões com a melhoria do aspecto social.

O museu tem sua origem no colecionismo e no diletantismo e sua institucionalização foi lenta e gradual. A história dos museus é muito antiga e abrangente, mas o termo “museu” só foi adotado no Renascimento, transformando-se na instituição voltada para a comunicação do patrimônio a ser preservado.

Portanto, os museus são importantes para a formação cultural do país, por reconhecerem as transformações da inteligência em aprender a aprender em um conjunto dinâmico de operações cognitivas, com informações de qualidade nos seus acervos.

2.1 -Museu e turismo — físico e virtual

A história dos museus está ligada ao turismo, também virtual. Aqui no Brasil, temos o “Museu do Amanhã”, na cidade do Rio de Janeiro. Podemos fazer um tour virtual, oportunizando a acessibilidade da sociedade interessada.



Os museus virtuais são mediados pelas linguagens digitais, tais como: virtual, digital, internet, web, ciberespaço, hipertexto, interface e interatividade.

Além deste museu, destacamos, nessa modalidade, os museus. Louvre – França; Metropolitan Museum of Art em Nova York, Estados Unidos; Art Institute of Chicago - Estados Unidos; Museu do Vaticano – Roma. Podemos citar grandes museus como o museu de Arte Assis Chateaubriand (mais conhecido pelo acrônimo MASP) São Paulo – Brasil; Museu Yad Vashem – The Word Holocaust Remembrance Center-Jerusalém, Israel; Museu Nacional de Belas Artes – Buenos Aires, Argentina.

Existem diferentes tipos de museus no mundo.

- **Museus Históricos.** (Museus em que prevalece a relevância histórica do seu acervo).
- **Museu Científico-Tecnológicos.** (Museus com objetos e ferramentas para o estudo e divulgação da ciência).
- **Museus de Arte.** (O seu acervo é constituído exclusivamente de obras de arte, como esculturas, pinturas e instalações). Seu foco está em obras clássicas e históricas.
- **Museu de Arte Contemporânea.** (Abordagem inovadora e experimental).

Há museus de todos os tipos: ao ar livre, interativos, com alta tecnologia, outros dedicados a documentos, ao vestuário, às ciências, idiomas... e claro, os mais “tradicionais”, com quadros e esculturas. Visitar museus é um passeio dinâmico e prazeroso, é uma grande pedida para quem está viajando ou até mesmo para quem quer conhecer um pouco melhor a própria cidade.

2.2 – Museu Nacional da Poesia (MUNAP)

O MUNAP foi fundado em 2006 e cadastrado no Ibram pela artista e poeta Regina Mello. Baseado

em um conceito inovador que vai além dos modelos tradicionais, o Museu desenvolve suas ações ao ar livre, no Parque Municipal Américo Renne Giannetti, no centro de Belo Horizonte. Numa perspectiva ampla de acessibilidade e inclusão à poesia e à arte, criando espaço entre presente – passado – futuro. Gratuito, dinâmico e em constante transformação.

O Museu Nacional da Poesia - MUNAP é um museu sem forma e sem bordas; um museu que existe por meio de ações. Localizado no centro de Belo Horizonte. Numa perspectiva ampla de acessibilidade e inclusão à poesia e à arte, criando espaço entre presente – passado – futuro. Gratuito, dinâmico e em constante transformação.

Uma poesia. Por Stella Gaspar.

*A beleza de uma vida.
Passado, presente, futuro.
Prazeres existenciais.
Variedades da palavra amor.
Uma poesia.
Em diferentes tempos.
Ligação mítica entre mim e você.
Teu nome está ao meu redor.
Um elo natural.
Nas nossas histórias.
De um sabor.
Especial, para os nossos olhos.
O meu sentir vital.
Voa nas abstrações.
Por caminhos dos deuses.
Que me levam para.
Dentro da tua vida.*



Imagem de Christine Engelhardt por Pixabay.

Considerações finais

Destacamos a dimensão prazerosa e de entretenimento de uma parcela significativa de pessoas que circulam pelos espaços museológicos.

É preciso existir a perspectiva de ação museológica inclusiva, em diálogo com as diversas demandas sociais, possibilitando a evolução da sociedade, que podem refletir e transformar os erros, equívocos do passado, para melhor acomodação no presente.

Faz-se também importante entender o papel do consumo cultural na contemporaneidade e entender os museus, não como meios de comunicação, mas como mediadores de capacidades ativas de conhecimentos e aprendizagens, por meio da comunicação, por meio de exposições e ações culturais e educativas, enquanto ajudam a constituir sentidos que vão compor o imaginário individual e coletivo.

Na contemporaneidade, os museus evidenciam processos interdisciplinares e ações educativas interativas. Conforme a Política Nacional de Museus do Brasil, mais do que instituições estáticas, são “processos a serviço da sociedade”, e são instâncias fundamentais para o aprimoramento da democracia, da inclusão social, da construção da identidade e do conhecimento, e da percepção crítica da realidade.

Para Jorge Wagensberg, (1948-2018), que foi um físico, museólogo e divulgador científico catalão, diretor do Museu de Ciência de Barcelona, “museu está para despertar a curiosidade científica. Um museu tem que emocionar. Seduzir o visitante para os mistérios da realidade. É a melhor forma de fazer com que ele queira entender a realidade”.



Imagem do Cientista e museógrafo Jorge Wagensberg - Publicação

A finalidade última do museu é trazer algum tipo de benefício às pessoas e provocar mudanças em suas vidas, e não ser simplesmente uma casa de custódia para obras de arte ou um centro erudito. Os museus são espaços de aprendizagem sobre vários assuntos, como arte, história, geografia, biologia, ciências e astronomia.



Imagem de GuangWu YANG por Pixabay

INSTAGRAM



POST NO SITE



Referências no site



COLONAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO



FRASES E PENSAMENTOS

Jardim Dos Pensamentos
É o cérebro que pensa ou...
Sou eu, que estou pensando nele,
que está pensando em mim?

Antonio Carlos Rodrigues

“O museu transforma a obra em objeto”.

André Malraux

Em mil poesias nos encontremos nas esquinas de
cada sílaba, nos ventos de cada advérbio, para escutar o
sujeito em seus discursos e infinitos predicados... Mas
furte-nos sempre, de nossos pontos finais.

J.B Wolf

“Confusa época em que os museus se transformam
em igrejas e igrejas em museus”.

Jean Cocteau

“A arte não reproduz o que vemos. Ela nos faz
ver”.

Paul Klee

“A arte existe porque a vida não basta”.

Ferreira Gullar

“A vida imita a arte muito mais do que a arte
imita a vida”.

Oscar Wilde

“A obra de arte é o resultado feliz de uma an-
gústia contínua”.

Carlos Drummond de Andrade

“Outros viram o que é e perguntaram por quê.
Eu vi o que poderia ser e perguntei: por que não?”

Pablo Picasso

“Eu sonho com minha pintura e pinto meu
sonho”.

Vincent Van Gogh

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

"A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta".

Fernando Pessoa

"Estilo mais engomado que irmã de caridade".

Agripino Grieco

"Este não é um romance para ser posto casualmente de lado. É para ser atirado longe com toda força".

Dorothy Parker

"A vitalidade de um novo movimento na arte e nas letras pode ser medida precisamente pela polêmica que ele causa".

Logan Smith

"SUA FRASE AQUI"

O mundo é como um espelho que devolve a cada pessoa o reflexo de seus próprios pensamentos. A maneira como você encara a vida é que faz toda diferença.

Luís Fernando Veríssimo

"Não há poesia sem um complexo de imagens e um sentimento que o anima".

Benedetto Croce

"A Academia Brasileira de Letras se compõe de 39 membros e um morto rotativo".

Millôr Fernandes

Só o silêncio faz escutar o som da
inspiração da vida!
Sonhe, não acorde...
Acredite e crie mil mundos perfeitos dentro de
cada lágrima que jaz em um dia.

J.B Wolf

"A literatura é a expressão da sociedade, assim como a palavra é a expressão do homem".

Louis Gabriel Ambroise de Bonald





História das Artes

21



Betânia Pereira



Historiadora/Enfermeira
Funcionaria Publica Estadual.
Pós-Graduada Em: Historia Do Brasil(Uema);
Saude Da Familia (Faesf);Terapia Intensiva (Facema).

Museus pelo Mundo

Eu vejo o futuro repetir o passado; Eu vejo um museu de grandes novidades. O tempo não para.
Cazuza

Iniciando essa narrativa, escuto repetidamente, Xand Avião cantar em minhas lembranças: “Quem vive de passado é museu/Caranguejo é quem anda para trás...” Trecho que nos sugere que ficar preso a memórias e sentimentos antigos impede o progresso e a felicidade no presente, traz também para nós historiadores e pesquisadores uma serie de questionamentos, por se referir a museu como algo morto e fadado ao esquecimento. Na nossa compreensão como pesquisadora sabemos da importância de ter passado e de preservá-lo, conservá-lo para que não percamos nossas raízes mais profundas.

Pois bem, assim como os museus, os historiadores também vivem do passado. Além desses podemos observar ao nosso entorno o quanto necessitamos do passado a exemplo trazemos algumas figuras como os juízes, que muitas vezes precisam interpretar as leis com base naquilo que o legislador que criou aquela norma tinha como objetivo e isso requer um estudo histórico do contexto de criação

daquela lei; os médicos, que conhecem as doenças e suas curas porque em algum lugar do passado muitas pessoas morreram daquela enfermidade e muitos outros estudiosos e profissionais necessitam visitar o passado para construir o presente. Em outras palavras, o passado nos molda e todos, vivemos dele de algum modo. O tempo não para, já dizia Cazuza em uma de suas canções. Que tal juntos explorarmos a historia do surgimento dos museus, que nos são tão significativos, além de ser uma imersão na história do mundo?

Nos Museus guardamos nossa memória, nossa história.

Com o passado aprendemos para que possamos viver o presente da melhor forma e assim planejamos um futuro digno. O passado nos alimenta. O passado nos guia. O passado nos fortalece. O passado nos sustenta para viver o tempo atual

Joseli Barros

O conceito atual que temos por museu é o de um determinado local onde se expõe ao público, de modo ordenada e selecionada, coleções de objetos científicos, históricos, arqueológicos, etnográficos, de artes, entre outros. Tais exposições teriam um caráter unicamente de estudo dessas coleções. Todavia, é interessante que façamos uma referência aos museus através da História, como forma de compreender a sua evolução e os paradigmas que tal fenômeno atravessou.

1- Museus ao longo da história

1.1 Pré-história

O homem desde a Pré-história reunia e produzia artefatos conforme as suas necessidades e associações pessoais ou coletivas. Tais indícios foram percebidos em escavações arqueológicas junto às câmaras funerárias daquele período. Já no século II a.C. há sinais, na Mesopotâmia, do surgimento de locais que abrigavam cópias de antigas inscrições, reproduzidas para uso educativo nas escolas daquele tempo.

1.2 Egito Antigo

No Egito, tesouros acumulados pelos Faraós eram depositados em suas câmaras mortuárias, cuja crença é a de que serviriam para acompanhá-los durante a sua passagem à eternidade. Muitos desses tesouros, hoje, tornaram-se acessíveis em coleções egípcias de diversos museus. Os egípcios também manifestaram a posse de objetos, reunidos para se tornarem um espaço de estudo, discutindo saberes mitológicos, religiosos, geográficos, etc.

1.3 Grécia Antiga

O museu tem o seu sentido de origem no mouseion grego, termo usado antes do século V a.C.; local destinado às 'musas' e que na mitologia grega eram as nove filhas de Zeus com Mnemosine, a divindade da memória. O mouseion era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado, sobretudo para o saber filosófico; local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e

criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianas, poderia se dedicar às artes e às ciências. As obras expostas no mouseion existiam mais em função de agradar as divindades do que para serem contempladas pelo homem.

Ao lado do mouseion, encontravam-se espaços denominados thesaurus, onde se abrigavam ex-votos que eram trazidos em devoção às divindades. O museu teve na Grécia Antiga a sua origem, onde núcleos museológicos foram construídos para abrigar os tesouros dos templos, devido o acúmulo de ex-votos. Os tesouros eram, então, analisados pelos sacerdotes, que realizavam a triagem, a classificação, o controle e a segurança desses objetos.

1.4 Roma antiga

Em Roma ocorreu o mesmo que na Grécia Antiga, porém não exclusivamente nos templos. Os objetos eram depositados nos fóruns, jardins, banhos públicos e nos teatros. As famílias também adquiriam e conservavam em suas casas quadros e estátuas que resultavam em valiosas coleções.

Em Alexandria, durante o século II a.C., o termo mouseion foi utilizado pela primeira vez para denominar um espaço destinado ao saber enciclopédico. Os objetos artísticos e as obras de arte eram recolhidas em templos, santuários e tumbas. O local era, sobretudo, um espaço para a discussão e o ensinamento do saber nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia e demais áreas do conhecimento que se tinham à época, configurando-se, numa compilação entre as áreas do conhecimento.



Imagem de ErikaWittlieb por Pixabay



O mouseion de Alexandria foi, nesse âmbito, o protótipo do museu da Antiguidade e o reflexo de uma filosofia universalista, conjugando e superpondo as funções e a estreita união entre arquivo, biblioteca e museu.

1.5 Idade Media

A igreja é um museu com fachada de templo.
Juahrez Alves

Durante a Idade Média as igrejas e catedrais se converteram em autênticos museus, onde se depositavam manuscritos, estátuas, joias e relíquias sagradas. Cada igreja, apesar de ser um lugar de culto, oferecia assim ao olhar do público uma quantidade de objetos, que configuravam verdadeiras coleções empregando os objetos com uma intenção pedagógica e um caráter moral. É durante esse período que a Igreja financia artistas para a confecção de obras de arte e que ainda hoje configuram em grandes obras-primas da humanidade.

1.6 Renascimento

Foi durante o período do Renascimento que o conceito de museu começou a mudar. O redescobrimento das culturas clássicas grega e romana se configurou numa nova dimensão ao colecionismo de objetos de arte. Importantes coleções desta época foram as dos Médici, família nobre italiana, que financiava importantes obras e artistas. Contratado pelos Médici, o artista e arquiteto Vasari introduziu o novo conceito de museu, enquanto local de caráter científico que até hoje possui, propondo estudos sistemáticos e estilos e de artistas.

Também durante o Renascimento, surgiram coleções privadas – denominadas por coleções reais e principescas – como forma de demonstração de requinte e símbolo de poder econômico das famílias principescas, servindo como verdadeiro termômetro das rivalidades entre elas. O colecionismo tornou-se moda em toda a Europa.

Ainda no período do Renascimento, apareceram pela Europa os Gabinetes de Curiosidades e as

coleções científicas – coleções altamente heterogêneas e assistemáticas formadas por estudiosos que buscavam simular a natureza em gabinetes, reunindo grande quantidade de espécies de variadas naturezas e procedências. De maneira geral, esses gabinetes eram uma exposição de curiosidades e achados oriundos de novas explorações ou instrumentos tecnicamente avançados; em outros casos eram amostras de quadros e pinturas. Pode-se dizer que, seriam eles os precursores dos atuais museus, uma vez que a partir deles se organizavam coleções de objetos raros ou estranhos dos três ramos da biologia considerados na época: animalia, vegetalia e mineralia; além das realizações humanas.

Entretanto, na sua origem, assim como as coleções principescas, os Gabinetes de Curiosidades também estavam fechados ao público, restritos à fruição exclusiva de seus proprietários e de pessoas que lhes eram próximas.

1.7 Séculos XVIII

Na metade do Século XVIII surgiram as primeiras coleções públicas, onde várias coleções privadas passaram às mãos dos Estados. O governo francês começou a admitir que o público visitasse uma coleção de aproximadamente 100 quadros expostos nos Palácio de Luxemburgo, em Paris.

Gradativamente, entre os séculos XVIII e XIX os Gabinetes de Curiosidades foram desaparecendo, sendo substituídos por instituições oficiais e coleções privadas. Os objetos que eram considerados mais interessantes foram transferidos para museus de artes e de história natural que começavam a ser fundados, viabilizando o acesso do público às coleções, anteriormente reservadas a poucos, e marcando o surgimento dos grandes museus nacionais.

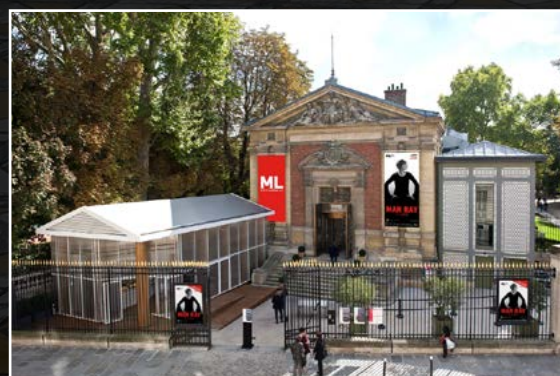


Imagem do Museu de Luxemburgo



Imagem de Hulkiokantabak por Pixabay

1.8 Museu Moderno

O museu moderno adquiriu distintas funções, além de colecionar. Além de reconhecer e ordená-las, o museu moderno visava a sua classificação, manutenção, e restauração. Também promovia pesquisas.

Os museus modernos deixavam de ser exclusivas exposições para obras de artes, históricas ou científicas. Passaram a ser instituições que organizam exposições especiais e monográficas, além de desenvolverem atividades relacionadas com o que se expõe. Mesmo assim, durante esse período os museus ainda contavam com bibliotecas e centros de investigação.

Nos Estados Unidos grande maioria das instituições já nasceu voltada ao público e o fenômeno museu se iniciou de forma bastante diversa e encontrou no mecenato o fomento para consolidar as suas coleções. O mecenato é uma característica ligada à história dos museus norte-americanos. Tratava-se de um incentivo à vulgarização das ciências. Um exemplo desse universo é o Smithsonian Institution (1846), em Washington, um legado do inglês James Smithson, que hoje ostenta o título de maior complexo museológico e de pesquisa do mundo, com dezenove museus e nove centros de pesquisa.

Foi no modelo de museu estadunidense que novas abordagens de se expor e organizar os acervos

surgiu, a exemplo da exibição de animais em imitações de seus habitats naturais – os dioramas, uma recriação artificial de ambientes. Muitos museus fazem uso da técnica para demonstrar ecossistemas inteiros, ou parte de paisagens importantes historicamente. Um exemplo é o Museu de História Natural de Nova Iorque, o qual usa abundantemente o recurso..

2- As Primeiras Experiências no Brasil

No Brasil uma das primeiras experiências de instituição museológica que se tem conhecimento data do século XVII, em Pernambuco, com as coleções de Maurício de Nassau, do Palácio de Vrijburg. Já no século XVIII surgem os jardins botânicos e o gabinete de história natural de Francisco Xavier Cardoso Silveira, a Casa dos Pássaros, no Rio de Janeiro, que taxidermizava animais da fauna brasileira, reunindo coleções, que se destinavam à Europa como mostruário do exotismo tropical que se criara no imaginário daquele continente.

Posteriormente a Casa dos Pássaros se transformou no Museu Real, ou Museu Nacional (1818) – nosso primeiro museu de caráter científico, criado por iniciativa de D. João VI, a partir da vinda da família real ao Brasil, que representou a introdução dos modelos institucionais europeus. Junto com a família real vieram coleções que originariam, um século mais tarde, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro (1937).

Outros importantes museus surgiram no Brasil, ainda durante esse período, com destaque a dois etnográficos: o Paraense Emílio Goeldi, no Pará (1866) e o Museu Paulista, em São Paulo (1894).

Pode-se dizer que os primeiros museus brasileiros configuravam, em sua equivalência, aos museus europeus de caráter enciclopédicos, e tinham como ponto de partida para a formação de suas coleções a combinação de elementos das ciências humanas e naturais, como forma de buscar uma compreensão sobre as origens do homem brasileiro.





Ao lado do Museu Nacional, o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu Paulista alinhavam-se ao modelo de museu etnográfico, que se difundiu em todo o mundo durante aquele período e que exerciam o importante papel de preservar as riquezas locais e nacionais, agregando a produção intelectual e a prática das chamadas ciências naturais.



Imagem de LyraSid por Pixabay

Somente a partir de 1922 o Brasil adquiriria uma instituição de caráter nacionalista, rompendo com a tradição enciclopédica até então vigente. O Museu Histórico Nacional era consagrado à história, à pátria, destinado a formular, por meio da cultura material, uma representação de nacionalidade, construindo um discurso positivista da nação. Os objetos do seu acervo eram denunciadores documentais da gênese e da evolução da nação brasileira. O modelo serviu como catalisador para as demais instituições museológicas que se seguiram por todo o país.



Imagem de Jus-pics por Pixabay

Entre 1937 e 1945, na Era Vargas, o Estado Novo atuou numa forte política de criação de museus nacionais consolidando a intervenção estatal na área da cultura. Foi também a partir de 1937, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que o Brasil teve um marco no processo da institucionalização de uma política para o patrimônio cultural no país e que representou um momento de preservação do patrimônio nacional, associada à construção de uma nacionalidade.

Tratava-se, sobretudo, da institucionalização de uma política de patrimônio para o país, incorporando as mais diversificadas manifestações da cultura brasileira. O SPHAN trouxe medidas importantes aos museus brasileiros, como, por exemplo, a busca pelo impedimento da evasão de acervos do país e a implementação de uma política de criação de museus novos nacionais.

Foi durante a atuação do SPHAN que surgiram o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro (1937), o Museu da Inconfidência, em Minas Gerais (1938); o Museu das Missões, no Rio Grande do Sul (1940).

2.1 O Surgimento do IPHAN: 1970

A partir dos anos sessenta intensificaram-se as críticas ante a atuação do SPHAN, que era visto por muitos como sectário e elitista, acusado inclusive, de favorecimento das minorias da sociedade brasileira em detrimento ao apelo popular e multicultural que o país apresentava. Em 1970 passou a se denominar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e desde então, atua junto à sociedade em prol da preservação e disseminação do patrimônio material e imaterial brasileiro.

3- Museus na Atualidade: Concepções Museológicas e Museográficas

Através da história dos museus é possível de se traçar um panorama do contexto social e desenvolvimento histórico desse fenômeno. Um museu deve, portanto, mostrar os laços históricos que unem nosso passado arqueológico com o nosso tempo. Caso contrário, dificilmente permitirá que tenhamos



COLUNAS E COLONISTAS

um conhecimento desse passado como uma forma de melhor compreender e transformar do nosso presente.

Todos os museus têm uma sustentação ideológica expressada na seleção dos seus acervos, na sua estrutura institucional e na sua organização. Por outro lado, os visitantes dos museus devem ser pensados como seres ativos e interativos e que assumem uma atitude ativa perante a proposta do museu. Cada visitante interpreta a mensagem expositiva de maneira diferente, construindo sua própria visão em função das suas expectativas, interesses e competências prévias, ou seja: o visitante interpreta os conteúdos a partir da sua relação com o espaço.

Concebo museu como algo que não é estanque, existe um fluxo de memórias, recordações, passado e presentes correntes, que necessitam ser conhecidas, repassadas, vividas e mantidas.

Ate mais!

Abraços Poéticos! “Vejo flores em você”



Imagem de Shvets Anna por Pexels

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



BLOG



LINKS



POST NO SITE





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

CAMINHO DO ESCRITOR 2.0



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

19



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca. Para 2025 está produzindo o primeiro volume de um romance LGBTQIAPN+ e sua primeira ficção científica.

Vida de autor

Em 2024 exploramos os apoios que o autor nacional pode contar em sua jornada de escrita e publicação. Falamos sobre as feiras, parcerias e pessoas que auxiliam o autor dar o próximo passo em sua carreira.

Em 2025 iremos desbravar a mente do autor nacional. Seus medos e anseios. Sua criatividade e a forma como se expressa para o mundo por meio da sua escrita.

Convido a todos a me acompanharem para conhecerem as riquezas que o autor nacional pode encontrar em sua jornada de criatividade e escrita.

Ponto de partida

Aproveitando que este ano estou desenvolvendo dois grandes projetos com temas e nichos totalmente opostos, quero compartilhar com todos um

pouco dos desafios de se escrever, criar, buscar inspiração, pesquisar e escrever. Escrever muito mesmo.

Muitas vezes em entrevistas ou falando com meus leitores e amigos, sempre me deparo com duas perguntas: Porque você começou a escrever?; Como você faz para se inspirar e escrever uma nova história?

Nem sempre minha resposta satisfaz a ânsia de quem está perguntando. Na verdade, já vi muitas pessoas se decepcionarem com minha resposta. Mas não tenho como inventar uma história mirabolante. A verdade é apenas a verdade e se ela pode ser um norte, então deve ser revelada.

Sobre a primeira pergunta: “Porque você começou a escrever?” A resposta é simples. Na época eu já era atriz e dramaturga de teatro. Escrevia e dirigia peças teatrais a mais ou menos 5 anos. Em um bate papo com meus amigos, uma amiga me fez a pergunta:

Lilian, porque você não escreve um livro? Na hora eu não sabia muito bem o que dizer. E como sempre gostei de experimentar minha resposta abriu caminho para um novo universo. Eu parei, pensei bem e respondi: Porque não? Gostei da ideia, vou escrever um livro. Um ano depois eu lançaria meu primeiro livro, um romance chick lit intitulado “Os Sete Segredos”

Os leitores e amigos gostaram tanto da história que tive que escrever o final do romance em um segundo volume intitulado “Além dos Sete Segredos” e como os pedidos foram grandes demais lancei para fechar essa história um Spin off intitulado “Verdades”.



Imagem de Dario Fernandez Ruz por Pexels

Pronto! Minha vida como escritora tinha definitivamente se iniciado e a partir daí não teria mais volta.

Como o poder de uma simples pergunta pode criar um universo tão poderoso que iria me guiar para novas aventuras. Fascinante!

Naquele momento, em que minha amiga fez a pergunta, em uma roda de conversa descontraída, eu poderia ter respondido qualquer coisa.

Mas eu tive a curiosidade e a coragem de me desafiar e começar uma jornada insana. E digo insana, pois a quantidade de pesquisas que fiz, cursos e

estudos por conta própria, foram absurdas em menos de 6 meses.

No final o primeiro livro foi escrito em 6 meses. Digo 6 meses sem contar a preparação, mas sim a escrita intensa, todo dia eu escrevia um pouco, contestava a trama, a construção dos personagens, colocava novas opções e construía desfechos e enlaces curingas para experimentar a narrativa e sua fluidez.

Ao decidir experimentar escrever o primeiro livro, de forma independente, sem o apoio que temos hoje de redes sociais, livros digitais, plataformas de publicação, muito menos apoio financeiro para isso ou mesmo divulgação, eu aprendi muito. Desbravei o caminho que muitos mantinham apenas no universo dos sonhos.

E da mesma quantidade que cresci, eu fui criticada. Sim muito criticada mesmo. Por quem já escrevia, por quem estava começando, por editoras ou até mesmo por amigos.

E essas críticas foram ótimas, pois demonstraram muitas possibilidades que não poderia ver de onde eu estava no momento. Aceitei essas críticas e utilizei elas para aprimorar e crescer mais e desenvolver minhas histórias e personagens.

Dessa maneira pude:

Estudar muito;

Unir os conhecimentos de teatro e escrita literária; Construir meus personagens;

Construir os enlaces da história e possibilidades de desfecho; Aprendi a construir capas, a diagramar e revisar meu trabalho; Estudei maneiras de como distribuir e vender meu trabalho;

E finalmente publiquei e desde então nunca mais parei de escrever e de ajudar novos autores a divulgar seu trabalho, a corrigir suas histórias, a construir novos mundos e lançar suas ideias para o público.



Além disso, pude construir uma nova rede de amigos literários, tanto com escritores como leitores que caminham juntos e me ajudam por onde eu de-seja ir.

Por isso que hoje em dia eu posso escrever um romance ao mesmo tempo que escrevo uma ficção científica e ainda curtir muito o processo. Pois descobri que posso experimentar o que quiser e construir bases de novos leitores com nichos diferentes.



Imagem de Artem Podrez por Pexels

Posso escutar a todos e direcionar minha escrita para patamares cada vez mais produtivos e o melhor de tudo me divertir com os personagens e mundos que crio.

Para quem ainda não conhece o que motivou a começar a minha escrita e caminhada no mundo literário, segue a imagem de capa e o link para vocês conhecerem melhor o romance responsável por permitir que eu esteja aqui falando e compartilhando com vocês.



Imagem de arquivo pessoal

E para conhecer um pouco mais da história que iniciou toda essa trajetória acessem o Site pelo link: (https://stoccopublicacoes.wixsite.com/publicacoes?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAa-aVuxLKSvZ3E9faUJOyoAmNHE6MhFHUBoj8Cg-0nr4My48UJ8C8ZQbiZlma_aem_a7WTtK3eIxFjB5j-1CEis-A)

E aí? Gostaram?

Às vezes conhecer como tudo começou pode ser aquela motivação inicial que você autor nacional precisa para iniciar sua jornada pela escrita.

Na próxima edição vamos continuar a falar dessa jornada e dos processos criativos na vida do autor nacional.

Aguardo vocês na nossa próxima edição!

Um ótimo Início de ano para todos, cheio de criatividade e motivação!

Vida de autor

Por Lilian Stocco



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE



Recita-me

04



Juliana Rossi



Sou a escritora e poeta Juliana Rossi, nascida em 23 de outubro de 1976 na cidade de São Caetano do Sul em São Paulo, porém residente na cidade de Americana interior de SP há mais de 23 anos. Sou Mãe, Auxiliar Administrativa na Saúde de Americana, e formada em Pedagogia. Sou a Escritora do Meu Baú de Poesias, e a poesia é meu lugar de refúgio.

Caros leitores nesta coluna celebramos a rica tradição dos poetas trovadores, aqueles que, com suas palavras melodiosas, transformam sentimentos em versos e levam a poesia além das páginas impressas, dando-lhe voz e vida.

Quando recito uma poesia, mergulho em seus sentimentos e emoções, para expressá-la e trazer a tona tudo que elas nos faz sentir e refletir. Convido você a conhecer a coluna Recita-me onde realizo essa paixão, e podem ouvir e assistir a interpretação e declamação da poesia. Espero que esta edição inspire não apenas a leitura, mas também a apreciação da poesia em sua forma mais pura e expressiva.

Nessa edição a Poesia fala sobre como a tecnologia tem facilitado o acesso das pessoas a todo tipo de “Arte”!

Aproveite a leitura e a experiência desta jornada poética!

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM





A ARTE E A TECNOLOGIA

Conheci Mona Lisa...
Sim, andei pelo Louvre
totalmente lisa;
sem dinheiro no bolso.

Passeando com Van Gogh
divaguei pela noite estrelada,
andando sobre um caminho
estreito de fibra ótica.

Mergulhei numa pequena tela
e, viajei o mundo...
Aprendi outro idioma,
conversei com Coralina.

Bastava-me uma pequena janela,
um ponto de acesso
e viajei por toda a Terra,
conheci todos os tipos de arte.

...Porque a arte estava
em todos os cantos,
em todos os sites e
em todos os links.

E assim a arte chegou
até nos barracos,
alimentando sonhos
e servindo de barco
para todos navegar.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE



Recita-me



Luiz Solrak Lima



Poeta

OS OUTROS – POESIA SONHADA N° I

Num galpão de pessoas desconhecidas,
sobrevoo cabeças minúsculas,
Corpos terrestres, mentes mecânicas
obrigaram-me descer

Tento voar novamente.
O chão segura-me. Igualo-me aos
terrestres de pesada vida nas costas .
E em par de igualdade, entristeço-me
caminhando.

No caminho um colega.
Uma casa de blocos cinzas
que não se encaixavam,
mas juntos eram a casa.
Dentro não pisava-se o chão.
Apesar de vê-lo.

Os blocos levitavam.
E no fundo da casa: Silêncio.
O prazer é retirado de mim
e nem sabia que o tinha.
Feliz fui me retirando.
Já não sentia falta de voar,
nem lembrava que um dia voara.
Saí sozinho e satisfeito.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Gabriela Almeida



Poetisa



ELA GIRASSOL

Resistente és girassol,
Sorriso quente de sol,
Seus olhos são farol.

Ela é batalhadora e forte!
Faz a sua própria sorte.
Luta pelo seu aporte.

Grandioso é teu coração.
És raridade, imensidão,
Verdade e inspiração.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Recita-me



Raissa Souto



Poetisa

A PRESENÇA QUE FICA

Você também é a pessoa boa que alguém espera chegar.
O riso leve, o aconchego ao final de um dia,
É também a saudade que antecede a despedida,
A presença que deixa a vida mais sentida.

O pensamento que chega sem avisar,
A memória que fica e insiste em ficar.
A chama contida que faz o peito estremecer,
O segredo guardado que não cansa de viver.

O sorriso que desarma, aquele abraço que faz renascer,
A presença que acalma, o toque que faz aquecer.
O olhar que revela o que não se pode esconder,
A certeza de algo eterno, impossível de se perder.

E quando o tempo passar, será o eco do "eu te amo" no ar,
A lembrança suave de um toque, o sossego ao repousar.
Será a certeza de que o amor existiu, puro e sem pressa,
O verso guardado, a saudade bonita que jamais se dispersa.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Maria L. Haddad



Poetisa



MEMÓRIAS

Minhas memórias
repousam em vidro fosco
em museus antigos,
esquecidas de mim.
São sombras desbotadas
por mãos ausentes,
pedaços de um ontem
que nunca existiu.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE



Recita-me



Rilnete Melo



Poetisa

NÃO ME TRITUREM OS OSSOS

Não conheço
o amanhã,
nem mesmo sei das horas:
essa pressa cheia de vazios,
que engole o mundo,
com fome de poder,
mastiga os desvalidos,
morde o sonho,
cospe ódio,
vomita sangue,
mas jamais tritura
os ossos

do meu ofício,
fortalecido
de poesia.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Seu nome aqui



Poeta/Poetisa



TÍTULO DO SEU POEMA AQUI

Seu poema aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL RECITA-ME E ENVIE O
SEU RECITAR



SEU POEMA RECITADO AQUI



COLUNAS E COLUNISTAS



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

07



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mamãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia Grades de liberdade (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil Poesia – o lugar encantado das crianças (Editora Asinha) e haicais Bucólicos (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto Korja Sacrílega, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias). Participou da 1ª Copa Poesia Portugal e da IV Copa de Poesia Brasil em 2022 pela Cronópolis. Com mais de cem textos publicados no site Recanto das Letras. Há mais de 20 anos reside no litoral sul do estado de São Paulo. Acredita na força reflexiva de sua escrita e busca tocar o coração de seus leitores a cada escrito que publica. Atualmente, colabora para a Revista Internacional The Bard escrevendo na coluna Nossa Literatura – virtudes poéticas.

Templos do tempo

Por Márcia Neves

Feito baú de histórias
Em paredes que não escondem
Sonhos que se eternizam
No grito silencioso da arte

Quase como as vitrines, brilham
Relíquias de uma vida presente
Cada objeto que a alma entrega
Uma beleza a olhos oniscientes

Silêncios pulsantes, salões falantes
Momentos idos, ecos correntes
Memórias exatas, mentes sensatas
Vidas tecidas, sofridas e até inventadas

Harmonia universal, entrelaço
Mosaico de cores, culturas, fascínio
Convite de polo a polo
A um banquete de sabedoria

Templos sem fronteiras
À espera de um desenlace
Exploradores dispostos a desvendar
A história que o museu precisa contar

O tempo no templo
O passado no presente
Uma forma necessária de falar
Um portal ao mundo que vê

Estimado(a) leitor(a),

Que alegria poder trazer nesta edição textos que nos arrancam reflexões acerca da existência de museus e sua crucial importância para a história do mundo. Claro que nem sempre vamos ver o belo expresso nos museus, pois a história que neles se contam não são invenções, nem meramente ficções, mas, entre o bonito e o feio, a arte do próprio viver. Um lugar inspirador, revelador e de fontes materiais.

A história é uma revelação da existência humana e uma prova da mutação do homem, consequentemente da humanidade, e que bom que existem os museus, e que se encarregam de organizar e preservar boa parte do que não pode cair nunca no esquecimento para o bem da humanidade – sua própria história, e nos permitem apreciar a riqueza da experiência humana.

A arte consegue evocar emoções profundas e provocar mudanças na forma como vemos o mundo, e os museus, em sua essência, fazem com que reconheçamos que somos parte de uma história ainda maior – uma narrativa desdobrada ao longo do tempo, do tempo de todos nós e é de nossa responsabilidade a sua continuação. Além disso, em tempos de incertezas e tantos desafios, os museus se apresentam como retiros para a criatividade e a resistência.

Nesse sentido, a 29ª edição da Revista Internacional The Bard, com o tema Museus pelo mundo, surge como uma oportunidade para ressignificar nossas mentes e corações diante do que vemos nos museus, e ainda, reacender nos leitores o reconhecimento da importância desses templos históricos, e entender porque são lugares que, muitas vezes e infelizmente, sofrem perseguições.

É um prazer enorme poder colaborar para a Revista Internacional The Bard e espero, veementemente, que esta coluna lhe seja interessante e agradável. Fé na história, na arte e na poesia de nossa própria vida.

A autora

Museus pelo mundo: janelas para a vida

“Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades. O tempo não para”
(Cazuza)

Para alguns, os museus são apenas espaços que abrigam o passado, para outros, espaços antigos e de antiguidades. Mas, para mim, são janelas que me permitem enxergar além do que os olhos podem ver; verdadeiros portais capazes de nos transportar a diferentes épocas, culturas e diversidades.

Certa vez, eu sonhava andar pelos corredores do Museu Nacional da Noruega e me deparei com O Grito, a famosa obra expressionista do norueguês Edvard Munch, que vai além de uma simples pintura, um diálogo silencioso e atemporal. A expressão emblemática de O grito parece adentrar nossas temporadas e nos posicionar em seu lugar, diante da sensibilidade nela explicitada. Ao meu redor, pessoas de todas as partes do mundo se reuniam em contemplação, cada uma relacionando suas dores, medos e histórias.



Imagem de Cultura Genial

Sonhar é como fazer uma viagem e visitar um museu em si. Em cada museu, concentram-se narrativas, tradições e costumes de um lugar, de uma civilização, de um povo. Nos museus antropológicos, como o Nacional na Cidade do México, por exemplo, as impressionantes esculturas astecas e maias apresentam civilizações existentes muito antes da chegada dos europeus, feito uma prescrição de que a história também é feita de vozes silenciadas e muitas vezes esquecidas ou invisibilizadas.

Na Colômbia, especificamente em Cartagena, há o Museu Histórico de Cartagena, conhecido como o Palácio da Inquisição, que abriga exposições da história, bem como, e principalmente, do período da inquisição na cidade. E este espaço pude visitá-lo realmente, não por meio de sonhos (ainda bem), visto a tremenda crueldade revelada nele. Não se trata apenas de um museu, mas da preservação histórica de um palácio (Tribunal do Santo Ofício), lugar onde, de fato, condenavam-se e torturavam-se pessoas por heresia (atrelada à igreja católica), bigamia, bruxaria e tantos outros fatores vistos com maus olhos, por cerca de dois séculos. Antigamente, um espaço reservado à intolerância, hoje também tem a intenção de ser transformado em um espaço de convivência, reflexão e aprendizado e oferece uma sala reservada aos Direitos Humanos.



Imagens de arquivo pessoal – Márcia Neves

Mas nem todos os museus precisam ser renomados, grandiosos, ou mundialmente conhecidos. Nas pequenas cidades, ao redor do mundo, encontramos museus locais que preservam histórias pessoais

e comunitárias. Por exemplo, em aldeias, há pequenos museus, muitas vezes “humanos”, sem acervo material, que mantêm a tradição da oralidade e a propagação cultural através das gerações e conseguem manter a essência de um povo com mais originalidade que determinadas instituições. São espaços acolhedores, que nos convidam a sentir o valor de uma história e a entender a importância de sua preservação.

A exemplo disso, e ainda na cidade, em Valparaíso, no Chile, as cores estão por toda parte e a arte pode ser vista, sentida e respirada por você. No cerro Bella Vista há o famoso Museu a Céu aberto, onde se concentram vinte murais de diversos estilos pictóricos e de artistas renomados. Uma iniciativa pioneira no Chile e uma visita que você faz caminhando e gratuitamente. Mesmo lugar onde também se encontra La Sebastiana, uma das casas do poeta Pablo Neruda, e também museu para os amantes do escritor (assim como eu) “El poeta del amor”. Um lugar para um passeio cultural imperdível.



Imagens de arquivo pessoal – 01/01/2020 – Márcia Neves

Os museus são capazes de provocar mudanças sociais. Podem ser espaços onde vozes marginalizadas encontram ecos e injustiças históricas e sociais são confrontadas. Ou seja, além de serem guardiões de memórias, são lugares de acolhida, educação e preparo sobre a importância do conhecimento, da resistência, da tolerância e da empatia.

À medida que continuo minhas viagens pelo mundo, sejam elas reais, virtuais ou sonhadas, reco-

neço que os museus vão além de templos e edifícios; eles nos permitem explorar alicerces, entender a diversidade de povos e celebrar nossas semelhanças. Além disso, são lugares que nos colocam diante de nossa própria história (da humanidade) e nos convidam a lutar por sua existência e preservação.

No Brasil, perto de nós, temos o Museu da Língua Portuguesa, na Estação da Luz, em São Paulo, o qual não poderia deixar de mencionar, e onde pude, por inúmeras vezes, refletir situações da nossa língua e ouvir lindas poesias declamadas por tão belas vozes, como a atriz e agora, membro da Academia Brasileira de Letras Fernanda Montenegro e a cantora Elza Soares. E o famoso Museu da América Latina, lugar agradabilíssimo, onde também agrega a enorme biblioteca Memorial da América Latina.



Imagem de Memorial.org.br – Biblioteca Latino-Americana

Logo, sempre que visitar museus, independentemente de sua dimensão, lembre-se de que você não está apenas diante de objetos ou obras de arte; mas imerso em uma convivência, diálogo, conversa atemporal sobre quem somos na fila da humanidade e para onde estamos indo diante de nossa própria atuação. Afinal, cada visita é uma oportunidade de conhecimento e conexão com o passado enquanto construímos o futuro.

Museu, arte e poesia: o que a literatura tem a ver com isso?

Museu, arte e poesia formam uma tríade literária, onde cada elemento se alimenta e enriquece o outro. A literatura, por meio da poesia, desempenha papel crucial nessa intersecção, oferecendo possibilidades de interpretação e reflexão sobre as experiências estéticas e também estilísticas, que vemos em museus e obras de arte.



Imagem de Jenoch por Freepik

Museus são verdadeiros repositórios de criatividade e inspiração, onde poetas e artistas em geral encontram fonte inesgotável de criação e provocação. Ao contemplar, estudar e entender uma obra, por exemplo, somos tomados por emoções capazes de nos inspirar e levar a um estado de criação poética indefinível. E nisso, percebe-se o quanto a arte soa como linguagem universal, e a poesia, uma manifestação dessa linguagem. Ambas, portanto, possuem o poder de comunicar ideias complexas e emoções profundas com sutileza e ao mesmo tempo, impacto.

Por sua vez, a literatura também tem seu papel avaliador, crítico na apreciação da arte e dos

museus. É comum poetas abordarem temas sociais, políticos e culturais em seus textos, como também fazem os músicos, questionando situações do dia a dia, inclusive situações formais apresentadas em instituições. A poesia acaba sendo desafiadora, uma vez que assume a voz dos marginalizados e oferece perspectivas sobre sua própria arte e história.



Imagem de Vecstock por Freepik

Um poema inspirado em uma visita a um museu vai além da dimensão da imagem, pois há uma conjunção entre os sentimentos, a visão e o conhecimento de mundo do apreciador. A exemplo disso, deixo a seguir uma imagem e um poema fruto de uma visita que eu fiz ao Palácio das Artes na Praia Grande/SP, que motivou a realização, posteriormente, da exposição O Descanso da Pesca, em parceria com a fotógrafa Fernanda Morbeck (foram dez fotografias visitadas e dez poemas criados a partir delas, as quais transformaram-se em músicas e podem ser ouvidas pelo site: <https://www.valletibooks.com.br/o-descanso-da-pesca>).

Descanso da pesca

(Márcia Neves)

*descansa teu barco
no denso manto azul dos mares.
pesca tua vida
em oceanos de profundas memórias,
intimidades e existências naturais,
que só a poesia
é capaz de expressar.*



Imagem de Fernanda Morbeck

Em suma, a literatura enriquece nossa compreensão da arte e da história, uma vez que nos dá recursos para entendimento, interpretações e reflexões profundas acerca do que observamos e lemos, inclusive nos museus, além de provocar necessárias emoções. Assim como os museus preservam a história de um povo e da humanidade e celebra um presente possível de novas histórias, a poesia nos convida a perceber, sentir e sonhar um futuro melhor, por dimensões estéticas e sensíveis, ambas valorizando a expressão artística.



Imagem de Freepik



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

COLUNA *Prosa* Poética

19



JEANE TERTULIANO — Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras pela Uneal, possui pós-graduação em Linguística com ênfase em Formação de Leitores e nas Literaturas Africana, Indígena e Latina. Como professora de inglês, português e literatura, atua como coordenadora pedagógica e é vice-presidenta do Conselho Municipal de Políticas Culturais. É colunista da Revista Internacional The Bard e membro de instituições literárias respeitadas, como a Academia Independente de Letras (AIL) e a União Brasileira de Escritores (UBE). Em 2022, conquistou o 1º lugar no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York, na categoria Crônicas e Contos. No ano seguinte, recebeu o Título de Notório Saber em Literatura pela Febacla, em reconhecimento à sua excelência profissional. Em 2024, foi eleita delegada pela sociedade civil, representando o setor cultural "Livro, Leitura e Literatura" na 4ª Conferência Nacional de Cultura, em Brasília. Neurodivergente e feminista, Jeane é uma ativista sociocultural dedicada à inclusão e à promoção da diversidade. Autora de dezenove livros e coautora de cerca de cem coletâneas poéticas, também organiza projetos antológicos e atua como palestrante, compartilhando suas experiências e conhecimentos em eventos voltados para a literatura e a educação.

A Prosa Poética

Escrever prosa poética é um desafio intrínseco para prosadores e poetas, uma arte que concilia o lirismo do verso com a narrativa da prosa. Clarice Lispector, um ícone da literatura brasileira, exemplificou essa fusão de maneira magistral. Sua escrita, quase cirúrgica na precisão e repleta de nuances poéticas, capturou a essência da condição feminina com uma profundidade admirável. Ser mulher, como ela mesma nos revela, é um ato de coragem; reconhecer-se como tal é ainda mais raro e poderoso.

Para criar uma prosa poética, é fundamental que o autor compreenda os elementos essenciais da poesia. Somente então, ele poderá escrever uma prosa que se equilibre entre a narrativa e o ritmo poético. Embora a rima não seja obrigatória, a musicalidade do texto é um aspecto crucial, tornando-o mais cativante e emocionalmente ressonante. Figuras de linguagem como assonância e aliteração são ferramentas valiosas para conferir esse efeito sonoro e melódico.

Para aqueles que preferem um estilo mais direto e menos ritmado, há uma vasta gama de figuras de linguagem à disposição: analogia, antítese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, personificação e sinestesia. Cada uma dessas ferramentas pode infundir um toque poético na prosa, enriquecendo-a e tornando-a mais evocativa. A língua portuguesa, com sua rica paleta de recursos estilísticos, oferece ao escritor uma infinidade de possibilidades para explorar.

A arte de escrever, seja em prosa ou verso, dá sentido à existência e enriquece a experiência humana. Aqueles que se dedicam a essa prática, que florescem na beleza da língua, descobrem que a escrita não apenas é um meio de expressão, mas também uma forma de viver plenamente. Assim, a prosa poética se torna uma celebração da vida e da linguagem, uma dança harmoniosa entre o contar e o cantar.

COLUNA



Prosa

Poética



A tão sensível

Clarice Lispector

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter com a sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto ele cantava – virava o rosto magoado, insuportável, não suportando a glória do cantor. E às vezes comprimia o peito com as mãos bem enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria. Até que um dia se curou assim como uma ferida seca.

Foi essa mesma senhora, que sofria de sensibilidade como de doença, que escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar uma bordadeira. Era mais um passeio. Quanto a isso nada se podia dizer contra: ah ela sabia passear. Como se ainda fosse uma menina que passeia na calçada. Sobretudo quando sentia que seu marido a enganava.

Assim foi procurar a bordadeira no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas, de crianças nuas. A bordadeira, na casa cheia de filhos em vias de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a fazer a blusa porque não gostava de ponto de cruz!

Saiu afrontada e perplexa, com a liberdade da bordadeira. Sentia-se tão suja pelo calor da manhã. Um de seus prazeres era o de pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa.

Em casa almoçou e deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de pensamentos maduros e sem amargura. Oh, por uma vez ao menos não sentia nada. Senão essa espera. Na meia escuridão.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Paula Souza
Artista, Poeta e Ativista

Nas Entrelínhas da Prosa Poética

ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD — Qual é o seu nome e o que te motivou a começar na prosa poética?

PAULA SOUZA - Paula Souza enfrentou dificuldades para ler e escrever na infância, sendo excluída de atividades como a leitura de redações na escola. No entanto, uma professora de reforço acreditou em seu potencial e a incentivou a ler e escrever simultaneamente para se expressar melhor, dizendo que ela poderia até se tornar escritora. Essas palavras a inspiraram, transformando sua trajetória e levando-a ao sucesso como escritora.

2

REVISTA THE BARD — O que te fascina na prosa poética?

PAULA SOUZA - Sempre fui fascinada por observar as pessoas, por tentar entender seus comportamentos, suas dores e desejos, como se quisesse entrar em suas cabeças e traduzir o que sentem. A prosa poética me dá essa liberdade: ela me permite narrar o que vejo, mas com poesia, com emoção. É como dar vida aos olhares que o mundo ignora.

3

REVISTA THE BARD — Quais temas presentes na sua prosa poética te definem como escritora?

PAULA SOUZA - Acredito que os temas que escrevo falam tanto de mim quanto daquilo que observo nos outros. Relacionamentos, superação, romance... Esses são os pilares da minha escrita. Gosto de trazer a vida cotidiana para os textos, porque nela encontramos a essência do que é ser humano. Minhas palavras sempre carregam um pouco de sensibilidade, como um convite ao leitor para redescobrir a vida.

4

REVISTA THE BARD — Há um autor ou obra que moldou sua escrita nesse gênero?

PAULA SOUZA - Sim, Clarice Lispector tem uma conexão especial comigo. Suas obras *Um Sopro de Vida* e *O Lustre* me tomaram a alma de uma maneira que é até difícil explicar. Sinto que, ao ler Clarice, não apenas compreendo o que ela quer dizer, mas também mergulho em um universo em comum com ela. Essas leituras moldaram profundamente minha forma de escrever e de sentir.

COLUNA *Prosa* Poética

5

REVISTA THE BARD — Como você combina o lirismo com a narrativa na prosa poética?

PAULA SOUZA - Para mim, o lirismo e a narrativa se encontram como partes de uma mesma melodia. Cada palavra que escrevo tem ritmo, som e carrega uma história. Quero que o leitor não apenas leia, mas sinta o texto, mergulhe nas emoções que coloco. É como conduzi-lo por um caminho onde a beleza das palavras e a força da história caminham juntas.

6

REVISTA THE BARD — Que sensações ou reflexões você deseja despertar no leitor?

PAULA SOUZA - Quero que o leitor lembre que, mesmo na dor, há algo vivo em nós. A dor nos conecta ao que é mais verdadeiro e pode inspirar renovação e esperança. A vida é feita de recomeços, e cada um é uma chance de contar uma nova história.

7

REVISTA THE BARD — Você acredita que a prosa poética é um gênero subestimado? Por quê?

PAULA SOUZA - Sim, acredito que a prosa poética é subestimada porque ela foge das regras, e isso a torna difícil de categorizar. Mas, para mim, é exatamente aí que está sua força. Ela dá liberdade para transmitir sentimentos de um jeito que outras formas de escrita não conseguem. Gosto dela porque me permite ser quem sou, porque me dá espaço para tocar os outros com versos que carregam histórias.

8

REVISTA THE BARD — Como funciona o seu processo criativo ao escrever prosa poética?

PAULA SOUZA - Meu processo criativo nasce das minhas emoções mais intensas. Quando estou melancólica ou sinto que o mundo à minha volta não está fluindo, recorro à escrita. Em vez de olhar para os copos vazios, prefiro tocar o líquido que há dentro deles, porque acredito que a transformação vem de dentro para fora. Escrever, para mim, é um jeito de colocar as emoções para fora e transformá-las em algo que pode tocar o outro.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Jeane Tertuliano
Feminista, Literata e Professora

Cantares do coração

Quando me envolvo na melodia das palavras, sinto-me imersa num oceano de sentimentos, onde cada verso é uma onda que me acaricia a alma. É como se a poesia fosse a própria essência da minha existência, uma respiração que alimenta meu ser. Nos versos, encontro a beleza escondida nas entrelinhas da vida, onde cada imagem é uma pincelada de emoção no vasto quadro da minha mente.

Cada palavra escolhida cuidadosamente é como uma joia preciosa, lapidada pela inspiração e polida pela sensibilidade. O ritmo das estrofes é como uma dança íntima entre minha mente e o universo, onde me entrego sem reservas ao fluxo inebriante da criação. Cada poema que escrevo é uma jornada de autodescoberta, um mergulho profundo no labirinto dos meus pensamentos e desejos mais íntimos.

Na poesia, encontro refúgio e consolo nas horas de solidão, como um amigo fiel que me acompanha nos momentos de incerteza. É através dela que expresso as emoções que habitam em mim, transformando-as em versos que ecoam pela eternidade. A poesia é minha voz no silêncio do mundo, um eco que ressoa além do tempo e do espaço.

Ao me entregar à arte da poesia, descubro a magia de dar vida ao invisível, de dar forma ao intangível. Cada verso é um portal para um universo paralelo, onde a imaginação voa livremente e os sonhos se tornam realidade. É assim que me apaixono novamente a cada dia pela poesia, pois nela encontro a verdadeira essência da minha alma!

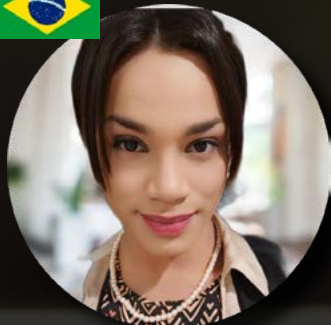
INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Paula Souza
Artista, Poeta e Ativista

Entre a paz e a felicidade

Meu Deus, incline seus ouvidos ao meu sussurro, porque hoje não trago pedidos nem lamentos, apenas uma confusão que vibra no íntimo da minha alma. As igrejas exigem tanto, moldam o espírito em formas que não são minhas, enquanto outras crenças controlam, porque elas mesmas estão acorrentadas.

Mas, e eu? Mulher que sou, feliz, sensual, vivendo em harmonia com o que fui criada para ser. Como colocar o coração em Suas mãos, se ele pulsa forte por aquilo que a minha alma escolheu vibrar? Como conciliar o sagrado com o que em mim é humano, e por que parece que o mundo se incomoda com essa dança?

Minha alma quer apenas a liberdade de Te encontrar sem intermediários, sem máscaras, sem regras que abafem a essência. Quero andar por esse fio que balança entre a paz e a felicidade, sem temer a queda, porque sei que Tu és meu chão.

Então, me guie, Senhor. Mostre-me como ser inteira, como manter essa vibração viva, mesmo quando a dúvida se aproxima. Ensine-me a amar sem medir, a viver sem controlar e a dançar sem amarras — porque, se a minha alma vibra por Ti, é porque me fizeste assim.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Cacá Matos
Empoderada, Poeta e Prosadora

Espelhos

Já não me vejo mais como antes e isso me alivia. Há tempos me sentia estranha, insuficiente, fraca, covarde, inválida, negligente. Muito se passou para que minha autoimagem mudasse. Já fugi do espelho por muito tempo, dos flashes, dos retratos e fotos. Mas o tempo passou e tudo mudou, principalmente eu mudei. Me moldei, modifiquei meus pensamentos adoecidos e incoerentes de mim mesma, mudei a percepção e a condição de que não era merecedora de nada. Pratiquei o auto amor, a paciência, a resiliência. Olhei para dentro de mim com mais calma, respeito e gratidão. Já aguentei muita coisa e carreguei várias marcas do passado. Mas deixo ele lá, junto com os fantasmas e a minha velha solidão.

Agora sou outra e sorrio para os espelhos. Agora não tenho medo de mostrar minhas fragilidades e vulnerabilidade. Agora sei quem eu sou e onde quero ir. Posso sorrir para as câmeras, me demorar nos abraços profundos, posso voltar a ser feliz e aquela que sempre quis ser.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Eliane Manieski

Mulher, Psicoterapeuta e Escritora

Metamorfose do Perdão

Perdão é uma palavra que dança na ponta dos lábios e hesita em voar. Mas, como toda borboleta, ele também precisa sair do casulo. Um casulo feito de dor e silêncio, de nódoas antigas e feridas que se fecharam sem cicatrizar por dentro. Aprender a perdoar é descobrir que as asas mais belas surgem quando a metamorfose é completa.

Dentro do peito, o coração estilhaçado sussurra histórias de quedas e levantações. Cada pedaço quebrado é uma memória, um aprendizado marcado como uma linha fina no vidro. Você poderia juntar esses cacos para se proteger, erguer muros contra a dor. Mas os muros também te aprisionam. O perdão é a chave que destranca o cárcere que você mesmo construiu.

Não se trata do outro. Não é sobre desculpar quem feriu sua pele ou machucou sua alma. É sobre libertar-se. É sobre deixar que as asas se abram, mesmo quando pesam os traumas, e voar por cima de tudo o que te arrastou para o chão. Perdoar é transformar o peso em leveza, é substituir o rancor pela esperança.

O fundo do poço é escuro, frio, silencioso. Mas há algo mais lá, algo que o mundo não pode ver. Uma luz que não vem do alto, mas das profundezas da própria alma. É a centelha divina que nunca se apaga. É você, em sua forma mais crua e verdadeira. No silêncio do poço, você descobre que nunca esteve só. Você é luz.

Cada cicatriz é um mapa, cada rachadura uma história de resistência. Você não está quebrado — está sendo reconstruído. A mente se expande, o coração se fortalece e o universo se alinha quando você decide perdoar, quando aceita soltar as amarras e permitir-se ser livre. É nesse instante que você se torna inteiro.

E então, finalmente, a borboleta emerge. As asas brilham com as cores da superação, do amor-próprio e da coragem. Voar já não é uma fuga, é um retorno à sua essência. Um retorno à luz que sempre esteve ali, esperando para ser descoberta.

Perdoar é renascer. É escolher a vida. É descobrir que, no fim, a maior liberdade é saber voar por dentro.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA



Prosa

Poética



Giovanna Barros
Poeta, Sonhadora e Idealista

O espírito maldito

O mal espreita, quando você menos esperar ele vem te pegar.
Um assassino sofre um atropelamento e sua alma fica vagando, sua próxima vítima procurando.
Ele está sedento, sua alma clama por sangue, como um lutador clama pelo ringue.
Seu nome não lembra, nem mesmo da própria sombra.
Está entediado, então pega seu machado, seu destino está marcado, com a morte foi selado, seu carma ultrapassado, sofrerá a eternidade calado.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Stephanny Santos
Pesquisadora e escritora

Corpo-palavra

Em meu corpo-palavra, a escrita é lugar de resistência, uma completa revolução das mulheres que carrego em mim. No meu escrever eu reencontro minha mãe, aquela que vivenciou a labuta da classe baixa juntamente com as dores da violência doméstica. Minha querida mãe que trabalhou sob sol e chuva nos três expedientes para que pudéssemos ter o pão de cada dia. Seu cheiro e cuidado são partes de mim. Sou afetada pela história daquela que me criou e por meio disso estou fazendo e (re) fazendo minha história.

A minha escrita carrega a historicidade da minha carne. Nós mulheres escrevemos pelo viés de luta, pelo direito de existir. É pela escrita que encontro minhas formas de ser no mundo. Deste modo, me pergunto: onde eu me localizo? À margem de que eu escrevo?

Eu falo em nome do Nordeste, da favela, das mulheres. Carrego as gírias, o morro, o arroz com feijão. Minha linguagem carrega tantas outras histórias. Raramente a periferia chega na academia e quando chegamos temos uma dívida: representar aquelas/aqueles que não chegam. Quando uma mulher favelada chega na universidade, a favela ganha voz. Somos aquelas que estamos à margem e quando chegamos no centro, nossa escrita é viés de resistência. Meu apelo é de uma escrita dos becos e das vielas. Por uma escrita popular e insurgente.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



MITOLOGIAS & CRÔNICAS

17



Ladylene Aparecida



Tem 34 anos, formada em Gestão de Recursos humanos, mas atualmente trabalha como empregada doméstica. Negra, mineira, nascida e criada na periferia, presenciei os horrores de ter nascido preta, contudo digo com orgulho que sou mais uma sobrevivente. Encontrou na escrita e na literatura o apoio que precisava para encarar a sua realidade. Desde o ano de 2021, vem se encorajando a mostrar para as pessoas os seus escritos e a postá-los em seu Instagram literário (@ladyleneap.escritora); desde o início de 2022 atua como colunista e cronista na Revista Internacional interativa The Bard Wolf, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes. Também atua como redatora e criadora de conteúdo.

Panteão Celta

Olá, querido leitor! iniciamos mais um ciclo em nossa amada revista e com ela mais uma edição da coluna Mitologia e crônicas.

Nesta edição falaremos sobre o Panteão Celta. Os celtas sempre foi um povo com uma forte conexão com a natureza e os elementos naturais. Os conhecimentos dos Druidas, os líderes espirituais e médicos dos celtas, veio através dos estudos aprofundados da natureza e tudo que nos cerca.

E com os seus deuses não seriam diferentes. A relação dos deuses celtas e a natureza é um dos aspectos marcantes da mitologia celta. Para eles, o mundo natural não era apenas um cenário para a existência humana, mas um reflexo do sagrado. Árvores, rios montanhas e animais não eram vistos como meros elementos do meio ambiente, mas como manifestações vivas dos deuses, e como uma extensão de seus poderes.

Então pegue sua bebida favorita se aconchegue e boa leitura...

Deuses Celtas

Principais deuses Celtas

Dagda o pai dos deuses

Os Europeus das regiões do sul, usavam o termo "Celta" para identificar os povos do norte, mas a verdade é que a mitologia celta é um conjunto de crenças e deuses distintos. De forma geral, a mitologia pode ser dividida em três grandes grupos principais: mitologia irlandesa, mitologia galesa e mitologia galo-romano.

As divindades celtas estão muito associadas à natureza, à terra, aos animais, aos rios, ao sol e a lua. Também havia uma conexão profunda com o ciclo da vida e da morte.

Dagda é considerado o pai de todos os deuses. ele era uma figura importante na mitologia celta. Ele era associado à fertilidade, abundância e música, e era frequentemente retratado como um homem idoso com poderes mágicos.

Também conhecido como o "bom deus", Dagda é reverenciado como o líder da tribo de deuses Tuatha Dé Danann, ele era geralmente associado a fertilidade, agricultura, clima e força masculina, ao mesmo tempo que incorporava os aspectos de magia, sabedoria e conhecimento dos druidas. Essas facetas explicam sua fama e veneração entre os druidas celtas. Muitas características se assemelham com as características divinas de Odín, o chefe da tribo Aesir de antigos deuses nórdicos.



Imagem gerada por IA



Imagem de Amino Apps por Google

Entre as principais características da mitologia celta, destaca-se a crença na multiplicidade das forças divinas, onde um único deus ou deusa poderia ter diversos aspectos e diferentes nomes, dependendo da região. O conceito de uma divindade como manifestação da natureza era muito comum, refletindo no modo de vida da região, agricultura e até mesmo nas guerras.



Suas vestimentas são caracterizadas por uma túnica rustica, carregando um imponente bastão/clave (lorg mór) que poderia matar nove pessoas com um único golpe e ainda ressuscitar os mortos. O "bom deus" também é representado carregando um grande caldeirão mágico (coire ansic) que não tem fundo e vinha acompanhado de uma enorme concha que cabia duas pessoas, aludindo assim ao seu poder de abundância e inclinação para comida.

Sucellus - o rei dos deuses celtas

Sucellos, uma figura proeminente no panteão celta, é frequentemente retratado como o rei dos deuses e associado à agricultura, às florestas e as bebidas alcoólicas. Sua imagem, frequentemente acompanhada um martelo e uma olla (tipo de vaso) o conectando diretamente com a terra, a criação e a abundância.



Imagem de Wikipédia

Esse deus não é apenas uma divindade distante, mas um participante ativo na vida cotidiana. Seu martelo, uma ferramenta de criação e destruição, representando a dualidade inerente à natureza. Como rei dos deuses, ele influencia não apenas o curso das estações, mas também o destino individual de cada ser que habita o mundo celta. Em rituais sazonais, as comunidades celtas se voltam para Sucellos, oferecendo-lhe homenagens em busca de bênçãos para suas colheitas e a promessa de um ciclo contínuo de abundância.

Os antigos celtas costumavam celebrar Sucellus em festivais que uniam a comunidade, regados a danças e músicas que exaltavam a beleza da natureza. Esses rituais eram uma maneira de agradecer ao deus pela colheita e de pedir proteção para os que partiram.

Sua presença ressoa nos rituais que celebram a interconexão entre a humanidade e a natureza, destacando a importância da fertilidade e da colheita na vida das comunidades celtas.

Cernunnos, Deus Selvagem da Floresta

Cernunnos é uma das divindades mais emblemáticas e misteriosas do panteão celta, amplamente reverenciado como o Deus da Natureza, Fertilidade, Abundância e Animais selvagens. Ele é frequentemente representado com chifres de cervo, o que destaca sua conexão com os animais selvagens e a floresta. Os chifres são usados como símbolos de força, renascimento e o ciclo da vida.

Esse deus também é considerado guardião dos bosques, florestas e de todos os seres que neles habitam. Ele é frequentemente descrito em posturas meditativas, sublinhando sua sabedoria e conexão espiritual com o mundo natural. Além de sua associação com os animais, Cernunnos também é visto como um deus da fertilidade e da abundância, muitas vezes retratado segurando ou cercado por moedas ou outras riquezas.

As representações de Cernunnos variam, e ele pode ter sido conhecido por diferentes nomes em várias tribos celtas. Sua adoração e os rituais a ele associados enfatizam o respeito e a reverência pela natureza e seus ciclos.



Imagem de Reddit por Google

Dentro da comunidade Wicca a figura de Cernunnos tem desempenhado um papel crucial. Pois é considerada uma religião neopagã que busca re conectar com as tradições espirituais pré-cristãs. A conexão entre Cernunnos e as Wiccas estabelece uma ponte entre a mitologia celta e as práticas espirituais das bruxas. Dentro delas as Wiccas são vistas como a Donzela, jovem e cheia de vida; a Mãe, nutritiva e sabia, e nessa vertente Cernunnos, por sua vez, é visto como o aspecto masculino da Deusa, o Senhor da Floresta e o Consorte da Deusa.

A união entre os dois enfatiza a profunda conexão com os seres humanos e a natureza, promovendo o respeito e harmonia com o mundo natural.

Aengus/Angus - Deus da juventude e do amor

Filho de Dagda e da deusa do rio Boyne. Aengus significa "verdadeiro vigor", ele é divindade celta do amor, juventude, da inspiração poética. Na narrativa mítica, para encobrir seu caso ilícito e a gravidez de Boann, o Dagda fez o sol parar por nove meses. o que resultou no nascimento de Aengus em apenas um dia. Esse nascimento milagroso reforça sua natureza especial e divina, cercado por mistério e magia.

Após o nascimento, Aengus cresceu no palácio de Brú na Bóninne, uma das mais importantes moradas dos deuses irlandeses, localizada próximo ao rio Boyne. Esse lugar é frequentemente associado ao túmulo de Newgrange, um sítio arqueológico destruído que destaca a conexão do mito com a cultura antiga.

Aengus é mais conhecido por sua ligação com o amor e por sua capacidade de trazer alegria e encantamento. Muitas vezes ele é invocado como protetor do amor verdadeiro, em algumas tradições, ele é retratado como um deus que oferece orientação para casais apaixonados, garantindo a união eterna.

Seu símbolo mais comum são os quatro pássaros que voam ao redor de sua cabeça representando beijos e as doces palavras de amor que ele inspira. Esses pássaros também refletem sua associação com a poesia.

Como muitos outros deuses celtas, Aengus tem uma ligação profunda com a natureza. Sua morada, Brú na Bóninne, está intimamente ligada ao ciclo solar, indicando que sua energia está associada não apenas ao amor romântico, mas também ao renascimento e à vitalidade. Os cisnes, símbolos recorrentes em sua história, são frequentemente associados à pureza e à eternidade, reforçando sua aura mágica e serena.



Lugo ou Lugus – O Deus Guerreiro Corajoso

Lugo, também conhecido como Lugus, é uma das figuras mais importantes da mitologia celta. Ele é frequentemente descrito como um deus guerreiro, mas sua abrangência vai muito além do combate. Lugo é um deus polímata, associado à habilidade, à inteligência, às artes e à soberania. Seu título mais famoso é Samildànach.



Imagem de Mitos e Lendas

O título simboliza o ideal celta de uma vida equilibrada e multifacetada. Para os celtas, não era suficiente ser apenas guerreiro corajoso ou um poeta inspirado – a verdadeira grandeza estava em combinar todas as habilidades em harmonia. Esse equilíbrio também foi visto como um reflexo da ordem cósmica que Lugus ajudou a manter.

Descendente de duas linhagens importantes na mitologia irlandesa, Lugo é filho de Cian, descendente dos Tuatha Dé Danann, o povo divino, e de Ethniu (Eithne), que era filha de Balor, o rei dos fomorianos, um povo de gigantes e inimigos dos Tuatha Dé Danann. Essa união simboliza a fusão de forças opostas, já que Lugo herda tanto a luz e a habilidade, quanto ao poder sombrio e destrutivo de seu avô.

Mas infelizmente o que era para ser harmonioso, com o passar dos anos se mostrou desastroso,

já que em sua fase adulta Lugus, com uma estilizada precisa no olho do seu avô Balor, anuncia de vez a ascensão dos Tuatha Dé Danann como a tribo dominante de deuses da Irlanda sobre os Formorii.

Lughnasadh: O Festival de Lugus

O festival da colheita, celebrado pelos antigos celtas, se iniciava em primeiro de agosto, data a meio termo entre o solstício de verão (entre 20 e 22 de junho) e o equinócio de outono (entre 21 e 24 de setembro).

Também conhecido como Lammastide, este é um dos quatro grandes festivais celtas relacionado à agricultura. Dedicado ao deus Lugus, que expressa a gratidão à Terra por sua generosa abundância e a sua vitória sobre os espíritos do outro mundo que tentam roubar as colheitas.

Os primeiros frutos da colheita eram oferecidos aos deuses e deusas, e o elo entre a colheita e a morte era simbolizado por meio da história entre Lugo e sua mãe adotiva Tailtiu. Ela foi uma das primeiras divindades da Irlanda que se dedicou desinteressadamente a preparar a Terra para arar e, depois de fazer isso, morreu de exaustão. Seu filho então honrou o seu sacrifício através de um banquete anual, que se tornou o festival de Lughnasadh.

Danu - A Deusa Primordial

Entre os mais antigos deuses celtas da Irlanda, Danu, também conhecida como Anu, é conhecida pelos seus epítetos como uma deusa-mãe. Assim, a deusa celta, é frequentemente retratada como uma mulher bonita e madura, ela é associada à essência espiritual da natureza, ao mesmo tempo que representa os aspectos de prosperidade, sabedoria, morte e regeneração. O papel de Danu é muito pronunciado na mitologia irlandesa. Ela é considerada a mãe divina dos Tuatha Dé Danann - povo de Danu - a raça sobrenatural de deuses celtas que possivelmente

te formaram um dos principais panteões da Irlanda gaélica pré-cristã.



Imagem de Contos de Todos os Cantos

Seu nome "Dan" significa conhecimento, mas há outras interpretações sendo que uma delas é "Fluxo", "Terra Molhada" e a mais poética, "Água do Céu". Tendo sido preservada na mitologia galesa como a Deusa Don, e na mitologia basca pré-cristã como Maria, Senhora de Amboto. Na Ibéria, a divindade suprema do panteão celta é considerada a senhora da luz e do fogo. Era ela que garantia a segurança material, a proteção e a justiça.

Apesar do seu culto ter sido proibido pelo cristianismo e seu nome, aos poucos, ser esquecido, Danu está presente em toda a Irlanda, seja nos verdes campos, no perfil arredondado das montanhas, no sussurro dos riachos. O Seu lugar sagrado, no Condado de Kerry, chamado Da Chich Anu ou Paps of Anu. Ela está ligada aos Montes Feéricos e tem associações com Dolmens, monumentos megalíticos tumulares coletivos, também conhecido como um túmulo portal, ou sepultura portal.

A Deusa Mãe irlandesa, guardiã do conhecimento, protetora das famílias e tribos, regente da terra, da água e da A constelação de Cassiopéia também recebe o nome de Llys Don, a corte de Danu,

em sua homenagem. Seu nome aparece em outros lugares como o famoso rio Danúbio, pois foi no vale desse rio que a civilização Celta se desenvolveu.

Tuatha de Dannan

Tuatha de Dannan ou "Povo da Deusa Danu" -, apareceu de forma misteriosa: não da terra, de uma direção definida, como outros invasores, mas do céu, simultaneamente das 4 direções. Aterrissaram no dia do Sabbat Beltane e depois fundaram 4 cidades que se tornaram os centros espirituais da Irlanda.

Os Tuatha de Dannan, são seres sábios, seus atributos são a bondade e a luz. Seja lá de onde vieram, eles trouxeram ensinamentos e objetos de magia, arte, sabedoria e cura. Seu legado está nos marcos; círculos de Menires e os monumentos megalíticos.

Após permanecerem 200 anos de forma pacífica, os Tuatha Dannan foram vencidos pelos Milesianos, após a derrota os sobreviventes do Povo da Deusa Danu refugiaram-se nas colinas embaixo da terra e passaram a ser conhecidos como Daoine Sidhe ou Fairy People, "Povo das Fadas". Dando-se início a outra lenda muito conhecida, que são as fadas, seres mágicos que gostam de música, cores e flores e sempre pacíficos.

Brigid - A Deusa "Tripla" da Cura

Em contraste com os aspectos obscuros de Morrigan, Brigid, na Irlanda pré-cristianismo, era considerada a deusa celta da cura, da primavera, e até da arte de ferreiro. Na narrativa mítica, ela é filha do Dagda e, portanto, membro dos Tuatha Dé Danann. Curiosamente, no Lebor Gabála Éirenn, ela é mencionada por ter vários animais domésticos, desde bois, o rei dos javalis, a ovelhas.

Brigid era venerada em seus três aspectos - a curandeira, a poética e a ferreira. Em essência, ela pode ter sido uma divindade tripla. Além disso, sua



eminência deriva da possibilidade de que Brígida pré-cristã foi sincretizada na época medieval com a Santa Brígida católico de Kildare. Esta forma incrível de sincretismo sugere como os primeiros monges cristãos medievais desempenharam seu papel na adaptação à mudança da paisagem religiosa do reino, mantendo alguns dos elementos nativos.

O primeiro aspecto de Brigid está intimamente ligado à medicina e ao cuidado. Muitos acreditam que suas bênçãos podem curar feridas e doenças, tornando-a uma figura reverenciada por aqueles que buscam recuperação e alívio. Romanos e gauleses cultuavam sua imagem, pedindo ajuda em momentos de aflição e dor.

Em resumo, Brigid é mais do que apenas uma deusa; ela é uma força vital que equilibra cura, sabedoria e fogo. Sua influência transcende a antiguidade e continua a inspirar aqueles que buscam uma conexão mais profunda com a natureza e consigo mesmos.

Morrigan - A misteriosa Deusa do Destino

Morrigan era vista como uma divindade feminina misteriosa e um tanto sinistra entre os deuses celtas irlandeses. Associada tanto à guerra quanto ao destino. Em irlandês moderno, seu nome Mór-Rioghain se traduz aproximadamente como "rainha fantasma". Combinando com este epíteto enigmático, na narrativa mítica, Morrigan era capaz de mudar de forma, geralmente em um corvo, e prever a desgraça, enquanto também incitava os homens em um frenesi de guerra.

Ela era frequentemente associada a outros deuses celtas guerreiros como: Macha Badb e Nemain e, portanto, as vezes ela era apresentada como uma figura composta da trindade que também eram retratados coletivamente como um grupo de belas mulheres com a capacidade de se transformar em corvos sobre os campos de batalha.



Imagem de Segredos do Mundo

Algumas lendas afirmam que Morrigan teve um caso amoroso com Dagda o rei dos deuses celtas irlandeses, sua influência sobre a poderosa deusa foi tão grande, que ela interveio magicamente na guerra contra os Formorrii.

Em suma, Morrigan é uma figura rica e multifacetada que encapsula a essência da natureza humana, onde a guerra, a morte e o destino estão entrelaçados. Com sua aura de mistério e poder, ela permanece uma deusa que provoca reflexão sobre nossas próprias escolhas e o impacto que elas têm sobre nosso futuro. Assim, a Morrigan não é apenas uma figura do passado, mas um símbolo atemporal do que significa ser parte do grande drama da vida.

Epona - A Deusa Protetora dos Cavalos

Epona, é uma deusa galo-romana, originalmente associada a terra e a fertilidade. Além do sincretismo, havia também deuses celtas únicos adorados no panteão da antiga religião galo-romana. Considerada a divindade feminina e protetora de cavalos, burros, mulas. Com seu aspecto de protetora dos cavalos, Epona era favorecida e venerada pelos cavaleiros do Império Romano, especialmente



COLUNAS E COLUNISTAS

os renomados Cavaleiros Imperiais. Os cavaleiros romanos construíram santuários em sua honra e a adoravam como protetora dos cavalos e cavaleiros.



Imagem de Mito Graphos

As imagens de Epona frequentemente a mostram montada ou ao lado de um cavalo, com um cesto de frutas ou outros símbolos de abundância. Epona é sempre invocada em rituais que celebram a natureza, como os sabbats relacionados as estações do ano.

Epona, na mitologia celta e posteriormente na romana, destaca-se como a deusa tutelar dos equinos, simbolizando não apenas a força e a beleza desses animais, mas também a conexão espiritual entre seres humanos e suas montarias. Ao longo dos séculos, a veneração a Epona transcendeu fronteiras culturais, ganhando reconhecimento nas diversas regiões do Império Romano, onde se realizavam rituais em sua homenagem.

Representada frequentemente em artefatos arqueológicos, como estatuetas e inscrições, Epona aparece montando um corcel, muitas vezes acompanhada por elementos que rememoram a fertilidade e a abundância. Esses atributos refletem sua relevância como uma figura central na vida dos cavaleiros e agricultores, que dependiam da força dos cavalos em suas atividades diárias.

Além de ser uma deusa da proteção, Epona também estava associada à prosperidade, sendo considerada uma guardiã dos lares e das colheitas. O culto a Epona frequentemente envolvia rituais de gratidão, mostrando como a relação entre humanos e animais deve ser respeitosa e valorizada. Em muitos aspectos, a reverência a Epona nos ensina sobre a importância da empatia e da harmonia com a natureza.

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



POST NO SITE





01



ALINE ABREU



Autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, a colunista da Revista Internacional THE BARD (“A língua em movimento”), recebeu em 2024 o título de Comendadora do Brasil e foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, é fundadora do projeto Quais de Mim. Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

Português sem fronteiras

A coluna “A Língua em Movimento: Português sem Fronteiras” tem como principal propósito explorar e divulgar as riquezas e peculiaridades da língua portuguesa em diferentes contextos culturais, históricos e geográficos. Busca-se criar um espaço que permita aos leitores descobrir como o idioma, em constante transformação, reflete a diversidade das culturas lusófonas e conecta milhões de pessoas ao redor do mundo. Por meio de histórias, análises e exemplos práticos, a coluna visa proporcionar uma experiência enriquecedora que une cultura, literatura e linguística.

O português, sendo uma das línguas mais faladas no mundo, desempenha um papel central na construção de identidades culturais e na comunicação entre diversas nações. Apesar de sua relevância, muitos aspectos do idioma são abordados super-

ficialmente em discussões cotidianas. Esta coluna propõe preencher essa lacuna, explorando de forma criativa e profunda elementos que vão desde regionalismos e expressões idiomáticas até a presença do idioma em obras literárias e manifestações artísticas.

A ideia de promover o conhecimento cultural e valorizar a diversidade linguística parte da compreensão de que a língua portuguesa não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um reflexo das histórias, tradições e vivências dos povos que a utilizam. Com isso, espera-se inspirar leitores a refletirem sobre o impacto da língua em suas próprias vidas e a se conectarem com a riqueza das culturas lusófonas. Além disso, a coluna pretende estabelecer pontes entre a linguagem e a literatura, destacando o uso criativo do idioma em poesias, contos, canções e outras formas de arte.

Ao criar este espaço, o objetivo é também fortalecer a identidade cultural lusófona, promovendo um senso de unidade e pertencimento entre os países que compartilham o português como língua oficial. Como resultado, espera-se não apenas engajar os leitores, mas também fomentar uma maior valorização do idioma, despertar o interesse pela literatura em português e contribuir para a visibilidade global da língua. Por meio de reflexões e curiosidades linguísticas, a coluna busca incentivar uma apreciação mais profunda e significativa da língua portuguesa, mostrando como ela transcende fronteiras e se mantém viva e em movimento.

“Chávenas, Propinas e Cacetes: Histórias de Uma Língua Viajante”

Ah, finais, finais são fascinantes... finais são necessários...

E foi para um fim que parecia definitivo que eu me vi obrigada a encarar meu próprio recomeço. Porque, se começar é bom, terminar, muitas vezes, é libertador.

(Europa, Portugal, outubro de 2024...)

Portugal sempre teve um encanto especial para mim. Desta vez, porém, o sabor era único. Um misto de nostalgia e novidade, como uma velha história sendo escrita com um novo final. Lá estava eu, em Sintra, cercada por palácios que pareciam saídos de um conto de fadas. O céu cinza, as ruas de paralelepípedo, o aroma de café recém-passado em uma esquina qualquer. Tudo me parecia um convite ao passado, mas, ao mesmo tempo, uma promessa de futuro.

Eu estava ali para um propósito importante: palestrar em um evento e lançar meu livro **“Fui mandado embora, e agora?”**. O título tinha um peso, não só para quem lê, mas para quem escreveu. Era, afinal, a história de um fim que eu vivi de perto e que me levou a recomeçar. O lançamento em Por-

tugal, o berço da nossa língua, parecia simbolizar o fechamento de um ciclo, com a elegância de uma vírgula, não de um ponto final.



Imagem de Freepik

Ah, Sintra..., com suas colinas verdejantes e o Palácio da Pena, uma verdadeira pintura em tons de amarelo e vermelho. Estar ali era como mergulhar em um conto onde o presente se misturava com as memórias de séculos passados. Mas foi no caminho de volta a Lisboa, ao cruzar o Tejo, que os meus pensamentos começaram a navegar ainda mais fundo.

O Rio Tejo. Ah, o Tejo, que Camões transformou em poesia! Às suas margens, ele invocava as tágides, as ninfas do rio, pedindo inspiração para compor “Os Lusíadas”. Eu, por minha vez, não pedia às ninfas, mas algo igualmente intangível: pedia coragem. Coragem para falar em público, para abrir o coração nas páginas de um livro e, mais do que isso, coragem para enfrentar meus próprios medos.

Estar no país que moldou a base da nossa língua era, ao mesmo tempo, emocionante e desafiador. Pensei em como a língua portuguesa, que aqui em Portugal soa mais denso, quase áspero, no Brasil ganhou uma suavidade única. É curioso como a mesma língua pode ter tantos sotaques, tantos ritmos. No Brasil, o português parece ter se deixado embalar pela brisa tropical, enquanto aqui, na Europa, ele carrega o peso das rochas e dos castelos.



E isso me levou a refletir sobre as palavras. Ah, as palavras... como amo as palavras! Pensar na etimologia delas é como decifrar segredos antigos. Ali, em meio à paisagem portuguesa, comecei a listar mentalmente algumas delas: comboio, puto, cueca, canalha. Palavras que unem e separam dois povos que compartilham a mesma mãe, mas que cresceram em casas diferentes. Para nós, brasileiros, “puto” é quase um palavrão; para eles, é apenas uma criança. Já “comboio”, que aqui, Portugal, significa trem, lá em casa, Brasil, soa como uma fila desordenada.

E o mais fascinante é que as palavras não só mudam de lugar para lugar, mas também dentro de nós mesmos. Pensei em como o significado de “fim” mudou para mim ao longo dos anos. Antes, parecia definitivo, quase cruel. Agora, o vejo como parte de um ciclo, uma pausa necessária antes do próximo ato.

Na manhã seguinte, já em Lisboa, caminhei pelo Chiado e entrei em uma livraria antiga. O cheiro de livros usados me envolveu, e foi impossível não pensar em Fernando Pessoa. Ali, entre prateleiras que pareciam infinitas, encontrei um pequeno caderno de capa azul. Era simples, quase tímido, mas parecia me chamar. Comprei-o, sem saber muito bem por quê. Mais tarde, às margens do Tejo, comecei a escrever nele.



Imagem de Photohobo por Freepik

Não era um poema, nem um capítulo de livro. Era apenas uma frase: **“Todo fim carrega em si o germe de um recomeço.”**

E ali, naquele momento, senti a força dessa verdade. Assim como o Tejo nunca para de correr, assim como as palavras nunca deixam de mudar, assim também é a vida. Quando pensamos que algo chegou ao fim, na verdade, estamos apenas virando a página para uma nova história.

Portugal, com seus castelos, suas ruas estreitas e seu povo acolhedor, me ensinou mais do que eu imaginava. O fim que eu tanto temia já não me assustava mais. Porque, assim como Camões encontrou inspiração no rio, eu encontrei coragem nas margens do Tejo.

E sabe o que mais? Aquela frase no caderno azul foi só o começo.

Mas antes de mergulhar na complexidade das palavras a que me propus nesta crônica, não dá para ignorar os costumes que ali existem. À primeira vista, os portugueses parecem muito diferentes de nós, brasileiros. Por exemplo, **ousadia**. O brasileiro, com sua leveza e otimismo, não teme se lançar em novos projetos. Ele empreende, arrisca, improvisa. Já o português... o português parece andar com os pés mais no chão, com a segurança de quem prefere evitar o desconhecido. Não é falta de coragem, longe disso. É uma relação histórica com o cuidado, com o pragmatismo.

Essa diferença, no entanto, não é só filosófica. Ela aparece no dia a dia, nos gestos mais simples. Pense na **pontualidade**, outro exemplo. Se marcar algo com um brasileiro às nove da manhã, é provável que ele chegue às nove e meia – ou, quem sabe, às dez. Já os portugueses, ainda que não sejam tão metódicos quanto os britânicos, levam a seriedade do horário a outro nível. Se marcar um jantar às sete, às sete em ponto eles estarão lá, de sorriso contido e fome pronta. Se o jantar ainda não estiver concluído, bem... o problema será seu.

E isso não é tudo. Uma das coisas que mais me chamou atenção foi como eles **encaram a linguagem no dia a dia**, de forma quase literal. Imagine uma situação simples: você está em um restaurante em Lisboa e pergunta ao garçom, “Tem sal?”. Ele, muito sério, responderá: “Tem.” E só. Não porque esteja sendo rude, mas porque, para ele, você queria apenas confirmar a existência do sal no local. Já no Brasil, sabemos bem o que essa pergunta realmente significa: “Pode me trazer o sal, por favor?”. Nós, brasileiros, muitas vezes embalamos nossos pedidos em rodeios cheios de cordialidade e indiretas. Eles, não.

Essas nuances linguísticas me fascinam. Como professora de língua portuguesa, eu sempre me encantei com as diferenças sutis entre o português do Brasil e o de Portugal. Uma das que mais admiro é o uso do **gerúndio**. No Brasil, dizemos: “Estou preparando o jantar.” Já em Portugal, a frase ganha um charme especial: “Estou a preparar o jantar.” Simples, direto, quase poético. Parece que há mais intenção na ação, como se o ato de preparar tivesse um peso maior.

Essa diferença tem raízes profundas. No Brasil, herdamos o gerúndio como uma extensão do nosso jeito expansivo de falar e viver. Já os portugueses, com sua proximidade histórica com outras línguas europeias, tal como o espanhol, preferem estruturas que ressaltam o momento presente, quase como se estivessem congelando o tempo.

E essa peculiaridade da língua portuguesa me fazia pensar em como ela reflete o jeito de ser de cada povo. Nós, brasileiros, somos como o gerúndio: sempre em movimento, sempre “indo”. Eles, portugueses, são mais assertivos, como se cada frase fosse um pequeno manifesto.

Naquele momento, passeando pelo centro de Lisboa, essas observações me deixavam com um sorriso no rosto. Entrei em um café e, enquanto esperava meu pedido, olhei ao redor. O ambiente parecia saído de um romance. Pessoas lendo jornais, turistas

examinando mapas, senhores conversando sobre futebol ou política. Tudo tão literário, tão carregado de histórias.

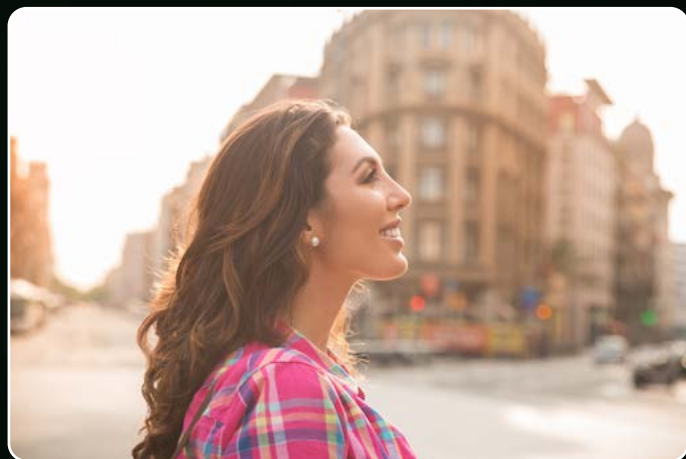


Imagem de Katemangostar por Freepik

De volta à minha mesa, abri novamente meu pequeno caderno azul. Escrevi uma frase que ecoava em mim naquele momento: “**A linguagem é a casa do ser.**” Não era minha, mas de Heidegger, e ali, naquele café em Lisboa, ela parecia ganhar vida. Pensei em como as palavras portuguesas, com sua densidade e história, atravessaram o Atlântico para moldar nosso jeito brasileiro de existir. Era como se a linguagem, ao migrar, carregasse em si não apenas significados, mas fragmentos de identidade, de pertencimento. Naquela cidade onde cada esquina contava histórias que pareciam me reconhecer, percebi que a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um lar que nos acolhe, um espelho que reflete quem somos e quem podemos ser. Em Lisboa, onde o português reverbera com séculos de tradição, senti que voltar às origens da nossa língua era como voltar para casa também.

Pensei em como a língua portuguesa nos conecta e, ao mesmo tempo, nos diferencia. Pensei em como cada expressão, cada som, carrega em si uma história, um gesto, uma emoção. Pensei, sobretudo, em como o fim de uma jornada, seja ela literal ou metafórica, pode ser o início de uma nova narrativa.





E assim, entre goles de café e rabiscos no caderno, me senti mais viva do que nunca. Porque, se há algo que aprendi com a língua portuguesa, é que toda vírgula pode ser um convite para continuar.

Enquanto terminava o meu café e folheava o caderno, lembrava de como as diferenças linguísticas podem ser divertidas, mas também cheias de profundidade histórica.

Ainda em Sintra, pensei em outro termo que sempre me fazia rir: “**puto**”. Em Portugal, um “puto” é apenas um menino, uma criança, algo completamente inofensivo. No Brasil, dependendo do tom ou do contexto, a palavra pode soar como uma gíria pesada ou até mesmo ofensiva. Essa diferença de uso sempre me intrigou. Como uma mesma palavra pode ser leve e cotidiana em um lugar e ter um peso completamente diferente em outro? Talvez porque as palavras, assim como as pessoas, carreguem a bagagem cultural de onde pertencem.

Lembrei também de quando ouvi pela primeira vez alguém dizer: “**Vou apanhar o comboio.**” No Brasil, “apanhar” muitas vezes soa como algo desagradável – levar uma bronca, sofrer uma agressão. Mas em Portugal, apanhar significa pegar. E o comboio? Trem, claro. Para eles, a frase faz todo sentido. Para nós, brasileiros, soa engraçada e quase poética. Fiquei pensando em como nossos modos de falar ilustram perfeitamente nossas visões de mundo.

E que tal o verbo “**alugar**”, que em Portugal pode significar não só emprestar algo por pagamento, mas também “importunar” ou “incomodar”? Lembro-me de uma conversa em que alguém disse: “**Deixa de me alugar, pá!**” e, por alguns segundos, fiquei perdida. No Brasil, esse sentido não faz parte do cotidiano (embora exista), mas em Portugal, é tão natural quanto pedir um café com “um pastelinho de nata.”

Cacete, bicha, putto, apanhar, alugar – formam uma espécie de mosaico linguístico. Cada uma delas carrega não apenas significados, mas também

memórias e identidades de quem as usa. Refletindo sobre isso, comecei a me dar conta de que o aprendizado da língua não é só sobre aprender palavras e suas definições, mas sobre entrar em contato com as pessoas, as culturas e os contextos que as criaram.

E falando em palavras, eu não poderia deixar de mencionar o “**saudade**”, esse termo tão emblemático para os falantes de português. Em Portugal, percebi que a saudade tem um tom quase melancólico, profundo, como se fosse uma lembrança de algo que nunca será recuperado. No Brasil, por outro lado, a saudade parece ter um tom mais solar, uma esperança de reencontro. É como se, mesmo na ausência, nós, brasileiros, fôssemos capazes de colorir a saudade com a expectativa de algo bom.

Foi então que percebi que essas diferenças são menos um obstáculo e mais um reflexo das nossas histórias. Portugal, com sua solidez, e o Brasil, com sua flexibilidade, são duas faces de uma mesma moeda linguística. As palavras são as mesmas, mas os significados têm sotaques, emoções, intensidades. Naquela tarde, entre risadas ao lembrar de “fazer uma bicha” para comprar o “cacete” e os devaneios sobre “putos” e “combóios”, me senti ainda mais conectada à língua portuguesa. Ela é mais do que um idioma; é um território compartilhado, onde cada um constrói sua morada de significados.

Com o passar dos dias, o momento tão aguardado finalmente chegou: a palestra. Era mais do que um compromisso; era o ponto alto de toda a jornada, o fio que entrelaçava expectativas, nervosismo e a esperança de conexão. Subi ao palco em Sintra, diante de um auditório onde portugueses e brasileiros dividiam olhares curiosos. O ambiente parecia carregar uma energia que oscilava entre cumplicidade e descoberta, como se todos estivessem prontos para navegar por águas linguísticas ora familiares, ora desconhecidas.

Abri minha fala com a ideia que me guiara desde o início: “**todo fim carrega em si o germe de um recomeço.**” Compartilhei a história de como

perder meu emprego, um episódio que parecia um ponto final, se transformou no alicerce para escrever um novo capítulo – tanto na minha vida quanto no livro. “O fim,” disse eu, “é como uma vírgula: uma pausa breve, necessária, antes de continuarmos a escrever.” A frase ressoou entre os presentes. Havia ali um brilho nos olhos de muitos, como se carregassem consigo histórias de pontos finais que também viraram reticências.



Imagem de Grafics99 por Freepik

Enquanto falava, as palavras começaram a brincar comigo, como sempre fazem. Não pude resistir a compartilhar as nuances e os enigmas deliciosos da nossa língua. “Vejam só,” comecei, “quando algo é **‘giro’** em Portugal, é bonito, interessante, engraçado. No Brasil, giro está mais para o movimento – aquilo que roda. São sentidos tão distintos, mas que, se olharmos bem, giram em torno da mesma essência: o encanto.”

A plateia riu. Fui além, brincando com mais palavras. “E o que dizer de **‘aguentar nas canetas’**? No Brasil, estar cansado é uma coisa simples: estamos exaustos e pronto. Mas aqui, vocês dizem que, quando alguém não consegue mais, está a ponto de não aguentar nas canetas. Eu confesso que, no começo, fiquei imaginando alguém segurando canetas e deixando-as cair! Mas não, percebi que ‘canetas’ aqui são as pernas. Achei genial!”

E então mergulhei no universo do **‘explicador’**, que em Portugal designa um professor particular. “No Brasil, um ‘explicador’ seria alguém que gosta de dar explicações demais, às vezes até sobre o que não foi pedido. Mas eu amo como aqui essa palavra parece resumir a essência de ensinar: é alguém que traz clareza ao que está turvo.”

E como deixar de fora a **‘propina’**? “Por aqui, a propina é o que vocês pagam para frequentar a universidade. No Brasil, se você paga uma propina, provavelmente está envolvido em algo muito suspeito – suborno, corrupção. Imaginem meu susto quando ouvi pela primeira vez que alguém precisava de ajuda para pagar a propina da faculdade!”

Os risos eram acompanhados de acenos afirmativos, e eu sabia que aquelas conexões iam além do humor. Continuei: “E há também a **‘chávena’**. Por aqui, é tão natural pegar uma chávena de café e soa mais claro e direto, como algo relacionado à palavra “chá”. No Brasil, a palavra ‘xícara’ parece ter um quê de mistério, um som quase enigmático.

Cada palavra era como um pequeno tesouro desenterrado, e a plateia parecia se deliciar com as descobertas. Não eram apenas sons e significados, mas histórias, vivências e gestos que, mesmo distintos, nos aproximavam. “A língua,” conclui, “não é só o que dizemos, mas como dizemos. E, no final, não importa se é giro ou bonito, chávena ou xícara. O que importa é que nos entendemos, mesmo quando as palavras nos pregam peças.”

Quando a palestra terminou, fiquei por um momento olhando para o auditório, agora banhado por aplausos calorosos. Sentir-me compreendida. Ver o quanto minhas palavras tocavam aquelas pessoas – de dois países, mas unidos por uma língua viva e pulsante – foi algo transformador. **Aquele fim que eu tanto temia, quando perdi meu emprego, havia me levado a um recomeço que eu jamais imaginara.**





E assim, desci do palco, mas não do meu caminho. Com o caderno cheio de anotações e o coração pul-sando com as histórias compartilhadas, senti que o fim daquela viagem, assim como os outros fins da vida, seria apenas mais um começo. Porque, assim como as palavras, nossas jornadas nunca param de se transformar e de nos levar a lugares e – licença poética Camões – “*a mares nunca dantes navegados.*”

Para saber mais:



PALAVRA	BRASIL	PORTUGAL
Aguentar nas canetas	Não utilizado no Brasil.	Estar prestes a cair ou ceder de cansaço; ‘não aguentar mais’.
Bicha	Termo pejorativo para homem afe-minado; lombriga (gíria antiga).	Fila de pessoas; também pode significar lombriga ou serpente.
Cacete	Gíria vulgar; bastão de madeira (pouco usado).	Tipo de pão.
Chávena	Não utilizado; equivalente seria ‘xícara’.	Pequeno recipiente para tomar café ou chá (equivalente a ‘xícara’).
Comboio	Conjunto desordenado de veículos ou pessoas.	Trem (meio de transporte ferroviário).
Explicador	Não utilizado diretamente; poderia ser interpretado como ‘excessiva-mente explicativo’.	Professor particular.
Giro/Gira	Movimento circular; algo que gira.	Bonito, engraçado ou interessante.
Propina	Suborno ou corrupção (ilegal).	Mensalidade paga à faculdade ou universidade.
<u>Puto</u>	Gíria vulgar (relacionada a prosti-tuição ou como insulto).	Criança, menino.



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

Colunista Aline Abreu

INSTAGRAM



LINKEDIN



POST NO SITE



COLUNA

Dialética

16



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP com ênfase em Filosofia-Política e Formação e Consolidação de Governos Totalitários, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Especialista em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) - Ufscar - SP, Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Fundepe

O Museu: Um espaço de esquecimento e locução da memória

Os museus ocupam um campo especial dentro do imaginário popular, mas que não se deva ser confundido como uma valorização do senso comum dentro de seus pressupostos epistemológicos.

“O Museu do Louvre”, por exemplo, representa um encontro com a cultura francesa como também um alicerce, para uma ontologia de lapidação de memórias, que podem virem, a serem classificadas, não somente como um objeto da História, mas sim um conceito de representatividade do ser humano, em torno de si mesmo, sendo um implemento sociocultural, caminhando rumo a liberdade de expressão como também para sua condenação.

Vejamos que o antigo “D.O.P. S (Departamento de Ordem Política e Social) órgão repressor

da Ditadura Militar Brasileira”, hoje em seus “apostas”, constam como uma acústica dos horrores do “Estado de Exceção” que perante seus visitantes podem com argúcia testemunharem os perigos de uma destruição da subjetividade, sendo levados a uma viagem de horrores e medos, perante um esclarecimento que o medo de privação da liberdade pode vim a causar os piores tipos de delitos, contendo um discurso de manutenção de uma estrutura cultural e estatual equilibrada, mas que se esconde perante o sangue derramado de muitos que deram suas vidas pelos ideais democráticos constitucionais.

Aliás, dentro do conceito da museologia orquestrada pelo “movimento da Nova História”, os museus podem ser classificados não somente como uma tipologia de levar o “ser”, para uma viagem no tempo, mas sim conter a audácia da constru-

ção social perante os limiares de disseminações de eufemismos do “sapiens” em se ver como agressor e transgressor de sua percepção perante as inovações e ações da vida em sociedade.



Imagem de Loic Manegarium por Pexels

A “**Nova História**”, junto com uma concepção “**gramsciana**”, de o homem viver aprendendo de acordo com os seus atos, esmiúça, uma busca de sacramentar que a arqueologia como paleontologia, servem de procedimentos empíricos, para uma sabedoria que ao mesmo tempo possa ser lúdica, mas que se faça polivalente de espaços públicos, realizando uma rubrica educacional de levar o conhecimento para todas as pessoas sem uma determinação classista específica.

Se analisarmos, por exemplo, uma volatilização do caminhar histórico crítico, a museologia, é um centro de denuncia, como os campos de concentração na Alemanha de Hitler, ou melhor, (o que restou deles), servem como um singular caminho da reflexão, de que agredimos uns os outros no rastreio de uma hermenêutica de purismo tanto racial como mental, que eleva a questão do valor da história provocativa e cultural, que fuja dos esteios de uma mecanização, de que ela precisa de um local específico para que possa acontecer seu ensino.

Hannah Arendt, “**nos advertiu que uma história que não leve a contradição, esta destinada a doutrinação**”, assim como se pensarmos no senti-

do de “**História da Cultura Material**”, emoldurada por eminentes historiadores, como Michel Vovelle, Emmanuel Le Roy Ladurie, Jacques Le Goff, em fizeram do “**objeto**”, um sistema de signos que venham a caminhar para elaborar uma semiótica do artefato histórico fazendo que cada pessoa se veja envolvida direta e indiretamente, como retentor de conhecimento, produzindo uma organicidade de difusão de novas facetas globalizantes, em como se enxergar a vida dentro da sociedade civil.

O “**objeto que move um eu que esteja tanto envolvido pelo conhecimento, com o ultrapassar o tempo**” Jean Baudrillard, coloca que a questão dos objetos, não pode vim a classificar uma coisificação, como sendo um caminho para sublinhar um meta-físico ciclo de investigações históricas, que fiquem destinadas somente como um louvor a encabeçar fatos, sem ver a necessidade dos “**materiais, objetos e utensílios**”, que contribuíram para uma civilização justa, e com similaridade de uma busca de se enquadrar a “**questionamentos maiêuticos**” que estejam beirando o perfeccionismo.

Um perfeccionismo que podemos colocar como um fator da busca de uma grandeza infinita do homem, desejando se colocar como detentor e também como um colecionador de artimanhas que passe por cunhos filosóficos, de que os museus sejam apenas um sublime nicho de deixar objetos expostos, sem conter a frenesi de despertar a curiosidade.



Imagem de Viktor_hladchenko por Freepik



Uma curiosidade que podemos ver, dentro de obras cinematográficas que com diferentes estilos valorizam, o sentido de que é fundamental sempre voltar ao passado para se entender um futuro, que vai se renovando e deixando um legado escatológico de uma mentalidade, idealizada dentro de parâmetros de que a reflexão parte também da busca de entendimento sucinto, para a apreciação das obras deixadas na conservação do poderio vaidoso de **“Kronos”**.

Em **“Uma Noite no Museu”**, vemos de forma hilária e com um pouco de **“Realismo Fantástico”**, se pode arquitetar um segmento disruptivo atemporal tanto caminhando para uma humanização da História, que misture diversificados caminhos de seus eventos, como a existência de dinossauros, o poderio do Império Romano, e a Marcha para Oeste, em uma mesma tomada de cena, gerando momentos instantâneos de dúvida, que mesmo dentro de uma paulatina simbiose de rigor científico, faz o passado, desafiar as afirmações de Albert Einstein **“de que a física, seja sublime, em não estar subvertida exclusivamente as formulas, mas também em formas da aceitação do homem diante os deságios do tempo”**.

“O Museu deve ser movente”, usando aqui das palavras do escritor e crítico literário Aguinaldo José Gonçalves, que em seu estudo sobre Marcel Proust classifica que a “arte e a literatura, formam conjecturas de uma elevação da alma, através da contemplação do belo”.

Assim como o **“Museu tem que ser movente”**, a mente humana, tem, que enfrentar desafios, para cuidar de suas enfermidades, no sentido de não valorizar o que seja uma busca de suas origens, perante seus desafios tecnológicos, como também morais da valorização do seu passado, através da conservação dos Museus.

Os Museus são templos da memória, que são esquecidos com um presente factual desenvolvimentista, que açoita o tempo, sendo languido para que assim cultuar muito ufanismo e pouco dinamismo intelectual.



Imagem de Magda Ehlers por Pexels

“Será que fomos acordados, ou foi tempo que parou”, usando da canção **“No Seu Lugar”** do Kid Abelha, a memória é um artefato das psicologias, que sejam íngremes, para uma admissão de que podemos estar dentro de uma volta **“há um tempo, que deixa herança da escravidão do homem perante suas próprias invenções”**, como diria Martin Heidegger.

Um **“tempo que também entrelaça que a loucura e paixão, pode ser instrumentos, de disseminação intelectual”** em como a humanidade, se devaneia na elaboração de um empirismo daquilo que não deveria se quer estar caminhando para uma análise mental, perante sua inteligência sendo uma métrica perturbadora clara de sua consciência.

A memória de sofrimento colocada pelo sanatório, ou Colônia Psiquiátrica de Barbacena em Minas Gerais, é um relato da intolerância humana, perante uma segregação de indivíduos, que não possuísem a compreensão ética e patológica do que poderia ser classificado como sendo normal.

Os Museus deveriam estar lotados, mas em muitos momentos estão à mercê do pó, e também do descaso, em sua não valorização, como um compêndio tanto de crescimento do turismo, como de dinamismo cultural para se chegar a um fator educacional de valorização da criticidade.

Uma criticidade, que possa unir tanto a leitura de livros, como uma leitura do mundo, em que a vontade aprender com o passado, venha a angariar uma mentalidade, de que tanto objetos, obras de artes, literatura, documentos, tratados, acordos, ruínas, podem estarem caminhando, para uma nova forma de reconstrução do pensamento que venha estar agregados por atitudes mentais que estejam sintonizadas, em fazer da palavra Museu, não um espaço de criação da imaginação, mas sim também de ação e interpretação.

Uma interpretação, que venha reunir em uma mesma sintonia, a história com vacâncias de um discernimento de sistemas de comunicações que venham a promoverem, o que seja a relação produtiva de uma jactância de *“kalos”* a se emblemar vetores da continuidade, do que seja um campo analítico reflexivo, que parta das ações feitas pela raça humana, passando por uma evolução dos seus sentidos, em não somente verem os objetos, como uma lacração do que seja sintomático como realidade ou utopia, perante uma forte necessidade de reinvenção da sua natureza criativa.



Imagem de Mak Cézár por Pexels

Os Museus, no Brasil citando, por exemplo, o Ipiranga, Museu de Arqueologia, Paleontologia e História Natural da Universidade de São Paulo, como também o Museu de Arte Sacra e da Língua Portu-

guesa, entre outros disseminados pelo interior do Brasil dão um validade dentro de análise da sociologia arte como um caminho para que se possa chegar a uma lapidação mental, que não seja um cunho de elevação do crescimento de fanatismos, de se construir um patriotismo macabro, como houve no caso do Fascismo, ou também que venha submeter à síntese de esclarecimento das características museológicas, que somente causem a comoção e a lamentação de comportamentos que viessem a promoverem a destruição em larga escala.

Todavia não podemos também deixar, de voltar a um lumiar de perfeição de frisar que o primitivismo do homem em se colocar como detentor do seu próprio destino o faz ser uma promoção de transformador a antropos de sofrimentos, como um vácuo para disseminações de recordações que submetem o abuso de uma etnia pela outra, caso que podem ser averiguados pela longa disputa pelo domínio geopolítico e geoeconômico, e religioso da Terra Santa, que fazem arder conflitos no Oriente Médio, bem como durante o processo histórico conhecido como *“Primavera Árabe”*, fazendo um lumiar que a antiga Mesopotâmia, como é ensinada nos livros didáticos, passou de ser um caminho de compreensão do surgimento da humanidade, para se tornar um baluarte de como as civilizações não aprenderam de fato a se respeitarem mutuamente, umas as outras.

Não se trata somente de conservação de monumentos, mas sim levar a uma compreensão que a palavra Museu, não deve ficar resumida a um anacronismo de datas, ou comemorações historiográficas, mas sim a despertar e a provocar o pensamento estético, beirando a grandeza de polivalentes fatores, para um rentável sentimento de reconstrução de cartasis mentais, que estejam sintonizadas em não somente apreciar o antigo, mas sim construir ditames, de que isso é próprio do ser-humano, em voltar ao passado, como uma forma tanto, para reviver momentos fraternos de ternura, como também a se colocar como executor, de sua História, para que assim promova o questionamento errante saudável, de que até que ponto, seu conhecimento não foi usado, como um tácito sublinhar de sofrimento e aflição.



No Egito as Pirâmides marcam a necessidade de estar próximo dos deuses, em Atenas o Parthenon e a Acrópole realçam a sabedoria levado ao extremo, o Coliseu de Roma, a diversão e a fragilidade de um povo a aceitar o que seja antagonicamente estranho ao seu cotidiano, entre os povos Andinos, está busca do conhecimento da terra e da sabedoria divina, chineses, com seu dragão, desejam alçar voos cada vez maiores, entre as suas memórias iconográficas das suas vastas dinásticas.



Imagem de David McEachan por Pexels

Os Museus, de fato não ficam unicamente somente como um anúncio de cartaz, ou de sentido de localização geoespacial, mas sim estão dentro de uma valorização gramatical extenuado, a um caminho da atemporalidade da história, que vai se inventando lentamente, diante o avanço tecnológico, e que desde o surgimento da escrita, e ideogramas, se comprometem, a também fazerem de seus objetos e coisas, um compilado da valorização do seu desenvolvimento mental e intelectual.

Um mental, que em determinados momentos, encontrou a regressão perante bajulações de fanatismos, como também culminou no progresso intelectual, atitudes de racismo, e de discriminação, acompanhando a manutenção e uma conservação do passado, está sempre engatilhado á necessidade de se ter uma observação, diante o que leva a uma contaminação da memória, não no seu pleito biológico ou neurológico, mas sim na intempérie de não se conseguir chegar a um consenso de **“tranquili-**

dade da alma”, com um toque de Sêneca, quanto a uma peregrinação de que não podemos caminhar-mos a um constrangimento intelectual de enxergar a sócioespacialidade de um Museu, como algo só de entretenimento, ou de passatempo, como não tendo mais nada de útil a se fazer ou ir.

Os Museus são um conluio de solipsismo que garanta a sobrevivência da multiplicidade cultural e política, que marcam a vida humana em sua grandeza de que mesmo diante das piores tragédias e falácias, a sua memória está angariada em um tempo, que não é somente **“líquido”**, como diria Zygmunt Bauman, mas sim uma solidez de que as aventuras humanas, pelo campo da inovação e da renovação, passam também por linhas de construções idealísticas, que chegam a um caminho da apreciação e não vulgarização.

Não se trata de uma **“reprodução técnica”**, com ares de Walter Benjamin, mas sim uma promulgação de se arquitetar uma fenomenologia de situação factual do **“eu lucido”**, e que seu passado não fique somente encarcerado as rotinas familiares, e sim venham a serem construído dentro de um marco da “cultura – material”, mas que não seja carente, de consciência de se levar padrões de uma dialética de emoções para todas as pessoas perante os sinais culturais, deixados por memórias, transmitidas de geração a geração.

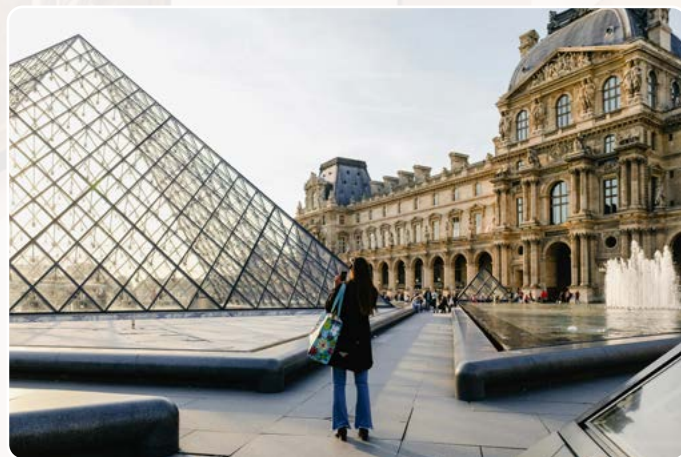


Imagem de Shvets Anna Por Pexels

O sentimento de solidão é uma marca da museologia, que leva para reconstrução das nossas memórias mais profundas, que vão assim limitando nossas tensões culturais, dentro de arquétipos que tem como uma de seus principais fundamentos levar cada **“ser humano”**, para um **“transhumanismo”**, em exercitar mentes que não sejam rentes para a valorização de uma destruição da **“História Cíclica”**, mas como um compilado de ir semeando a argumentação e a razão.

Entre o sentimento de elaboração de uma História que esteja ligada a importância de um olhar estatal, para que os Museus possam estarem sendo usado como um caminho de libertação da criticidade, é também fundamental que se componha profissionais que saibam apreciar e conservar os valores materiais contidos em seus espaços e sejam intrínsecos, que segundo as palavras de Paul Ricoeur **“façam as memórias, serem um contingente de polivalentes formas de tempos da ação humana”**, ao longo do que se pode chamar como sendo sua História.

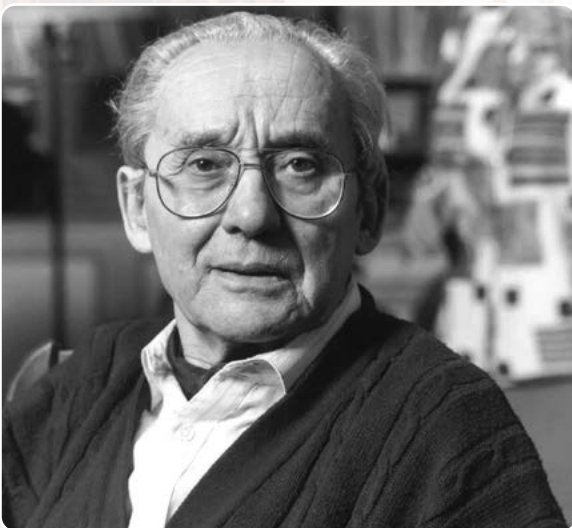


Imagem por Colunas Tortas – Paul Ricoeur

“Uma História, que não seja um caminho de adulação de um líder e de veneração de deuses”, como nos alerta Plutarco, mas sim que venham a se constituir como um marco científico, que possa retirar as pessoas de sublimes contrapontos de pensa-

mentos que venham a disseminarem preconceitos, e dogmatização quanto a uma interpretação que seja individual dos eventos, mas que não venha a causar um massacre da memória, levando a uma normatização do **“horível e do horror”**, que assim conjure que Tempo, museus, História e Memórias, não sejam procrastinados como utensílios de louvação da tristeza, mas sim que venham a refletirem, que em suas concepções estão alinhados, à questão da denúncia dos abusos cometidos pela humanidade contra si mesmo, como uma subjetividade de que a contemplação do que seja antigo, **“não caia em um nicho burocrático da depreciação intelectual historiográfica”**, como diria Pierre Vidal Naquet, fazendo todas, as pessoas verem o antigo, como algo da lisura de uma nostalgia suprema, bem como não gerando um claro sentimento de compreensão da transvalorização, de suas informações, como algo, que venha despertar uma **“teoria do interesse”**, em torno de assuntos que sejam subordinados a acontecimentos históricos distintos entre si.

O historiador e arqueólogo brasileiro Pedro Paulo Funari **“realça uma valorização dos museus, como uma pedagogia da história voltada ao pensamento de Fernand Braudel, tendo como uma de suas principais ambiguidades, fazer o estudante buscar nos livros, múltiplas interpretações para seus pontos de interesse de estudo, como também analisar e preservar materiais e artefatos que venham retratarem um ponto específico da historicidade”**.



Imagem de Pedro Paulo Funari por Arqueologia Egípcia

Eis um grande fator, para se entender a importância dos Museus, centralizada na sua historicidade e historiografia.

No primeiro sentido, elevar seus padrões empíricos, para se chegar a um preenchimento educacional e psicológico que valorize uma individuação para a formação e preservação do espaço histórico, e o segundo que ponto **“da história em pedaços”**, vindo a se compor em um quebra cabeça de unir múltiplos labores, para se chegar a uma história coletiva, feita por polissemias, de angariar tanto o abstrato como concreto em busca da compreensão, do ser-humano em torno de um cabido em arquitetar seu próprio destino, diante a compreensão e abertura de uma ciência da história que seja tanto valorizando seu aspecto social bem como intelectual para a elaboração de ciclos de inteligências que contenham a consciência do seu escopo de ação dentro da sociedade civil que esteja inserida.

Não basta somente banhar uma educação ou um fortalecimento psicossocial da importância dos Museus como um elemento de vital valor, para entender, como os homens, caminharam e caminham pelo **“Planeta Azul”**, que concomitantemente deram frutos de desafiar as leis da física, em conhecer o mundo quântico, mas que ao mesmo tempo trouxesse uma possibilidade da **“Terra”** ficar inabitável perante aos mais difusos tipos de agressões que se produziu, deixando tanto **“Deuses como a Mãe Natureza”**, com sua prepotência em se conjurarem como sendo detentores de tudo que existe ao seu redor.



Imagem de Jorgeural por Freepik

Os Museus podem demonstrar a evolução tecnológica pelo qual passamos, e que além das substituições das pessoas, por máquinas, engrenagens, robôs, andróides, nanotecnologia, biotecnologia, hibridismo **“bio e geo”** molecular, sendo necessário conter um olhar de dúvida, diante qual o papel da memória, dentro de uma produção histórica cheia de prognósticos destinados a uma redenção da nossa incapacidade em estar, com um desejo de orbitar um antropocentrismo, diante o narcisismo **“que o que passou não volta mais”**, mas deixa marcas e cicatrizes profundas para prover novos dias, de esperança para as glebas mais carentes de oportunidades no eixo interno de uma geografia do conhecimento, que praticamente mais pensa em si mesmo, do que propriamente venha a conter alguma tipologia de empreendimento intelectual, que faça da história não uma repetição de atos, mas estar inserido na elaboração de sempre fazer do ser-humano, o mesmo pathos de consumismo tanto do tempo como da atenção, rodeada em fatos e acontecimentos que não podem conterem polivalente formas de interpretações, mas também sendo um ponto de reflexão, para a construção de heterodoxas fontes de opiniões subjetivas.



Imagem de JosefKubes81 por Freepik

Sim! Os Museus tem que conterem a benevolência de alcançar até os mais profundos pontos de apreciação do ser-humano, como sendo um caminho para novos vertes de inconformismo perante os abusos cometidos, do homem pelo próprio homem,

O Museu: Um espaço de esquecimento e locução da memória

Por Clayton Zocarato



COLUNAS E COLUMNISTAS

e que dentro de um cunho kantista “**mostre sua menoridade, perante suas invenções e audácias científicas**”, que fazem os objetos, não somente um amontoado de velharias, mas que venham a enaltecerem o senso-comum, sem ter, a prioridade de elevar uma provocação política, que faça o “**Direito da Individualidade**”, estar concatenado a uma justiça de intelectualidade, que venha a ser intermitente entre a necessidade de se promover a valorização do passado, sem olhar em direção a um futuro que não seja algo tecnicista, mas sim, esteja comprometido com o papel da cidadania, preenchida por uma civilização que não se esqueça do que se passou, mas também aprenda a valorizar a sua história tanto através de imagens e documentos, como também de fazer um centro vivo de trocas de experiências e opiniões, realizando nos Museus, atos que estejam tanto voltados para provocação, como para a lapidações de mentes, que estejam com um pé no passado, e o outro no futuro, mas que faça de suas ações uma possibilidade histórica de dia melhores, através da apreciação museológica, germinando uma lógica comportamental empática e respeitosa perante diversificados sínodos de disseminações culturais e informativas em nossa população miscigenada, e execrada por um desperdício de desvalorização de sua cultura histórica, trancafiada em Museus praticamente vazios, e abandonados existentes ao longo do nosso “**Brasil Brasileiro**”.



Imagem de Otrinhub por Freepik

Clayton Alexandre Zocarato

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



LITERAR

Humani

07



SUELI LOPES



É Dr^a h. c. em Literatura; Acadêmica Internacional da FEBACLA e Embaixadora da Paz. É autora, escritora, cronista, colunista internacional e Mentora Literária. Efetiva da Academia Internacional de Literatura Brasileira, NY e CEO do Grupo Internacional de Escritores Vozes da Diáspora, Londres. Pós-graduada pela Universidade de Salamanca. Lecionou Língua Portuguesa e Linguística nas Universidades PUC e Federal de Goiás. Até o momento, possui seis livros solo, sendo um em inglês. A coletânea Sementes de Paz, por ela organizada e lançada no Consulado do Brasil em Londres, faz parte do acervo do Instituto Guimarães Rosa, Brasil. Como CEO do Grupo Internacional Vozes da Diáspora, em Londres, promove workshops, organiza coletâneas, lançamento de livros e tours literários/culturais no Reino Unido, criando pontes culturais entre as culturas britânica e lusófonas.

“THE ARRIVAL”: A CHEGADA DA ESPERANÇA!

Caminhar por Londres é apreciar muita Arte, História, Literatura, por toda parte: desde a arquitetura, às esculturas e jardins. Além dos diversos museus, das incontáveis galerias de Arte, a capital mais famosa do Reino Unido esbanja muitos monumentos a céu aberto, uma espécie de cenário artístico, visto no cotidiano e, para muitos, até passa despercebido. Não por acaso, Virginia Woolf (1822-1941) sempre preferiu se movimentar a pé pelas ruas londrinas, e expressou: “essa grande cidade é meu único patriotismo.”

Deve ser por isso também que Michel Serres propõe uma nova abordagem para as ciências humanas: o “rodeio”, um método que minimiza o papel central da razão e valoriza os sentidos. Para ele, a vitalidade genuína dos processos sociais, físicos e intelectuais reside nos fluxos, nos turbilhões e no movimento. Para mim, faz muito sentido, pois é nesse turbilhão, nessa movimentação dos sentidos, que paramos para apreciar melhor o que está ao nosso redor.



Imagem do Monumento “The Arrival”, de Frank Meisler, situado na Estação de Liverpool Street- Londres por Sueli Lopes – arquivo pessoal

O pensamento de Serres nos convida a observar o conhecimento e as relações humanas através de um olhar que não fixa fronteiras rígidas, mas reconhece a vida no encontro do movimento com a mudança, na estática das marés e na lama dos lugares. Com esta possibilidade em vista, convido você, leitor, a “visitar” um monumento tão estático, mas que flui movimento: de voltar ao passado da História; de conectar com situações semelhantes presentes, de sonhar com um futuro em que haja mais esperança.



Imagem do Monumento “The Arrival”, de Frank Meisler, situado na Estação de Liverpool Street- Londres por Sueli Lopes – arquivo pessoal

Preciso confessar que sou uma observadora por natureza. Construo, também, minha escrita, a partir dos lugares que contemplo. Gosto da arte de descrever lugares com afeto (Topofilia). Se não for pretensão de minha parte, me considero uma desbravadora da alma dos lugares. O termo topofilia é definido como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107), englobando desde o prazer estético no turismo até a ligação emocional com a casa ou com a terra.

Liverpool Street, por exemplo, uma das estações mais charmosas de Londres, tem muita história para contar. Ela carrega um contraste entre o moderno e o antigo. Entre a agitada vida londrina e a contemplação do belo (àqueles que ainda têm tempo

e sensibilidade para tal). No meio de tantas experiências vividas e narradas ali, há uma destacável. É bela (pelo resgate) e, ao mesmo tempo, trágica (pelo sofrimento que exprime). Está representada por um monumento em frente uma de suas entradas. Como toda Arte, ela nos permite resgatar a História, que nos dá acessibilidade ao passado, além de nos inspirar para um presente e futuro mais humanos.



Imagem do Monumento “The Arrival”, de Frank Meisler, situado na Estação de Liverpool Street- Londres por Sueli Lopes – arquivo pessoal

Incrível como o bronze, em sua beleza e frieza, foi capaz de mostrar de forma tão clara e harmônica, a expressão de cinco crianças: assustadas, encantadas, pensativas, confusas, inseguras. É incrível como a Arte é expressiva, como ela tem poder para nos desnudar, arrancar de nós emoção, curiosidade, conexão. De fato, os lugares nos despertam os cinco sentidos!

Impossível não se emocionar ao observar a forma que a menina mais nova abraça seu ursinho de pelúcia. Aquele objeto parece um refúgio para aquela criança que ali chegou sem saber o que viria para seu futuro. E o violino no chão? De cortar o coração. Cada detalhe da belíssima escultura nos remete a várias indagações, a “alma” daquele lugar é viva demais!

“The Arrival”, do artista Frank Meisler, é, na verdade, um memorial às dez mil crianças judias que chegaram à Grã-Bretanha, buscando refúgio da tirania nazista em toda a Europa. O mais surpreendente: o autor do monumento, Frank Meisler, foi uma



dessas crianças resgatadas. Cresceu e encontrou uma forma maravilhosa de mostrar ao mundo parte, não só de sua história, mas do percurso de muitos/as meninos e meninas. Seus pais, como da maioria das crianças salvas, morreram pouco tempo depois que ele foi resgatado. Eis, uma vez mais, a Arte com poder de eternizar um legado, emocionar gerações futuras.



Imagem do Monumento "The Arrival", de Frank Meisler, situado na Estação de Liverpool Street- Londres por Sueli Lopes – arquivo pessoal

Naquela entrada de vidro da estação de Liverpool Street encontra-se o retrato do programa que foi chamado de Kindertransport, alemão para "transporte de crianças". O grande projeto foi apoiado e incentivado pelo Governo Britânico, juntamente com o esforço de muitos filântropos, os quais trabalharam em equipe para garantir a segurança do maior número possível de crianças que chegassem à Inglaterra, mais precisamente, à Estação de Liverpool Street. Vale, portanto, destacar o espírito de filantropia que o britânico carrega. É realmente uma nobreza que faz parte do estilo de vida da maioria desse povo.

Numa das diversas vezes que eu parei para contemplar a beleza daquela escultura, me vinha à memória o que ocorreu ao longo de nove meses entre 1938 e 1939: o "Kindertransport" foi, de forma brilhante, uma resposta quase imediata à devastação dos eventos da "Kristallnacht", em cinco de novembro de 1938, em toda a Alemanha. É o retrato de uma noite em que judeus alemães foram espancados, torturados, assassinados e enviados de forma aleatória aos campos de concentração.

Para minha surpresa, enquanto eu observava a beleza e meditava na história daquele pequeno museu a céu aberto, uma criança subiu na base de mármore onde ficam as estátuas (essa prática é permitida) e começou a interagir com o menino da escultura, como se enxergasse nele, vida. Parecia que, inconscientemente, aquele garoto quisesse dizer alguma coisa à criança da escultura, dar boas vindas! Só consegui pensar que hoje a história, em um outro aspecto, de uma outra maneira, se repete: presenciamos de novo guerras e, com certeza, as pessoas que mais sofrem são os pequenos e inocentes.



Imagem do Monumento "The Arrival", de Frank Meisler, situado na Estação de Liverpool Street- Londres por Sueli Lopes – arquivo pessoal

Tomara que todas as crianças, não só da Ucrânia ou da Palestina, mas de todo o mundo, também tenham uma CHEGADA segura em algum lugar! Tomara que elas sejam todas resgatadas, cuidadas, amadas. E que nós prossigamos dispostos a seguir os bons exemplos, a nos inspirar em pessoas que semearam o bem no decorrer de nossa nossa História. Há sempre uma forma de fazer a diferença. Melhor ainda, há diversas maneiras de eternizarmos o nosso legado por meio da escrita e da Arte.

Que sejamos também encorajados a isso, para que abençoemos nossas futuras gerações, como fez Frank Meisler. Afinal, conforme pontuou Charles Dickens (1812-1870): “Ninguém pode achar que falhou sua missão neste mundo, se tiver aliviado o fardo de outra pessoa.”

Nunca, jamais, em tempo algum, nos esqueçamos de que, conforme expressa o Talmude, “Aquele que resgata uma única alma é creditado como se tivesse salvado o mundo inteiro!”



COLUNAS E COLUNISTAS



Imagem do Monumento “The Arrival”, de Frank Meisler, situado na Estação de Liverpool Street-Londres por Sueli Lopes – arquivo pessoal

Colunista Sueli Lopes

FACEBOOK

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE





06



ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert é Catarinense natural de Rio do Sul, radicada em Jacareí (SP) há 40 anos. Formada em Pedagogia e pós graduada em Orientação Educacional e Pedagógica pelo Instituto Adventista de Ensino atual UNASP. É poeta, tendo seu trabalho publicado em dezenas de antologias no Brasil e pelo intercâmbio Brasil-Portugal. Possui um livro solo publicado em 2019 e o segundo livro terá seu lançamento em junho de 2024. Acredita no poder transformador da leitura.

Museus pelo mundo

Para os amantes da arte e da cultura, os museus são um tema fascinante.

A palavra museu deriva do grego mouseion, que significa "templo ou morada dos deuses". Tem início na mitologia grega quando Zeus, senhor dos deuses, tem relações com Mnemosine, a deusa da memória, que gera e dá a luz a nove musas.

A Importância dos Museus na preservação da memória de uma civilização

Os museus possuem um papel importantíssimo na preservação da memória de uma sociedade. Eles preservam e protegem artefatos, obras de arte e documentos que contam a história de diferentes culturas e sociedades. Assim sendo, promovem aprendizados em diferentes áreas, com exposições interativas e recursos para escolas e comunidades.



Imagem por Pexels

Museus pelo mundo

Por Elke Lubitz

Os museus também são fontes de inspiração com suas magníficas obras de arte. Promovem a diversidade cultural, evocando tradições e diferentes perspectivas na história de um povo.

Os museus tornam acessível a arte e a cultura para um amplo público o que, muitas vezes, dá origem a diálogos sobre questões sociais, ecológicas e críticas sobre variados aspectos da sociedade.

- Museu metropolitano de Arte (EUA)
- Museus Nacional do Antigo Egito (Egito)
- Museu de História Natural (EUA)
- Museu da Acrópole (Grécia)

Esses são apenas alguns exemplos.

Museus no Brasil

Nosso país agrega uma riqueza cultural imensurável, nossos museus demonstram isso com sua beleza no acervo e na arquitetura.

Os principais Museus do Brasil incluem;

- Museu de arte de São Paulo (Masp) Pinacoteca do Estado de São Paulo Instituto Inhotim
- Museu Imperial



Imagem - Museu Imperial por Wikipédia

Museus notáveis pelo Mundo

- Museu do Louvre (França)
- Museus Britânico (Reino Unido)



Imagem do Museu Britânico por Wikipédia



Imagem por Pixabay



O Brasil é um país de pessoas criativas, inovadoras, amantes da Arte e da cultura. Devemos nos orgulhar da nossa gente!!!!

Não há como passar incólume de uma visita a um museu, os sentidos e emoções se modificam, passamos a experimentar a Arte, viver a Arte, pois não falamos de arte como objetos a serem contemplados, e sim, experiências que elevam o espírito.

Visitar museus amplia a nossa mente, apendemos variados aspectos da cultura humana. Arte, história, geografia, ciências, biologia e astronomia.

Nossa visão de mundo se expande, a curiosidade é aguçada o que promove o pensamento crítico, a criatividade e o raciocínio lógico.



Imagem por Pixabay



Imagem de StockSnap por Pixabay

“ Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades”. (Cazuza)

“Cada memória é um museu, porque nela guardamos lembranças que virão a ser histórias”. (Marcos Lussongo).)

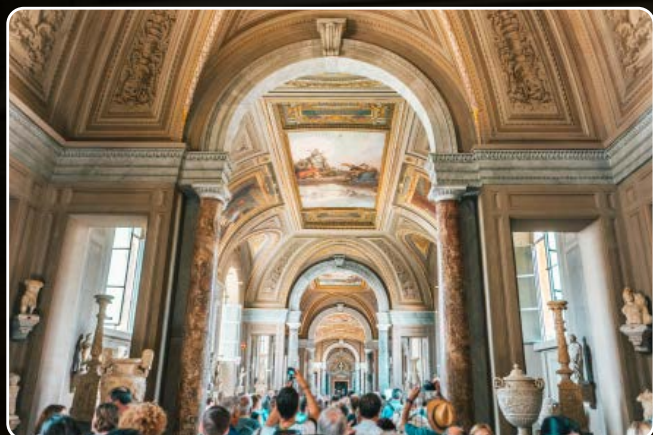


Imagem de Wirestock por Freepik



Imagem de Wirestock por Freepik

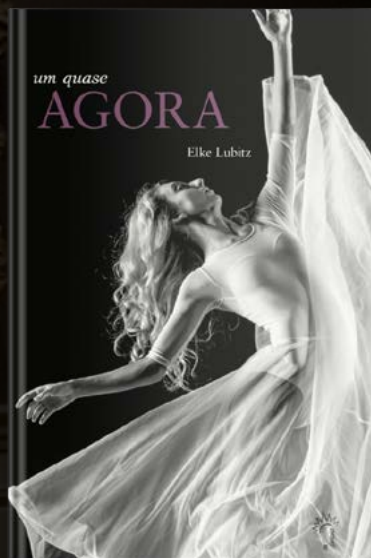
Museus pelo mundo

Por Elke Lubitz



COLUNAS E COLUNISTAS

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE



01



SUZANE VEIGA



Formada em Letras pela FFP/UERJ (São Gonçalo), doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ e autora dos livros *Performances Poéticas* (poesia), publicado em 2018; *Entre o palco e a página: confronto das ideias teatrais de Artur Azevedo e Coelho Neto* (ensaio), lançado em 2020 e *Criatura Dentada* (2024, poesia). É editora e revisora em Macabéa Edições, e sócia na editora Mapa das Letras. Além disso, é uma das três fundadoras do coletivo *Escritoras Vivas*, que atua em São Gonçalo, colunista do site Mapa das Letras e uma das mediadoras do Grupo de leitura *Escritoras Vivas*, em SG. Participa como pesquisadora do Nielm (Núcleo interdisciplinar de estudos da mulher na literatura) e trabalho com tradução, design, ilustração e copywriting.

A coluna “Livreria Encantada” pretende trazer para as páginas da revista *The Bard* resenhas sobre os livros da literatura contemporânea produzida por mulheres, com o objetivo de dar voz e vez às publicações das autoras que estão fazendo a cena literária atual no Brasil. Do norte ao sul do país, há escritoras maravilhosas que nem sempre recebem um olhar crítico sobre as suas obras, que resvalam, não raro, para um lugar de ostracismo e apagamento. Além disso, com a escassez de veículos de comunicação no segmento literário, como suplementos e revistas especializadas e o monopólio de poucas publicações e jornais, há um abismo que separa as obras literárias e os seus leitores em potencial, que muitas vezes carecem de fontes confiáveis de curadoria de obras e análise de escrita. Para corrigir esse problema da imprensa e, mais especificamente da imprensa especializada no campo da Literatura, a coluna “Livreria Encantada” atuará no sentido de dar protagonismo à produção intelectual de autoria feminina por meio de resenhas literárias com abordagem crítica para que os leitores tenham em mãos um material valioso a partir de leituras e indicações relevantes. Assim, poderão conhecer e se engajar a procurar livros de escritoras brasileiras

contemporâneas, que podem não estar em sua lista de leitura ainda simplesmente por desconhecerem a qualidade do seu trabalho.

Release de *Criatura dentada* (2024):

Explosão de ideias num corpo revestido de delicadeza e ousadia: *Criatura dentada* apresenta um conjunto de poemas que figuram a palavra como obra de arte e o feminino como ponto de partida. Cada verso é um eco do íntimo, uma mordida no mistério.

Em seu universo lírico, Suzane Veiga exibe a força e a riqueza de sua linhagem materna nas Letras. São traços de Adélia, Clarice, Hilda, Cora, mas, certamente, de Gilka Machado, sua sujeita de tese. E, assim como Gilka, desafia as convenções, eleva a voz das mulheres e celebra a sua poética voraz e certa.

Nas páginas, o leitor poderá encontrar temas como: as transformações e dificuldades da vida adulta; o processo de descoberta do seu eu sobrevivente, a sua criatura dentada; e reflexões sobre a vida, seus

amores e dissabores; tudo permeado pela dança das metáforas. “Eu vou estrangular um pescoço de mulher...” Mas nada é o que parece. Ou talvez seja. Deixe-se morder!

Sobre o coletivo Escritoras Vivas

O projeto tem como principal objetivo ser um coletivo de autoras para mobilização e expressão cultural na cidade de São Gonçalo, atuando na causa do protagonismo das mulheres. Para isso, utilizamos a literatura como ferramenta de comunicação e empoderamento feminino. Idealizadora do projeto "Escritoras Vivas", de 2017, que entrevistava escritoras da cidade, Yonara Costa percebeu o número ínfimo de escritoras mulheres no município. Onde elas estão? Em seguida, convidou Suzane Veiga e Cyntia Fonseca para escreverem para o edital Aldir Blanc, em 2020. Juntas, cofundaram o coletivo em 2021 após as oficinas de contrapartida ao fomento e a publicação do primeiro livro do coletivo.

Como resultado, publicamos os textos selecionados de 32 autoras no livro *Escritoras Vivas: coletivo de autoras gonçalenses* (2021), lançado pela editora, também de São Gonçalo, Apologia Brasil. Hoje, somos várias mulheres de diferentes vivências, idades e realidades sociais trabalhando de modo colaborativo para tornar a produção de autoria feminina cada vez mais visível e presente na agenda cultural na cidade.

A ideia do projeto surgiu pela observação da necessidade do fomento da produção de autoria feminina na cidade de São Gonçalo, que possui uma escassez de veículos de disseminação cultural. Nas esferas onde já existe alguma movimentação literária em nosso município, são raras as ocasiões em

que podemos constatar o protagonismo feminino liderando ações ou propondo atividades de impacto coletivo. Desse modo, para reverter esse quadro de invisibilidade, ao qual ainda estão submetidas as escritoras gonçalenses, propomos oficinas de escrita, mentoria literária e saraus como canais de vínculo, fortalecimento e divulgação entre e para escritoras.

Mais tarde, em 2024, o coletivo ganhou uma casa editorial, o Mapa das Letras, editora e agência de comunicação liderados por Cyntia Fonseca, cuja página na internet abriga as colunas produzidas pelas integrantes do grupo. Além disso, atua na publicação e divulgação dos livros das escritoras do coletivo. A lista de produções inclui: *Convite para ficar*, de Ray Santana (2024), *Colocaram no meu café*, de Deise Pontes (2025), e *Elas*, Mari Almeida (2025), dentre outros livros no prelo.

LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI

INSTAGRAM

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



Livro: Canções para desviver

Autora: Flávia Joss

“escrevo porque o verso pulsa”: vibrando a poesia musical de Flávia Joss

Viver é uma canção repleta de contradições, você solfeja?
F.J.

Ausência. Silêncio. Vazio. Não é só de melodia e de letra que se faz música, mas, principalmente, de pausa. Assim também é a poesia: uma teia feita de buracos, entremeada de notas – às vezes grandes acordes – mas que se constrói, de fato, nos hiatos. É no romper dos dias, nos momentos em que se emudecem as palavras, que contemplamos o nada (que é o tudo, enfim) – a solidão das horas.

Em *Canções para desviver*, de Flávia Joss, vemos essa coragem, que é tão rara, de olhar a vida de frente, quando se sabe que é tão mais fácil desviar o olhar, fingir não ver a miséria (externa, interna e alheia). Sentir o incômodo. Então, nossa poeta sabe que escrita é coisa séria, é missão de (des)enterrar ossos, afiar a palavra na lâmina da liberdade, ter a bravura de olhar-se nos olhos.

Canta a mulher com os poemas prenhes de luz, embora com um verso ainda preso na garganta. É vôo, é luta, é luto, acalanto, memória, fluidez. É, sobretudo, recolher os rastros: “pés passados no tapete/ porta entreaberta/ nuvem de poeira/ rabiscos/ na lixeira/ papéis amassados/ torneira aberta.” E dizer o indizível daquilo que ficou esquadrihado na lembrança.

O que restou de mim em mim mesma? O que há em mim que se transmuta, que desassossega, na inexistência do espelho, do amor, do mundo? O poema mesmo responde: “imersão/ deixar-se florir/ até despetalar”. É purgar a ferida aberta “de cada caos que se (re)faz/ nos recônditos cômodos/ dessa escuridão assaz”.

E o verso, belo e pungente, está exposto, suado, doído, em gotas de pavor e ousadia. É canção para desviver, luminescência, um esforço de lavar o silêncio, guardar nas fendas da existência grãos de vida, incômodos, rudezas, para espantar a morte com a crueza das palavras. Sim, é desfazer, por fim, a flor, o laço: “no milagre diário da escrita/ (re)nasço”.

Líquida, etílica, e (agri)doce, a poesia de Joss é naco de desejo, sabor orvalhado de saudade, de ritmo persistente de ouvidos no vácuo. Na introspecção do seu verso, eu me vejo humana. No silêncio deste domingo, há palavras de Canções para desviver espalhadas por toda a casa, preenchendo o vazio. Vigília. Pausa do sol. Trilha de vida. Itinerários poéticos.

**Texto publicado originalmente no site Mapa das Letras.*

Referência bibliográfica:

JOSS, Flávia. *Canções para desviver*. São Paulo: M.inimalismos, 2023.

Livro: Canções para desviver Autora: Flávia Joss



CLICK AQUI

POST NO SITE



Livro: Nua de verdade Autora: Yonara Costa

Quem tem medo da verdade? A escrita corajosa de Yonara Costa

A vida é uma ilha cercada de saudade por todos os lados.
Y.C.

Quem nunca se deparou no meio de uma encruzilhada de (in)decisões, de sentimentos confusos (por vezes, contraditórios), de histórias por contar... e ainda tendo que escolher um caminho pela frente, das duas uma: ou nunca viveu, ou nunca amou.

Ficar ou partir? Vingar ou perdoar? Seguir ou voltar? Mentir ou dizer a verdade? Em meio a essas e muitas outras questões, Rita, protagonista do eletrizante romance de Yonara Costa, *Nua de verdade* (2018), é uma heroína nada exemplar e se define pelo negativo: não é santa, não é musa! Ela é, sim, autora da sua própria história! E, assim, percorremos, maravilhados, a sua jornada de transformação da menina tímida do interior, de uma ilha fictícia da Bahia, para se tornar uma médica na capital do Rio de Janeiro, cada dia mais decidida a ser ela mesma, a realizar os seus sonhos.

Porém, entrecortada ao seu presente de mulher adulta, em meio a diversos dilemas típicos dessa fase, está a memória de uma infância difícil, de uma alegria impossível, diante do fanatismo e da bipolaridade de uma mãe severa e de um estigma intrínseco: por que eu não posso mentir? O pai nada diz, o irmão não a entende, os amigos a odeiam. Estava só com o seu destino de santa, de beata da verdade.

Aos poucos, Rita enfrenta a sua mãe interna – ao mesmo tempo antiga e atual, e sempre esfíngica –, acolhe a sua criança interior invalidada, reconhece os desafios que a moldaram, forjada que foi no fogo do medo e da revolta. E acaso não estamos todos nós nesse passado-presente tão absoluto, guerreando, nas sombras, contra os fantasmas de outrora? E acaso não estamos sempre no meio dessa estrada nebulosa do ontem-hoje, nessa ilha que é a vida, cercada de saudade por todos os lados?

Mas Rita é tantas! Sou eu, é você, aquela amiga da faculdade, a mulher, a menina, a médica, a filha, a irmã, a amante, a amada, a louca, a santa, a Rita de Cássia! E como não lembrar de uma outra baiana, protagonista de um moço comportado do século XIX, outra Rita, semelhante na independência e na potência, mas que só podia ser um produto naturalista! Ela causou polêmica na época, porque, naquele tempo, as mulheres só podiam ser ou santas ou putas (nas mãos de homens). Ela tinha que ser Rita baiana, a fogosa do cortiço. Mudaram-se os tempos, permaneceram as vontades.

Mas, do lado de cá do século XXI, (viva!) Yonara faz uma reparação: Rita não precisa ser uma santa ou um demônio, ela pode, enfim, ser múltipla, ser quem ela quiser, ser dela mesma. E foi! Escolheu o seu próprio caminho, os seus próprios amores, sem olhar para trás! Bailarina da realidade, dançando entre escolhas, entre curar e adoecer, encontra conforto na amizade

com Amanda, amor nos braços de Carlos, leveza nos beijos de Igor, sinceridade nas palavras de Pedro, sororidade no encontro com Maria Cláudia, e a inocência perdida no olhar de Gabriela. E odeia, e chora, e erra, e acerta, e sente: alegria, raiva, ciúme, saudade. Ela é humana! Perfeitamente imperfeita.

E a verdade? Quem tem medo dessa estranha? Certamente, não Rita! Ela fez as pazes com essa velha vizinha, e a chamou para tomar um chá. Ela descobriu as suas próprias palavras, nem sempre doces, mas sempre nossas. Quem tem a força de não mentir para si mesma encontra-se assim: nua de verdade! Trouxe a coragem? Atenção, a leitura é para corações acelerados!

Sim, Rita, às vezes ser feliz pode ser fácil!

Referência bibliográfica:

COSTA, Yonara. Nua de verdade. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2018.

Livro: Nua de verdade **Autora: Yonara Costa**



CLICK AQUI

POST NO SITE



Livro: Coração de Cleópatra Autora: Cyntia Fonseca

A descoberta de si em Coração de Cleópatra: identidade, trauma e feminino na escrita de Cyntia Fonseca

*(...) no meu decimo sétimo aniversário eu também fui marcada por uma lição: a felicidade plena não existe.
C.F.*

Certa vez, ao receber um prêmio literário, Rubem Fonseca afirmou: “Escrever foi a mais agoniante de todas as lutas que enfrentei”. E o que se enfrenta no ato da escrita? Um tema, uma questão social, as lembranças, o imaginário, ou a própria linguagem?

Cyntia Fonseca oferece em “Coração de Cleópatra” não só um romance vigoroso e corajoso, mas uma protagonista lutadora e valente que traz, no próprio nome, a majestade de uma antiga princesa do Egito: Cleópatra. Porém, essa linhagem inicial do nome vem com uma dissociação da própria identidade, pois a jovem reconhece os paradoxos entre ela e essa figura feminina histórica e simbólica: “(...) aos 17 anos já era admirada por suas qualidades de estadista, sua inteligência, energia, além de paciência e tenacidade. O que temos em comum além do nome? Definitivamente nada. Ou talvez o detalhe da idade possa ser considerado.” (FONSECA, 2021, p. 17).

Mas, Cleo, para os íntimos, precisará transpor várias dificuldades impostas pela vida: desde uma infância árdua no orfanato até fatalidades (e amores) que aparecerão no seu caminho para se tornar, verdadeiramente, a soberana da sua própria história e dona do seu caminho para se tornar delegada. A ausência da mãe, pois esta faleceu quando Cléo nasceu, marca a falta estrutural; a ausência identitária e fratura incurável, como ponto de não retorno. Este fato impulsiona a jovem Cléo a se deslocar do espaço do orfanato para o mundo, da adolescência para a maturidade precoce, do coletivo das meninas para o individual – busca do self, jornada da (anti-)heroína em busca de sua identidade, pois lhe falta o ponto de ancoragem do eu: rejeita o próprio nome (exilada de si), a figura fantasmática da mãe, e o vazio materno do orfanato.

A estória, que se passa entre o cenário deslumbrante de Petrópolis e o caos do centro do Rio, possui uma deliciosa e instigante combinação de elementos que tornam o livro único e especial – a conexão irresistível entre o sedutor Victorio e a então inocente Cleo, de dezessete anos, que experimenta os seus primeiros desejos de liberdade e momentos de descoberta de si. Para uma menina saída de um orfanato na cidade imperial, o descolado Victorio representa a descoberta do novo, o romance tórrido, e a aventura na cidade grande, passaporte para a vida adulta e liberdade, que tanto deseja: “(...) Ele era o oposto de toda a calma que eu havia vivenciado até então (...) tudo em Victorio me afastava da garota nerd e acanhada que eu vinha sendo” (FONSECA, 2021, p. 36).

Mais tarde, outros elementos complementam a narrativa que intercala passado e presente para montar o mosaico da protagonista: a vivência do amor autêntico com Lucas; a ami-



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

zade entre Cleo e Linda, que se apoiam numa sororidade potente e revolucionária; a abordagem de temas considerados tabus, como a violência sexual, bem como a toxicidade e os traumas que sustentam muitas ligações familiares.

Na esteira da genialidade do Rubem, também Fonseca, Cyntia constrói, em seu primeiro romance, um universo ficcional inspirador e apaixonante, em que Cleo representa as mulheres que enfrentam o seu próprio destino com bravura, sendo, por isso, leitura imprescindível para todas e todos que desejam encontrar os rumos do seu “Coração de Cleópatra”.

Referência bibliográfica:

FONSECA, Cyntia. *Coração de Cleópatra*. Niterói: Itapuca, 2021.

Livro: Coração de Cleópatra

Autora: Cyntia Fonseca



CLICK AQUI

POST NO SITE



04



Hollywood

& suas magias


TAMY SIMÕES


Paulistana de 32 anos é bibliotecária, copywriter, tradutora e roteirista. Apaixonada por escrita, autora de diversas poesias e amante de cinema. A sua missão? Mudar o mundo através das artes.

Hollywood e os museus do cinema: onde a ficção encontra a história

Os filmes de Hollywood marcaram gerações, eternizando cenas e personagens que transcendem a tela. Mas o que acontece com os objetos que dão vida a essas histórias quando as câmeras param de rodar? Para os cinéfilos e curiosos, os museus dedicados ao cinema oferecem uma chance de se aproximar da magia — e, às vezes, de descobrir que nem tudo é tão glamoroso quanto parece.

O Academy Museum of Motion Pictures, inaugurado recentemente, é um dos pontos altos dessa experiência. Com exposições que variam de figurinos a maquetes e roteiros, ele celebra desde clássicos como *E o Vento Levou* até produções contemporâneas como *Pantera Negra*. Um dos destaques é a recriação da famosa cena do tubarão de *Tubarão* (1975), com uma maquete original. É um espaço que combina nostalgia com reflexão sobre o

impacto cultural de Hollywood. Ainda assim, algumas críticas apontam para o preço elevado da entrada, que pode tornar a experiência um pouco restrita.



Imagem de Curbed Los Angeles

Hollywood e os museus do cinema: onde a ficção encontra a história

Por Tamy Simões

Outros museus menores, como o Hollywood Costume Museum, focam nos figurinos que definiram o cinema. Lá, é possível encontrar o vestido icônico de Marilyn Monroe de *O Pecado Mora ao Lado* (1955) e até o traje de Darth Vader. No entanto, por serem coleções mais enxutas, esses espaços muitas vezes não oferecem a imersão esperada por quem deseja mergulhar profundamente no universo de um filme.



Imagem de The Hollywood Reporter

Curiosamente, até objetos aparentemente banais ganham status de lenda. Quem visita o Prop Store Museum pode se deparar com o Wilson de *Náufrago* (2000), a bola que foi, de certo modo, co-adjuvante de Tom Hanks. A exposição traz uma reflexão interessante: por trás de cada adereço há um universo criativo que dá vida ao filme — mesmo que,

fora de contexto, esses objetos pareçam pouco mais do que itens comuns.

A força dos museus de cinema está em preservar não só os artefatos, mas também as histórias que eles carregam. Contudo, para que a experiência seja memorável, é fundamental que esses espaços se mantenham fiéis ao espírito de Hollywood: um equilíbrio entre espetáculo e significado. Afinal, um bom filme — e, por extensão, um bom museu — não é apenas sobre o que vemos, mas sobre o que sentimos ao sair da sala.

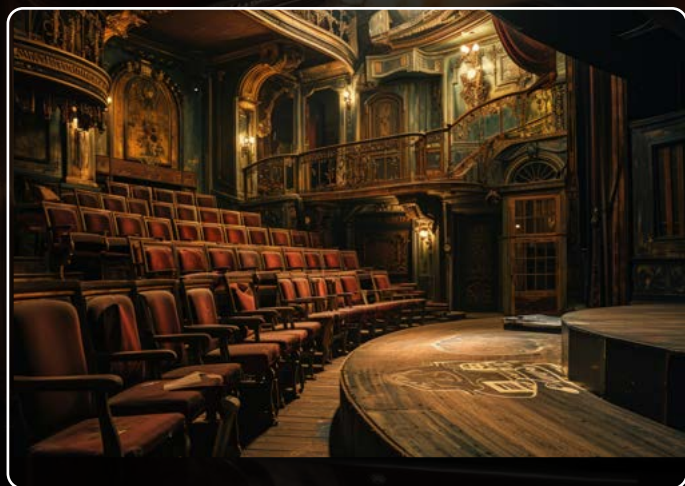


Imagem de Freepik

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA residente em Uberaba-MG, professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), autora e coautora de vários artigos científicos, livros, coletâneas, antologias e revistas publicados em periódicos nacionais e (inter) nacionais num total de 15 obras. Membro Fundadora Imortal e presidente da Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba-MG. Membro fundadora da Academia Alternativa Pegasiane Brasil. Delegada Cultural da FEBACLA-RJ para o Triângulo Mineiro. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-FOCUS Brasil New York. Agraciada com título de Cidadania Uberabense; recebida como hóspede oficial da Estância Turística Paraguaçu Paulista-(SP) e também, com várias honrarias (inter)nacionais.

Museus: faróis da memória e do conhecimento

Os museus são portais para o passado, pontes para o presente e inspirações para o futuro, guardando em suas coleções a essência da humanidade!

Jornalista, escritora, Magna Aspásia Fontenelle, 2024

Em um mundo em constante transformação, onde as novidades tecnológicas e as mudanças culturais ocorrem a passos largos, os museus se erguem como faróis indispensáveis, iluminando o passado e orientando nossa jornada no presente. São eles os guardiões da memória coletiva, os narradores da história que molda nossa identidade e os provocadores de reflexões que nos preparam para o futuro.

Cada museu, independentemente de sua temática ou dimensão, é um espaço de conexão. Conexão entre gerações, ao preservar e transmitir as

riquezas de um tempo que não vivemos. Conexão entre povos, ao expor culturas diversas que, juntas, compõem a tapeçaria da humanidade. E conexão consigo mesmo, ao nos colocar frente a frente com peças e histórias que evocam perguntas fundamentais sobre quem somos e de onde viemos.

Mais do que arquivos de objetos, os museus são palcos de conhecimento vivo. São lugares onde a arte, a ciência, a arqueologia e a cultura dialogam, provocando debates e inspirando descobertas. Com exposições que despertam a curiosidade e a sensi-

bilidade, oferecem experiências que transcendem o aprendizado factual e alcançam o campo do emocional e do simbólico.

Na era digital, os museus ampliaram seu alcance. Plataformas virtuais permitem que acervos antes restritos a um público local sejam acessados por pessoas ao redor do globo. Essa democratização é essencial para garantir que as riquezas culturais, muitas vezes alicerces da história de um povo, sejam conhecidas e reconhecidas mundialmente. No entanto, a digitalização não substitui a experiência física. Nada supera a sensação de caminhar por uma galeria, de observar de perto os detalhes de uma obra de arte ou de sentir a atmosfera única de uma sala histórica.

Por outro lado, é preciso reconhecer que a preservação dos museus enfrenta desafios significativos. Desde a captação de recursos até as demandas de conservação ambiental, essas instituições dependem de políticas públicas eficazes e do apoio da sociedade para continuar existindo e cumprindo sua missão. Frequentar um museu, divulgá-lo e defendê-lo é, portanto, um ato de cidadania cultural.

A Nau Literária reafirma o compromisso de valorizar e divulgar o papel dos museus. Que eles sigam navegando no tempo, revelando tesouros e trazendo à tona as histórias que nos definem. Afinal, em suas salas silenciosas, encontra-se o eco da humanidade, guardado para ser ouvido por todos aqueles que desejarem escutá-lo.

Que o espírito do Natal aqueça os corações com amor, paz e união, trazendo a luz da esperança para todos os lares. E que o Ano Novo renove nossos sonhos, inspire novos projetos e nos conduza a um caminho de realizações e felicidade.

Boas Festas aos leitores, editor, amigos e companheiros da Revista The Bard.



Imagem de Hihobr por Freepik

POST NO SITE





Rodolfo Medeiros Cunha Fortes, natural de Carolina, Maranhão, membro correspondente imortal da Academia de Letras do Brasil, seccional Uberaba-MG, ocupa cadeira N.º 01, tendo como patrono Odolfo Ayres de Medeiros. Doutor Honoris causa Philosophos immortal pela Academia de Letras do Brasil; Mestre em educação pela Universidade de Brasília; especialista em Gestão Educacional; graduado em Pedagogia e Matemática; membro fundador do Museu Histórico de Carolina.

“A função educativa da memória é, também, política, na medida em que pode fornecer respaldo para as pessoas se organizarem ao se perceberem sujeitos da História”.

(Rodolfo Medeiros Cunha Fortes, 2024)

1



obras publicadas?

REVISTA THE BARD — Conte-nos sobre sua infância, adolescência e sua trajetória laboral educacional. Como a literatura entrou na sua vida e quais



RODOLFO MEDEIROS - Cresci em um ambiente permeado pelas letras, pela música e pelas artes, em uma pequena cidade no interior do Maranhão. A cidade de Carolina, por décadas, configurou-se como

um importante centro cultural e educacional, com forte influência sobre grande parte do Sul do Piauí, do Pará e do Norte de Goiás (atual Tocantins), tendo vivido seu apogeu entre os anos 1930 e 1950.

As histórias e estórias desse importante núcleo urbano povoaram minha mente sonhadora a partir dos entes familiares, que, em seus encontros cotidianos ou festivos compartilhavam os feitos de professores, músicos, compositores e comerciantes, da família ou amigos próximos, que contribuíram para a formação educacional e cultural da região.

As conversas em família eram diárias e regadas de ricas memórias de nossos antepassados e dos feitos de nossa cidade. No seio familiar, a música e a leitura faziam parte do dia a dia, porém nunca de forma impositiva. Minha mãe, que por muitos anos atuou como professora, minha avó Liam diariamente, e verbalizavam suas descobertas no mundo das letras. Seus exemplos eram inspiradores e aos poucos o in-

teresse pela leitura e, posteriormente, pela escrita, foram consequências.

Na infância, as revistas em quadrinhos, as palavras cruzadas, as enciclopédias e os discos teciam um percurso literário espontâneo e despretensioso, mesmo antes da apropriação da leitura formal. Ao ingressar no Jardim de Infância, deparei-me com um espaço que serviu de refúgio para minha timidez e para novas descobertas, a biblioteca. Nesse espaço mágico tive acesso a autores diversos e fiz amigos que, assim como eu, transitavam pelo mundo das letras.

Aos domingos, eu e meus irmãos passávamos na casa de meu bisavô para pegar o dinheiro para irmos ao cinema, um compromisso semanal, mesmo que fosse para assistir o mesmo filme da semana anterior. No entanto, nosso bisavô exigia que após o filme, tínhamos que passar lá na volta, para contar a ele a história do filme. Uma grata lembrança que tenho até os dias atuais e que muito contribuiu para minha formação, pois sempre fazia indagações que ajudavam a organizar as ideias e, no final, dizia quantos “aís” tínhamos falado durante o relato. O desafio era contar as novas histórias usando outros termos diferentes de “aí”.

A ausência de livrarias na cidade, fez com que buscássemos meios para obtenção de livros, seja nas bibliotecas ou via correio. Dessa forma, descobri o Círculo do Livro, importante clube de assinatura de livros, que nos possibilitava adquirir e comercializar livros. Passei a vender livros para familiares e ami-



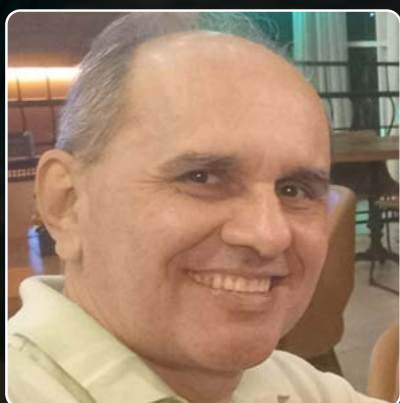
2

gos e com isso ganhava bonificações para adquirir aqueles que eu desejava.

No final do Ensino Fundamental, a articulação cultural já fazia parte de nossas vidas. Juntamente com amigos, organizávamos eventos para apresentação de peças teatrais, malabarismos, músicas, danças, numa tentativa de reproduzir o que tínhamos assistido nos vários circos que passavam pela cidade, e até mesmo a televisão que só fez parte da minha vida a partir dos doze anos. No colégio, organizamos uma rádio para tocar músicas e um jornal com temas de interesse dos alunos, tudo devidamente sob a supervisão da censura da direção, como era próprio da sociedade da época.

Uma vez concluído o Ensino Médio, tinha o anseio em continuar estudando, no entanto, para tal feito era necessário sair da amada Carolina. Brasília foi o destino de uma nova jornada cheia de desafios e esperanças, que me possibilitou trabalhar e cursar a Educação Superior. Apesar de ter crescido em uma família de educadores, atuar na educação não fazia parte dos meus anseios juvenis, tendo sido a área da saúde, a escolhida. Mas, aos poucos, me vi inserido no contexto educacional como professor de Ciências e, posteriormente, na gestão educacional que conciliei por décadas com a atuação no campo da saúde.

A escrita sempre fez parte, desde os diários que passaram a infância, juventude e maturidade, até os artigos acadêmicos, publicações de crônicas, poesias, documentos institucionais e sistematização de pesquisas históricas.



lhorado?



REVISTA THE BARD – Você acredita que a literatura contemporânea tem sido adequadamente representada nas escolas? Como isso pode ser me-

RODOLFO MEDEIROS - A literatura alimenta nossa alma e sempre permeará nossa existência. Entretanto, os formatos estão se diversificando e as tec-

nologias digitais têm democratizado o acesso, por parte de determinadas camadas de nossa sociedade, permeada por uma desigualdade extrema. Lamentavelmente, os profissionais da educação, assim como as famílias, ainda encontram muitas dificuldades em fomentar a leitura entre crianças e jovens.

Quando analiso o contexto atual da literatura nas escolas, não deixo de comparar o que vivi em meu percurso educacional, cujas estratégias pedagógicas não contribuíam muito para formação de leitores, por seu caráter predominantemente impositivo e tecnicista. Atualmente, as (os) professoras (es) de Língua Portuguesa possuem uma visão mais construtiva e participativa na formação de leitores, voltada para os diversos gêneros textuais, demonstrando avanços nesse percurso, no entanto, os professores das demais áreas, assim como, as famílias, ainda pouco contribuem nessa importante construção para a cultura de nosso país.

Somente a formação continuada de professores, de todas as áreas, possibilitará o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a formação para a leitura em suas diferentes vertentes, funções e possibilidades, na formação de sujeitos críticos e sensíveis ao mundo diverso em que vivem. Em um contexto de Pós-verdade e constante desinformação orquestrada por grupos com interesses diversos nas redes sociais, formar leitores críticos é indispensável para a manutenção da humanidade que nos resta.



3



REVISTA THE BARD — De que maneira surgiu o Museu Histórico de Carolina-MA?



RODOLFO MEDEIROS - Muitos foram os carolinenses que, em diferentes épocas, lutaram pela preservação da memória e da cultura da cidade de Carolina e região.

Esses guardiões da cultura preservaram em seus acervos pessoais importantes relatos orais, documentos, manuscritos, impressos, fotografias, objetos, gravuras, pinturas, mobiliários, objetos litúrgicos, indumentárias etc. Infelizmente, muito se perdeu ao longo dos 215 anos de formação do núcleo urbano, sobretudo, o casario de cerca de quinhentas casas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Estado do Maranhão, em acelerado processo de descaracterização e destruição.

No ano de 2000, um grupo de carolinenses criou, em Brasília, uma Organização Não-Governamental de interesse público, sem fins lucrativos, chamada Carolina ViaVerde, com o objetivo de mobilizar esforços e ações voltadas para a preservação e o desenvolvimento ambiental, social e cultural da região carolinense. Vários foram os projetos desenvolvidos pela ViaVerde nos seus diversos campos de atuação. Em 2007, em assembleia, os associados da ViaVerde decidiram pela mobilização de esforços para a criação de um espaço de preservação da memória da cidade e região, uma vez que o poder público não foi capaz de salvaguardar o patrimônio cultural da cidade e os detentores dos acervos familiares, à medida que faleciam, colocavam o patrimônio sob sua guarda em risco.

Após anos de tentativa para captar recursos para viabilização do projeto, o Museu Histórico de Carolina foi inaugurado em 2015, fruto da parceria da Associação Carolina Via Verde com o Consórcio Estreito Energia – CESTE e a Prefeitura do Município de Carolina.

4



REVISTA THE BARD — Qual é a missão principal deste museu e como ela se reflete nas exposições e atividades oferecidas?



RODOLFO MEDEIROS - O Museu Histórico de Carolina tem como missão “Resgatar, preservar e divulgar o patrimônio cultural e a memória histórica do Município de Carolina, constituindo-se referência para a formação histórica, política, social, econômica e cultural da região sul maranhense”.

A função educativa da memória é, também, política, na medida em que pode fornecer respaldo para as pessoas se organizarem ao se perceberem sujeitos da História. Atualmente, essa ação cultural vem sendo desvelada nas implicações para o desenvolvimento, tais como a relação com a atividade turística. Assim, além de possibilitar aos próprios cidadãos uma ampliação educacional-cultural, com repercussões positivas na recepção dos turistas, configura-se em suporte para o turismo cultural que vem refinando o padrão de qualidade dos serviços ofertados. Isto igualmente se trata de um direito, no caso, do cidadão turista, de acesso a mais informações, conhecimento, lazer e cultura.



Porta do Museu de Carolina



5



REVISTA THE BARD – Como o museu escolheu as obras e os artefatos que fazem parte do acervo permanente e das exposições temporárias?



RODOLFO MEDEIROS - A composição e organização inicial do Museu Histórico de Carolina tiveram como base os acervos doados pelas famílias de alguns guardiões da cultura carolinense, relacionando-os aos momentos marcantes da história da cidade estruturados a partir de determinadas linhas de pesquisa.

O Plano Museológico foi estruturado a partir das finalidades do Museu, considerando o acervo disponível quando de sua criação, considerando as linhas de pesquisa, organizado em exposições permanentes e temporárias. A escassez de recursos fez com que o ponto de partida fosse às doações das famílias que detinham acervos de relevância histórica e/ou representativas das linhas de pesquisas delineadas.



REVISTA THE BARD – Qual é a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural, e como o museu contribui para essa tarefa?



RODOLFO MEDEIROS - A criação de um museu para a cidade de Carolina configura-se importante meio de preservação de um período marcante da constituição da cidade que merece ser resgatado e resguardado para que as futuras gerações compreendam suas origens e possam a partir de sua história compreender a realidade local e lançar olhar sobre o futuro, de forma a promover o desenvolvimento da região em todos os aspectos que favoreçam o exercício da cidadania.

Rever, memorialisticamente, de forma organizada e voluntária, ruas, becos, igrejas, praças, pessoas de várias épocas de uma cidade, sua população, seus grupos sociais, acontecimentos que aí se sucederam, se constitui, pois, ato reflexivo que confere significados aos fatos rememorados.

É neste sentido que a criação de “lugares de memória” é cumprimento de um direito. Direito do cidadão de superar o estranhamento diante de seu próprio espaço, estruturar a heterogeneidade caótica do dia-a-dia mediante sentidos que lhe confere o passado para, sobretudo, compreender o seu presente e projetar o futuro.



7



REVISTA THE BARD — Como o museu se adapta às mudanças sociais e culturais, incluindo a crescente digitalização e globalização?



RODOLFO MEDEIROS - A inexistência de arquivo público na cidade de Carolina faz com que o Museu Histórico de Carolina funcione como guardião da memória da cidade, estando voltado para o resgate, restauração e preservação dos acervos sob sua guarda. Aos poucos, conforme disponibilidade de recursos, o Museu tem digitalizado seu acervo para que possa ser consultado de forma mais ágil e democrática, assim como disponibilizado nas redes sociais, tornando-o público à comunidade e pesquisadores.

8



REVISTA THE BARD — De que forma o museu promove a inclusão e a acessibilidade para diferentes públicos, incluindo pessoas com deficiência?



RODOLFO MEDEIROS - Quando de sua criação, o Museu considerou em sua arquitetura, todos os requisitos de acessibilidade e tem envidado esforços para, em seus atendimentos e guiamentos, dar o suporte necessário para as pessoas com deficiência.

9



blico?

REVISTA THE BARD — Como o museu interage com a comunidade local e quais projetos colaborativos foram desenvolvidos para aproximar o público?



RODOLFO MEDEIROS - Para cumprir sua finalidade é necessário superar o conceito antigo de “museu” como local estático onde se guardam coisas velhas, peças de museu. Para o museu não importa o tempo, representado pela humanidade por meio da noção do presente, passado e futuro. O museu moderno é uma casa dinâmica, que se atualiza constantemente, ainda mais se tratando de um museu com missão educativa.

Para alcançar esse intento, são desenvolvidos projetos educativos que preveem atividades diversificadas

para os estudantes das escolas públicas e particulares do Município com o intuito de conscientizá-los da importância da preservação da memória local, assim como apresentar o acervo e o contexto sociohistórico no qual foi constituído.

O museu funciona muito bem como espaço de aprendizagem e fruição e até mesmo como extensão da sala de aula, pois os visitantes podem tirar partido do ambiente, dos objetos, imagens, recursos audiovisuais e espacialidade para que o conhecimento seja construído de maneira mais dinâmica e interativa.



COLUNAS E COLUNISTAS



ENTREVISTA

10



THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

REVISTA THE BARD – Quais iniciativas educacionais o museu oferece para crianças, jovens e adultos, e como essas atividades impactam a formação cultural dos visitantes?



RODOLFO MEDEIROS - O Museu Histórico de Carolina, em parceria com a Secretaria de Educação do Município de Carolina-MA e instituições privadas, promove visitas guiadas e dá suporte aos estudantes que fazem pesquisas sobre a cidade e região. Promove eventos culturais voltados para literatura, teatro, dança, música, fotografia e demais linguagens que possibilitem à comunidade entrar em contato com a cultura local e fortalecer sua identidade e sentimento de pertencimento.

INSTAGRAM



FACEBOOK



11



THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

REVISTA THE BARD – Quais são os planos futuros do museu para expandir suas coleções, atrair novos públicos ou se modernizar tecnologicamente?

E Deixe uma mensagem para os leitores da Coluna Nau Literária - Revista The Bard.



RODOLFO MEDEIROS - O MHC tem buscado parcerias com para digitalizar seu acervo, visando sua disponibilização em meios digitais, assim como, mantido contato com a comunidade, escritores e pesquisadores para ampliar seu acervo e estruturar novas exposições temporárias e permanentes.

Incentivar e promover a visita a museus configura-se uma importante iniciativa para o enriquecimento pessoal, cultural e educacional, pois auxilia na preservação e valorização do patrimônio cultural, histórico e artístico de um grupo social, possibilitando a compreensão das transformações e permanências ao longo de períodos determinados da história. Os museus, para além de guardião da memória, por meio da preservação de seu acervo, são fonte de referência em uma sociedade onde a desinformação é crescente por meio das redes sociais, carentes de rigor científico, que terminam por distorcer fatos históricos em detrimento de interesses diversos.

Além do caráter educativo, museus são fonte de inspiração, pesquisa, lazer e entretenimento, que fortalecem o potencial turístico da região onde está inserido. Visitem os museus!

MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

SITE



FACEBOOK



FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Edna Brennand



Edna Gusmão de Góes Brennand – Possui Doutorado em Sociologia - Université Paris I Panthéon Sorbonne. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Realizou Pós-Doutorado nas seguintes Instituições: Université Catholique de Louvain-UCL Bélgica; Universidade de Valência, Espanha; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) Portugal. Coordena o grupo de pesquisa sobre Cultura Digital. Seus atuais interesses de pesquisa estão voltados para abordagens interdisciplinares sobre cultura digital e sociedade.

Novas cartografias dos museus na luta para reformar a relação entre passado, presente e futuro

Introdução

A aventura de poder visitar museus pelo mundo afora nos coloca em lugares privilegiados de memórias e nos ajuda a realizar mediações culturais entre diferentes mundos, símbolos e signos de grupos humanos diversos. Esses dispositivos de mediação cultural conferem vida e significados filosóficos, políticos, culturais a diversas civilizações por caminhos variados. Estar entre estes artefatos nos coloca diante do espetáculo da diversidade cultural e humana do planeta. Os museus, em suas diversidades de tamanho, tipo de arquivos, patrimônios materiais e imateriais, nos proporcionam experiências diversas nas fruições, reflexões e partilhas. Desde a arte

moderna aos grandes e variados tesouros históricos em espaços abertos, fechados, paradisíacos ou empoeirados, nos transportam para tempos históricos não vividos despertando nossa cognição para aprendizagens ao longo da vida.

Museus são considerados espaços pedagógicos onde é possível realizar encontros emblemáticos com nossa fértil imaginação. Eles são instrumentos de testemunho das dinâmicas culturais de todos os povos. Orientar o olhar para as heranças culturais dos nossos ancestrais, seja na visita física ou por meio de percursos virtuais, nos permite entrar em contato com a turbulenta e efervescente história do mundo.

Por Edna Brennand

Eles possuem variados tipos e constituição, mas neles todos são possíveis entrar em contato com a combinação rica de legados e saberes ancestrais ou atuais. Não se trata somente de enxergar as produções culturais velhas e novas, o passado e o presente, e sim estabelecer ligações com a universalidade dos seres humanos na construção de suas histórias, escritas de si e capacidade humana de rememorar as dimensões sociais, sobretudo identitárias. É espaço de ligação para articular dimensões cognitivas e afetivas.

Maurice Halbwach (1994) e Cassin (2004) chamam atenção dizendo que as memórias mobilizam emoções, desvelam interesses políticos e precisam ser submetidas a rigorosos procedimentos críticos. Nesse sentido, podemos compreender o campo dos monumentos memoriais e os museus como espaços de manifestações subjetivas, espaços de expiação pública e registro de memórias traumáticas, tais como a representação do holocausto, museus da escravidão, guerras e das transgressões aos direitos humanos.

Os museus podem refletir aprendizados cognitivos de exploração de experiências vividas e a problematização das aparências simples das coisas neles expostas, permitindo às pessoas formarem escolhas próprias de interpretação, inserindo as memórias em seus contextos. Podem fortalecer as memórias coletivas, ou seja, as memórias individuais se reportam sempre a um quadro social, não podendo resgatar memórias sem estar em diálogo com a maneira como os grupos humanos, as camadas sociais, grupos religiosos ou famílias fazem lembrar o passado. Eles podem proporcionar ricas e complexas relações entre patrimônio, educação e cultura no processo de formação humana.

Em contato com os diversos legados culturais, podemos perceber a existência do outro e tomar consciência de nossa condição planetária. Segundo Harari (2020), a ordem imaginada molda nossos desejos, uma vez que somos moldados desde o nascimento por mitos dominantes, ou seja, nascemos numa ordem pré-imaginada preexistente. Assim, com a evolução da ciência e a possibilidade de in-

terpretar escritas de várias formas, os museus se tornam pedra angular no entendimento da história humana.

A descolonização e os museus reinterpretados

Pode-se considerar que as tarefas aparentemente simples dos museus, que seus objetivos comuns seriam a de recolher, preservar e permitir a interpretação de uma suposta “História Universal”, que foram modificando-se. A crítica à tradição dos museus como instituições que servem uma elite cultural foi estabelecida há muitos séculos, mas não foi pacífica a criação destes lugares de estabilização de cânones e de valores. Contar narrativas sobre os objetos que conservam e sobre o seu contexto, no momento da recolha, deu lugar a uma quebra de estabilidade das classificações e das hierarquizações disciplinadas das raças, das espécies e dos cânones artísticos.

As vozes de Frantz Fanon, Amílcar Cabral e Edward Said, bem como os teóricos contemporâneos, como Dipesh Chakrabarty, Arjun Appadurai, Achille Mbembe, Harry Geruba, Walter Mignolo, Aníbal Quijano e Enrique Dussel, apresentam críticas ao progresso colonial e desenvolvem programas de resgate, denúncia e resgate das origens coloniais do museu, bem como a percepção pública a respeito. As lutas sociais de reivindicação dos direitos humanos em todo o mundo, bem como a luta por direitos dos imigrantes, são exemplos de resgate da história colonial vivida numa situação que foi subalternizada, e que hoje redirecionam as narrativas sobre os museus. Nesse novo contexto, são questionados os pressupostos epistemológicos da museologia ocidental, deslocando o lugar dos museus para a área do cultural. Sem também deixar de considerar que, neste mercado museológico, vendedores e compradores passam a adquirir obras cuja estética é valorizada no campo das concepções coloniais atuais.

A invenção colonial dos museus está sendo transportada para o campo dos conflitos culturais, possibilitando a elaboração de uma nova leitura do



processo histórico da colonização. Um exemplo importante a ser lembrado é o Museu da Memória e dos Direitos Humanos em Santiago do Chile, o qual é um museu anticolonial. Um projeto de desconstrução do que foi o período da ditadura chilena na década de 70.

A luta pelos Direitos Humanos, os movimentos negros, os movimentos indígenas, os movimentos de ocupação de terra e as novas cartografias das favelas mostram as novas experiências na construção dos Museus. Os autores registram a emergência de uma «episteme desobediente», por um «desligamento epistemológico» da vocação universalista dos museus. Entretanto, ainda resta uma grande indagação: em um mundo de infinitas subjetividades humanas, é possível descolonizar os museus ou reformar as relações entre o presente e o passado?

Impressões pessoais sobre os museus

Reconhecendo a legitimidade dos estudos sobre o lugar dos Museus na construção cultural dos povos e das diversas interpretações epistemológicas sobre o tema, vou me permitir nesta coluna defender que todas as pessoas no processo de aprendizagem do mundo deveriam ter acesso aos intrigantes acervos dos “Museus” mundo afora como forma de poder dialogar com as representações das inúmeras coleções colocadas à disposição do intérprete de cada obra visitada. Quando adentrava cada galeria, cada obra, cada cultura aprendida, não me deixava refletir se estava ou não diante de uma discussão colonial, ou decolonial da obra. Diante de coleções sobre o Egito, Ásia, África, Oriente Médio, Europa, Grécia e Roma Antiga e outras, eu me permitia viajar há tempos distantes, dialogar com o passado recente e me ver como parte deste grande universo cultural.

Como não se encantar diante da Pedra de Roseta no Bristish Museum e poder ver em tempo real um fragmento de um registro que estabelece um Decreto sobre o culto ao faraó Ptolomeu V em 196 AEC no delta do Nilo, no Egito? Mas também como não me encantar diante das esculturas surrealistas de Francisco Brennand no Brasil; no túmulo de Jesus

Cristo em Jerusalém; no túmulo de Merlin na Bretanha. Como não parar o tempo diante das esculturas de Moisés e David de Michelangelo? Me encantei diante dos Escritos do Mar Morto em Jerusalém e da cidade de Davi, relembando as histórias que minha mãe me contava.



Imagem da autora. Oficina Francisco Brennand -Brasil

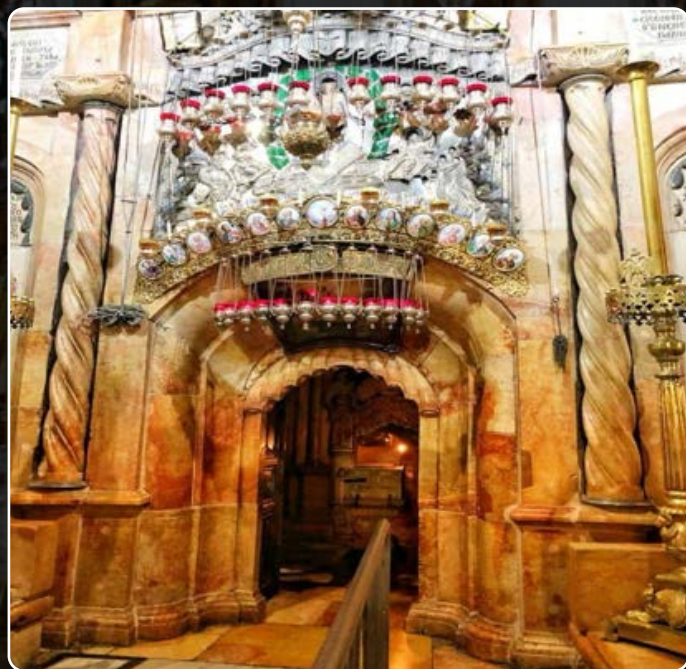


Imagem da autora. Túmulo de Jesus-Israel

Por Edna Brennand



Imagem da autora. Tumulo de Merlin-França

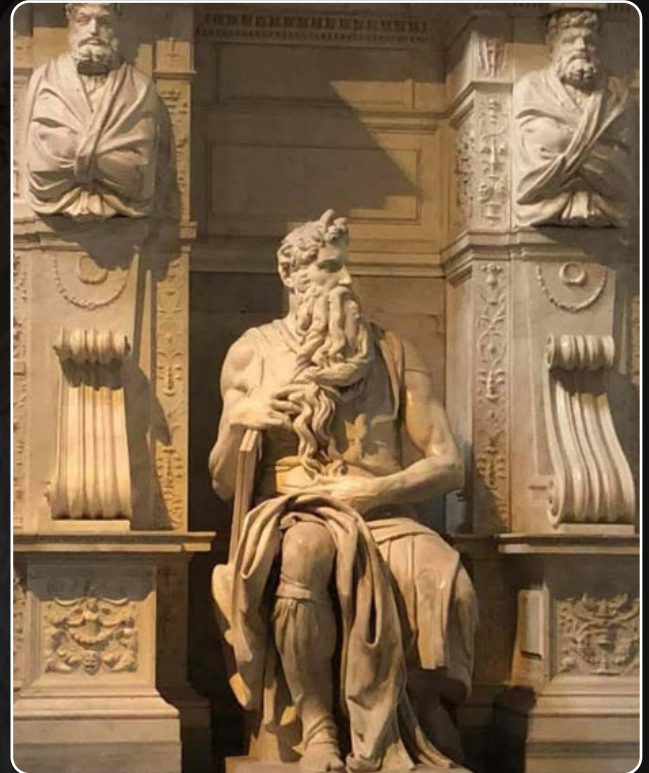


Imagem da autora. Moisés de Michelângelo

Dancei como uma deusa durante os “desfiles das fallas” em Espanha-Valência; me transportei ao universo dos mistérios contados sobre a Capella Rosslyn na Escócia.



Imagem da autora. Fallas- Valência -Espanha



Imagem da autora. Davi de Michelângelo



Como foram originais as emoções vividas ao estar diante do Código de Hamurabi, o primeiro documento legal escrito da história, os touros alados da cultura mesopotâmica que representavam híbridos entre touros, águias e humanos para proteção contra inimigos; a Monalisa de Da Vinci; a Obra Casamento em Caná de Veronesi (Jesus Cristo e seus discípulos) com seus 10 metros de altura; A Morte da Virgem de Caravaggio; a Vênus de Milo uma das mais importantes esculturas gregas. Me reportava às lições de história da educação básica e me sentia privilegiada em poder, enfim, passear, cantar, sorrir e aprender em contato com as obras que, na juventude, eu via nas ilustrações de livros.

De olhos abertos e curiosos, sentei-me diante do Sarcófago de Alexandre, o Grande, no “Museu de Arqueologia de Istambul” (século IV AC); da esteira funerária de Palmira; das tablitas com cartas dos Hititas ao Faraó Ramsés II. Foram muitas emoções vivenciadas em cada Museu dos inúmeros países que tive o privilégio de visitar. Formei meu acervo pessoal de cerca de 9 mil fotos que registram meus encantamentos diante de tanta riqueza que os museus fechados e ao ar livre me proporcionaram.



Imagem de Bloomberg por Reddit

Apesar das discussões dos especialistas que envolvem períodos coloniais e a necessidade atual de iniciar o processo de colonialidade dos objetos de museus, entendemos que este é um processo longo e necessário, entretanto é preciso reconhecer que para além desta discussão é preciso situar a importância dos Museus pelo Mundo para nos aproximar de outras culturas às quais não temos acesso.

Os museus são espaços de atribuição de sentidos. Ter acesso aos patrimônios culturais de outros povos permite compreender a condição humana, compreender a diversidade de possíveis explicações filosóficas, religiosas e simbólicas.

Não podemos deixar de compreender que o acesso ao conhecimento permite traduções e não simplesmente reflexos sobre uma realidade desconhecida. Ao entrar em contato com patrimônios culturais diversos ampliamos nossa capacidade de reconstruir discursos sobre a realidade, que ao longo dos processos civilizatórios foram permeados por tensões e conflitos, perceber conexões ricas e complexas entre civilizações, traços culturais e visões de mundo.

As tecnologias digitais e a revolução de acesso aos Patrimônios Culturais

Do ponto de vista econômico, os estudos que relacionam os museus e suas relações com o turismo, por serem considerados atrativos culturais, têm se ampliado. Neste contexto, as tecnologias digitais têm proporcionado experiências diversas. Os museus têm-se tornado geradores de demandas turísticas e consequentemente instituições educativas culturais importantes na atualidade. Segundo a plataforma Museums.eu (The European Museums Network), em 2021, os dez museus mais visitados da Europa somaram mais de 50 milhões de visitantes. Nesse sentido, podemos sem sombra de dúvidas corroborar o entendimento de que essas instituições ocupam um novo lugar no processo de aprendizagem social. Deixam de ser simplesmente espaços para a exposição de objetos, tendo um lugar privilegiado de aprendizagem humana. Um vasto espectro de campos de interes-

Por Edna Brennand

se se avizinha nesse debate sobre a importância dos museus na ampliação da riqueza da cultura humana e consequentemente na aprendizagem social.



Imagem de Paul_Henri por Pixabay

No meu entendimento, os espaços museológicos são templos da tecitura cultural humana e permitem que as artes e ciências se tornem fomento do conhecimento. O crescimento e a diversificação de formas interpretativas deste legado, seja colonialista ou outra categoria, vem expandindo horizontes interpretativos, sobre sua importância para incluir novas categorias e temas. Não podemos fugir de compreender que a realidade é uma projeção humana que permite metamorfoses permanentes. A evolução



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

científica e tecnológica nos coloca em lugares plurais para interpretação de tempos e culturas. (ROMÁN, GONZÁLEZ & GASCÓN, 2017)

Referências no site.



Imagem de Iarachev por Pixabay

EDNA BRENNAND

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



POST NO SITE



05



FLORESCENDO *em Pensamentos*

CRIS GOMES


Professora. Formada em Letras e Pedagogia. Pós-graduada em Regionalismos da Língua Portuguesa. Escreve sobre relacionamentos, comportamentos, vida e esperança. Co-autora de antologias: Poesiaterapia - palavras que curam, Almas Cativas, Florir Poético, Tributo à vida entre outras. Revisora e membro da comissão de juradas da Revista Internacional The Bard.

Top 10

Querido leitor,

Antes de discorrer sobre a temática desta edição, cumprimento-o pelo ano novo que iniciou desejando que seja repleto de conquistas e bem singelo quanto às tribulações.

Aproveito para lançar alguns questionamentos típicos deste momento: o que nos reserva 2025? Sucesso? Saúde? Amores? Despedidas? Prosperidade? Ganhos? Perdas? Aprendizagens? Desafios? Renovação?

E por conta dessas questões, ando pensativa quanto ao futuro, algo totalmente sem propósito, aliás, porque o futuro não nos permite nada senão suposições. Como vou virar a década, muitas mudanças ocorrerão no meu caminhar. O fato é que vou mudar de faixa e é impossível não pensar nela.

60.

Liga a seta, troca de marcha e engata a categoria idosa! Sexta marcha...



Imagem de Carlyukav por Freepik

Sensações começam a vir à tona. Embarca nessa comigo? Vou lançar o top 10 e você, gentil leitor, ao final, vai me dizer sua opinião. Vem...

1. Alegria por me sentir viva, pulsando a vida, com planos e querendo oferecer meu melhor ao mundo. Pronta para mergulhar nas vontades antes sepultadas e nos desejos deixados para depois.



Imagem de User17581499 por Freepik

2. Respeito pela casa onde meu espírito habita. Ela sente o peso dos anos, mas também aceita os limites e acautela-se com as ousadias impensadas da mocidade. Quer dançar, mas também adora o silêncio e os dias modorrentos; quer gritar poesias declamadas, mas entende o lamento dos aflitos.

3. Fé na vida e na humanidade. Acredito com todas as forças do meu coração que o bem existe. Ainda existem pessoas com alma linda, com sorrisos sinceros e abraços onde queremos ficar guardados. Uns dizem que é positividade tóxica. Ingenuidade. Prefiro afirmar que é acreditar no possível, já que o impossível é apenas 50% das possibilidades

4. Educação com e para todos. Estar à frente de alunos por tantos anos ratificou uma ideia que sempre me moveu: a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Nunca desisti dessa crença e lancei sementes que hoje são árvores frondosas. Valeu muito a pena.

5. Paciência... “ando devagar porque já tive pressa”. Tenho exercitado essa virtude, porém sei que ainda há um longo caminho a percorrer, principalmente quando se trata de pessoas ignorantes, preconceituosas e arrogantes. Mas eu não desisto fácil, um dia, elas mudarão. Pode ser que eu já não esteja aqui; isso não importa e é assunto para outra edição. Deixemos para outro momento.



Imagem de Krutarthdabhi1112 por Freepik

6. Honestidade porque fazer o certo quando ninguém vê é princípio. Mostrar-se honesto só para fazer marketing pessoal de nada vale na sua sacolinha do bem. É propaganda vazia que enobrece os incautos e transborda a soberba de um coração cheio de orgulho. Não sou melhor, nem pior que ninguém, mas chegar nessa década tem lá as suas vantagens,



não acha? Principalmente no quesito fazer escondido pois ninguém está vendo. Ora, você está vendo. Isso não conta? Não é sabotar-se a si próprio?

7. Responsabilidade que aprendi desde bem pequena pois tive pais que me ensinaram o quanto é digno ser e mostrar-se responsável diante da vida e dos desafios que ela colocou no meu caminho e isso não é mérito nenhum. É o certo. Apenas o certo.

8. Gentileza em todo tempo e com todas as pessoas. A sementeira opcional que para mim é regra caminha ao meu lado nos lugares aonde vou e pequenos gestos me permitem construir bons ambientes para estar e ser quem sou, simplesmente porque gentileza gera gentileza. Isso basta.

9. Empatia porque quando me disponho a sair do meu lugar para me colocar no lugar do outro, sou mais humana. Creio que a energia vital que percorre as minhas células, também está em você e não é possível ficar alheio ao sofrimento ou dificuldades das outras criaturas, sejam pessoas, animais ou qualquer ser vivo. Compadecer-se da dor do outro é um ato de amor e isso, quem quer, oferece sem restrições, concorda comigo?



Imagem de Quebra de Onda por Freepik

10. E, sem mais delongas, a esperança. Esperança em dias melhores porque como anônimos labutamos em silêncio para que haja um novo amanhecer. Dedicamo-nos incansavelmente à fraternidade como voluntários, trabalhadores em diversas frentes, com diferentes formações e histórias, mas unidos num único ideal: edificar um novo tempo com a convicção de que a vida é soberana e todos têm direito à dignidade e ao amor.



Imagem de OlhoEm por Freepik

Enfim, despida do verniz social que calcificou diferentes camadas em mim e já na contagem regressiva para a nova década, ousei mostrar-lhe que sou tão imperfeita quanto você, que somos todos aprendizes do sagrado que nos habita e que essas dez estrelas que espero um dia alcançar plenamente possam ser metas para nossa transformação em pessoas mais felizes. Nem todo dia será reluzente, mas acreditar que podemos fazer a diferença na vida das pessoas é um presente da fé.

Cuide-se com carinho e vibre bem-querer na frequência da sua paz interior.



O tempo passa por nós independente da nossa vontade; é preciso, pois, aceitar que ele leva umas partes e nos acrescenta outras. Simples assim.



Imagem de Freepik



Imagem de Tsyhun por Freepik

Todos os dias falo para mim mesma “Há preocupações maiores para ocuparem seus pensamentos, querida. Apenas viva!”

Envelhecer com gratidão é escolha.

Fica bem

Cris Gomes

INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE





BETH BALTAR



Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

O cordel em Museus: entre memória, informação e cultura

Para a coluna da 29ª edição da Revista Internacional The Bard, fui motivada a realizar uma pesquisa sobre a Literatura de Cordel em museus pelo mundo. Foram localizados Museus no Brasil e na Suíça. Antes de adentrar nestes espaços de memórias, costumes e tradições de diversas culturas, se faz necessário apresentar uma breve contextualização para posteriormente apresentar o cordel neste universo.

Entende-se por memória aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que, por meio da sua existência no passado, possuem experiências são consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade, já que se constitui, por meio de um processo de representação nas consciências, quer in-

dividual quer coletiva, transpassada por um universo simbólico dos mais significativos, referendados no reconhecimento de patrimônios culturais recuperados. A cultura fortalece e ilustra a nossa memória e nossa identidade.

Neste aspecto, a identidade passa a ser vista como estreitamente ligada ao conceito de “identificação”, já que passa pelo domínio relacional, entre o indivíduo e seu grupo e entre os grupos que se relacionam, de coisas semelhantes ou não. Portanto a:

[...] identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos,

mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural [...] esta identidade resulta unicamente das interações entre grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações (Cuche, 2003, p. 182).

Ao aproximar-se deste universo, Legoff (2003) apresenta a noção de documento, como algo que atesta alguma coisa e considerando este entendimento a partir da representação, quando eventos, coisas, textos, fazeres ou demais elementos, trazem em si a presença de outros elementos, que transmitem ou induzem uma ligação. Os atributos desses elementos vinculados passam por induções objetivas e subjetivas, coletivas ou individuais, escolhidas ou impostas, mas sempre ocorrem em um contexto de agenciamento, nos quais retratam situações sócio-culturais e cronológicas definidas, quando ainda se relacionam com a construção de identidades coletivas. Assim, o documento, independentemente de sua natureza ou suporte, torna-se o elemento que possibilita remeter os eventos do passado a uma construção do presente.

Considerando a informação como artefato, produto resultante da existência humana, para Pacheco (1995) é uma ferramenta produzida e/ou percebida pelo homem, como um dos elementos necessários para a construção do conhecimento. E como tal, só tem existência quando é percebida e estabelecida quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação. Assim essa relação é efetivada:

Se a informação é um artefato ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada - o contexto de sua geração. Sendo artefato ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto passível de recontextualização (Pacheco, 1995, p. 21).

Marteletto (1995, p. 90) corroborando com Pacheco, ao debruçar-se sob os aspectos da cultura, entende que cultura e informação “são conceitos fenômenos interligados pela sua própria natureza”. Nesse sentido a cultura assume uma prerrogativa memorialística, especificamente ao revelar-se como espaço de conservação e reprodução de artefatos.

Portanto, preservar a memória cultural de uma sociedade não significa atrelá-la ao passado e impedir o seu desenvolvimento, mas sim conservar seus pilares constituintes a fim de não perder conhecimentos e identidades. Assim são os museus, espaços que ligam o presente com o passado e o futuro. Como também lugares materiais onde aporta a memória social, funcionais cuja função é fortalecer as memórias coletivas e conservar a riqueza cultural de um povo, e, simbólicos porque permite que estas memórias se revelem e se expressem.

Os museus não são estáticos, realizam uma série de atividades, como: exposições, festivais de música, debates, cursos, oficinas, ações culturais e acervos de diversos suportes informacionais, como o de folhetos de cordel, possibilitando sua preservação, conservação e pesquisas. É por isso que museus, atualmente, apresentam uma diversidade de espaços, atraindo públicos variados e a comunidade local.

A seguir, apresento a Literatura de Cordel em Museus localizados nesta pesquisa e como se manifestam nestes espaços. Infelizmente não poderei falar sobre todos, optei descrever sumariamente três Museus da Paraíba, por considerar o Estado como berço da Literatura de Cordel, mas vou citá-los, para quem deseje conhecê-los, acessando os links.

Museu de Arte Popular da Paraíba - Museu dos Três Pandeiros



Imagem de Paraíba Criativa



O Museu de Arte Popular da Paraíba (MAAP) está localizado às margens do Açude Velho, em Campina Grande – Paraíba, vinculado à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Em virtude das três estruturas circulares que compõem a sua arquitetura o MAAP passou a ser chamado de “Museu dos Três Pandeiros”. Foi inaugurado no dia 13 de dezembro de 2012, entretanto só foi aberto ao público em 10 de junho de 2014. É um complexo de exposição e de acervos documentais da música, do artesanato, da cantoria, da literatura de cordel, e da xilogravura. Nele encontra-se o acervo da Biblioteca Átila Almeida da UEPB, com a maior coleção de cordel da América Latina.

Na programação do Museu acontece mensalmente o “Cordel no Museu” desde 2019, e costuma desenvolver parcerias com outros projetos que possuem uma tônica semelhante, na cidade. A ideia é oferecer uma extensa programação, destinada à valorização do gênero e de toda invenção que ao redor dele gravita. Configura-se como um centro de estudos e documentação da cultura nordestina, especialmente a paraibana.

MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA



Clique aqui para assistir

Museu Casa de José Américo



Imagem de Governo da Paraíba

Fundação Casa de José Américo (FCJA), foi criada em 10 de dezembro de 1980 e inaugurada em 10 de janeiro de 1982, após nove meses do falecimento de José Américo de Almeida. A FCJA fica situada próxima ao ponto mais oriental das Américas, localizada na Praia do Cabo Branco, em João Pessoa – Paraíba, é um centro histórico, artístico e cultural, composta, basicamente, do Museu, da Biblioteca e dos Arquivos dos Governadores e outros políticos e intelectuais paraibanos.

A casa onde José Américo viveu grande parte de sua vida foi transformada em museu, preservando as características de quando nela residia, como mobiliário, objetos pessoais, obras de arte, biblioteca e arquivo fotográfico.

A FCJA dentre seus vários projetos culturais, em 2012, cria o acervo de Literatura de Cordel “Leandro Gomes de Barros” nas dependências da Biblioteca Durmeval Trigueiro Mendes, unidade integrante da Fundação. O acervo da Cordelteca foi inicialmente formado por doações de folhetos de cordel do Poeta Paulo Nunes, da professora e pesquisadora Neuma Fachine, o do professor e pesquisador José Nilton.

Cordelteca “Leandro Gomes de Barros”



Imagem de Museu Casa de José Américo

O Museu possui espaços para exposições, uma biblioteca especializada em artes, cultura e humanidades e em 2023, na 21ª Semana Nacional de Museus, foi inaugurada a Cordelteca Poeta Raniery Abrantes.



Imagem de Cordelteca Poeta Raniery Abrantes

Museu Casa de Cultura Hermano José

O Museu Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ), inaugurado em 2017, localizado na Praia do Bessa, em João Pessoa – Paraíba, tem por missão preservar, conservar e difundir a obra e as coleções do artista plástico Hermano Guedes de Melo, conhecido artisticamente por Hermano José, e estimular a produção de conhecimento científico-cultural acerca das artes visuais, literatura, museologia e outros segmentos artístico-culturais, desenvolvendo ações e projetos nos campos da pesquisa, do ensino e da extensão. O MCCHJ é fruto da doação realizada ainda em vida por Hermano José à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), instituição da qual foi docente e gestor cultural. A doação incluiu seu amplo acervo artístico, documental e bibliográfico, bem como sua residência-ateliê, transformada em museu pela UFPB.

*Museu Hermano José
Fez-me uma grande medida:
Uma bela Cordelteca
Com meu nome, uma candura.
Com meus versos fiéis
A parede emoldura*

(Raniery Abrantes)

MUSEU CASA DE CULTURA HERMANO JOSÉ



Clique aqui para assistir



Imagem de Plone UFPB



Apresento abaixo os Museus com seus respectivos links para as atividades desenvolvidas sobre a Literatura de Cordel, por região brasileira e na Suíça:

REGIÃO NORDESTE:

- Museu do Cordel Olegário Fernandes (Caruaru – Pernambuco) <https://www.mapacultural.pe.gov.br/espaco/256/#info>
- Casa Museu Mestre Vitalino (Caruaru – Pernambuco) - <https://www.mapacultural.pe.gov.br/espaco/232/#info>
- Museu do Cangaço (Serra Talhada – Pernambuco) - <https://museudocangaco.com.br/feira-de-cordel-2024/>
- Museu Câmara Cascudo (Natal - Rio Grande do Norte) - <https://mcc.ufrn.br/acervo/documentacao-e-memoria>
- Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão (Natal – Rio Grande do Norte) - <https://natal.rn.gov.br/news/post2/28412>
- Museu de Cultura Sertaneja (Pau de Ferros – Rio Grande do Norte) - <https://portal.uern.br/blog/museu-da-cultura-sertaneja-promove-o-festival-de-cordel-e-o-iii-boca-de-noite-do-museu/>
- Museu Casa do Sertão (Feira de Santana – Bahia) – Exposição de Cordel - <https://www.uefs.br/2023/08/5340/Museu-Casa-do-Sertao-lanca-Serie-Mestres-dos-Saberes-Populares-com-exposicao-do-cordelista-Jurivaldo-Alves.html>
- Museu Afro-Brasileiro (Salvador – Bahia) - <https://almapreta.com.br/sessao/agenda/na-bahia-museu-afro-brasileiro-recebe-exposicao-itinerante-vidas-em-cordel/>
- Museu da Gente Sergipana (Aracaju – Sergipe) - https://www.se.gov.br/noticias/educacao-cultura/museu_da_gente_sergipana_celebra_a_13_

primavera_dos_museus

- Museu Théo Brandão (Maceió – Alagoas) - <https://noticias.ufal.br/ufal/noticias/2017/6/exposicao-de-cordel-e-xilogravura-no-museu-theo-brandao>

REGIÃO NORTE:

- Museu Amazônico (Manaus – Amazonas) - <https://antigo.ufam.edu.br/noticias-bloco-esquerdo/15-noticias/452-museu-amazonico-promove-exposicao-de-literatura-de-cordel>

REGIÃO SUDESTE:

- Museu da Língua Portuguesa – Museu da Pessoa - Exposição “Vidas em Cordel” (São Paulo – São Paulo) - <https://museudapessoa.org/>
- Museu da Cana (Pontal – São Paulo) - <https://www.museudacana.org.br/museu>
- Museu da Imigração (São Paulo – São Paulo) – Oficina de Cordel - <https://museudaimigracao.org.br/eventos/on-line/oficina-de-literatura-de-cordel-online-dia-do-nordestino>
- Casa Museu Ema Klabin – Atividades “Primavera de Museus com Literatura de Cordel” (São Paulo – São Paulo) - <https://emaklabin.org.br/primavera-de-museus/primavera-de-museus-com-literatura-de-cordel>
- Museu de Arte e Cultura de Caraguatuba (Caraguatuba – São Paulo) - <https://fundacc.sp.gov.br/outros/26/03/2024/fundacc-promove-sarau-no-museu-com-os-coletivos-femininos-teodoras-do-cordel-e-linhas-do-mar>
- Museu da Vida – Fiocruz (Rio de Janeiro – Rio de Janeiro) - <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/museu-da-vida-e-literatura-de-cordel-uma-historia-de-amor-com-gostinho-de-novidade>
- Museu de Arte Religiosa e Tradicional (Cabo Frio – Rio de Janeiro) - <https://museudeartereligio->

saetradicional.museus.gov.br/publicacoes/

- Museu da República (Rio de Janeiro – Rio de Janeiro) –

<https://www.youtube.com/watch?v=a7B780jaNPg>

- Museu do Pontal (Rio de Janeiro – Rio de Janeiro) - <https://museudopontal.org.br/programacao-anterior/homenagem-a-j-borges-o-que-e-o-cordel-14-de-setembro-16h/>

- Museu Manuelzão (Três Marias – Minas Gerais) - <https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/tres-marias/museu-de-manuelzao>

REGIÃO SUL:

- Museu da Música de Timbó (Timbó – Santa Catarina) - <https://www.timbo.sc.gov.br/fundacao-de-cultura-e-turismo/2023/museu-da-musica-de-timbo-promove-exposicao-sobre-linoleogravura-de-cordel-em-papel-reciclado/>

- Museu Oscar Niemeyer (Curitiba – Paraná) - <https://arquivo2003.aen.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Museu-Oscar-Niemeyer-apresenta-mostra-sobre-o-cordel-de-J-Borges>

REGIÃO CENTRO-OESTE:

- Museu do Cerrado (Brasília – Distrito Federal) - <https://museucerrado.com.br/artes/literatura/cordel/>

- Museu da Fala (Virtual) - [https://museuda-](https://museuda-fala.com/exposicoes/cordel/index.html)

[fala.com/exposicoes/cordel/index.html](https://museuda-fala.com/exposicoes/cordel/index.html)

SUIÇA:

- Museu de Etnografia de Neuchâtel (Neuchâtel – Suíça) - <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/15/ilustrada/8.html>

Referências:

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2003.

LEGOFF, J. História e Memória. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. Informare, v. 1, n. 2, jul./dez., p. 11-23, 1995.

PACHECO, L. S. Informação enquanto artefato. Informare, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1995.



COLUMNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

BETH BALTAR

E-MAIL



FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





COLUNA Raízes DE MOÇAMBIQUE

07



Dany Amado Vasco



Nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué na Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais. É o mais novo colunista representante de revista interativa The Bard em Moçambique.

Bem-vindos à coluna "Raízes de Moçambique", um espaço dedicado à celebração da rica cultura e diversidade do nosso amado país. Nesta edição, convidamos todos a mergulhar em uma jornada através das palavras, emoções e histórias que moldam a nossa identidade.

Textos Poéticos

A poesia é uma forma poderosa de expressar sentimentos e experiências. Nesta seção, apresentaremos uma seleção de poemas que refletem a alma moçambicana, explorando temas como amor, luta, esperança e a beleza das nossas paisagens. Cada verso é um convite para sentir e conectar-se com a essência de Moçambique. Traduzido para o dialeto Xona.

Artigo: "Depressão em Moçambique"

Neste artigo, abordaremos um tema de grande relevância e sensibilidade: a depressão em Moçambique. Em um mundo onde as pressões sociais e econômicas estão em constante crescimento, é crucial discutir a saúde mental e os desafios enfrentados por muitos moçambicanos. Através de dados, relatos e reflexões, buscamos desmistificar a depressão e promover um diálogo aberto sobre a importância do apoio e da compreensão.

Entrevista com Naty

Para enriquecer ainda mais esta edição, teremos uma entrevista exclusiva com o renomada modelo moçambicana Naty. Ele compartilhará suas experiências pessoais, desafios e conquistas, além de discutir o papel da moda e da cultura na sociedade moçambicana.

Convidamos todos a se juntarem a nós nesta celebração das "Raízes de Moçambique", onde a arte, a consciência e a inspiração se entrelaçam para fortalecer a nossa identidade coletiva. Vamos juntos explorar, refletir e crescer.

Artigo de Dany Amado Vasco

Depressão em Moçambique: Um Reflexo de Desafios Sociais e Conflitos

Moçambique, um país rico em cultura e recursos naturais, enfrenta atualmente uma série de desafios que afetam profundamente a saúde mental da sua população. Entre eles, a guerra em Cabo Delgado, a corrupção sistêmica, as dívidas ocultas e o elevado índice de desemprego contribuem para um cenário preocupante, onde a depressão se torna uma questão cada vez mais premente.

A situação em Cabo Delgado, marcada por conflitos armados e deslocamento forçado, tem gerado um ambiente de medo e insegurança. As comunidades afetadas não apenas lidam com a perda de entes queridos e a destruição de suas casas, mas também enfrentam um trauma psicológico significativo. A incerteza sobre o futuro e a sensação de impotência são sentimentos comuns que podem levar ao desenvolvimento de transtornos depressivos. As vítimas de conflito muitas vezes não têm acesso a cuidados de saúde mental adequados, exacerbando ainda mais a situação.



Imagem de Google

Além disso, a corrupção nas instituições governamentais e a falta de transparência na gestão dos recursos públicos criam um clima de desconfiança e desesperança. Quando os cidadãos percebem que os recursos que deveriam ser utilizados para o bem-estar da população estão sendo desviados, a frustração se acumula. Essa desilusão pode se manifestar em sentimentos de depressão, especialmente entre aqueles que lutam para sobreviver em um contexto econômico já desafiador.



Imagem de Google

As dívidas ocultas que assolaram o país também desempenham um papel significativo nesse quadro. O impacto das medidas de austeridade e o corte de serviços essenciais agravam as dificuldades enfrentadas por muitas famílias. O desemprego, que atinge uma parcela considerável da população, gera não apenas dificuldades financeiras, mas também uma crise de identidade e autoestima. O trabalho não é apenas uma fonte de renda, mas também um espaço de realização pessoal e social. Sem essa oportunidade, muitos podem se sentir desamparados e desmotivados, levando a um aumento nos casos de depressão.

Frente a essa realidade, é crucial que haja um esforço concertado para abordar a saúde mental em Moçambique. Isso envolve não apenas a criação de políticas públicas que assegurem o acesso a serviços de saúde mental, mas também a promoção de um ambiente de diálogo aberto sobre o tema. A educação e a sensibilização sobre a depressão podem ajudar a desestigmatizar o problema e encorajar aqueles que estão sofrendo a buscar ajuda.

Além disso, iniciativas comunitárias que promovam o apoio mútuo e a resiliência podem ser valiosas. Fomentar espaços seguros onde as pessoas possam compartilhar suas experiências e sentimentos pode ajudar a quebrar o isolamento que muitas vezes acompanha a depressão.

Em suma, a depressão em Moçambique é um reflexo das complexas interações entre fatores sociais, econômicos e políticos. Para enfrentar esse desafio, é fundamental que a sociedade como um todo se una em busca de soluções que promovam o bem-estar mental e emocional da população. Apenas assim poderemos construir um futuro mais esperançoso, onde a saúde mental seja reconhecida como uma prioridade e um direito de todos os moçambicanos.

POST NO SITE





Chabir Tadeu CT, nascido em 3 de dezembro, na cidade de Quelimane, Moçambique, é um escritor, ativista e estudante na área de agropecuária. Ele é conhecido por suas obras literárias, incluindo o livro "Vozes Silenciadas", coautorado com Danny Oficina das Artes, que foi publicado em 2024. Participou e organizou várias antologias.

ENTREVISTA



Serafina Alfredo Siteo mas conhecida pelo seu pseudônimo "Naty", Moçambicana nascida em Dezembro de 2004, Escritora, Poetisa, Ativismo Social e Modelo Fotográfica. Desde cedo viu-se encantada pelo mundo artes onde começa a escrever como forma de terapia e poder dar voz a seus pensamentos. Em Fevereiro 2023, vê a necessidade de se tornar uma modelo fotográfica como forma de ajudar a sua amiga na propagação dos seus produtos, a experiência foi tão incrível que desde então começou a trabalhar nessa área e a prestar seus serviços a muitas empresas e marcas.

1- Chabir Tadeu: Saudações! Eu sou Chabir Tadeu CT, escritor e o entrevistador da Coluna Raízes de Moçambique da Revista Internacional The Bard. Poderias se apresentar e falar um pouco sobre você?

Naty: Eu sou Serafina Alfredo Siteo, mas tratam - me como Naty. Sou Escritora, Poetiza, Ativista Social e Modelo fotográfica.

2- Chabir Tadeu: Como você começou sua carreira como modelo?

Naty: Começou a 1 ano e alguns meses, com o objetivo de ajudar uma amiga na divulgação dos seus produtos, desde então tenho feitos esse tipo de serviços.

3- Chabir Tadeu: Quais foram os maiores desafios que você enfrentou no início da carreira? Conseguiu superar os desafios?

Naty: Meu maior desafio foi me enquadrar e conseguir conquistar um lugar no mundo da moda, acredito que a falta de informação acerca de como funciona esse mundo tenha contribuído. De um certo modo sim, mas embora eu tenha conseguido algum reconhecimento ainda não estou muito ligada a isso. Outro desafio foi conseguir as pessoas apostarem em mim, pois quando se fala de publicidade as marcas procuram modelos já conhecidas e eu como iniciante era difícil de apostar em mim.

4- Chabir Tadeu: Como você equilibra sua vida pessoal e profissional? Lembrando que também és poetisa, ativista social e modelo.

Naty: Faço um plano mensal isso me ajuda a coordenar bem todas minhas atividades, peço que as pessoas que precisam dos meus serviços seja na aérea da modelagem ou da literatura antecipem 1 mês antes, outra coisa que me ajuda a ter uma rotina organizada. Outra coisa que ajuda é estabelecer prioridades, pois assim saberei colocar cada coisa no seu devido lugar e evito distrações.

5- Chabir Tadeu: Como você se prepara para uma sessão de fotos? Existe algum tipo de exercício ou algo em que te deixe mais relaxada e preparada para as sessões?

Naty: Normalmente, antes das secções leio um livro isso deixa minha mente muito mais relaxada e confiante, também me certifico de não ter nenhuma frustração, uns dias antes busco fazer coisas que gosto dizem que isso melhora a beleza e o humor.

6- Chabir Tadeu: Você tem algum modelo ou ícone que a inspira?

Naty: Tenho sim. Jennifer López, Jeff Grossman, Yannis Vlamos, Maria Borges. Dentre muitas outras, mas essas destacam-se por usar uma técnica só delas.

7- Chabir Tadeu: E qual foi a experiência mais memorável que você teve até agora?

Naty: Foi quando tive a oportunidade de ver meu rosto representando uma marca que eu gosto muito.

8- Chabir Tadeu: Você já enfrentou discriminação ou preconceito na sua carreira de modelo? Se sim, como lidou com isso?

Naty: Sim já, no início quando eu disse que queria trabalhar como modelo as pessoas mais próximas de mim não gostaram da ideia, elas diziam que isso ia me expor muito e que isso podia influenciar no meu desempenho acadêmico. Explicar pra eles como funcionária a minha carreira fez eles verem as coisas de uma forma diferente e quanto mais eu me esforçava pra conseguir meu objetivo mais as pessoas valorizavam.

9- Chabir Tadeu: Normalmente acontece muito isso no início da carreira. Felizmente você não se abalou ao ponto de desistir. Quais são suas metas futuras na carreira de modelo?

Naty: Minha maior meta é poder representar as maiores marcas do mundo, e quem sabe criar um projeto de moda juvenil. Tenho um projeto na qual gostava de implementar, que envolve uma nova forma de modelar.

10- Chabir Tadeu: Pode explicar um pouco mais? Ou vamos aguardar quando for implementado?

Naty: Prefiro que aguarde, mas já vou adiantando que será uma forma de ver a moda de um lado em que ninguém nunca tinha enxergado.

11- Chabir Tadeu: Ficaremos ansioso em apreciar. Já existe uma data ou o ano de implementação?

Naty: Ainda não tenho uma data, pois estou fazendo algumas pesquisas e procurando possíveis patrocinadores.

12- Chabir Tadeu: Já representou alguma marca famosa de cá de Moçambique? Quais são as marcas nacionais e internacionais que almejas representar?

Naty: Já sim, mas não tenho permissão pra falar o nome... Quanto a marcas, tenho uma paixão pela Dior, Pandora e Gucci. Quanto as marcas Moçambicanas, são: Karingana Wa Karingana, e chibuku Designs. Quanto a Internacionais: Zara, Nike e Chanel.

13- Chabir Tadeu: Qual conselho você daria para quem está ou para quem pretende começar a carreira de modelo?

Naty: Eu aconselharia a pessoa a procurar se informar sobre tudo que envolva moda, assim saberá os passos que deve seguir e evita muitas decepções futuras. A falta de informação sobre qualquer área em que pretendemos trabalhar influencia negativamente no nosso desempenho e na moda não se difere.

14- Chabir Tadeu: Muito obrigado Naty pela sua participação nesta edição. Esperamos que a sua carreira seja de muito sucesso e não desista dos seus sonhos. O futuro nos espera.

Naty: Eu é que agradeço!

INSTAGRAM



POST NO SITE





Dany Amado

Dany Amado Vasco conhecido pelo pseudônimo Danny oficina das artes, nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de gurué na província da Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais assim como internacionais. É o mais novo colunista representante da "Revista The Bard" em Moçambique.

PORTUGUÊS

O MUSEU COMO LAR

No silêncio das salas, um abrigo,
Quadros e esculturas contam histórias,
Cada peça, um fragmento antigo,
Guardião de memórias e vitórias.

Entre sombras dançantes e luz suave,
O passado se encontra com o presente,
Neste lar de arte, o tempo não crave,
E a beleza ressoa, eternamente.

Os ecos de risadas e suspiros,
Misturam-se ao aroma do saber,
Aqui, o coração se torna um giro,

Um lar onde a alma aprende a ver,
No museu, um refúgio querido,
Onde a arte e a vida vão se entreter.

DIALETO XONA

MUZIYAMU SEMUSHA

Mukati momumakamuri, makanga mune pokugara;
Mifananidzo uye zvivezwa zvinotaurira nyaya,
Chidimbu chimwe nechimwe, chimedu chekare,
Muchengeti wendangariro nekukunda.

Pakati pekutamba mimvuri uye chiedza chakapfava,
Zvakapfuura zvinosangana nezvino,
Mumba ino yehunyanzvi, nguva haiite,
Uye runako runorira, nekusingaperi.

Maungira ekuseka nekugomera,
Vanovhenganisa nehweema hwezivo.
Apa moyo unova chamupupuri,

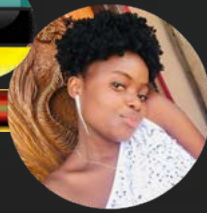
Imba umo mweya unodzidza kuona,
Mumyuziyamu, utiziho hunodiwa,
Apo unyanzvi nehupenyu zvinosangana.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Filomena Sandra Nhancale, nascida aos 07/02/1998, natural Moçambique província de Maputo, escrevo e declamo, estudante do curso de enfermagem geral.

Filomena Nhancale

PORTUGUÊS

FUTURO NA EXPOSIÇÃO

Na sala iluminada das promessas a brilhar,
Pinceladas de sonhos que ousam voar.
Cada quadro um passo, uma nova direção,
O futuro se revela em cada emoção.

Cores intensas dançam em harmonia,
Retratos do amanhã, pura sintonia.
Modelos de vida, em formas e sons,
Histórias contadas em mil e uns tons.

A luz que incide, as sombras que vão,
Refletem esperanças num toque de mão.
Na galeria do tempo, não há volta a dar,
O futuro é uma obra, pronta pra encantar.

Que a exposição nos leve a sonhar,
Com um mundo novo, sempre a pulsar.
E ao admirar as peças com fervor,
Que o futuro se pinte de amor e valor.

DIALETO XONA

RAMANGWANA PAZVIRATIDZWA

Mukamuri yakajeka yezvivimbiso inopenya,
Mabhurashi ezviroto anoshinga kubhururuka.
Imwe neimwe furemu inhanho, nzira nyowani,
Ramangwana rinozviratidza mumanzwiwo ose.

Mavara akasimba anotamba mukuwirirana,
Mifananidzo yemangwana, kuwirirana kwakachena.
Mienzaniso yehupenyu, mumaumbirwo nemanzwi,
Nhau dzinotaurwa nechuru ne toni imwe.

Chiedza chinodonha, mimvuri inoenda,
Vanoratidza tariro nekubata ruoko.
Mune gallery yenguva, hapana kudzokera shure,
Ramangwana ibasa, rakagadzirira kuroya.

Dai kuratidzwa kwakatitungamirira kuhope,
Nenyika itsva, inogara ichivhuvhuta.
Uye sezvaunoyemura zvimezu neshungu,
Ramangwana ngarive nerudo nekukosha.

FACEBOOK



POST NO SITE





Rosália Chamboco

Rosália António Tique Chamboco, nascida ao 16 de Janeiro de 2005, moçambicana. É estudante do ensino superior, é uma grande poetisa apaixonada pela arte de declamar textos poéticos.

PORTUGUÊS

ECOS DO PASSADO

Ouçó tambores no vento a ecoar
Escuto nos ventos gritos de um povo
Sofrido, marcado no tempo
São ecos de pés acorrentados
São ecos do semblante de dor

Nas chamas da luta, muitos caíram
Deixaram seus lares, sem saber se voltariam
Mas mesmo assim, eles sabiam que, lutariam, sofreriam
Mas no fim, eles ganhariam

A vitória nunca é certa na guerra
Mas todo soldado tem uma arma secreta!
Muito discreta e bem usada
Ela arrebenta
É a força do espírito, a esperança que nada
apaga e ou encerra

O sangue vertido, a pele marcada
Se tornaram raízes da pátria almejada
Agora, no presente ainda ouvimos
os passos que ecoam, as vozes que sentimos
São os que lutam para que hoje vivamos
Nos deixaram coragem, a fé que herdamos

Estes são ecos do passado.

DIALETO XONA

MAUNGIRA EKARE

Ndinonzwa ngoma dzisina mhupo dzichirira
Ndinonzwa kuchema kwevanhu vari mumhepo
Kutambura, kucherechedzwa nenguva
Iwo maungira etsoka dzakasungwa
Iwo maungira ezviso zvekurwadziwa

Mumirazvo yehondo, vazhinji vakawa
Vakasiya misha yavo vasingazivi kana vaizodzokera
Asi kunyange zvakadaro, vaiziva kuti vaizorwa, vaizotambura
Asi pakupedzisira vaizokunda

Kukunda hakuna chokwadi muhondo
Asi musoja wese ane chombo chakavanzika!
Yakanyanya kungwara uye yakashandiswa zvakanaka
Anozununguka
Isimba romudzimu, tariro yokuti hapana
chinodzima kana kuvhara

Ropa rakadeuka, ganda rikaiswa chiratidzo
Midzi yenyika yaishuvira yakasikwa
Ikozvino nanhasi tichiri kunzwa
tsoka dzinounzwa, manzwi atinonzwa
Ndivo vanorwa kuti tirarambe nhasi
Vakatipa ushingi, kutenda kwatakagara nhaka

Aya maungira ekare.

INSTAGRAM



POST NO SITE





James Nungo, um escritor moçambicano nascido em 1997, é uma voz proeminente no gênero de terror e suspense. Professor de inglês, compartilhando sua paixão pelas palavras com seus alunos. Suas obras, que misturam horror e beleza, convidam o leitor a uma jornada pelo desconhecido.

James Nungo

PORTUGUÊS

CAMINHOS DA REPRESENTAÇÃO

No painel, uma reunião de cores e traços,
FACES que contam histórias e estórias
de outros espaços
Culturas se embaralham, tecendo os laços,
Em uma mescla de raças

Tradições milenares, um legado ancestral,
Danças e cantos, um ritual vetusto.
Cada gesto, uma alma essencial,
Cada som, um universo robusto.

Palavras que ecoam, vozes que se fundem,
Diálogos que quebram as barreiras,
Mundo diverso, com conversas sinceras
Em vozes aglutinadas, que a diversidade reúne

No palco da vida, um papel a representar,
Mas quem somos nós, para julgar ou limitar?
Em cada rosto, uma história a narrar,
Em cada cultura, um mundo a explorar

DIALETO XONA

NZIRA DZEKUMIRIRIRA

Papanera, musangano wemavara nemitsara,
Zviso zvinotaurira nyaya uye nyaya kubva kune
dzimwe nzvimbo
Tsika dzinokwenya, kuruka zvisungo,
Musanganiswa wemarudzi

Mireniyumu tsika, nhaka yemadzitateguru,
Kutamba nenziyo, tsika yekare.
Kubata kwese, mweya wakakosha,
Ruzha rwega ega, denga rakasimba.

Mazwi anoungira, manzwi anobatanidza,
Nhaurirano dzinoputsa zvipingaidzo,
Nyika dzakasiyana, nekukurukurirana
kwepachokwadi
Mumanzwi akabatana, kusiyana ikoko
kunounza pamwechete

Padanho rehupenyu, basa rekuita,
Asi isu tiri vanaani kuti titonge kana
kuti tiganhuri?
Pachiso chega chega, nyaya yekutaura,
Mutsika imwe neimwe, nyika yekuongorora

INSTAGRAM



POST NO SITE





Sábedo Valente

Sábedo Valente Cossa, Escritor moçambicano e amante da literatura.

PORTUGUÊS

LUZ E SOMBRA

Nas trevas do existir desponta o sol
A luz do além ilumina o coração inumado
Nas entrelinhas do verso, versículo sagrado
O anjo do bem embala-me a alma em seu lençol

Ajoelho diante do vento e rezo
Na felicidade e na angústia
Ao invisível, prezo
À divindade que me "livra" da moléstia

Àquele cujo mal teme
Sem pé e cabeça, não justifica blasfeme
O horizonte consagrou lho onipotente
Àquele cujas obras deixam milhares de almas contente

Rezo o invisível, que glória
Clamo por tudo, que bem faz?
Em sua eterna memória
A fé encontra a fictícia paz

O mal foi da sua ausência fisicamente
Viver na carne do pecado e
julgar se benevolente
Enquanto a perdição nos é tentada
Em sua pupila salvadora

Continua no site...

INSTAGRAM



DIALETO XONA

CHIEDZA NEMÍMVURI

Murima rekurarama zuva rinobuda
Chiedza chinobva mhiri chinovhenekera mwoyo wakavigwa
Pakati pemitsetse yevhesi, ndima inoera
Mutumwa akanaka anotutira mweya wangu mujira rake

Ndinopfugama pamberi pemhepo ndichinamata
Mukufara nemukushungurudzika
Kune vasingaonekwi, ndinokoshesa
Kuna mwari "anondinunura" kubva kuchirwere

Kune waanotya zvakaipa
Pasina tsoka nemusoro, hazvipembedzi kumhura Mwari
Kudenga kwakatsaura mwanakomana ane masimba ose
Iye ane mabasa anofadza zviuru zvemweya

Ndinonamata zvisingaonekwi, kubwinya kwakadini
Ndinochemera zvese, zvinobatsirei?
Mukurangarira kwenyu kusingaperi
Kutenda kunowana rugare rwenhema

Kukuvadzwa kwacho kwaiva kusavapo kwake
Kurarama munyama yechivi uye
tongai kana ane mutsa
Nepo kuparadzwa kuri kutiedza
Mudzidzi wako wekuponesa

Continua no site...

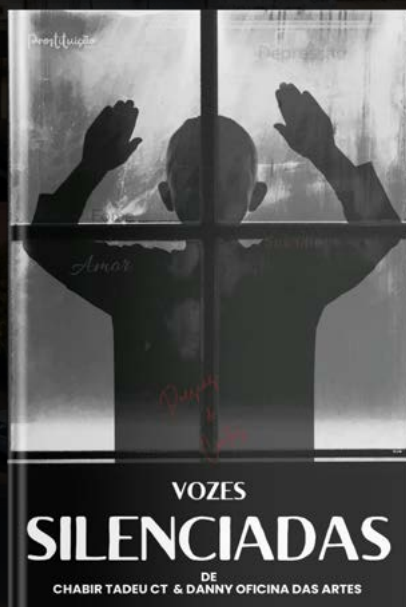
POST NO SITE





COLUNAS E COLUNISTAS

LIVRO DO AUTOR



Clique aqui

INSTAGRAM



COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

01



ARELY SOARES



Arely Soares Reis é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.

Nesta 29ª edição da Revista Internacional The Bard, que dá boas-vindas a um novo ano repleto de recomeços, anseios, sonhos e muito amor, nossa coluna "Vai um livro aí?" apresenta obras cativantes e clássicas da literatura inglesa, essenciais na história literária, e que conquistaram milhões de leitores ao redor do mundo.

Começamos com "Jane Eyre", de Charlotte Brontë, um livro notável e pioneiro que nos convida a aprofundar nosso entendimento sobre a luta das mulheres pela igualdade e pelo reconhecimento social. A narrativa nos leva a vivenciar emoções intensas, ligadas aos mistérios e eventos que a história nos revela. Este romance é permeado por traumas e perdas, mas também é um testemunho do amor, da esperança e das novas oportunidades. Uma obra que navega entre o romantismo e o realismo.

Finalizamos com "Anne de Green Gables", escrito por Lucy Maud Montgomery, o primeiro volume de uma coleção composta por oito obras. Este livro é uma verdadeira joia, repleto de poesia, beleza e capaz de conquistar os corações dos amantes da literatura. A fusão entre ficção e realidade é apresentada de maneira vívida e impactante. Cada página nos proporciona uma experiência emocionante, à medida que nossos olhos desvendam a história. Respeito, carinho, amor, esperança e momentos inesquecíveis entrelaçam-se para formar essa narrativa rica e envolvente.

Convido você a abrir a janela da alma e nos transportarmos juntos para dois séculos atrás, embarcando nessa leitura comovente e transformadora!

"Vai um livro aí? Sua Chance de Brilhar no Cenário Literário Internacional"

Queridos autores brasileiros,

Imaginem ver seu livro ganhando vida nas páginas da The Bard, uma revista internacional de arte e literatura. Através da nossa coluna "Vai um livro aí?", estamos abrindo um portal para que suas histórias alcancem leitores ao redor do mundo. Esta não é apenas uma oportunidade; é um convite para fazer parte de uma comunidade literária global.

Sabemos o quanto vocês se dedicam à sua arte. Cada palavra escrita, cada personagem criado, cada enredo tecido com cuidado merece ser celebrado. E é exatamente isso que queremos fazer. Uma resenha na The Bard pode ser o impulso que sua carreira precisa, abrindo portas que você talvez nunca tenha imaginado.

Mas além do reconhecimento, pensem na chance de tocar vidas além das fronteiras. Suas histórias, impregnadas com a rica cultura brasileira, têm o poder de emocionar, inspirar e conectar pessoas de diferentes cantos do planeta. Não é incrível pensar que suas palavras podem ecoar em corações do outro lado do mundo?

Participar é simples e acessível:

Conecte-se conosco: Siga a The Bard e nossa colunista nas redes sociais. Vamos construir uma relação!

Compartilhe sua obra: Envie-nos um exemplar do seu livro. Cada página será lida com carinho e atenção.

Confie no processo: Nossa colunista escolherá o momento perfeito para que sua obra brilhe em nossas páginas.

Lembrem-se: cada livro é único, assim como cada autor. Estamos ansiosos para descobrir a magia das suas palavras e compartilhá-la com o mundo. Esta é mais do que uma oportunidade de divulgação; é uma chance de fazer parte de algo maior, de um diálogo literário que transpõe oceanos.

Então, o que me dizem? Vamos juntos nessa jornada? O mundo está esperando para conhecer o talento brasileiro. Sua voz merece ser ouvida. Vai um livro aí?

Contamos com vocês para enriquecer nossa revista e o cenário literário global com a beleza da literatura brasileira.

INSTAGRAM

POST NO SITE



LIVRO: JANE EYRE
AUTORA: CHARLOTTE BRONTË



CLICK AQUI

Por sua vez, "Jane Eyre", de Charlotte Brontë, se ambienta na Inglaterra do século XIX e narra a tocante e trágica trajetória de uma menina órfã, chamada Jane Eyre. Desde muito jovem, ela é acolhida por sua tia, Sra. Reed, e seus primos Eliza, John e Georgiana, que habitam a propriedade de Gateshead Hall. Apesar de todo o luxo e conforto do lar, Jane enfrenta um ambiente repleto de maus-tratos e sofrimento.

Todo dia, ela enfrentava abusos verbais, físicos e psicológicos por parte da tia, dos primos e dos empregados. A menina era desmerecida de maneira humilhante e dolorosa. O retrato que a própria autora faz da protagonista é o de uma jovem bastante simples, pobre e, desgrenhadamente, dependente daquela família para sua sobrevivência.

Após vivenciar uma intensa crise nervosa aos dez anos, Jane implora para ser enviada a uma escola. Seu pedido é atendido, e a Sra. Reed a transfere para o orfanato Lowood, sob a direção do severo Sr. Brocklehurst. Essa instituição tinha como objetivo educar jovens para que se comportassem como verdadeiras damas na sociedade e buscassem a salvação espiritual.

Ao longo de oito anos no internato Lowood, Jane recebeu uma variedade de ensinamentos, que incluíram aritmética, bordado, gramática, piano e francês. Durante seis anos, foi uma aprendiz comprometida e, após sua formação, atuou como professora por dois anos. Foi nesse ambiente que vivenciou situações intrigantes, momentos de sofrimento e humilhação, que contribuíram para moldar sua força interior.

Após finalizar essa etapa de sua vida, na juventude, Jane deixou Lowood em busca de novas vivências e iniciou um trabalho na mansão Thornfield Hall, localizada no norte da Inglaterra. Ela foi contratada pela Sra. Fairfax, que era a governanta da família, para ser a professora de uma jovem francesa, filha do Sr. Rochester, um homem enigmático, severo e repleto de segredos.

Na nova etapa de trabalho na mansão, Jane começa a moldar sua identidade como uma mulher independente, autêntica e destemida. Durante essa jornada, um romance inesperado aparece, servindo como catalisador para profundas reflexões sobre seus valores e suas concepções sobre o amor. A autora aborda temas de grande relevância social: a viabilidade de relacionamentos entre indivíduos de classes distintas, a força da voz feminina frente ao "autoritarismo", e investiga a complexidade das emoções e sentimentos humanos. Além disso, enfatiza a emancipação feminina e o desafio aos tabus impostos pela sociedade. Em algumas narrativas, são incluídas referências bíblicas, que ressaltam a importância da fé.

No contexto em que a obra foi criada, o amor figura como um tema central. Trata-se de um romance fora do comum, que para muitos pode até ser visto como um tanto perturbador, o que eleva a curiosidade e o envolvimento na leitura. O que mais impressiona na personagem Jane é sua habilidade em expressar opiniões, além de não permitir que sua dificuldade de comunicação na infância influenciasse negativamente sua vida adulta.

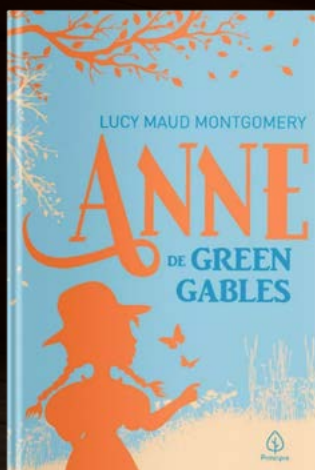
Jane parece prever tempos vindouros, mostrando que um relacionamento deve equilibrar amor e razão. Devemos nos permitir viver intensamente, onde o silêncio se torna opressivo apenas quando a voz que deveria ser ouvida não é utilizada no momento certo. Cada fase e episódio da narrativa é repleto de emoção, proporcionando ao leitor uma gama de sentimentos: dor, mistério, superação, perdas, arrependimento, desprezo, morte, liberdade e muitos outros temas que exploramos a cada página virada.

É importante destacar que a obra ressalta que a capacidade de decisão que cada ser humano tem diante das adversidades da vida é o que determina o desfecho de cada trajetória. Nesse contexto, Jane enfrenta situações que podem ser refletidas em nossa própria vida. Devo optar por ir ou ficar? Manter o passado presente ou buscar mudanças significativas? Transformar-me em uma pessoa ruim por que alguns agiram mal comigo? Perdoar um erro e viver para amar ou escolher o ódio eternamente? Essas são algumas das questões que a leitura nos incita a considerar internamente. Um romance envolvente, tocante e repleto de descobertas que realmente vale a pena acompanhar até a última página.

POST NO SITE



LIVRO: ANNE DE GREEN GABLES
AUTORA: LUCY MAUD MONTGOMERY



CLICK AQUI

A narrativa apresenta a jovem Anne Shirley, uma menina de onze anos com cabelos ruivos, que perdeu os pais e é conhecida por sua natureza falante e sonhadora, capaz de rivalizar com a icônica personagem "Emília", criada por Monteiro Lobato, devido à sua perspicácia. Ela é acolhida por Marilla e Matthew, que inicialmente desejavam adotar um garoto para ajudar nas tarefas da fazenda em Green Gables, mas foram surpreendidos pelo destino ao receberem uma menina.

Apesar de ter passado por diversos orfanatos que lhe ofereceram pouco carinho e segurança, Anne sempre manteve sua imaginação vibrante e sua esperança em um futuro melhor. De maneira inesperada, os irmãos Cuthbert decidem dar-lhe uma chance na fazenda, e a alegria de Anne se refletiu em seu olhar desde o momento em que soube que finalmente teria um lar e figuras parentais pelas quais poderia nutrir amor. O livro narra as aventuras de Anne em sua nova casa, destacando seu processo de aprendizado e desenvolvimento no ambiente escolar. Ela vivencia experiências positivas e forma novas amizades, como a que tem com Diane Barry. A história também retrata os conflitos típicos da juventude com Gilbert Blythe, que é visto como seu rival, além de suas sofisticadas preferências literárias.

Anne se revela ao longo da trama como uma garota forte, resiliente, falante, criativa, inteligente e bastante dramatizada; ela carrega dentro de si o anseio por um encanto que a vida pode proporcionar. Com o tempo, em cada espaço que frequenta, seja na fazenda ou em outros locais, percebemos a evolução de seu pensamento, sem que ela perca sua essência. Durante a narrativa, encontramos situações que moldam o caráter da protagonista. Nos deparamos com episódios que, à primeira vista, podem parecer insignificantes, mas que nos fazem rir; além de confrontos com personagens secundários e hilariantes acidentes do dia a dia.

Gradualmente, a jovem que chegou à fazenda apenas com seus sonhos se transforma, aos quinze anos, em uma pessoa ambiciosa e generosa. Seu desenvolvimento, tanto intelectual quanto pessoal, a leva a ingressar na faculdade; a partir desse momento, longe de casa, diversos acontecimentos se desenrolam. Anne se vê obrigada a enfrentar decisões difíceis relacionadas à família, passando por perdas, lágrimas, angústias e momentos de esperança, que fazem parte do seu cotidiano.

A maneira como a personagem Anne se expressa é repleta de poesia. A autora utiliza metáforas originais de formprimorosa, cativando qualquer leitor. A narrativa nos envolve desde o princípio, proporcionando um toque especial à nossa alma. Entre os temas explorados no livro, é importante mencionar: valores, ética, honestidade, amizade, família, racismo, religião, a relevância do lar, compaixão e amor. A principal mensagem que podemos extrair desta obra para o mundo contemporâneo é a fundamental importância do ambiente familiar para o desenvolvimento da criança, além da necessidade de não deixarmos que os grandes desafios da vida nos impeçam de sonhar e buscar a felicidade.

Anne imprime seu encantador brilho em cada palavra que profere, tocando nossos corações ao mostrar que a compaixão e o perdão se perdem apenas quando escolhemos deixá-los ir. Ela nos ensina que a verdadeira felicidade reside nos momentos e nas pequenas coisas cotidianas. Por fim, chegamos à conclusão de que este livro é um dos romances mais poéticos e abrangentes que existem hoje em dia. A maneira como aborda os elementos da natureza, como o pôr do sol, as flores que desabrocham na primavera e o sussurro do vento, consideramos como verdadeiras “pérolas literárias”.

Se você tem uma paixão por poesia e romances; se aprecia boas risadas e se sente incomodado com a solidão no dia a dia, este livro é um convite imperdível. Venha descobrir essa obra-prima da linguagem!

POST NO SITE





06



LILIAN BARBOSA



Natural de Brasília-DF. Mãe, esposa, advogada, pós-graduada em Direito Público Licitatório, cursando LLM em Direito Empresarial e concursada em uma Autarquia Federal. Participante de várias Antologias, inclusive como Prefaciadora e Autora Convidada. Colunista da Revista Internacional The Bard. Bisneta do Poeta Centenário – finalista do Prêmio Jabuti 2024 na categoria “Escritor Estreante de Poesia” – Arnaldo Júlio Barbosa (@arnaldojuliobarbosa), do qual se orgulha imensamente.

O PODER DAS MEMÓRIAS

Reminiscências de nossas vivências



Imagem de Domeckopol por Pixabay

Olá, leitores!

A edição inicial de 2025 da Revista The Bard apresenta um viés naturalmente marcante: os museus, locais que podemos observar registros de objetos e acontecimentos históricos, inclusive pertencentes a priscas eras.

Pegando carona nessa rica temática, a Coluna “Semeando a Escrita” desta edição abordará aquilo que os museus nos remetem: a história. Porém, o conteúdo compreenderá aspectos indelevelmente particularizados; abordar-se-á o contexto das memórias individuais, histórias decorrentes de vivências pessoais (fictícias ou não) e percepções atingidas

O PODER DAS MEMÓRIAS Reminiscências de nossas vivências

Por Lillian Barbosa

ao efetivar análises sobre os caminhos percorridos. Versos de minha autoria relacionados ao tema poderão ser lidos no quadro “Colheitas da Colunista”.

Em seguida, uma surpresa! Esta edição será especialmente dedicada ao meu bisavô Arnaldo Júlio Barbosa – o Poeta Centenário – que foi finalista do Prêmio Jabuti 2024 na categoria “Escritor Estreante de Poesia”. Podem imaginar o meu orgulho, não é mesmo?! Nada mais justo que um espaço exclusivo para homenagear este querido e singular poeta que tanto inspira e que tem sido notícia nas grandes mídias.

Convido-os a se deleitarem com a leitura de uma crônica fundamentada em uma entrevista concedida por Arnaldo Júlio Barbosa. Vale lembrar que a construção da crônica decorre da narrativa do próprio poeta em entrevista dada à Revista “Projeto Autoestima” – Edição nº 43 de novembro de 2023 – com adaptações brilhantemente edificadas por Sarah Faria de Araújo Cantuária (@sarahfab89), neta e grande apoiadora dos sonhos do Poeta. Acompanhem o relato a partir de uma belíssima construção proveniente das vaticinadas poesias da vida!

A seguir, a cereja do bolo: o “biso” enriquecerá o quadro “O Semeador de Margaridas” com uma poesia sobre Luzia, o fóssil humano mais antigo encontrado na América Sul que, infelizmente, sofreu danos em razão do incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro em setembro de 2018.

Concluídas as explicações, almejo que esta edição desperte reflexões e significados acerca daquilo que compõe cada um. Anseio que descubram (ou relembrem) aspectos relevantes do que são hoje quando estabelecerem o passado como parâmetro. E, não menos importante, espero que possam se inspirar em Arnaldo Júlio Barbosa, um fabuloso poeta que, apesar de não ter seus registros em museus, tem nos presenteado com talento e 106 anos de uma rica história.



Imagem de Nomadsoul1 por Freepik

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLHEITAS DA COLUNISTA

Um diálogo com o alter-ego



Imagem criada por Lillian Barbosa a partir de IA

Sente-se aqui! Que tal tomarmos um cafezinho? Ah, você não toma café? Sem problemas! Podemos pedir um achocolatado... Quem sabe um chá? Ou um suco? Isso! Um suco! Garçom, por favor, traga uma jarra de suco de laranja sem açúcar, com gelo à parte! Não sei você, mas eu prefiro pedir assim, porque senão vem muito gelo e pouco suco!

Onde paramos? Ah, sim! Eu estava te contando sobre os rumos que a minha vida tomou após aprender que sou eu por eu mesmo, né? Pois bem! Um dia me peguei chorando copiosamente, angus-

tiado, precisando de um ombro amigo. E eu encontrei dois! Estavam comigo o tempo todo! Eu mesmo me consolei e me reergui, acredita?

Não que eu seja autossuficiente... Não é isso! Bom... talvez até seja um pouco, às vezes... Mas, um ponto positivo nisso tudo: eu descobri que sou capaz de me reerguer sem esperar pelo outros. Que o meu estado de espírito depende, exclusivamente, de mim! Não devo vinculá-lo ao que outras pessoas possam causar.

Sim, não foi fácil descobrir isso! Tive que lutar contra vários monstros que criei; tive que batalhar comigo mesmo! A mudança precisou ser de dentro para fora. Mas, enfim, eu me permiti mudar! E estou bem agora, de verdade! Despi aquela carga pesada que carregava sobre as costas e desfiz o semblante cansado.

Se é um amadurecimento? Pode-se dizer que sim. Amadureci para o mundo, para a vida, para o meu convívio comigo mesmo! E estou em paz com isso!

Aprendi a enxergar as minhas qualidades; aquelas mesmas que me levavam a tapar os olhos e colar defeitos por não aceitar que também era capaz de acertar. Mas eu sou capaz de acertar. E acerto muito! Hoje eu vejo.

Parei de me preocupar com o que pensam de mim. Preocupo-me com a minha própria consciência. Engraçado começar a falar esse lance de "consciência"... Parece até que estou com um grilo falante aqui no meu ombro me dando conselhos.

Um diálogo com o alter-ego

Por Lilian Barbosa



Imagem de Drazen Zigic por Freepik

Só sei que desde que comecei a pensar com a minha própria cabeça, sem me preocupar em agradar aos outros, tornei-me mais forte e autêntico. Uma deliciosa sensação de liberdade por saber que sou livre para pensar e que minhas virtudes não precisam ser condicionadas ao que os outros pensam de mim.

Observei que alguns passaram a enxergar minhas qualidades depois que eu as assumi como qualidades. Descobri que eu bloqueava o que eu tinha de melhor por não aceitar que eu poderia ser bom em algo. Sempre me coloquei como uma pessoa abaixo do patamar do razoável, e era isso que as pessoas enxergavam, porque era isso que eu demonstrava. Consegue entender?

Hoje consigo me sentar aqui e tomar um suco tranquilamente, com a certeza de que ser eu mesmo foi a melhor escolha que já fiz em muito tempo! Finalmente estou vivendo, não apenas existindo. E estou gostando muito deste meu "eu".

Garçom, traga a conta, por gentileza!

Bom... Agora preciso ir. Preciso seguir o caminho que tracei para mim. A caminhada é longa, porém, gratificante! Preciso ir adiante! Ultimamente, tenho acordado com uma imensa vontade de viver, de desfrutar da liberdade que minha mente

agora tem, de poder caminhar sem os antolhos que antes usava, podendo alterar o meu caminho como e quando eu quiser. Vai depender de como eu enxergar o horizonte e de como desenharei novas paisagens. A escolha é sempre minha, e é isso que importa!



Imagem de Nensuria por Freepik

E a escolha de hoje é, simplesmente, viver!

Grande abraço e até qualquer dia!

Haicais

*"Rugas entranhadas
nesta pele tão madura;
marcas de uma vida"*

*"Um segundo apenas
que a mente em ti permanece
tempo eternizado"*

POST NO SITE



ESPAÇO AOS SEMEADORES



ARNALDO JÚLIO BARBOSA



Nascido em 07/11/1918 em Pedro Avelino/RN, é repentista, cordelista, autor, compositor e intérprete. Foi casado com Francisca Dalva de Araújo, tendo 14 filhos e, até o momento, 48 netos, 85 bisnetos e 20 tataranetos. Lançou, aos 105 anos, o livro: “A Jovem Margarida e as Proezas do Amor”, obra originalmente manuscrita em 1947 em forma de cordel, com 143 estrofes em sextilhas e versos metrificados em redondilha maior. Reside em Brasília-DF desde 1959 e se orgulha por ter participado da construção da cidade. **Finalista do Prêmio Jabuti 2024.**



Imagem por Minervino Júnior

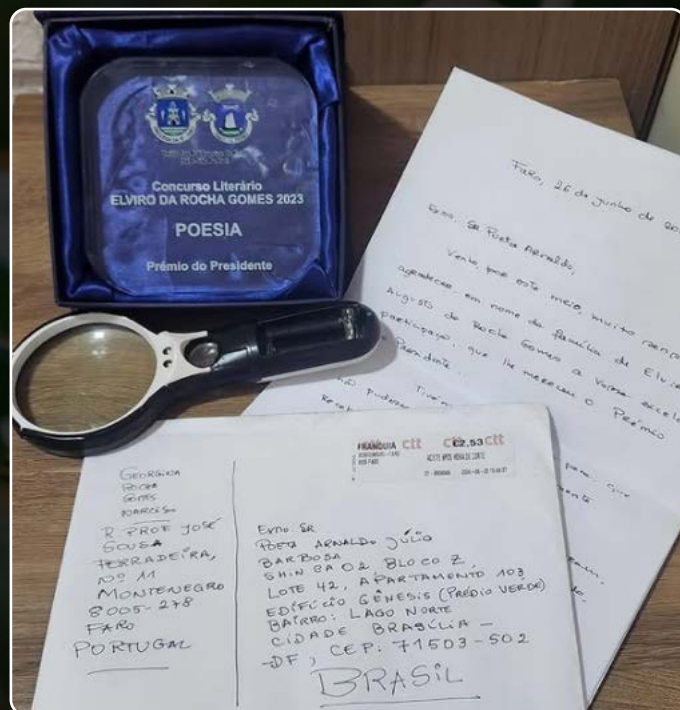


Imagem de arquivo pessoal

Arnaldo Júlio Barbosa, ao longo de seus 106 anos, acumula uma linda e poética trajetória. Recentemente, foi agraciado com o Prêmio do Presidente ao participar do Concurso Literário Elviro da Rocha Gomes em 2023, promovido por União das Freguesias do Faro, em Portugal, com a poesia “A Frota de Cabral (A Chegada dos Portugueses ao Brasil)”, onde se classificou em 4º lugar”.

Em seu aniversário de 106 anos em novembro deste ano, o autor, que também é pioneiro, foi agra-

ciado com o título de Cidadão Honorário de Brasília em sessão solene no plenário da Câmara Legislativa do Distrito Federal. A solenidade foi marcada pelo reconhecimento do artista e sua importância para a cultura popular brasileira enquanto repentista, autor, cordelista, músico, letrista, compositor e intérprete.

Autodidata, sendo apenas alfabetizado, Arnaldo escreveu em 1947 o livro “A Jovem Margarida e as Proezas do Amor”. A história contempla o grande dilema de Margarida dividida entre o amor verdadeiro e a promessa de casamento. Toda a narrativa possui o formato de cordel, com 143 estrofes estruturadas em sextilhas com versos metrificados em redondilha maior. Somente em 2023, aos 105 anos, o Poeta pôde realizar o sonho de ter o seu livro publicado.

Em 2024, Arnaldo concorreu com o cordel “A Jovem Margarida e as Proezas do Amor” ao Prêmio Jabuti – a mais importante premiação da literatura nacional, concedida pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) – sendo um dos finalistas na categoria de Escritor Estreante de Poesia.

Diante de uma história que transborda poesia, a participação do Poeta Centenário e finalista da premiação mais tradicional da literatura brasileira nos ensina que não há fronteira – ou limitação de tempo – para a realização dos sonhos.

A vida não tem prazo de validade para os sonhos

Arnaldo Júlio Barbosa

(Colaboração de Sarah Faria Barbosa – neta do Poeta)



Imagem de Cl.df.gov

Nasci em 1918, em um Brasil bem diferente do atual que, assim como eu, não sabia o que se tornaria. Ao longo de minha vida, sempre carreguei o amor pela música e pelo cordel. Meu primeiro romance, “A Jovem Margarida e as Proezas do Amor”, foi escrito em 1947. Mas só aos 105 anos tive a alegria de vê-lo publicado. Este livro em cordel, rimado em sextilhas, é uma homenagem à força feminina, tema que sempre me admirou.



Imagem de @cbloficial e @premiojabuti





A poesia me acompanha desde jovem, mas só nos últimos anos ela ganhou o merecido espaço. Cheguei a Brasília em 1959 como pedreiro e participei da construção da nova capital, algo que me enche de orgulho! Além disso, tive o privilégio de ser reconhecido com o título de Cidadão Honorário de Brasília, de ser premiado em um concurso literário de Portugal e de ser finalista do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria “Escritor Estreante de Poesia”.

Minhas palavras não são apenas versos; são testemunhos de uma vida dedicada à arte, à resistência e ao amor. Mesmo agora, minha maior satisfação é continuar compartilhando histórias e emoções com o público. Afinal, nunca é tarde para realizar sonhos.

Costuma-se dizer que a poesia é um jogo de palavras e sentimentos. No entanto, para mim, ela é mais do que isso: é um reflexo de uma vida inteira. E quem diria que, aos 105 anos, eu lançaria meu primeiro livro? Não foi o tempo que me impôs limites, mas a própria vida com suas curvas e desafios. Com uma família grande, 14 filhos que ditavam minhas prioridades, a poesia só tinha vez como hobby. Mas como todo bom nordestino, nunca fui homem de se deixar vencer.

Se nos prendemos à ideia de que o tempo nos define, perdemos o melhor da jornada. Não há idade certa para nada; enquanto houver vida, há tempo. Nasci em 1918, e com a graça de Deus, tive “tempo” em abundância. Disso posso prostrar com propriedade. Mas o tempo, pela incerteza que traz, é um recurso escasso, limitado, e não deve ser desperdiçado.

Aos 12 anos, com um violão nas mãos e as rimas na cabeça, eu já sabia o que queria fazer. Mas a minha realidade divergia da arte. Era preciso tocar o gado, cuidar da família e enfrentar as secas do sertão. A poesia, porém, nunca me abandonou. Surgia a cada momento. Um alívio para a dificuldade. Uma prece de gratidão. Um retrato de cada festa.

Mas esse tempo foi necessário! Minha criatividade não envelheceu; ela amadureceu. Como um bom vinho, meu talento repousou até o momento certo de se mostrar ao mundo. A publicação do meu primeiro livro não é um mero acontecimento literário; é uma celebração de resistência e coragem. Eu ainda componho, escrevo e me emociono como aquele menino que, aos oito anos, encantava-se com os folhetos de cordel na feira.

O que importa, afinal, não é o tempo que temos, mas o que fazemos com ele. Eu vi o tempo passar diante dos meus olhos: guerras, mudanças políticas, pandemias. Em cada capítulo da vida, encontrei um verso para rimar, uma trova para cantar.



Imagem de arquivo pessoal

E agora, no ocaso da minha vida, a poesia me revela que não tem idade para se realizar um sonho.

Talvez o segredo esteja justamente nisso: não desistir da poesia da vida e não deixar que a alma envelheça, ainda que o corpo insista em fazê-lo. Nunca é tarde para ser o poeta que sempre fui.

A vida é um palco, e com minha voz rouca e meus dedos enferrujados, optei por continuar cantando e tocando. E, enquanto houver quem me escute, eu seguirei rimando.

Foi a teimosia que me trouxe até aqui. Este livro, mais do que amor, fala de coragem. Coragem de Margarida, coragem minha, coragem de quem insiste em sonhar. Cada verso carrega um pedaço de mim, e entrego ao mundo pequenas partes de um coração calejado, mas sempre feliz e agradecido. Como aquele candango de 1959, trago ainda a mistura de cansaço e esperança. Aprendi a dosar o tempo, entendi que cada tijolo que colocava era, também, um verso não escrito. Cada parede erguida era um poema sem papel.

O reconhecimento, que só veio agora, é um presente tardio, mas não menos valioso. Apesar de não esperar, no fundo, sempre soube que a poesia encontraria seu propósito em minha vida.

O tempo, que a tantos cansa, a mim sempre despertou. Talvez seja isso: viver é como fazer um cordel. Temos que obedecer a estrutura rígida, mas sem perder a essência da mensagem que se quer transmitir. O importante é não parar de escrever. E eu sigo escrevendo. Porque, enquanto houver poesia, haverá vida.



Imagem de arquivo pessoal - Sarah e Andréia (netas e grandes apoiadoras) e Arnaldo

INSTAGRAM



POST NO SITE





QUADRO: O SEMEADOR DE MARGARIDAS



Arnaldo Júlio Barbosa



Nascido em 07/11/1918 em Pedro Avelino/RN, é repentista, cordelista, autor, compositor e intérprete. Foi casado com Francisca Dalva de Araújo, tendo 14 filhos e, até o momento, 48 netos, 85 bisnetos e 20 tataranetos. Lançou, aos 105 anos, o livro: "A Jovem Margarida e as Proezas do Amor", obra originalmente manuscrita em 1947 em forma de cordel, com 143 estrofes em sextilhas e versos metrificados em redondilha maior. Reside em Brasília-DF desde 1959 e se orgulha por ter participado da construção da cidade. Finalista do Prêmio Jabuti 2024.

O Crânio de Luzia

Os movimentos migratórios
Nos chamam muita atenção
Especialmente nas Américas
Pois há outra explicação
De ordem cronológica
Pra trajetória da ocupação

Remonta da Era do Gelo
A teoria prevalecente
Que o Estreito de Bering
Ligação inter-continente
Seria a origem do índio
Da Ásia proveniente

Com mais de 11 mil anos
Em Minas foi encontrado
O crânio humano de Luzia
Uma visão do passado
O mais antigo fóssil humano
Por aqui já constatado

Porém bem antes disso
Jamais alguém saberia
Na remota antiguidade
O que ali existiria
A evolução histórica
De que forma aconteceria

Por navegação africana
Contra tudo que existia
Supôs Niède Guidon
Uma nova teoria
Que em Raimundo Nonato
No Piauí se conhecia

O Museu do Homem Americano
Abriga sob seus cuidados
Vestígios da Serra da Capivara
Que um dia foram encontrados
De 50 a 100 mil anos atrás
E por humanos utilizados

Independente da origem
E de seu resultado
O nordeste brasileiro
Sempre foi muito ocupado
Por um grupo de humanos
Sempre aqui muito aclamado



Quadro: O semeador de margaridas



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

LIVRO DO AUTOR



Clique aqui

INSTAGRAM

POST NO SITE





01



KENIA PAULI



Nasci em Colatina ES, mas já venho desbravando o mundo por duas décadas. Hoje, nesse atual momento moro na Inglaterra. E trabalho de forma que facilito e auxilio a conscientização nos sistemas. Conscientizadora Sistêmica. Autora do livro: Inesquecíveis são as marcas que carrego em mim. Co-autorias: Legado - O Valor De Uma Vida vol 3; Sementes De Paz e O poder da voz feminina na literatura. Apresento o programa na Rádio Valleti Books "Crônicas para melhor viver" de minha autoria e sou colunista do blog da Valleti Books. Também atuo como Consteladora Familiar, Palestrante Internacional, Hipnoterapeuta clinica, Coach sistêmica, Título renomado como terapeuta internacional pela ABRATH (Associação Brasileira de Terapeutas). Sou graduada em Gestão Comercial.

A arte de conectar histórias: como a literatura revela e cura padrões familiares e culturais

Com muita alegria e admiração pela Revista "Internacional The Bard", trago esse belo subtema de riquíssima conexão de saberes entre a literatura e o mundo sistêmico.

A minha proposta aqui é explorar como as conexões humanas, familiares e culturais moldam nossa percepção do mundo e como a arte e a literatura podem ser ferramentas poderosas para o autoconhecimento, a transformação e a cura.

Desejo um belíssimo encontro entre nós, caro leitor, pois é uma grande alegria estar aqui compartilhando com vocês essa linda jornada de saberes sistêmicos que trago comigo e divido com você.

Iniciei os estudos voltados à parte sistêmica há aproximadamente oito anos. Nesse período, aprendi a desenvolver e aprimorei meu trabalho, na época voltado a atendimentos terapêuticos, onde tive a oportunidade de conhecer o riquíssimo material que fora disponibilizado pelo pai das "Constelações Familiares Sistêmicas", Bert Hellinger. Esse nome forte, "Constelação Familiar", possui algumas curiosidades e o significado por trás é muito relevante e interessante.

Por um momento, Bert Hellinger olhou para o céu e começou a observar as estrelas e notou que, assim como a constelação que ali ele assistia, na prática, era exatamente a melhor representação que ele

A arte de conectar histórias: como a literatura revela e cura padrões familiares e culturais

Por Kenia Pauli

encontrara para o relacionamento humano. Recebendo esse nome nos Estados Unidos, “Family Constellations”, o Brasil seguiu a tradução americana.



Imagem de Gerd Altmann por Pixabay

O nome original, que é em alemão “Familiestellen”, quer dizer “Configuração ou Posicionamento de um Sistema Familiar”, que é exatamente do que se trata, um trabalho terapêutico ligado à nossa vida diária.

E foi através de soluções encontradas em relacionamentos entre pais e filhos, casais, enfermidades, dificuldades financeiras e muitos outros comportamentos e problemas, que Bert Hellinger deu nome de constelação familiar a essa prática que traz compreensão de diversos transtornos que são estimulados através do sistema familiar de cada indivíduo, ou seja, traumas sofridos anteriormente por pessoas de um mesmo sistema familiar podem perpetuar em pessoas desse mesmo sistema que não imaginam a causa e o fator desse problema existencial em sua vida. Melhor explicando, herdamos características tanto internas como externas biologicamente do nosso sistema, sendo assim, as memórias, as histórias continuam trabalhando dentro de nós, pois de forma fenomenológica, através do estudo sistêmico, sabemos que essa relação pertence ao sistema familiar e não é possível apagar, mas sim ressignificar essas memórias e histórias.



Imagem de Gerd Altmann por Pixabay

Quando são trabalhadas as ordens do amor: pertencimento, hierarquia e ordem, o sistema familiar renova o equilíbrio. Onde não havia forças, há uma nova energia.

Se pararmos por um momento e analisarmos tudo à nossa volta, perceberemos que tudo é sistêmico. Nossas histórias vêm de longe, como afirmou Bert Hellinger: “A vida vem de longe.” Ele complementa essa ideia ao dizer: “Os pais são apenas um portal pelo qual ela chega a nós.” Encontrei essa frase diversas vezes no decorrer dos meus estudos.

A vida é ampla e contínua. Ela passa pelos nossos pais, mas não se retém a eles. Então, se nós, filhos, focarmos somente nas falhas, nos erros de nossos pais, nas histórias que nos foram contadas, no que entendemos como certo ou errado quando crianças, esquecemos de olhar para a nossa própria vida, deixando de observar a grandiosidade e a sua origem. E se concordarmos e nos permitirmos a criar novos contextos, encontraremos plenitude e também harmonia, independente dos desafios que nossos pais tiveram.

No entanto, ao atravessarmos esse portal, carregamos características e informações herdadas, que ao mesmo tempo nos tornam únicos, de forma que possamos buscar nossa evolução, nos tornando independentes, tendo nossas particularidades, onde



nossas diferenças mostram que podemos aprender e ensinar uns aos outros.



Imagem de ThankYouFantasyPictures por Pixabay

No decorrer da vida, buscamos entender nossas raízes com as percepções que temos, mesmo que muitas vezes sejam fragmentadas ou obscuras. Essa busca, carregada de incertezas, nos impulsiona a explorar histórias que permanecem incompreendidas. Somos incansáveis nessa jornada, desafiados a ter coragem e força para enfrentar as verdades que descobrimos.

Quando seguramos um livro, antes mesmo de ler suas páginas, nossa mente tenta criar histórias a partir do que sabemos. Mas, ao mergulhar nas palavras do autor, percebemos que nossas suposições não passam de curiosidade. A verdadeira história se revela, rica e detalhada, convidando-nos a uma nova perspectiva. Isso reflete nossa própria trajetória: crescemos ouvindo histórias incompletas, que nos deixam cheios de perguntas. É aqui que a literatura entra como uma aliada poderosa, oferecendo respostas e insights.

A literatura, com sua bagagem de narrativas, conecta-nos com a vida em sua essência. Histórias de vidas passadas, experiências vividas e sentimentos partilhados nos presenteiam com emoções pro-

fundas, desde a alegria até a empatia. Além disso, ela estimula a criatividade humana, permitindo que criemos contos, explorando verdades e inverdades, e reinterpretando nossa própria história.

Cada pessoa carrega consigo uma bagagem única: cultura, crenças e padrões herdados de seus ancestrais. Essas memórias influenciam a jornada de cada um, seja por meio de lembranças de momentos vividos ou daquilo que foi transmitido pelas gerações anteriores. Assim como uma melodia nos transporta para momentos de plenitude ou nos faz encarar dores profundas, nossas histórias revelam tanto as belezas quanto os desafios da vida.

A vida, assim como os relacionamentos, tem raízes profundas. Para adentrarmos nesse portal mágico, é preciso reconhecer a luz que recebemos de nossos pais, cada um trazendo consigo uma carga de experiências que moldam quem nos tornamos. Essas informações, somadas ao nosso aprendizado, oferecem oportunidades para construirmos um legado significativo para as próximas gerações.



Imagem de Satheesh Sankaran por Pixabay

A arte de conectar histórias: como a literatura revela e cura padrões familiares e culturais

Por Kenia Pauli

A literatura desempenha um papel semelhante. Ela nos envolve com a mesma doçura com que nossa alma abraça nossas experiências. Por meio dela, acessamos emoções, pensamentos e perspectivas que ampliam nosso entendimento sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Histórias cheias de amor e aventuras nos conectam com um passado que não vivemos, mas que ressoa em nós como criaturas do presente.

Quantas vezes não nos emocionamos ao ler contos que retratam a juventude de nossos pais ou ao observar fotografias antigas que transbordam afeto e ligação? Eu acredito que, assim como eu, você possui recordações em forma de retratos que lhe trazem essa vivacidade calorosa de lindas histórias.

Hoje, é trabalhada uma abordagem fotográfica sistêmica que traz cunho terapêutico, na qual as leis sistêmicas do pertencimento, equilíbrio e ordem que encontramos no livro ORDENS DO AMOR – BERT HELLINGER – 2001, fazem parte de todo o processo.

Compartilho o blog de fotografia sistêmica de Jivago logo após esse pequeno trecho utilizado por ele para criar ensaios fotográficos sistêmicos: “A imagem sistêmica possui cunho terapêutico, pois afeta sinesteticamente os sentidos, de modo a auxiliar como reforço da percepção, da compreensão, da decisão, da atitude, das mudanças de postura, no reequilíbrio do sistema e na construção do caminho da vida mais leve. Uma imagem que lhe fará olhar com mais amor para você, seu sistema e sua vida”.

Filmes históricos que captam a simplicidade de épocas passadas também despertam um sentimento de nostalgia e aprendizado. E quando utilizamos a leitura como ferramenta terapêutica, descobrimos uma maneira clara de interpretar e lidar com nossas emoções, como o medo, a raiva, a felicidade, a tristeza, a repulsa e a surpresa. Emoção é nossa forma de expressão, de nos envolvermos em nós mes-

mos, compreendendo tanto o mundo de hoje quanto o do passado.



Imagem de DesignDrawArtes por Pixabay

O gênero literário conhecido como “ficção de cura” tem ganhado destaque no mercado editorial. Ele aborda temas como morte, saudade, doenças e dificuldades emocionais de forma acolhedora, ajudando o leitor a encontrar soluções para desafios pessoais. Ao criar histórias que refletem aspectos familiares e culturais, essas obras oferecem conforto e inspiração, ajudando-nos a transformar dores em aprendizado.

O livro Meus dias na livraria Morisaki (20 de novembro de 2023) é um excelente exemplo. Um mágico e comovente romance japonês que retrata o poder da cura através da literatura. Uma jovem perde tudo, mais tarde se encontra na livraria que pertence à sua família por mais de três gerações. Uma história de recomeços e que mostra o poder transformador da literatura.



Necessário termos resiliência para aprendermos a ressignificar e superar o que não podemos ter controle, ampliando nossos olhares, rasgando o véu do que nos impede de ver cada situação com novos entendimentos.



Imagem de Freepik

Vivemos em um mundo onde muitos carregam traumas, culpas e ansiedades que dificultam o equilíbrio emocional. A ficção de cura toca o emocional, sai do intelecto humano e trabalha a questão dos relacionamentos entre os personagens. Dessa forma, permite que o leitor entre nas miudezas cotidianas colocadas pelo livro ou filme, criando uma conexão afetiva, reconhecendo os dilemas ali apresentados. Dessa forma, promove empatia e apoio mútuo, mostrando-se uma poderosa ferramenta para alcançar a transformação pessoal. Com ela, podemos compreender nossas memórias e traumas, usando a literatura como ponte para uma vida com menos conflitos e mais harmonia.

Esse uso de literatura traz muitas reflexões, engloba livros acolhedores que nos permitem mergulhar nos personagens e também nas dinâmicas cotidianas da vida do ser humano, como, por exemplo, trabalhar, cuidar da casa, cozinhar, estudar.

Tão suave e doce, assim é a literatura, nos transforma, nos ensina que, embora nossas histórias venham de longe, temos o poder de reescrevê-las e reinterpretá-las, encontrando nela as respostas que buscamos e o alívio de que tanto precisamos.



Imagem de Boomanoid por Freepik

Há tantos e diversos livros que nos conectam com o sentimento de viver a vida, o único desafio é permitir-nos adentrar a esse mundo de criatividade e luz que é primordial para nós seres humanos nos mantermos com um sentimento próspero de cura.

Nos curamos todos os dias quando estamos em contato com pessoas que nos oferecem um pouco mais de conhecimento naquilo que ainda não sabemos lhe dar. Também quando mudamos nossas interpretações e olhares mediante a determinadas situações, nesse momento em que paramos de julgar, de acreditarmos que somente nossa opinião basta, trabalhamos também a cura em nós.

Referências no site.

A arte de conectar histórias: como a literatura revela e cura padrões familiares e culturais

Por Kenia Pauli



COLUNAS E COLUNISTAS

LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI

INSTAGRAM



POST NO SITE



RESILIENTE



07



ADRIANA STRELLA



Adriana Strella, terapeuta Criadora do Sistema C.R.E.S.E - Caminho para a Reconstrução Emocional e Saúde Espiritual. Doutora em saúde mental e resiliência. Escritora, colunista internacional, publica suas experiências e conhecimentos em livros e revistas. Participou de quatro coletâneas em 2024. Ganhou várias premiações pelos seus feitos literários em 2023, incluindo o Prêmio Caneta de ouro. Foi premiada no Palácio do Parlamento Britânico em Londres - Premiação melhor do Brasil no Mundo.

A Importância do Autoconhecimento

A base para confiar na intuição é o autoconhecimento, quando conhecemos os nossos medos, nossas paixões, nossos valores, fica mais fácil tomar decisões que estejam alinhadas com a nossa essência. Quanto mais nos conhecemos, mais confiamos na nossa intuição.

É importante ter clareza do que desejamos para a nossa vida na hora que precisamos fazer escolhas. Dedicar tempo para conhecer quem somos, nossas limitações, qualidades, e como funcionamos, é crucial para sabermos lidar com os desafios do dia a dia.

Quando você se conhece e sabe como funciona, você não se põe em qualquer lugar, seus relacionamentos

são de qualidade. Por isso o autoconhecimento é a base para nosso crescimento e bem-estar.



Imagem de Freepik

Ao conhecermos o nosso padrão de comportamento, identificamos facilmente o que precisa ser ajustado, as vezes temos que mudar, e não ficamos repetindo ciclos que sem o autoconhecimento se tornam viciosos. É sempre bom fazermos uma autoanálise, principalmente no início do ano relativamente ao anterior sobre o que fizemos, do que desistimos, o que conquistamos e o que aprendemos.

Se em 2024 você não conseguiu derrubar algumas barreiras, não superou seus obstáculos e ainda não conseguiu terminar o que começou, outras oportunidades virão. Não importa o tamanho do problema que temos para resolver, ou o tamanho do sonho que desejamos realizar, nem mesmo a escolha que precisamos fazer, nós sempre sentimos qual o caminho precisamos seguir.

As pessoas que não confiam em si mesmas, adiam decisões pensando muito em cada detalhe, e não percebem que a intuição já indicou o caminho certo. É por isso que depois que erramos, muitas vezes dizemos: “eu sabia que não era para fazer assim” ou “alguma coisa me dizia que não ia dar certo”.

A chegada de um novo ano representa uma nova chance para colocarmos atenção em nossas metas, olhar para dentro e acolhermos os nossos instintos e o que nossa voz interior nos diz, isso pode evitar muitos enganos.

Escrever um diário é fundamental porque escrevendo podemos expor melhor os nossos sentimentos e rever acontecimentos diários. Escrever nos possibilita fazer uma boa reflexão, dessa maneira conseguimos nos perceber melhor porque sentimos o que está bem e o que precisamos deixar ir. Os nossos sentimentos funcionam como uma bússola.



Imagem de Siriporn_88 por Freepik

Reserve momentos para uma boa reflexão durante uma meditação, o diálogo interno ajuda a cultivar uma excelente relação consigo mesmo.

O Autoconhecimento é valioso.

Ao nos conhecemos, sabemos de onde vêm as emoções que nos fazem sentir bem ou mal. Sabendo identificar como nos sentimos quando estamos na companhia de determinadas pessoas e em certos lugares, reconhecemos todos os sinais, e se formos honestos conosco, passaremos a agir de forma coerente com os nossos sentimentos. Não podemos ultrapassar os nossos limites. Nós só começamos a sofrer quando começamos a nos forçar.

Se uma pessoa não se conhece, ela não se respeita, e porque não se respeita? Por que não respeita a forma como se sente, não reconhece seus limites, não definiu seus critérios porque não se deu conta de quais são eles, e consequentemente não tem inteligência emocional. Quantas pessoas se sentem mal



por não se sentirem respeitadas? Mas como o outro vai respeitar quem não se respeita? Quem se conhece honra sua essência, constrói bons relacionamentos e se mantém fiel a quem realmente é.

Uma pessoa emocional tem mais facilidade de tomar uma decisão seguindo a sua intuição. Essas pessoas, gastam menos energia, elas sentem e agem. Já as pessoas mais racionais, elas analisam o que sentem, gastam mais energia pensando, e só depois de muito refletirem é que tomam uma decisão.

É importante manter a nossa mente tranquila quando buscamos resolver um problema- observe que quando esse problema parece difícil, é porque a mente fantasiou situações que provavelmente nunca irão acontecer. e com medo ou dúvidas, podemos ficar paralisados, sem ação. Só em pensar na dificuldade, ficamos amedrontados, ansiosos, sem ao menos ter tentado resolver a situação.

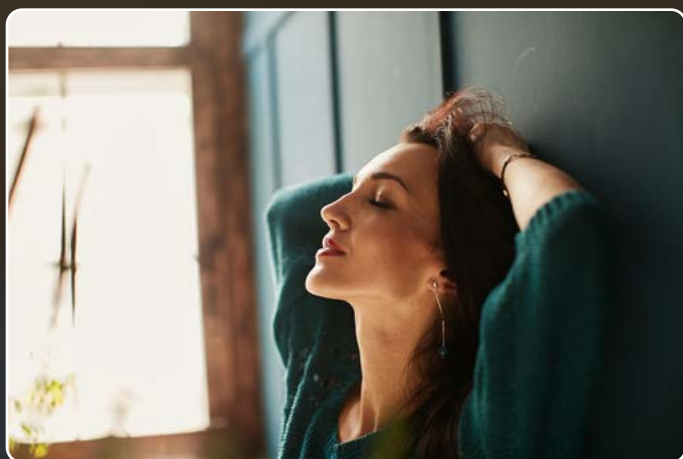


Imagem de Freepic, diller por Freepik

Quando comentamos com um amigo sobre nossa preocupação com um determinado problema, ele, que apenas nos ouve com a mente tranqui-

la, provavelmente já nos dará uma opinião de como resolver a questão. Se contarmos para mais pessoas, cada uma delas poderá nos apresentar soluções que nem se quer havíamos considerado devido ao nosso caos mental que nos impedia de enxergar.

É claro que cada pessoa vai dar a sua opinião de acordo com as suas próprias crenças, então, eu costumo dizer, que não sigo nem minha mente, vou seguir a dos outros? Bem, confio mais na voz do meu “eu superior” ela sabe mais do que eu. O que eu quero dizer com isso é que as pessoas que nos ouvem, vêm saída porque o problema não é delas e suas mentes estão calmas.



Imagem de Freepik

Se nós relaxarmos a nossa mente, se escrevermos com detalhes fazendo um diário no fim do dia, vamos sentindo cada palavra, descrevendo nossos sentimentos organizando e clarificando nossas ideias, com o tempo. sentiremos como nossas soluções são apresentadas sem esforço.

Temos exemplos como o famoso EUREKA de Arquimedes. Enquanto ele estava relaxando na banheira surgiu a resposta que buscava. De um simples



COLUNAS E COLUNISTAS

banho de banheira e uma mente tranquila, originou o famoso eureka.

Outro exemplo foi o de Gandhi que queria libertar o seu povo, ele esperou até que sua intuição lhe desse a resposta. Apesar da pressão do seu povo ele não cedeu, e calmamente esperou sentir com clareza como deveria agir, quando eu li sobre isso, vi que eu estava no caminho certo.

Desde que entrei para a adolescência a minha mãe começou a me dizer: “menina, você precisa pensar na vida, tem que pensar no dia de amanhã.” Eu nunca gastei energia pensando na solução para um problema que eu só iria resolver sentindo. Penso no que desejo para a minha vida, mas para tomar decisões eu nunca traio a minha intuição.

Nessa coluna, eu quis trazer um tema que fosse propício a reflexão, estamos abrindo um novo ciclo anual, podemos não só avaliar o ano que passou como planejar o novo ano melhorando a cada dia sempre buscando a compreensão de nós mesmos. Muitas vezes falamos para as pessoas próximas: “você não me entende!” mas será que nós nos entendemos?

Se eu me entendo, eu não fico na dependência do outro me entender, nem sempre as pessoas vêm as situações da mesma forma que eu vejo. Então, que possamos iniciar esse novo ano com mais consciência e energia renovada, sempre em busca de crescimento pessoal.



Imagem de Freepik

Quanto mais eu me conheço, melhor eu vivo porque consigo identificar minhas emoções, os pensamentos que desequilibram meus hormônios, e até comportamentos que me possibilitam gerenciar melhor minhas reações.

Somente o autoconhecimento me permite ter maior satisfação pessoal, eu já não dependo que o outro me aprove, ninguém me conhece como eu. O autoconhecimento também fortalece a autoconfiança, melhora autoestima. Quando reconhecemos nossas qualidades assim como as nossas limitações, as nossas decisões estarão mais alinhadas com nossos objetivos, isso traz uma satisfação pessoal enorme.

Abraço Fraterno!

INSTAGRAM



POST NO SITE





ZENAIDE DOS SANTOS SA



Zenaide dos Santos SA, é natural de Araguari, Minas Gerais, mulher afro-indígena que se destaca por sua atuação multifacetada na área da comunicação e ativismo, atualmente residente em Guarulhos, São Paulo. Sua trajetória profissional é marcada pelo compromisso com a informação, conscientização e transformação social. Personalidade de Destaque, comunicação, Embaixadora da Comunicação pela Coblac, Embaixadora Afro Brasileira CBTUR Vip, Prêmio Internacional Embaixador afro-brasileiro, dentre outros. Membro Imortal da Academia de Letras de Itaquaquecetuba, cadeira de número 30: posse em 20 de junho 2024.

Curiosidades sobre alguns museus ao redor do mundo

Uma Viagem pela Cultura e História

Os museus são verdadeiros templos de cultura, conhecimento e história. Eles guardam em suas paredes e exposições as memórias de civilizações passadas, arte contemporânea, inovações científicas e muito mais. Neste artigo, vamos explorar algumas curiosidades fascinantes sobre museus ao redor do mundo, incluindo o inovador Museu das Favelas, que traz à tona a rica cultura das comunidades marginalizadas.

O Museu Mais Visitado do Mundo

O Museu do Louvre, em Paris, é o museu mais visitado do mundo, recebendo mais de 9 milhões de visitantes por ano. Com uma vasta coleção que inclui obras-primas como a famosa Mona Lisa,

o Louvre não é apenas um local para admirar arte; sua própria arquitetura e história são impressionantes. Originalmente construído como uma fortaleza no século XII, o edifício passou por transformações significativas até se tornar um palácio real e, finalmente, um museu.

O Museu das Favelas

Localizado no Brasil, o Museu das Favelas (MUF) é um exemplo notável de como a cultura pode ser celebrada em comunidades frequentemente marginalizadas. Inaugurado em 2016 no Morro da Providência, o MUF visa dar visibilidade à história e à arte das favelas cariocas. Através de exposições interativas e programas educativos, o museu promove a inclusão social e valoriza as narrativas dos moradores que muitas vezes são esquecidas pela sociedade.

Curiosidades sobre alguns museus ao redor do mundo

Por Zenaide dos Santos Sa

Este espaço se destaca não apenas por sua proposta inovadora, mas também pelo impacto positivo que gera na comunidade local.



Imagem de Museudasfavelas.org

O Museu Mais Antigo do Mundo

O Museu Ashmolean, na Universidade de Oxford, é considerado o museu público mais antigo do mundo. Fundado em 1683, ele abriga uma vasta coleção de artefatos arqueológicos e obras de arte que datam desde a antiguidade até os dias modernos. Essa rica coleção reflete a história da humanidade e a evolução cultural ao longo dos séculos, oferecendo aos visitantes uma viagem no tempo através das diversas civilizações.



Imagem de Museu Ashmolean por Wikipédia

Museus Subaquático

Os museus subaquáticos estão se tornando cada vez mais populares como forma de preservar a arte e promover o turismo sustentável. Um exemplo notável é o Museu Subaquático de Arte (MUSA) em Cancún, no México. Com mais de 500 esculturas submersas criadas por artistas locais e internacionais, este museu não apenas oferece uma experiência única de mergulho, mas também ajuda na preservação dos recifes de coral locais, promovendo a conscientização ambiental.



Imagem de Museu Submerso de Cancun por Conexão Cancun

Museus Inusitados

Alguns museus pelo mundo se dedicam a temas inusitados que atraem visitantes curiosos. O Museu da Tortura em Amsterdã apresenta instrumentos históricos usados em torturas ao longo da história, enquanto o Museu do Queijo na Holanda explora a rica tradição queijeira do país. Esses espaços oferecem uma perspectiva diferente sobre aspectos da cultura humana e provocam reflexões sobre práticas sociais ao longo dos tempos.





Imagem Museu do Queijo por Conexão Amsterdam

A Arte na Rua

Além dos museus convencionais, muitos países têm investido em iniciativas que levam a arte para as ruas. O Museum of Street Art (MoSA) em várias cidades ao redor do mundo celebra o grafite e a arte urbana como formas legítimas de expressão artística. Essas iniciativas ajudam a democratizar o acesso à arte e a envolver comunidades locais na criação cultural.

Museu dos Povos Originários: Curiosidades

O Museu dos Povos Originários, localizado em São Paulo, é um espaço dedicado à valorização e preservação da cultura indígena brasileira. Ele faz parte do Parque da Água Branca e é uma iniciativa importante para promover a visibilidade dos povos indígenas e suas histórias.

Exposições Interativas: O museu apresenta exposições interativas que permitem aos visitantes aprender sobre as diversas culturas indígenas do Brasil. As mostras incluem objetos, artefatos e obras de arte que refletem a riqueza cultural dos povos originários.

Programas Educativos: O museu desenvolve programas educativos voltados para escolas e comunidades, promovendo o diálogo sobre a diversidade cultural e os direitos dos povos indígenas. Essas atividades são essenciais para sensibilizar o público sobre a importância da preservação das culturas indígenas.

Espaço de Reflexão: Além das exposições, o museu serve como um espaço de reflexão sobre as questões contemporâneas que afetam os povos indígenas, como a luta por terras, direitos e identidade cultural. Eventos, palestras e debates são frequentemente organizados para fomentar essas discussões. **Acesso à Cultura Indígena:** O museu busca promover o acesso à cultura indígena por meio de apresentações de danças, músicas e rituais tradicionais. Essas atividades ajudam a desmistificar estereótipos e a construir uma conexão mais profunda entre os visitantes e as culturas indígenas.



Imagem de Museu das Culturas Indígenas.org

Curiosidades sobre alguns museus ao redor do mundo

Por Zenaide dos Santos Sa

Importância da Preservação:

O Museu dos Povos Originários é um passo significativo na preservação da memória e das tradições dos povos indígenas no Brasil. Ele contribui para a valorização da diversidade cultural do país e promove um entendimento mais amplo sobre a história indígena.



Imagem de Museu das Culturas Indígenas

Apoio à Arte Indígena: O museu também apoia artistas indígenas contemporâneos, oferecendo um espaço para expor suas obras. Isso ajuda a fortalecer a presença da arte indígena no cenário cultural brasileiro.

Visitas Guiadas: O museu oferece visitas guiadas que proporcionam uma experiência mais rica aos visitantes, permitindo que eles aprendam



COLUNAS E COLUMNISTAS

diretamente sobre os temas abordados nas exposições e a história dos povos originários.

Parcerias com Comunidades Indígenas: O museu mantém parcerias com diversas comunidades indígenas, envolvendo-as na curadoria das exposições e na realização de eventos, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Os museus desempenham um papel crucial na preservação da história e na promoção da cultura ao redor do mundo. Desde os renomados museus clássicos até espaços inovadores como o Museu das Favelas, cada um deles conta uma parte importante da narrativa humana. Ao explorarmos as curiosidades sobre esses locais fascinantes, somos lembrados da diversidade e riqueza cultural que existem ao nosso redor.

Visitar um museu é mais do que apenas observar objetos; é uma oportunidade para refletir sobre nosso passado e imaginar nosso futuro. Portanto, da próxima vez que você visitar um museu seja ele famoso ou pouco conhecido, lembre-se das histórias que ele guarda e do impacto que pode ter na sociedade.

ZENAIDE DOS SANTOS SA

INSTAGRAM



FACEBOOK



BLOG



BLOG



POST NO SITE



DESNUDA

em Palavras

ERÓTICO

10



Tônia Lavínia



É uma escritora mineira, conhecida por seu livro erótico "Deliciosamente Libertino" (2020) e pela trilogia "Meu Nome é Maximus". Apaixonada por música clássica e histórias épicas. Ela também cultiva um profundo apreço por pinturas e esculturas. Tônia adora desfrutar de um bom vinho e das estações do ano, com uma predileção especial pelo inverno e pela primavera. Dias chuvosos são suas principais fontes de inspiração para escrever. Além disso, é uma frequentadora assídua do site Isadora, dedicado à música clássica.

Vamos falar de....



Caros leitores, sejam muito bem-vindos a mais uma edição de Desnuda em Palavras. É um prazer compartilhar com vocês um mergulho nas profundezas do desejo humano e da sensualidade que permeia a literatura.

Nesta edição, destacamos a marcante obra de Marçal Aquino, um autor que transcende tabus e explora os conflitos interiores e as paixões desmedidas com uma escrita ao mesmo tempo intensa e lírica. Sua prosa, que combina lirismo com a brutalidade da vida contemporânea, nos provoca tanto fascínio quanto reflexão.

Ao lado dele, apresento Wesley Rezende, uma voz emergente da literatura contemporânea. Assim como Aquino, Rezende abraça as nu-

ances da sensualidade moderna, entrelaçando sedução e melancolia em sua narrativa.

Temos também a chegada da Senhorita "S", nossa nova parceira, que estará ao meu lado para responder perguntas dos leitores e discutir a sensualidade em suas diversas formas. Juntas, exploraremos receios e intimidades, numa conversa franca e despojada de preconceitos.

Convidamos todos a embarcar nesta jornada literária, que reflete as pulsões mais profundas da nossa existência.



GRANDES AUTORES

Escritor Marçal Aquino

"A Voz Audaciosa: Marçal Aquino e a Revelação dos Desejos Ocultos"



Imagem de Wikipedia

É um convite irresistível conhecer a obra de Marçal Aquino, uma das vozes mais audaciosas da literatura brasileira contemporânea.

Marçal Aquino (nascido em 1958) é escritor, roteirista e jornalista, conhecido por sua habilidade em explorar as profundezas da alma humana com uma prosa ao mesmo tempo envolvente e lírica. Em suas obras, Aquino aborda temas como desejo, violência e a luta pela sobrevivência, tanto em cenários urbanos quanto rurais, revelando as complexidades do ser humano em narrativas intensas e emocionantes.

Natural de Amparo, São Paulo, Aquino iniciou sua carreira literária escrevendo contos, mas rapidamente conquistou reconhecimento com romances marcantes como *O Invasor* e *Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios*. Sua escrita, muitas vezes carregada de sensualidade e melancolia, transita entre o lirismo poético e a crueza da realidade, desafiando os leitores a confrontarem suas próprias percepções sobre moralidade e desejo.

Marçal Aquino: Um Cronista da Alma Humana

Marçal Aquino construiu uma carreira marcada pela profundidade emocional e pelo rigor estético. Como roteirista, também colaborou em importantes produções cinematográficas, contribuindo para a expansão de sua visão artística para além da literatura. Suas obras são frequentemente aclamadas por capturar a essência da experiência humana, refletindo as tensões entre o desejo e a realidade, a beleza e a brutalidade da vida cotidiana.

Com uma abordagem que combina sensibilidade e intensidade, Aquino permanece uma figura central na literatura brasileira contemporânea, uma voz que continua a explorar e iluminar os recessos mais íntimos do espírito humano.

"A Arte de Marçal Aquino: Da Palavra à Tela"



Imagem de Veja/Abril



Marçal Aquino é um escritor, roteirista e jornalista brasileiro, amplamente reconhecido por suas obras que exploram temas como violência, amor e as complexidades das relações humanas.

Principais Obras

Marçal Aquino é autor de diversos romances e contos aclamados, entre os quais se destacam:

O Invasor (2002): Romance que explora temas de crime e traição, adaptado para o cinema.

Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios (2005): Uma narrativa que mescla romance e tragédia, ambientada na Amazônia.

Faroestes: Coletânea de contos que oferece uma visão singular das histórias de faroeste, com uma perspectiva genuinamente brasileira.

Estilo Literário

Aquino é conhecido por sua prosa enxuta e direta, marcada por um tom melancólico e reflexivo. Sua habilidade em criar atmosferas densas, imergindo na psicologia de seus personagens, faz sua escrita profundamente envolvente.

Carreira como Roteirista

Além de sua carreira literária, Marçal Aquino também se destaca como roteirista. Colaborou em importantes projetos cinematográficos e televisivos, como a série *O Caçador* e os filmes *O Invasor* e *Linha de Passe*.

Reconhecimento

Sua obra literária tem sido amplamente reconhecida por críticos e leitores, conquistando prêmios importantes, incluindo o Prêmio Jabuti. Marçal Aquino é uma figura central na literatura brasileira contemporânea, conhecido por sua

habilidade única de captar a complexidade das emoções humanas e das relações sociais.

As obras de Aquino são frequentemente estudadas em universidades, especialmente por sua abordagem realista e sua representação da violência urbana. Ele é reconhecido por explorar temas como a ética da pistolagem e a violência cotidiana, frequentemente utilizando narrativas que ressaltam o impacto social e cultural desses elementos.

Estudos acadêmicos analisam a complexidade de seus personagens e a construção narrativa, com destaque para obras como *Noturno nº 1*, *Santa Lúcia*, *Boi* e *A Face Esquerda*, que exemplificam sua maestria em retratar a violência urbana de uma forma realista e detalhada. Seu trabalho continua a oferecer um campo rico de análise sobre o realismo contemporâneo na literatura brasileira, além de discutir questões sociais profundas.

Frases de Marçal Aquino



Imagem de PPuserapi

1- “Qualquer detalhe, por mais inusitado ou perverso que seja. Daí os fetiches. A particularidade do desejo.”



2- “Atire a primeira pedra aquele que não estremeceu ao recuperar, nos lençóis encardidos da cama em que dorme solitário, o cheiro da mulher ausente. Suportamos a existência tentando converter o banal em épico.”

3- “E um detalhe pode tornar-se muitas vezes mais excitante que a própria fantasia.”

também pelo domínio impecável da linguagem, que transita entre a prosa lírica e o realismo brutal.

Suas histórias, carregadas de emoção e tensão, revelam personagens multifacetados, imersos em contextos de violência, amor e redenção. Cada linha escrita por Aquino é uma tessitura que desafia o leitor a confrontar suas próprias fragilidades e as verdades cruas da existência. Aquino é um escritor que, sem dúvidas, eterniza em suas páginas o drama humano em sua forma mais pura e desafiadora.



Imagem de Bp Blogspot



Imagem de Cottonbro Studio por Pexels

Nota da Escritora e Colunista Tônia Lavínia

Marçal Aquino é um dos pilares da literatura contemporânea brasileira, cuja obra transcende a narrativa convencional ao explorar, com profundidade e intensidade, as sombras que permeiam o cotidiano. Ele se destaca não apenas pela habilidade em construir tramas que mergulhem na complexidade da alma humana, mas

POST NO SITE



IDENTIDADE LIBERTINA

No Divã com Senhorita S... "Confissões Entre os Lençóis"

Carta de leitora da Coluna Desnuda em Palavras

Querida Senhorita S,

Descobri a coluna "Desnuda em Palavras" há poucos meses e, desde então, minha relação com o desejo mudou profundamente. Sempre tive dificuldades em alcançar o clímax com meu marido e, confesso, que por anos encarei o tema com certo embaraço.

As leituras da coluna despertaram algo adormecido em mim, algo que eu sequer sabia que existia. Tomei coragem e comprei alguns dos livros recomendados, antes vistos por mim como meros manuais do erotismo, talvez até um tanto fúteis. Mas logo percebi que esses textos são janelas para mundos sensíveis e sutis, que exploram emoções que vão muito além do mero ato físico.

Contudo, percebo que há um dilema. Quando estou com meu marido, imagino algum dos personagens que conheci nas leituras, e só então me permito atingir o orgasmo. Pergunto-me se é errado ou se estou simplesmente descobrindo uma nova maneira de experimentar o prazer. Como lidar com isso sem perder o vínculo com quem amo?

Com carinho,L.

Resposta de Senhorita S:

Minha querida L.,

Que jornada fascinante você está a trilhar! Há um poder revelador em explorar o desejo e, ao mesmo tempo, uma necessidade de compreensão sobre o que ele desperta em nós. Você não está

errada em imaginar; pelo contrário, esse recurso faz parte da nossa riqueza interior e do que nos compõe como seres apaixonados.

Esses personagens que surgem durante seus momentos a dois são reflexos das partes mais profundas do seu ser, talvez de desejos que sempre estiveram ali, aguardando para ser descobertos. Sugiro que leve essa vivência como um campo de autoconhecimento e, se possível, que compartilhe alguns desses sentimentos ou fantasias com o seu parceiro, aos poucos. Essa troca pode abrir espaço para que ambos explorem juntos, sem receios ou julgamentos, a beleza que é descobrir-se continuamente.

Audaciosamente, senhorita S

"Espero que esta breve conversa tenha iluminado algumas de suas curiosidades. Lembre-se, o universo das nuances e encantos do sexo é vasto e fascinante, sempre à espera de novos exploradores. E estarei aqui, à disposição, pronta para discutir e responder a qualquer questão ou dúvida que possa surgir. Até a próxima, com toda a classe e um toque de mistério."

POST NO SITE





IDENTIDADE LIBERTINA

Os Invernos da Alma

Nasci no dia em que te conheci, e hoje escrevo-te com minha alma lacrimosa pelo abandono do meu corpo. Meus sentimentos por ti não são meras fugas para teus desejos carnavais desesperados, enquanto minha carne ferve de amor, aquecida pelo valor de ser amada nas noites em que meu corpo era procurado para esvaziar tuas luxúrias. Escrevo na minha pele o desespero de um desejo que não mais tinha amor.



Imagem de Freepik

dias que, nos meus olhos castanhos, o intenso nevoeiro traz a tristeza da saudade do meu corpo sem ti. Onde estás agora? Porque me abandonaste, deixando-me nos precipícios da loucura, onde me toco todas as noites, gemendo em súplicas, buscando o desejo que sempre foi arrancado de mim por ti, sabendo que minha alma era encarcerada a tua.

Molho os lençóis na cama fria, antes aquecida por teu corpo colado ao meu, entre as delícias de orgasmos que buscavas como o eleito da minha alma, tendo de oferta meu corpo que hoje chora as águas derramadas solitárias, com meus dedos entre meus lábios íntimos que te buscam nos umbrais da minha alma perdida.

Deixaste minha rosa, derramando lágrimas sozinha pela tua falta, entrando dentro das minhas velas, meus cálices derramados em cárcere que só se libertam por ti. Amo-te, senhor da minha alma, razão dos meus diários, das tintas da pena que antes escrevia o quanto eu era tão tua.

Tônia Lavínia

Foram dias de verão intenso nas passagens de meu corpo, mas, hoje, sou o inverno dos

POST NO SITE



Escritor Wesley Rezende



Wesley Rezende, aos 38 anos, é um carioca de alma mineira. Nascido no vibrante Rio de Janeiro, passou boa parte de sua vida alternando entre as belezas naturais de Minas Gerais e a agitação das ruas da cidade maravilhosa.

Ávido leitor e artista, Wesley se encanta por desenhar seus rabiscos e tecer narrativas que capturam a essência do cotidiano. Como um atento observador da vida, encontra beleza nas nuances das ruas, nas pessoas e nos momentos efêmeros que compõem a existência.

Sua paixão pela natureza se reflete no amor pela chuva e pelo sol, elementos que alimentam sua criatividade. Além disso, Wesley estuda Tarot, realizando leituras para aqueles que buscam orientações. Escrevendo contos e auxiliando amigos na edição e criação de cenas, publica suas obras e textos curtos no Instagram e no Recanto das Letras, sob o codinome Wesley Curumim, um nome que reflete sua essência, sem transformá-lo em um super-herói.

ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD Por que a literatura? Quais são suas inspirações para escrever seus textos tão envolventes e sensuais?

WESLEY REZENDE Primeiro, obrigado pelas boas-vindas e pelo espaço. Bem, eu sempre fui uma criança de imaginação fértil. Vivia travando batalhas e experimentando sensações através do imaginar. Depois, passei para o papel através de desenhos rabiscados. Mais tarde, veio o gosto por ler. Quando aprendi a ler, buscava desde placas de lojas até os quadrinhos dos jornais. Quando fiquei mais velho e experimentei alguns tipos de literatura, isso despertou em mim a vontade de escrever. Desenvolver a escrita e aprender com a literatura foi a mais pura magia. A inspiração para criar textos vem muito de tudo que absorvo no cotidiano — algo que vejo na rua, uma história que presencio e, principalmente,

das emoções que vivo. É necessário expressar o que sinto através de uma boa história. Também é gostoso sentir as emoções e reflexões de quem me lê. Principalmente os desejos em um texto erótico...





ENTREVISTA

2

REVISTA THE BARD Quais autores ou obras influenciam o estilo de escrita que você gostaria de desenvolver?

WESLEY REZENDE Gosto muito da escrita de Marçal Aquino, da escrita humorada e histórica de João Soares, de Daniel Galera, Milton Hatoum e dos estilos de Lourenço Mutarelli. Mas, lendo e aprendendo com eles, sei que quero desenvolver o meu próprio estilo, baseado na minha vivência e no modo como absorvo o que vejo e ouço na minha rotina e ao andar pelas ruas.

3

REVISTA THE BARD Quais aspectos da sua obra você acredita que mais desafiam ou provocam seus leitores?

WESLEY REZENDE Com certeza, os textos curtos ou microcontos e os sentimentos dos personagens expressos numa ação ou fala. Sempre me perguntam se há alguma continuação e quando continuarei a escrever sobre. Mas, às vezes, são apenas momentos que acontecem e que não voltam.

4

REVISTA THE BARD De onde vem sua inspiração para criar personagens tão complexos e cheios de camadas?

WESLEY REZENDE Nunca parei para pensar nisso. Acho que tudo na vida, por mais superficial e “sem graça” que pareça, tem uma dose de complexidade. Só vemos a roda girar, mas nunca sabemos o quanto de tração há ou a força do solo. Com personagens, é a mesma coisa. Tenho mania de questionar o que os motiva a ser o que são e também a ser quem são. Eu vivo com a mente cheia de pensamentos, e isso me faz querer criar personagens com “pensamentos próprios”.

5

REVISTA THE BARD Você já pensou em transformar seus textos ou suas vivências em uma narrativa mais longa, como um livro? Se sim, como seria essa história?

WESLEY REZENDE Já sim, quem sabe no futuro. Por agora, penso apenas em contos e histórias curtas. É como se meus personagens estivessem vivendo seus cotidianos e pequenos momentos em contos. Por isso, a ideia de uma narrativa em forma de livro é algo para se pensar mais para o futuro.



ENTREVISTA

6

REVISTA THE BARD Qual estilo de escrita você imagina para o seu livro? Está pensando em uma narrativa mais erótica, poética ou talvez algo mais narrativo?

WESLEY REZENDE Quando se trata de contar uma história, acredito que pode ter um pouco de tudo e até algo de nada. Contar uma boa história é mais importante do que procurar rótulos. Uma narrativa poética e erótica pode ter um bom efeito, desde que a história seja boa e consiga agradar o leitor.

7

REVISTA THE BARD Deixe uma mensagem aos leitores da Desnuda em Palavras.

WESLEY REZENDE Leiam, escrevam e se mostrem. Há uma variedade forma de arte para se mostrar, desabafar e colocar pra fora o que algumas vezes precisa sair. Se libertem de si mesmos!

TEXTOS DE WESLEY REZENDE

O uísque que lhe queima

O uísque lhe desceu queimando a garganta. Respirou fundo e pediu outra dose; estava num canto sozinho na multidão. Maldito clichê essa frase. Foda-se, ele era um maldito clichê, tomou sua quinta dose de uísque, ou seria a sexta? Suspirou.

O piano estava pronto, à sua espera, e ele obedeceu. Subiu, sentou-se em frente às teclas. O efeito do álcool sumiu nas primeiras notas. Na primeira hora, ele se dedicou a tocar Bill Evans. Na segunda hora, foi a vez de Thelonious Monk. O piano imperava, entre as conversas, até reinar o silêncio para apreciação.

Ele terminou e se afastou sob aplausos, tirou o cigarro do maço de time, fumou e pediu uma garrafa de uísque. Estava bêbado na metade da garrafa. Lua de maio, que nome maravilhoso.

Ela o pegou pelo braço. Era uma prostituta, maravilhosa profissional, e cuidava dele.

Ele merecia aquele cuidado especial. Ela o mandou calar a boca; ele calou. E os dois subiram para o quarto.

Toques e Sensações

O choque do encontro, encontro de corpos, de pessoas, de sensações, seus seios em minhas mãos. Seu sexo no meu, as ondulações que vem e vai, toques, os gemidos altos, as mãos agarradas com força.

Nos lençóis gozo, os lábios mordidos, o silêncio quebrado pela respiração descontrolada, e o gozo misturado ao suor...

Amor, desejo, sensações.



COLUNAS E COLUNISTAS

**VÍDEO: "TOQUE E SENSações" AUTOR:
WESLEY REZENDE**



Clique aqui para assistir

**VÍDEO: TEXTO: "AS PÁGINAS AMARELADAS DO
TEMPO ESCRITAS PELO LORDE... A FIDALGA
DOS OLHOS TRISTES"**



Clique aqui para assistir

SITE



INSTAGRAM



LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI

COLONISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE



INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.

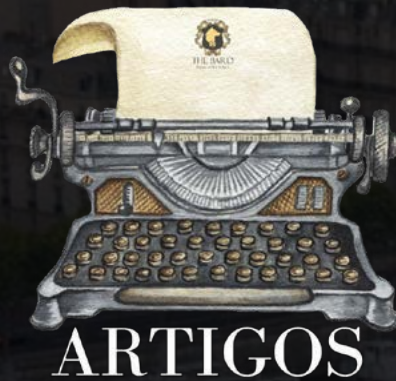


Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Claudionor Ritondale

Escritor

QUAI BRANLY, JOIA ESCONDIDA EM PARIS!

Situado às margens do Rio Sena, a poucos metros da Torre Eiffel, o Museu Quai Branly – Jacques Chirac é um dos tesouros culturais mais intrigantes e menos conhecidos de Paris. Fundado em 2006, o museu foi idealizado para abrigar um vasto e diversificado acervo de arte e objetos etnográficos vindos da África, Ásia, Oceania e Américas. Seu foco é promover a compreensão das culturas fora do escopo da tradicional arte ocidental, oferecendo uma imersão nas tradições e na riqueza cultural de povos frequentemente pouco representados em museus europeus.

Localização

O Quai Branly está no endereço 37 Quai Branly, 75007, e é uma parada ideal para quem deseja explorar uma faceta menos conhecida de Paris. No entanto, mesmo estando em uma área central e turística, o Quai Branly é muitas vezes ofuscado pela proximidade de outros pontos turísticos mais conhecidos.

Surpresa logo ao ver o exterior

Ao chegar, já surpreende a impressionante arquitetura do edifício projetado pelo renomado arquiteto Jean Nouvel, ganhador, em 2008, do Prêmio Pritzker, o “Nobel da Arquitetura”. O museu em si é cercado por um jardim exuberante, desenhado pelo paisagista Gilles Clément, com mais de 18 mil plantas de 150 espécies diferentes. O edifício parece “flutuar” sobre a vegetação, com estruturas elevadas por pilotis, criando uma sensação de integração com o ambiente natural. A fachada do museu é adornada com um “muro vegetal” — uma parede verde composta por mais de 15 mil plantas, obra do botânico Patrick Blanc, que dá ao espaço uma atmosfera única e impressionante.



Além do jardim e da fachada, um destaque do design externo são os monumentais paredões de vidro que cercam o museu, não apenas complementando a arquitetura arrojada, mas também desempenhando o importante papel funcional de isolar o som da Quai Branly, uma via muito movimentada, proporcionando uma experiência tranquila para os visitantes. Nos paredões, são exibidas inscrições e avisos sobre exposições temporárias.

O monumento na entrada

Logo na entrada, o museu dá as boas-vindas aos visitantes com o mastro heráldico, de cerca de 12 metros de altura, do chefe Kwarhsu, chamado de Mastro do Urso ou Mastro de Kwarhauh, do povo Nisga'a, de Tsimshiam, Colúmbia Britânica, aldeia de Angidan, noroeste do Canadá, feito em madeira de cedro policromada por volta de 1880. Ele é uma introdução poderosa ao que se verá no interior do museu: um mergulho profundo em culturas que utilizam a arte e os objetos cotidianos para expressar valores, crenças e narrativas que transcendem o tempo.

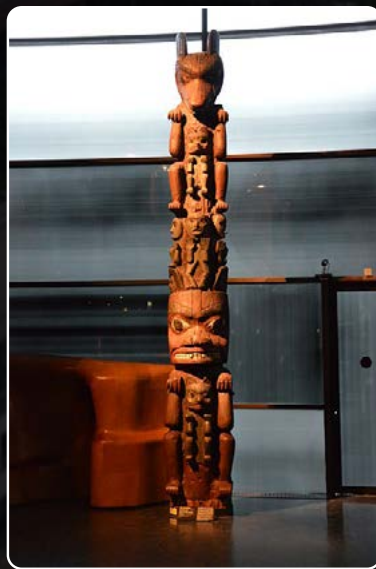


Imagem de Wikipedia

O Acervo: Arte e Etnografia

O Quai Branly abriga cerca de 370 mil objetos, um dos maiores acervos de arte não ocidental do mundo, dos quais, cerca de 3.500 estão em exposição permanente, enquanto os demais são rotativamente exibidos em exposições temporárias. O acervo inclui esculturas, instrumentos musicais, máscaras, tecidos,





joias, armas e objetos rituais de diversas épocas e locais, incluindo o Extremo Oriente, Sudeste Asiático, o Sahel africano e as culturas indígenas das Américas e da Oceania.

A exposição permanente está dividida em quatro grandes áreas temáticas, que representam os continentes de origem das peças: África, Ásia, Oceania e Américas. A iluminação e a ambientação interna são absolutamente impressionantes.

Espaços e Divisões do Museu

Além das exposições permanentes e temporárias, o Quai Branly oferece uma série de espaços e experiências interativas que enriquecem a visita. Destacam-se:

1. Galeria Jardinée: espaço encantador que conecta o jardim ao interior do museu, permitindo uma transição suave e orgânica entre o exterior e o mundo das exposições.

2. Biblioteca: voltada para estudantes, pesquisadores e o público em geral, a biblioteca oferece uma vasta coleção de livros e documentos sobre antropologia, etnologia e arte, com um foco especial em culturas não ocidentais.

3. Teatro Claude Lévi-Strauss: recebe eventos culturais, como apresentações musicais, debates, conferências e exibições de filmes, frequentemente alinhados com as temáticas exploradas nas exposições.

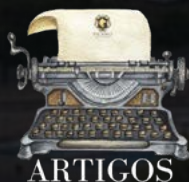
4. Espaço Educativo: o museu também se dedica a educar o público, especialmente as crianças e adolescentes, com oficinas e atividades interativas. O objetivo é sensibilizar as novas gerações sobre a importância da diversidade cultural e a riqueza das tradições de diferentes povos.

Exposições Temporárias e Programação Cultural

O Quai Branly também é conhecido por suas exposições temporárias, que exploram temas específicos ou culturas menos conhecidas. Esses eventos são cuidadosamente elaborados, reunindo peças emprestadas de outros museus ou adquiridas temporariamente para criar uma experiência educativa e imersiva. Além disso, o museu promove atividades culturais, como apresentações de música e dança tradicionais, palestras com especialistas e workshops, que permitem ao público interagir de maneira mais próxima com as culturas representadas.

Importância do Quai Branly

A criação do Museu Quai Branly desempenha um papel essencial no reconhecimento e na valorização de povos que, historicamente, foram desconsiderados ou mal representados em instituições culturais ocidentais. Em uma época em que o diálogo intercultural se torna cada vez mais relevante, o Quai Branly é



um espaço onde diferentes perspectivas e histórias podem ser vistas e compreendidas em toda sua complexidade e beleza.

A importância do museu também reside no fato de que ele não se limita a expor objetos, mas busca contextualizá-los e contar as histórias e significados por trás de cada um deles. O museu, hoje, é uma referência para antropólogos, etnólogos e artistas, bem como para todos aqueles que buscam uma compreensão mais profunda do mundo em que vivemos, cumprindo um papel essencial ao mostrar que cada peça, por menor que seja, é um reflexo da identidade de um povo e de uma civilização.

Para aqueles que buscam um lado de Paris além dos clichês turísticos, o Quai Branly é uma visita imprescindível.

Website

Em <https://www.quaibranly.fr/>, você encontrará informações detalhadas sobre as coleções, exposições temporárias, horários de funcionamento e serviços oferecidos pelo museu.

Na loja do Museu, é possível adquirir o monumental livro “Musée du Quai Branly”, editado pelas Éditions de la Martinière em coedição com o próprio Museu, com um resumo das principais obras, um dos catálogos mais lindos de um museu, com suas 450 páginas, uma obra-prima à altura de um museu que também é uma obra-prima.



COLUNAS E COLUNISTAS

LINKEDIN

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



Prosa



Stella Gaspar

Escritora

DESVENDANDO A ROTINA

Acordar e procurar ficar feliz
Olhando na varanda o tempo com olhos
De relógios, marcando segredos.
A alma em delírios ecoa sorrisos
Chuva, céu branco, frio no rosto
Um vinho?
Uma inspiração ritmada a respiração
Na companhia das estrelas tímidas
E de pensamentos entusiasmados
Pedidos extraordinários
Vem, beija-me, mata-me o desejo
A rotina de te abraçar
Me deixa fascinada.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Prosa



Arely Soares

Escritora

EM NÓS-TALGIAS

Afogar-se em plena luz do dia, antes do espetáculo do sol. É como submergir em águas claras, jogar o peito e não permitir o coração se afogar. Se entregar por inteiro desde a primeira xícara de café onde o vapor que sobe aquece muito além da vista. Embaçados pensamentos que se acendem e vai adormecendo os olhos pelas lágrimas que caem sobre a mesa. No deitar-se das horas que se passam vagarosamente, como se estivessem sonolentas de paixões da vida, parecem dias eternos que repentinamente se revoltam pela mente numa insistência incomum.

Quem sabe dizer por que existem, por que voltam e por que não se vão? É uma visita repentina de memórias que batem a porta. Agora mesmo são três da tarde, e já escutei o toc-toc soando pela porta velha de madeira. E em minha própria defesa sempre fecho bem com cadeados. Mas não tem jeito! Suas pisadas são marcantes, seus olhares me percebem de longe, seus desejos sempre mais aguçados do que a vontade de deixar passar despercebida. Mar tempestuoso há no peito!

Essa saudade que arroteia a alma. Quando a lua anda pelo imenso céu; quando as estrelas brilham na rua e os pássaros param de cantar e dormem, derrama-se em meu ser tantas ebulições de sentimentos como tintas de todas as cores que se misturam e pincela uma parede só. Essa nostalgia é uma saudade que se vestiu de sonho, tantas vezes estou a sonhar acordada, estou a sorrir entre os dias de primavera e a me esquentar no inverno com minhas lágrimas gotejantes.

A saudade é tão minha quanto uma roupa favorita que não se empresta ou não serve mais. Para quê esquecer as lembranças? Se as histórias mais bem vividas são trazidas de volta pela melodia de uma canção. Se o rádio toca, elas tocam no coração a canção eterna do passado. Sempre permanecerão em nós aquilo que nunca poderá ir; sempre irão embora coisas que não podem ficar.

Ah! Esta saudade é um perfume aberto derramado na alma, nos faz lembrar de quem realmente fomos e em quem nos tornamos. Uma essência jamais perdida e eternamente sentida.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



رعرشلا



Poesía



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza-Ceará, Edna Lessa é professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poetisa. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras (ATL). Autora do livro “Para Além de Mim - a Essência do Olhar” e coautora de seis Antologias Poéticas dentre as quais destacam-se Antologia Escritoras Nordestinas (Ed. Casa de Bonecas) e Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia (Editora In-Finita, 2021). Atualmente é colunista da Revista Internacional The Bard e apresenta sua escrita em seu perfil literário, uma página criada para propagar a poesia, expandir o olhar e ressignificar o sentir.

ACESSE A VITRINE THE BARD

Estimadas/os leitora/os, poetisas e poetas da Revista The Bard, bem-vindos a esta incrível coluna dedicada à arte sublime da Poesia. Esta é a 29ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas da Revista Internacional The Bard e queremos celebrar a beleza e profundidade de cada poema compartilhado. Cada poema reflete a alma do autor, e esta entrega plena de emoções, cria um elo que conecta poeta e leitor/a num encontro único.

A Coluna Poetas e Poetisas é um portal para os amantes da poesia, um espaço onde a escrita é vida e ressoa em cada coração em forma de arte.

Abraços poéticos e que a poesia nos inspire sempre!

Edna Lessa



[Clique aqui](#)

POST NO SITE (1)





Cecília Meireles

MOTIVO

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.
Irmão das coisas fugídias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.





Edna Lessa

CONCERTO DO AMOR

Os sentimentos se fundem
Como instrumentos solistas
Num concerto musical
A orquestra segue ao som do violino.

Meu olhar arisco percorre o salão
O coração andarilho explora sensações
De um torvelinho de emoções que gritam
E encontram compasso na música que soa

Ofereço a minh'alma um banquete musical
O violino estridente e agudo ecoa dentro de mim
Como um belo Stradivarius numa apresentação áurea
Orquestrando o amor que liberta e me guia
Ao encontro de minha própria melodia



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE (2)



Cidade: Fortaleza
Estado: Ceará
País: Brasil

Rilnete Melo

PROCURO O POEMA

No meu silêncio
procuro o poema
que sucumbiu junto
com os estilhaços de vidros
das janelas despedaçadas
cortando minhas palavras,
e tirando a estrofe de cena.

Do que escrevi
no verso,
para a glória da
pacificação,
o vandalismo em reverso
vira a página primeiro
e de violência borra a rima
do meu museu
de inspiração,
naquele oito de janeiro.

E a arte grita
no peito agonizante,
pedindo passagem
para a poesia,
feito a dor da tela
“Di Cavalcante”
rasgada pelas mãos
da maldade
atentando
contra a poesia.

No meio da violência
procuro o poema,
que sonha com o fim
da discórdia, numa
vontade extrema.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Cidade: Pindaré Mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil



Antônio Carlos

AMIGOS E INIMIGOS

Os teus inimigos são tu e os outros.
Os teus amigos são tu e os outros.
Quando te unes aos teus
Inimigos, és um sem nenhum.
Quando te unes aos teus amigos, és um tudo com todos.
Se choras com teus inimigos, és solidão na multidão.
Se sorris com teus amigos, és ventura na fortuna.
Se sorris com teus inimigos, és mendigo em aflição.
Se choras com teus amigos, és um contigo.

Eu, o teu amigo.



Cidade: Jaguarão
Estado: Rio Grande do Sul
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD

Poetas & Poetisas



Magali Rabello

NADA PASSA POR COMPLETO

Nada passa por completo,
Da lâmpada
Fica a marca no teto,
Da rosa
Fica o perfume nas mãos,
A colheita traz consigo
Um pouco do chão...

Nada passa pela vida
Sem deixar marcas impressas,
Na calçada
Fica a marca da pressa,
Da ferida
Fica a cicatriz,
E na memória
Da vida sem fim,
Por que não dizer?
Que ficou
Um pouco de mim...



Cidade: Suzano
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



Tainá Sales

MEU OCEANO PARTICULAR

Nada é mais poderoso que uma mulher que se encontra com o seu próprio mar.
Da maresia que se segue, aos goles salgados, etílicos, doces e brandos
Quando me percebo estou submersa no caos da minha própria existência,
E faço assim um mergulho profundo em meu próprio oceano,
dentro dos meus silêncios e dos meus barulhos.
E mesmo sentindo que estou me afogando na imensidão
Do meu oceano particular, revogo qualquer semblante de salva vidas
Pois nada deve ser salvo desse oceano.
Porque é assim que faço dos momentos de turbulência
Um lugar de aprendizado, e uma jornada de autocuidado,
e aprendo a lidar com o caos do meu existir e faço dele o meu lar
Meu lugar de encontro e desencontro, pois a vida é a arte dos desencontros,
dos afetos e desafetos.
E que sentido teriam esses desencontros,
se não houvesse o prazer de se reencontrar em cada um deles?
Nada é mais poderoso do que uma mulher que se encontra
com o seu próprio mar e aprende a navegá-lo.



Cidade: Joinville
Estado: Santa Catarina
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



Janeclay Alexandre

ÉS MULHER PERNAMBUCANA

Ô de casa, ô de fora
Te vejo como a flor do mandacaru
Simples, meiga e muito autêntica
És o positivo na criatividade
És como a flor que desabrocha no luar
A brisa partilhando no horizonte.

Ô de casa, ô de fora
És como o beija-flor no mandacaru
A beleza do sertão no pôr do sol
Ô arco-íris na plenitude do sonhar
A resistência pela lealdade
O aconchego além do horizonte.

Ô de casa, ô de fora
És o acolhimento no abraçar
És como a noite enigmática
És como a raiz de solidariedade
És como nosso girassol
És mulher forte e Pernambucana.

Ô de casa, ô de fora
Carinhosa no agir com o outro
Autêntica na sua personalidade
Maestra no brilho do olhar
Iluminada na sua identidade
Linda como mulher
Amiga da sociedade.



Cidade: Iati
Estado: Pernambuco
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Maria Lúcia

AS MÁSCARAS DE UM MUSEU

As máscaras de um museu
guardam silêncios antigos,
pinturas de rostos que nunca viveram,
olhares que atravessam o tempo.

Nos corredores vazios,
elas sussurram segredos,
são testemunhas de histórias não contadas,
sombras de civilizações esquecidas.

Cobrem-nos de mistérios
como véus de um passado intocável,
desafiando-nos a decifrar
o que nunca foi escrito.



Cidade: Ottawa
Estado: Ontario
País: Canadá

INSTAGRAM

POST NO SITE





Nice Veloso

SEM PONTO FINAL

Trocaria esta noite fria
Pelo calor do teu olhar
e o teu sorriso doce!
As tuas palavras carinhosas
vindas do céu da tua boca!
Como nuvens coloridas
de algodão-doce!
Observo a água da chuva
caíndo tranquila!
Inundando o meu olhar!
Tenho medo de arriscar!
De sentir-me viva!
Quem vive, morre!
Tempo é imaginário
O tempo é o que dura
o pensamento...
Ouço o meu silêncio!
A carência é ridícula.
É vazia.
Feito a fome, insiste fremir!
Vivo a fugir de mim.
Para encontrar-me
na outra parte de tí!
Sou humana. Sou Só.
O amor transcende em mim!

INSTAGRAM

POST NO SITE



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

Marcelo Papareli

CONVIVÊNCIA

Veja só o paradoxo
e me explique a contradição:
o homem é um ser racional
mas escolhe ser vilão,
enquanto na natureza
vemos predominar a pureza
na mais pura perfeição.

O homem acumula riqueza
vivendo em prol da matéria,
pouco importa se um irmão
morrer em plena miséria,
enquanto a natureza
cada mundo é realeza
bicho, planta ou bactéria.

O homem mata e rouba
pra ter o que não merece,
corrompe a própria alma
e ainda se envaidece,
enquanto na natureza
a cada dia temos a certeza
que o equilíbrio prevalece.

Enquanto fazemos guerras
por um palmo de terra a mais,
veja só a diversidade
entre plantas e animais.
É que a tal da natureza
traz enraizada a certeza
que divino é viver em paz.

O bicho abaixa a cabeça
pra gente passar a mão.
Veja só a docilidade
de um gatinho ou de um cão.
É sempre a natureza
mostrando sua grandeza
com toques de afeição.

Vejam só a sinfonia
que fazem os passarinhos,
e o homem derruba as árvores
destruindo seus santos ninhos.
Corrompem a natureza
com maestria e destreza
enjaulando os pequeninos.

Os rios, também os riachos,
são milagres em profusão,
mas o homem inclemente
perpetua a poluição.
Coitada da natureza,
que vai perdendo a pureza
e ganhando a extinção.

Talvez seja apenas um sonho
que o homem, dito ser racional,
tivesse a mansuetude
assim como tem o animal,
e entendesse que na natureza
todos têm sua grandeza
e que todo ser é igual.

Às vezes fico lembrando
do pobrezinho de Assis.
Francisco deu-nos exemplo
de um coração pobre e feliz.
Demonstrou que a natureza
espelha sublime leveza
e que o homem é aprendiz.

Um dia o bicho-homem
de uma vez vai entender
que, olhando os animais,
ele muito vai aprender.
Vai ver que a natureza,
embora tenha rudeza,
é mestra em conviver.

Muita paz!

INSTAGRAM

POST NO SITE



Cidade: Santo André
Estado: São Paulo
País: Brasil

Poetas & Poetisas



J.B Wolf

EM TUA PAUTA

Desnudo musicalidade,
silêncio como pausa
de semínima.

Gravo em tua pauta,
notas do teu timbre
soando acústica.

Ruídos harmônicos,
siluetas e gemidos
de teus sons.

Arpejo suave,
toque dedilhado com
tua respiração contínua.

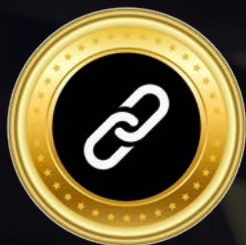
Acelero o ritmo
do compasso,
a cada nota tua.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

WOLFBIO

POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

01



FABIANA FRANCISCO



49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

Coluna Nem te conto

A proposta da coluna "Nem Te Conto" reflete a capacidade de se captar a essência da vida cotidiana, traduzindo-a em breves narrativas, mas impactantes. Para o escritor um dos maiores desafios e encantos da literatura está em conseguir contar uma história com profundidade e significado em um espaço reduzido. O miniconto, nesse sentido, se torna uma forma precisa e afiada de explorar a complexidade humana e suas nuances, de uma forma que cativa e surpreende o leitor.

É preciso um olhar atento para as pequenas histórias do dia a dia, que, quando bem contadas, revelam universos inteiros. Em textos curtos, cada palavra conta, é preciso ser capaz de transformar um instante aparentemente simples em uma narrativa instigante. O ritmo ágil dos minicontos permite-se jogar com a concisão, a linguagem precisa e a criatividade para despertar a imaginação, provocando reflexão, humor ou emoção. Faz-se necessária a habilidade de criar reviravoltas inesperadas e finais surpreendentes, característica marcante dos minicontos. Um vasto repertório literário enriquece a escrita e facilita transitar por diferentes gêneros e estilos, utilizando-se ora do realismo, ora do surrealismo ou da fábula, sempre com um toque de originalidade ao contextualizar a história narrada com a vida real, comum, que alcança desde o leitor mais simples até o mais erudito.

A coluna "Nem Te Conto..." é espaço ideal para trazer pequenas doses de literatura, que se encaixam perfeitamente no ritmo acelerado do cotidiano. Cada miniconto, com sua leveza e profundidade, será uma espécie de convite a você, leitor, para parar por um momento, refletir e se deixar surpreender.

Olá, escritor(a),

Você já se pegou pensando que as melhores histórias são aquelas que nos fazem refletir com poucas palavras? Que um conto pode ser tão poderoso em sua brevidade, que basta um único instante para tocar a alma do leitor? Se você é dessa opinião, temos um convite irrecusável para você!

A coluna "Nem Te Conto" da Revista The Bard está à procura de minicontos que encantem, provoquem, surpreendam e desafiem a imaginação do público. São histórias de até 300 palavras que precisam ser tão envolventes que, ao terminarem, o leitor sinta que poderia continuar lendo por horas.

Queremos sua criatividade, sua paixão pela escrita e sua habilidade em transformar uma ideia simples em algo grandioso. Na "Nem Te Conto", cada palavra conta e cada frase é um novo universo a ser explorado.

Se você já escreve, se tem aquele conto guardado na gaveta, ou mesmo se está procurando a oportunidade certa para mostrar seu talento, essa é a sua chance!

A revista The Bard é o espaço onde a literatura se reinventa, e a coluna "Nem Te Conto" é seu palco. Vamos juntos escrever novos capítulos dessa jornada literária, com minicontos que deixam marcas inesquecíveis na memória de nossos leitores.

Não perca tempo, conte algo que ainda não contamos! Estamos ansiosos para ler seu miniconto e te ver participando das próximas edições da revista The Bard.

LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI



CONTISTA

Fabiana Francisco



Livros e cafés

Ela entrou na livraria e, ao sentir o aroma do café, se perdeu nas prateleiras. Entre páginas e xícaras, encontrou um livro esquecido, como se tivesse sido feito para ela. O sabor amargo do café contrastava com a doce descoberta de uma história nova.

Chegadas e Partidas

O trem apitou, sinalizando a partida. Ele a observou pela última vez na estação, o coração apertado. Ela sorriu, acenando, sabendo que aquele adeus era apenas mais uma das muitas chegadas e partidas que a vida insistia em trazer. E, de algum modo, isso os fazia crescer.

A Pintura Invisível

Ele passou horas diante da tela em branco, tentando capturar a essência da tristeza. Ao fim, sua pintura era invisível, mas quem a observava sentia. A arte, ele descobriu, não precisa ser vista, só vivida.

Palavras Silenciadas

No meio da agitação das redes sociais, ela publicava poesias que ninguém lia. Mas, em cada verso, suas palavras caladas criavam uma revolução silenciosa. A literatura, ela sabia, não precisa de aplausos, só de alguém que a compreenda.

O Último Capítulo

Ela fechou o livro e olhou para o horizonte. A história havia acabado, mas o mundo lá fora continuava. A literatura era um refúgio, mas a vida, um convite para escrever o próximo capítulo com a mesma intensidade.

Arte Digital

Cores e formas dançavam na tela do computador, cada clique revelando uma nova dimensão. Ele criava mundos imaginários, onde a arte e a tecnologia se fundiam. Afinal, a arte sempre encontrou seu caminho, agora no código de um pixel.

O Poeta da Rua

Ninguém sabia seu nome, mas todos conheciam seus versos. O poeta da rua escrevia em pedaços de papel, deixando sua poesia no vento. Sua arte não pedia reconhecimento, apenas que fosse lida por quem tivesse a alma aberta.

COLONISTA FABIANA FRANCISCO



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

INSTAGRAM



INSTAGRAM



POST NO SITE





MINI Contos

Mona Lisa

Por Eli Silvestre

Da janela, seus olhos seguem os visitantes.
Nos lábios, um sorriso curvado em áurea proporção.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MINI Contos

Uma tarde de quinta

Por Wilma Silva Meira

Era só mais quinta ensolarada

De vento refrescante, só mais uma tarde de primavera. Dessas comuns. Era uma simples quinta feira, na qual acordamos cedo e tomamos café meio apressado pra não se atrasar e no almoço servimos feijão com arroz e um refogadinho de chuchu pra acompanhar. Ao anoitecer jogamos alguma conversa fora com amigos enquanto esperamos que ele chegue de mais um dia do trabalho. Mas ele não chega, e as horas passam e ele não chega. Mas recebe a notícia que ele virá pela manhã após seu corpo ser liberado do IML.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Contos

O Menino e a Bola

Por Israel Cunha

Em redor, uma vasta vegetação. O vento do final de tarde sopra aquela brisa suave. As nuvens brilham vermelhas-alaranjadas no alto de suas imponentes naquele céu iluminado de abril, o sol resplandece sua luz, aproveitando-se da não precipitação delas, que quase todas as horas do dia jogam água naquela rua simples.

O estampido do portão já alarmava para aquele momento tão esperado de todos os dias, a hora de jogar bola na rua se aproxima. Pedrinho fica eufórico em poder jogar seu futebol cotidiano com seu pai. Desde os três anos idade, o menino franzino, de nariz bem desenhado e de sorriso fácil, chuta aquele objeto tão desejado, sempre com o riso nos lábios demonstrando ser uma criança feliz disposta a brincar o tempo que for.

O horário de final de tarde é sempre desejado, porque é hora de liberar as energias acumuladas.

Como diz seu pai Felipe:

- Tenho que colocar ele para correr, porque senão vira a casa de pernas para o ar.

Felipe é um homem muito ocupado, mas sempre reserva tempo para divertir-se com seu filho, Pedrinho que é filho único e o pai tem essa preocupação de ser um amigo presente na vida do filho.

Sempre que o menino o chama para brincar, ele sempre está ali disponível, surpreendendo o filho com muitas brincadeiras memoráveis. Porém o que o filho mais gosta de fazer é jogar futebol.

Os finais de tarde são sempre marcados pelo bate bola entre pai e filho. Felipe ensina seu pequeno como chutar a bola, sempre com os olhares de proteção da mãe, Ana, que não gosta muito de deixar Pedrinho brincar na rua porque acha muito perigoso.

O Menino e a Bola

Por Israel Cunha

- Corre filho tenta chutar com a parte interna do pé. Falava o pai no momento de diversão e aprendizado. Naquela quarta-feira deu para aproveitar bem, jogaram até ao anoitecer. Pedrinho todo suado ainda queria mais, mas o início da noite se aproximava e tinham que parar, no outro dia teria que ir para a escola. Era hora de entrar e tomar banho.

Naquele dia no retorno da escola, andando nas ruas do pequeno bairro já imaginava o que faria logo depois das tarefas da escola. Caminhava chutando uma latinha que encontrara jogada no chão, na companhia da mãe só pensava em mais um fim de tarde de brincadeiras com os colegas da rua. Ao chegar em casa correu direto para o quintal a procura da redonda, mas não a encontrou, retornando de cabeça baixa em direção a mãe.

- Cadê minha bola mãe, onde colocaram ela?

O menino aflito por não ter encontrado seu brinquedo favorito, perguntava para mãe. O que teria acontecido? Ou quem teria pegado sua bola? Seu pai não sabia ainda que a bola do filho tinha desaparecido. Ana ligou e falou para o marido o ocorrido, ele só retornaria no final da tarde naquele dia. Nesse período a mãe sai a procura na casa de todos os amigos do filho e nada de encontrar, ninguém sabia do paradeiro da bola.

O brinquedo já não era tão novo, tinha alguns rasgos, Felipe sabia o quanto o filho gostava da bola, precisava encontrá-la. Foi um presente ofertado pelo tio que morava em outra cidade, portanto possuía um significado especial. Procuraram incansavelmente, mas não encontraram, já estava no final da tarde, não poderia procurar mais naquele dia, estava anoitecendo e ficaria difícil sair à noite sem instrumentos necessários para encontrar.

- Filho hoje não dá mais para tentar encontrar seu brinquedo, já é noite e nós não temos sequer uma lanterna para facilitar as buscas.

Pedrinho ouvia o pai um pouco confuso.

- Quem teria pegado a minha bola? Porque não pediu emprestado, talvez até daria.

O que realmente aconteceu no dia do sumiço da bola? Ele tentava lembrar, sabia que tinha feito tudo como a pai sempre falava. Entrou e colocou o brinquedo no quintal, mesmo não conseguindo encaixar os seus pensamentos no percurso que fez no dia do sumiço.





Contos

Algo precisava ser feito, o pai já tinha vasculhado todo o terreno por trás da casa, levantou todo os objetos que poderia ocultar a bola, foram várias tentativas em vão.

- É realmente não está aqui. No outro dia, Felipe estaria em casa e seu foco total seria encontrar o brinquedo do seu pequeno.

O cãozinho latia nos fundos da casa, já estava tarde era hora de parar com as diligências. Quando amanhecesse voltariam aos trabalhos. O pai também estava inculcado com o que aconteceu, afinal era um presente, um objeto de valor inestimável. Ana já havia falado para ambos ter cuidado com a bola, e alertou que os meninos da rua não possuíam bola e sempre tem algum espertinho de olho no que é alheio.

Pedrinho estava inquieto naquela noite de um lado para outro da casa, lembrava que o tio vindo de outra cidade distante deu aquele presente. Ficaram à tarde brincando na sala, foi muita alegria, o riso estampado indicava que seriam dias especiais fazendo o que mais gostava. A garotada da vizinhança adorou também, agora havia uma bola para ser dividida todas as tardes.

- Mãe temos que encontrar.

Ana sabia que o filho estava triste com a situação, não era tanto pela perda da bola, seu pai poderia comprar outra, estava em jogo o valor sentimental daquele objeto, na sua cabecinha de criança imaginava que o tio ficaria desapontado quando soubesse.

O tilintar das louças anuncia que é hora do café, a mãe cantarola na cozinha, enquanto no quarto Felipe se encarrega de acordar o filho. Pedrinho acorda com preguiça, não iria para escola naquela manhã, não havia água na escola, o prédio funcionava na rua de cima e acontecia de as vezes não ter água para o consumo dos estudantes. Quando chegaram na cozinha o pai ficou sentado à mesa calado, meditando por onde iria começar a procurar naquele momento.

- Filho, você realmente não lembra onde colocou?

Com a cabeça o menino respondeu que não.

- Algo está vindo aqui na minha cabeça. Será que não foi o nosso cão que fez essa peripécia conosco. Sabemos muito bem como ele é sapeca, ninguém nunca imaginou que ele poder ser o causador dessa confusão.

O Menino e a Bola

Por Israel Cunha

Eles não tinham pensado nessa possibilidade, aquele serzinho minúsculo poderia ter ocasionado aquilo tudo. Mas como ele fez isso? Onde teria colocado a bola? Será que eles não estariam exagerando, colocando a culpa no pobre coitado. De fato, aquela situação precisava de uma solução e logo. Ana veio como uma novidade, que na verdade não era tão novidade assim, o que a família até aquele momento não tinha lembrado, devido a ânsia para encontrar logo, que na frente da casa do outro lado da rua, tinha uma fossa aberta, construída naquela semana. Os meninos brincavam ali, ela poderia muito bem estar lá. Foi aquela correria, Pedrinho saiu em disparada para o local.

Ao chegar no local, qual foi a surpresa, a bola estava realmente lá. E logo o garoto avistou o lindo e reluzente brinquedo redondo. A não tão nova bola estava ali, naqueles poucos metros de profundidade. Como foi parar lá, se ele tinha certeza de que havia guardado como fazia todos os dias? Ficou perplexo sem saber que pernas marotas teriam jogado ela ali. Só alguém sem coração poderia ter feito aquilo. Pensou, pensou.

- Será que foi um de seus coleguinhas?

Seu pai chegou logo atrás com mãe, na verdade o culpado já apareceu se denunciando nas passadas afoitas. Finalmente as lembranças se clarearam. O menino havia deixado a bola no lado externo da casa e o cãozinho sedento por fazer sapequices, acabou empurrando-a para dentro da vala. Foi aquela correria para avisar a turminha que na próxima tarde iria ter futebol.

No pôr do sol mais uma vez estarão prontos para a correria.

Mais um momento de reivindicar a melhor dupla da rua, esquecer de crescer e se aventurar na alegria de ser criança.



APOIADOR(A) THE BARD

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

O lagarto de Ilha de Dentro

Por Rute Ella Dominici

Estou nesta, que me dedilha as vírgulas, movimenta de cima para baixo e pontua o tempo entre tempos e me lê. Nesta vesícula que guarda cálculos, resíduos do cálcio que me transita e intriga os rins. Nesta ilhargia que me alimenta de frágeis raízes, alguns frutos altos quase inacessíveis, cocos difíceis de se abrir.

E o pensamento em "Ilha de Dentro" se desconcentra de mim e me foge como a fuga de um réptil na estrada.

O que me impede de me concentrar, preciso escrever de relacionamentos, de dualidades, de antagonismos, de paradoxos, perplexidades entre mãe e filha, motivo este que me trouxe à esta ilha, onde convivo com esta dor que incomoda minhas articulações do quadril e me impede de andar, metaforizando meus anseios e minha paralisia emocional no sentido de amar incondicionalmente quem sofreu em corredores psiquiátricos entre crises e choques, com sequelas de extrema ingenuidade. Onde encontro a afinidade?

Distraída e absorta com minhas insolúveis questões de amor próprio e o materno, nas pedras da praia observo um lagarto e me espanto com sua imobilidade ameaçadora para meus pensamentos. Tenho medo, muito pavor. Estou perplexamente travada de corpo e atitude. Os répteis me assustam, e mais ainda me apavora essa incompreendida fobia.

Escrevo.

Transformo o momento em prosa poética de meu ego em existencialismo como Camus relata o deserto e seu calor insuportável onde somente o lagarto resiliente supera.

Sou mais horrível que este lagarto, eu Sophia Poët, vivo sem água debaixo de um sol que mumifica e não consigo mudar meus sentimentos.

Relato o absurdo humano e suas relações frente ao paradoxo intelectualidade e amor incondicional. Qual a beleza do homem que nega sua própria origem?

Que resistência tem uma mulher que se isola em si mesma para escrever de liberdade feminina, se é presa à própria intolerância com pensamentos rasos. Escrevo.

Estou nesta ilha, "Ilha de Dentro", onde o vento soprado do mar não traz paz, mas apenas o eco de uma solidão seca. Dedilho as vírgulas no vazio do tempo, tentando dar ordem aos impulsos que me arrastam de um lado a outro, como se a própria areia queimasse sob meus pés, recusando-me o descanso. Sinto o calor me cercando como uma prisão invisível, sufocando cada tentativa de avanço, imobilizando-me em pensamentos circulares que fogem como um réptil sob o sol. Sou parte desta aridez, desta terra onde a vida sobrevive sem florescer, rastejando em pequenos fragmentos de teimosia.

O lagarto de Ilha de Dentro

Por Rute Ella Dominici

O sol aqui não me ilumina, apenas pesa. Nessa luz implacável, minha própria mente vacila entre querer fugir e ser absorvida pelo solo. E ao lado das pedras, eu o vejo: o lagarto.

Está ali, indiferente, no calor que me traga, imóvel como uma estátua cinzenta, cuja pele parece fundida ao solo. Sua presença me incomoda, me obriga a confrontar aquilo que fujo: ele é o ser completo, adaptado a um universo que me rejeita. Um ser que não precisa de palavras, de argumentos, de vínculos; ele apenas existe. Como Camus descreve o deserto e seu silêncio absoluto, onde apenas criaturas como ele, que aceitam sem questionar, podem suportar o absurdo de sua própria existência.

Eu, Sophia, sou mais frágil do que este lagarto. Vivo num calor que me mumifica, seco de afeto, com uma sede que não consigo saciar, com um amor que não consigo entender. Ele rasteja, indiferente às complexidades, à angústia de uma filha que não sabe amar incondicionalmente. E eu me pergunto, qual a beleza de uma criatura que nega sua origem, sua simplicidade, que busca algo onde não há nada? O lagarto é a própria representação do essencial que eu não posso alcançar, do ser que nada espera e nada precisa. Ele não ama, não detesta; é, no fundo, o próprio emblema do absurdo.

Eu, com minha mente trancafiada na busca por sentido, olho para minha mãe e não a compreendo. Tento escrever sobre liberdade, sobre autonomia, mas sou prisioneira de um ressentimento que envenena minhas palavras. Tento me distanciar da fragilidade emocional que enxergo nela, da simplicidade que me desarma, mas sinto que estou presa. Sou a prisioneira de minhas próprias ideias, uma mulher isolada em minha intelectualidade estéril, incapaz de aceitar a plenitude de um amor sem porquês, sem intelectualizar, sem julgar.

Enquanto o lagarto resiste ao sol, imóvel e completo em sua solidão, eu me debato na contradição de querer liberdade e ao mesmo tempo querer romper com as correntes da minha própria intolerância. E ele não precisa me responder, não tem essa angústia, nem esse cansaço. Ele é apenas um ser que resiste. Eu vejo o lagarto como meu próprio avesso, como o que poderia ser, se aceitasse minha condição sem essa busca incansável de significados. Talvez a resistência esteja ali, nesse aceitar o absurdo de viver sem respostas, de amar sem exigências. Ele é o que eu não sou: a presença crua e direta daquilo que não precisa de porquês, a aceitação do calor sem fuga, do deserto sem sombra.

Assim, permaneço, vendo-o em sua indiferença absoluta, na serenidade de ser o que alcançarei?



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

Fundo do Poço

Por Lais Mendes

Estava há alguns meses naquela prisão, e eu realmente não tinha mais esperanças de sair de lá. Ao meu lado estava aquele pobre rapaz que não se sabe por que foi preso junto comigo. Às vezes eu me deparava pensando: “O que aquela pobre criatura teria feito para estar pagando uma pena naquela prisão comigo?”

Eu chorava pensando nos meus filhos, que iriam ficar sem a mãe deles, tentava me convencer de que eles iriam sofrer por um tempo, mas depois conseguiriam superar, e quem sabe até serem muito felizes. Tudo estava contra mim, eu iria em poucos dias ser enforcada, e parecia não ter mesmo mais o que fazer, eu não estava mais sendo castigada fisicamente, porém agora era pior, minha cabeça estava confusa, meu tempo estava acabando e o silêncio que estava por fora não refletia o barulho que eu sentia por dentro. As vozes na minha cabeça diziam que eu ia morrer, eu via uma figura de caveira segurando uma foice, cheguei até a ouvir dois velhos amigos que já tinham partido dessa para outra vida me dizendo em tom de deboche: “Vem para caixa, você também, vem!”. A caixa a que eles se referiam era o caixão. E quando eu estava tonta com tudo aquilo, sentindo que, se eu não sobrevivesse, era certeza de que eu enlouqueceria, foi quando ela surgiu: a ESPERANÇA, e ela tinha olhos verdes, como diziam por aí. Ela me olhou de cima do poço onde eu me encontrava, e me lançou uma corda, agarrei-me com todas as minhas forças e subi, subi e subi.

Ao lado do meu companheiro de cela, conseguimos nos livrar do fundo do poço e pedimos à morte que fosse embora, que outra hora nos encontraríamos, mas não naquela hora.

Às vezes, Deus, ou o Universo, seja como você queira chamar, gosta de agir quando as situações parecem impossíveis. E Deus é especialista nas causas impossíveis.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

No ritmo da vida urbana

Por André Luís Ferreira

No ritmo da vida urbana
ano após ano o Rio de Janeiro
Vem sofrendo com a violência,
Vem sofrendo com a corrupção
e vem sofrendo com a desigualdade social
por conta desse bando de abutre imoral
que só pensam no seu aumento salarial.

E no ritmo da vida urbana
os políticos continuam juntando a sua grana
para sustentar a sua vida de bacana
e com essa conduta leviana
vivem esperando a próxima campanha
para oferecer a sua barganha.

E no ritmo da vida urbana
o povo do Rio de Janeiro leva uma vida tirana e grande parte
vive em condição desumana
por causa desse bando de político sacana
que mora em uma cobertura em frente ao mar de Copacabana.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

JOGO DA VIDA

Por R. J. Bombardi

Nunca fui bom em esportes. Depois que parei de jogar futebol, nunca mais voltei. Mas sempre gostei de acompanhar. Apreciar um bom jogo me fazia esquecer dos problemas. E eu sempre tive vários problemas que queria esquecer. E lá estava eu, sentado na arquibancada, assistindo ao meu irmão e seu time disputarem um jogo contra os meninos do bairro vizinho.

Estava no meio do segundo tempo e o placar não saía do zero a zero. Algumas tentativas de gol aqui, outras acolá. Não que o jogo valesse, de fato, algum prêmio. Mas é importantíssimo ressaltar que o jogo sempre era jogado como se valesse o maior prêmio anunciado.

Meu irmão não era dos piores. Disse-me, antes de iniciar a partida, que seu sonho era ser jogador profissional. Tive vontade de rir, mas não tive coragem de desacreditá-lo daquela forma naquele momento. Contive-me e o mandei entrar na quadra, pois o jogo estava prestes a começar. Às vezes, me pego pensando se esse sonho seria possível em uma realidade diferente.

— Ei, foi falta! — gritei.

Éramos filhos de mãe solteira. Nosso pai foi ao bar assistir a um jogo e nunca mais voltou. Que ironia. Devia ser qualquer jogo, menos futebol. Não... O futebol nunca foi sobre isso. Desde então, aprendemos a nos virar.

Eu, como mais velho, sempre tive mais responsabilidades na vida. Já trabalhava desde os 12 anos. Meu irmão, como mais novo, sempre teve esse perfil de sonhador. Tinha 14 anos e ainda achava que seria jogador profissional. De trabalho, só conhecia aqueles que lhe eram passados na escola. Os quais, que fique dito e documentado, quase nunca eram feitos.

— Tá impedido! Marca direito isso aí, juiz, pô!

Fiquei observando como meu irmão realmente tinha vontade de vencer. Corria atrás da bola como se sua vida dependesse disso. Eu sabia que não dependia, que não tinha como. Mas, e se dependesse?

— Foi escanteio!

De qualquer modo, como torcedor, eu não estava ali para fazer comparações e suposições. Eu estava ali torcendo. Torcendo pelo meu irmão. Torcendo para que ele vencesse na vida. Vencesse do jeito que quisesse. Acho que o papel do torcedor é apoiar aquele que se ama. E eu o amo.

— Gol! — Finalmente, tinham aberto o placar.

Cada gol feito era como uma pequena vitória na vida. Cada gol sofrido, como uma pequena derrota. Os lances impedidos, ações equivocadas que fazíamos sem perceber. Os tiros de meta, novos recomeços após pequenos atentados aos nossos sonhos. E assim, o jogo da vida seguia em frente.

O árbitro apitou. Fim de jogo. Fim de jogo?

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

HOMO SAPIENS

Por Neri Luiz Cappellari

Se olharmos a linha do tempo desde a formação da terra até o surgimento da humanidade, podemos dizer que o ser humano pisou neste planeta há muito pouco tempo. Para termos uma ideia, se a escala da vida da terra fosse resumida em 24 horas, nós surgiríamos por aqui só nos últimos 3 segundos. Por milhares de anos, o nosso planeta permaneceu azul verde, intacto e belo. Tudo ia bem entre o homem e a natureza nesse período de tempo. Porém, bastaram alguns segundos do surgimento do homem industrial para que transformasse o equilíbrio em um caos.

Quando olhamos para o tempo geológico, isto é, o período em que o homem ainda não tinha pisado em nosso planeta, veremos que essas eras representam milhões de anos. Fora alguns fenômenos geológicos naturais e meteoros que caíram, observamos que flora e fauna viviam em constante harmonia. As florestas mantinham-se intactas à medida que liberavam o oxigênio para a atmosfera. Os rios corriam limpos. Os mares refletiam o azul de suas águas claras e puras. A fauna existente mantinha o equilíbrio com a natureza de maneira plena e exuberante. A integração entre plantas e animais se perpetuava por todo o período geológico. Até o ar puro exalava o frescor da natureza intacta.

Entretanto, esse tempo estava com os dias contados. Depois de milhões de anos de paz com a natureza, começou o tempo histórico, ou seja, o tempo dos homens.

No início, ele surgiu de maneira tímida. Vivia em pequenos grupos e se alimentava de restos de comida do abate de outros animais. Aos poucos ele foi esculpindo as pedras, criou uma arma, uma flecha e começou a caçar. A princípio ele vivia em pequenos grupos, depois criou vilas e mais tarde surgiram as cidades. As cidades foram tornando-se cada vez maiores, até que surgissem as primeiras fábricas. As fábricas vieram para produzir alimentos e produtos para uma população cada vez maior. Era o início da Era Industrial.

Esse período promoveu o desenvolvimento para as cidades. Contudo, tal advento trouxe consigo também as chaminés e com elas a emissão de gases poluentes no ar. Vieram os automóveis, que lotavam as grandes metrópoles e liberavam toneladas de gás carbônico na atmosfera. O ar, que durante milhões de anos era claro e limpo, tornou-se cinza e poluído. Além disso, o esgoto jogado a céu aberto,

a poluição dos rios, os plásticos jogados nos mares, tudo completava um cenário de desolação. Era o homo sapiens deixando o seu rastro de degradação para uma natureza que o acolheu em seus braços.

Hoje a constante agressão ao meio ambiente está colocando o nosso planeta em risco de colapsar. Os nossos oceanos estão aquecendo de maneira rápida e assustadora. Os gases poluentes lançados no ar estão afetando os nossos pulmões e destruindo a camada de ozônio que nos protege dos raios solares. As nossas florestas estão desaparecendo vítimas da ação humana. Todos esses fatores ocasionados pelo ser humano estão colocando a terra em um desequilíbrio assustador.

As calotas polares estão derretendo, o que aumenta o nível dos oceanos. Incêndios florestais estão devastando nossas florestas. Os furacões, cada vez mais fortes, estão derrubando casas, tombando cidades. As temperaturas extremas estão trazendo dias difíceis para o nosso corpo suportar.

Bastaram três segundos de nossa permanência neste planeta para destruirmos o que a natureza levou centenas de milhões de anos para conquistar. As soluções para restabelecer o equilíbrio de nossos ar, rios, mares, florestas todos nós - homo sapiens - sabemos. Resta saber se, no curto espaço de tempo que nos resta, vamos oxigenar este planeta que jaz moribundo e lhe dar uma sobrevida ou não estaremos aqui para assistir ao seu próprio funeral.



COLUNAS E COLUNISTAS

FACEBOOK

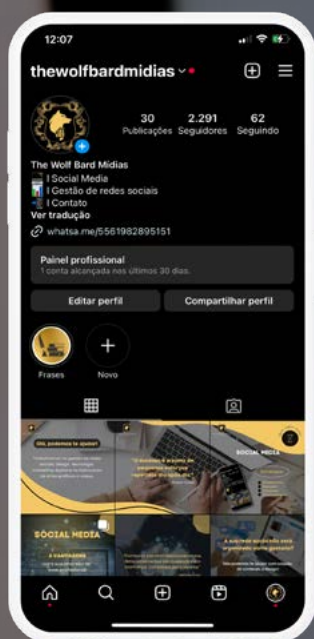


POST NO SITE





Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO

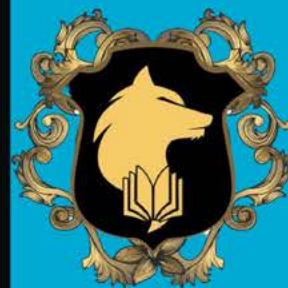
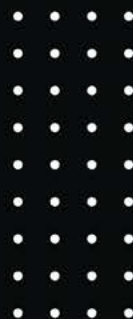


E-MAIL





AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





ESTÉTICA AVANÇADA

• Harmonização facial

- Preenchimento com ácido hialurônico
- Toxina Botulínica
- Fios de PDO
- Skinbooster
- Bioestimuladores de Colágeno

• Harmonização corporal

- Ganho de massa
- Emagrecimento
- Definição corporal
- Harmonização de Glúteo

• Harmonização Íntima

- Preenchimento
- Bioestimuladores
- Clareamento

AUTOCUIDADO É FAZER O
MELHOR POR VOCÊ HOJE!

CONTATO



CEIDENTES

ODONTOLOGIA



CeiDentes

Dr. Bruno Rodrigues

ESPECIALIDADES QUE A CEIDENTES OFERECE

- 1 Implante dentário
- 2 Prótese dentária
- 3 Cirurgias
- 4 Clínica Geral
- 5 Clareamento
- 6 Ortodontia
- 7 Canal
- 8 Dentística

AGENDE SUA CONSULTA
ODONTOLÓGICA

Clique nos ícones

AGENDAMENTO

INSTAGRAM

LOCALIZAÇÃO



Estamos no endereço QNP 27 Conjunto B Lote 01 Loja 02.
Ceilândia, Brasília - DF

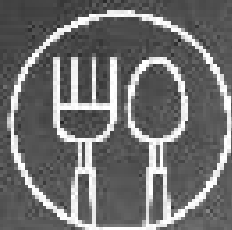
Entre em contato pelo link da Bio,
ou pelos telefones: (61) 3374-3643 ou (61) 98633-8294



DR. BRUNO RODRIGUES



BRASÍLIA - DF



CHECKPOINT

BAR & RESTAURANTE

O SABOR DA VIDA ESTÁ NO TEMPERO. VENHA
CONFERIR E SABOREAR NOSSOS PRATOS.



GUARÁ II | QE 34, BL A, LJ 26/30

TEL: (071) 3346 8086 / (061) 96117 7233
WWW.CHECKPOINTBARDF.COM

Clique nos ícones

TIKTOK



INSTAGRAM



LOCALIZAÇÃO





Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM



WHATSAPP





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS

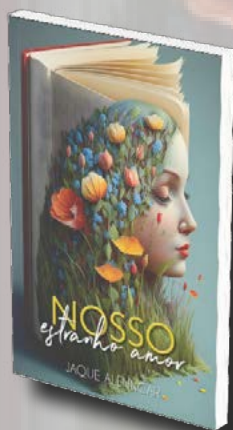


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



Jaque Alennear, natural de Aiuaba-CE, professora, pedagoga, escritora, poetisa, colunista da “Coluna Guia Literário - Revista The Bard”, onde também atua como Diretora de Operações. Graduada em Pedagogia, Letras – Português, pós-graduada em AEE, Curso de Design Gráfico. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Autora da obra “Nosso Estranho Amor” e coautora em diversas antologias poéticas, se dedica à arte e à literatura, sendo esta última sua grande paixão. Seus versos de amor são uma constante em seus escritos, tendo Vinícius de Moraes, como uma de suas principais referências literárias.



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamadas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

INSTAGRAM



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LU NASCIMENTO, nascida em São Paulo sob o manto da primavera de 1986, carrega a dualidade de ser paulista com raízes nordestinas. Unida em matrimônio, é uma entre as cinco filhas de Rose, matriarca cujo nome ressoa em Lu com orgulho. Profissionalmente, Lu é uma talentosa manicure e gestora de seu próprio salão, um oásis de beleza em seu bairro. Contudo, é na poesia que Lu encontra sua verdadeira essência. A paixão pelas letras brotou nas aulas de literatura do ensino fundamental, um universo onde poetas lhe sussurravam segredos literários. Foi ali, imersa em versos, que Lu descobriu sua voz poética. Sua trajetória literária se destaca com participações em antologias como "A poesia delas" e "Estação Primavera". Em 2021, iniciou um capítulo digital ao criar uma página no Facebook, onde seus poemas reverberam em almas sedentas por inspiração. Lu, uma sonhadora inabalável, acredita que sonhos devem ser perseguidos até se tornarem realidade palpável.



"O Pôr do Sol e Outras Coisas que se Parecem com Você" resplandece com a força de sua linguagem poética, capturando a complexidade das emoções humanas de forma magistral. A autora nos convida a explorar um universo onde o amor, a melancolia e a beleza das pequenas coisas da vida são dissecadas com uma sensibilidade aguda.

Por que esperar para mergulhar neste universo mágico criado por Lu Nascimento? Um mundo onde cada pôr do sol é um convite para sentir, para se perder e se encontrar nas entrelinhas de uma prosa poética que toca a alma com uma doce melancolia.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



JULIANA ROSSI, nascida em 1976, em São Caetano do Sul, SP. É auxiliar administrativa na saúde de Americana, Residente em Americana interior de São Paulo, estudante de pedagogia, poeta e escritora, começou a escrever para lidar com a dor, mas agora ama escrever sobre tudo, transformando sentimentos em poesia, e trazendo à tona pensamentos e reflexões da vida, da morte e de tudo ao nosso redor. Autora do Livro “Meu Baú de Poesias e pensamentos” e escritora nas redes sociais. Instagram e Facebook @escritorajulianarossi @meubaudepoesias e Administradora do coletivo @somostigris e diretora da equipe de Marketing da Revista The Bard.



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

INSTAGRAM



EDITORIA
INVITRO

LIVRO COM SELO

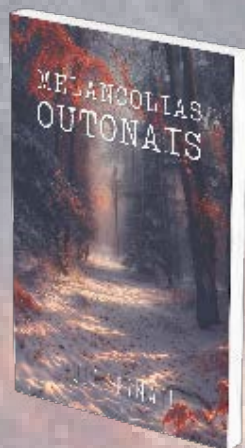


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUIZ PRIMATI é escritor de vários gêneros literários, no entanto, seu primeiro livro foi infantil: "REVOLUÇÃO NA MATA", publicado pela Amazon/2018. Depois escreveu romances, crônicas e contos. Hoje é editor na Valleti Books. Em março lançou seu livro de Prosas Poéticas, "Melancolias Outonais" e o romance de suspense "Peter manda lembranças do paraíso".



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

INSTAGRAM



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LAINÉ BOTTARO é uma escritora e poetisa brasileira, nascida em Lençóis Paulista, cidade localizada no interior de São Paulo. Formada em Artes Visuais e atualmente cursando Ciências Econômicas e Administração. Desde a infância, foi apaixonado por livros e histórias de aventura e fantasia, o que a levou a começar a escrever suas próprias histórias. Seus livros são marcados por uma narrativa envolvente, personagens cativantes e tramas cheias de reviravoltas. Além disso, possui uma habilidade única de criar poemas marcantes que tocam o coração de seus leitores. Sua sensibilidade para a escrita poética é evidente em suas obras, transmitindo emoções profundas e reflexões sobre a vida em versos belos e inspiradores.

Laine Bottaro também vem se destacando como coautora em diversas Antologias nacionais e internacionais, além de participar de inúmeras seleções literárias.



“Poesias sem fronteiras: Duetos Poéticos” é uma obra literária única e encantadora que reúne escritores de todo o mundo em uma composição de duetos poéticos. Neste livro, você terá a oportunidade de mergulhar em um universo de versos e sentimentos, onde cada poema é um diálogo entre diferentes culturas e perspectivas. Através dessas composições poéticas, as vozes dos escritores se entrelaçam em uma dança harmoniosa, criando uma sinfonia de palavras que ecoa nos corações dos leitores.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"Memórias Excêntricas" trata-se de um romance cristão e LGBT na Bahia do Brasil. Em meio à bipolaridade, Leonardo busca compreensão e o amor divino numa sociedade intolerante. Uma jornada de autoconhecimento e transformação em busca de aceitação e amor próprio.

SITE



LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"A Arte de Ressignificar", mergulhe numa jornada de autodescoberta e transformação. Aprenda a fortalecer o amor próprio, expressar-se com clareza e cultivar a saúde mental. Descubra o poder da comunicação e floresça em todo seu potencial.

SITE



LIVRO COM SELO



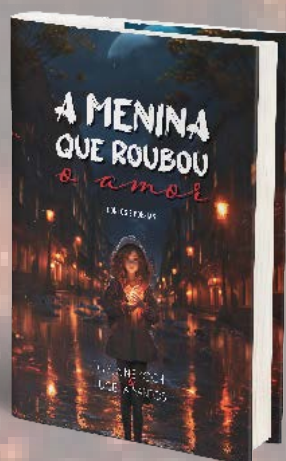
Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUCÉLIA SANTOS é uma escritora e poetisa de Itabuna-Bahia, residindo atualmente em Brumado-Bahia. Desde os 13 anos, dedica-se à escrita para expressar seus pensamentos e sentimentos, com um forte toque de romantismo. Ela é graduanda em Terapias Integrativas Complementares e membro de várias academias literárias, incluindo a ALSPA e a AIBL.

GISLAINE KOCH, nascida em 1981 em Curitiba, é uma escritora multifacetada que atua como Ghost Writer, Beta Reader, poetisa, roteirista e prefaciadora. Desde a adolescência, tem uma paixão fervorosa pela escrita. Ela é membro ativo do Moto clube Lokas MC, um grupo filantrópico de motociclistas focados em ações sociais. Gislaine é membro imortal da Academia Internacional de Letras (AIBL) e da Academia Interamericana (AINTÉ)



O livro "A Menina que Roubou o Amor", de Lucélia Santos e Gislaine Koch, é uma obra profunda e emocionante que explora as complexidades do amor por meio de uma narrativa poética e envolvente. Com um texto que flui como dois rios que se entrelaçam, o livro oferece uma visão única sobre o amor, desdobrando-se em um caminho repleto de solidão, melancolia e uma alegria que se confunde com a tristeza. Mais do que um livro de poesia, é um universo de sentimentos, onde cada emoção ligada ao amor é cuidadosamente explorada. A leitura promete ser intensa e capaz de roubar a atenção e o coração do leitor, deixando uma marca indelével de saudade e uma melancolia bela e tocante, desafiando o leitor a encarar o paradoxo de emoções que convivem dentro do espírito humano.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



SIMONE APARECIDA DA SILVA GONÇALVES (1979), "Simone Gonçalves" como nome de trabalho é poetisa / escritora, natural de Taubaté SP. Com participação em 17 Antologias. Uma das organizadoras da Copa de Poesias pela @cronopolisbr e colaboradora no blogsite / podcast da @valletibooks. Instagram: @apoetizar_se



"Poesias ao Luar - Confissões para a Lua" de Simone Gonçalves é uma obra que celebra o amor em suas diversas manifestações, evocando a sensação de ser um eterno amante das emoções, paixões e estações. Mediante um diálogo íntimo com a lua e as estrelas, Simone transmite a intensidade da paixão que aquece o coração e ilumina a alma. Este livro nos convida a explorar o amor e o romantismo em cada estação do ano, permitindo-nos sentir e expressar esses sentimentos sem hesitação. A autora usa o luar como metáfora de um trem que viaja através das estações, onde cada parada nos permite adquirir novas experiências e emoções leves, característica marcante da escrita envolvente de Simone. A obra é um tributo à lua, eternamente aclamada pelos apaixonados, e um convite para se deixar levar pela beleza do luar e pela poesia das confissões amorosas.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

MEMÓRIAS AFETIVAS 1 e 2 Organizado por Luiz Primati Vários Autores

"Memórias Afetivas" é uma coletânea emocionante que reúne 24 autores em dois volumes, com um total de 12 contos em cada um e um conto adicional oculto no segundo volume. A obra é uma celebração da singularidade das experiências humanas, onde cada escritor compartilha fragmentos de suas vidas, criando um mosaico diversificado de recordações que variam da infância à idade adulta, abrangendo alegrias, tristezas e lições aprendidas. Esta antologia mergulha nas nuances das memórias que definem nossa existência, reconhecendo a importância desses momentos no conjunto de nossa identidade. Os leitores são convidados a uma jornada emocional que reflete sobre a doçura e amargura da vida, as intensas primeiras paixões, as decepções e a esperança eterna no amor verdadeiro. Através de suas páginas, "Memórias Afetivas" oferece não só histórias para aquecer o coração, mas também um convite para refletir sobre o rico mosaico das experiências humanas que conectam cada um de nós. Instagram: @valletibooks



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

AMOR PARA RECORDAR 2 Organizado por Lucélia Santos Vários Autores

“Amor para Recordar II” é uma coletânea que explora o amor em suas diversas formas através das vozes de 23 novos autores. Diferentemente do primeiro volume, este livro traz reflexões sobre amores infantis, platônicos, perdidos no tempo, proibidos, impossíveis, ternos e até mesmo ignorados. A obra aborda as complexidades do amor, que muitas vezes evoca lembranças melancólicas de depressão, tristeza, saudade, ódio e arrependimento, transportando-nos para uma solidão profunda. No entanto, mesmo diante da dor, emerge uma paixão vibrante que transcende gerações, trazendo alegria e inspiração. Ideal para aqueles que vivenciaram o amor em suas tempestades e calma, o livro oferece um refúgio e um espelho das próprias experiências amorosas. Com uma narrativa que incentiva a esperança e a crença no amor, os autores, eternos aprendizes, nos convidam a embarcar numa jornada emocionante de descoberta e reflexão sobre a natureza enigmática e transformadora do amor. Instagram: @poetisafalandodeamor



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

**Acesse os links
clikando no botão verde**



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está à sua volta.



Versão Impressa

[Clique aqui](#)



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clicando no botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

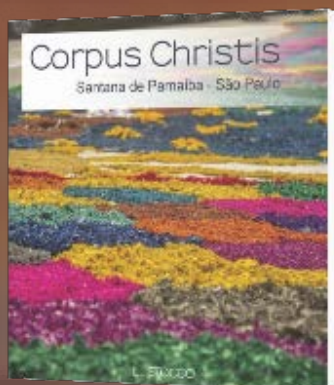
**Acesse o link
clcando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilômetro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





Espaço

VITRINE

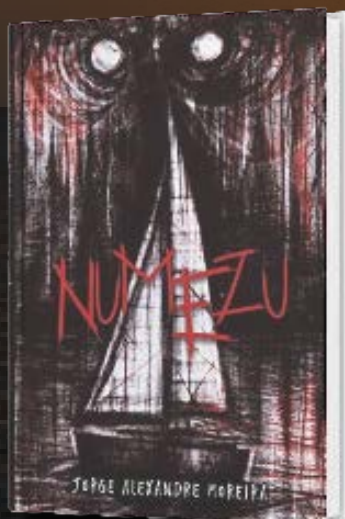
THE BARD

Escritor

Jorge Alexandre

**Acesse o link
clikando no botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sono, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

Clique aqui

amazon.com.br



COLUNA

Escritora

Vanina Sigrist

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

Clique aqui





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Canuto

**Acesse o link
clicando no botão verde**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Juliana Rossi

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Meu baú de poesias”
de Juliana Rossi**



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Jaque Alennkar

**Acesse o link
clcando no botão verde**

**Livro “Nosso estranho amor”
de Jaque Alennkar**

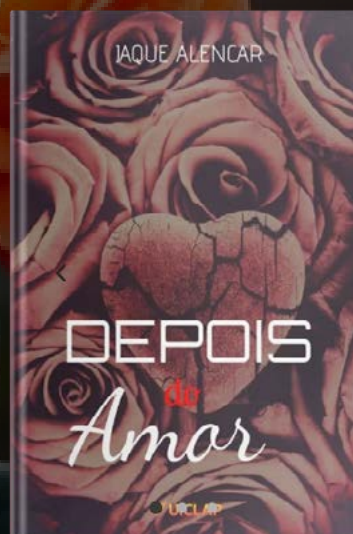


Clique aqui

“Nosso estranho amor” é uma coletânea de poemas que, como chamas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

**Livro “Depois do Amor”
de Jaque Alennkar**



Clique aqui

É a realidade daquele momento de “Luto” pelo amor que partiu. Quando amar demais não foi suficiente para o outro se manter ao seu lado. É o rasgar-se e remendar-se de cada fase, permitindo que a dor desse processo leve o seu tempo para se curar, para que assim haja a maturidade de Renascer...

Porque Depois do Amor também é renascimento, olhar-se com os olhos da alma e perceber-se com a real importância que você tem para a sua própria existência.





Espaço

VITRINE

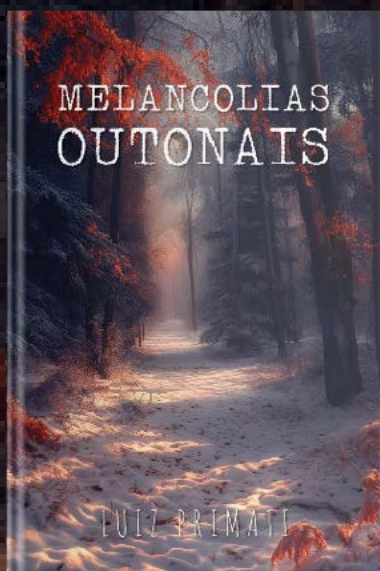
THE BARD

Escritor

Luiz Primati

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Melancolias Outonais”
de Luiz Primati**



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



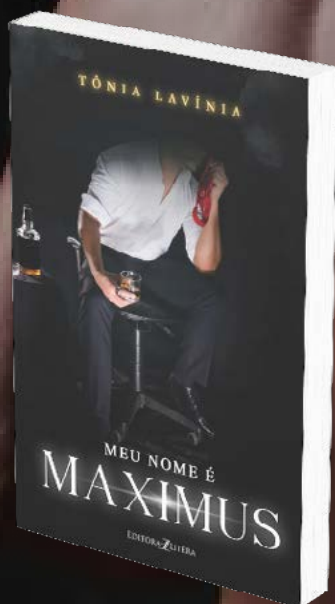
COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Meu nome é Maximus”,
de Tônia Lavínia**



Um homem italiano apaixonante...

Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador.

Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas.

Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte.

Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz:

Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade.

Acredite, se você não quer, ele faz querer.

Sexo, luxuria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história.

Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição...

O universo de Maximus.

Clique aqui

amazon.com.br





COLUNA



Espaço

VITRINE

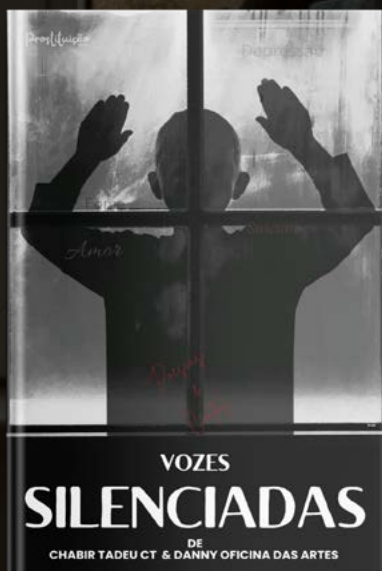
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Kenia Pauli

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro - Inesquecíveis são as
marcas que carrego em mim
de Kenia Pauli**



"Inesquecíveis são as marcas que carrego em mim" é um convite íntimo e profundo para explorar as raízes que moldam nossa existência e as asas que nos impulsionam a crescer. Escrito por mim, Kenia Pauli, o livro utiliza a abordagem sistêmica para guiar o leitor por uma jornada de autodescoberta, conexões familiares e transformação pessoal. Cada capítulo aborda aspectos fundamentais de nossas relações, crenças e emoções herdadas, ajudando a ressignificar histórias do passado e a construir um presente mais consciente e equilibrado.

Com uma linguagem acessível e cheia de sensibilidade, Kenia reflete sobre os desafios emocionais transmitidos pelas gerações, o poder de escolhas conscientes e o impacto das relações humanas. A obra inspira a rever padrões, abandonar o que não serve mais e adotar uma visão mais ampla e compassiva sobre a vida. É um livro que combina sabedoria prática e reflexões profundas, tocando o coração de quem busca mais pertencimento, propósito e harmonia.

Mais do que palavras, o livro é um farol para quem deseja entender suas raízes e escrever uma nova história com coragem, amor e autenticidade.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Suzane Veiga

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro Criatura Dentada
de Suzane Veiga**



Explosão de ideias em páginas revestidas de delicadeza e ousadia. *Criatura Dentada*, livro de Suzane Veiga, apresenta uma poética que passeia por palavras e sentimentos como o pincel contorna a tela de um quadro. O resultado, como não poderia ser diferente, é uma obra de arte repleta de indagação e mergulho. Cada verso é um eco do íntimo. Cada poema é uma mordida na linguagem.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



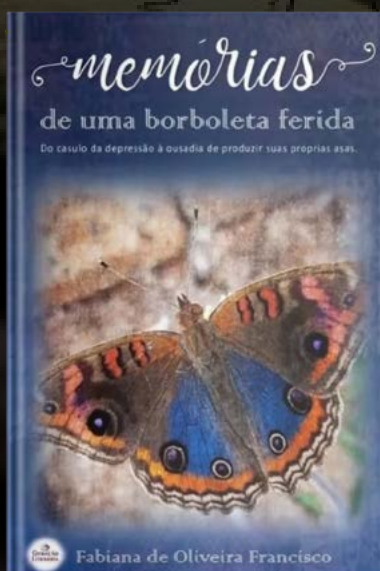
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui



Esritora

Espaço

VITRINE
THE BARD

Vera Occhiucci

**Acesse o link
clcando no botão verde**

**Livro Experiências Poéticas
de Vera Occhiucci**



Estas páginas convidam a uma jornada de autotransformação e descoberta.

Entre versos que evocam a metamorfose de borboletas e o poder regenerador da consciência, somos desafiados a romper ciclos viciosos, dissolver memórias negativas e abandonar o apego que aprisiona.

A vida é apresentada como um vasto cosmos, onde pensamentos são tijolos que constroem nossa realidade, capazes de iluminar caminhos ou gerar sombras.

Nesta obra, Vera Occhiucci revela como o desapego e a expansão da consciência podem nos libertar de um vazio existencial e nos conduzir à construção de um corpo mental perfeito.

Cada palavra pulsa com a promessa de vitalidade e coragem para buscar ideais, soltar cristalizações e abraçar o ilimitado.

Experiências poéticas é um chamado para reescrevermos nossa história com determinação e amor.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

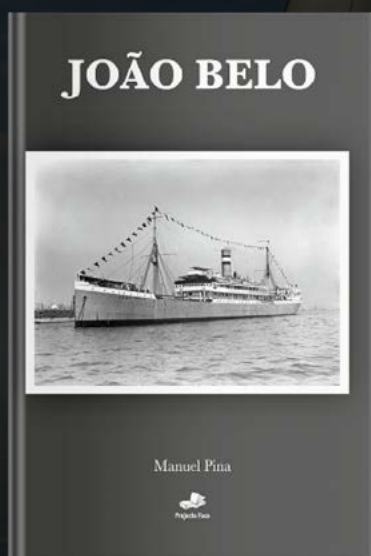
THE BARD

Escritor

Manuel Pina

Acesse o link
clicando no botão verde

Livro João Belo
de Manuel Pina



Clique aqui

Livro Império do Ocidente:
Coisas de Deus e do Demônio
de Manuel Pina



Clique aqui

Tudo havia começado na longa viagem do velho paquete João Belo da orgulhosa Companhia Colonial de Navegação, que poucos anos depois seria abatido ao activo.

Digo que tudo começou com essa viagem pois, se o navio tivesse afundado à saída de Leixões, numa enorme tempestade em que nem os tripulantes acreditavam que a velha carcaça aguentasse, eu não estaria aqui a digitar estas memórias antes que desapareçam.

O navio iniciara a viagem em Lisboa no primeiro dia de dezembro, mas antes de seguir viagem para sul, para Angola, fora ao norte, a Leixões, provavelmente buscar carga e mais passageiros.

Este livro é sobre as consequências dos acontecimentos cósmicos e de como o poder da Igreja de Roma se expandiu em todas as latitudes do planeta, em crônicas sobre esse passado que todos herdamos, e sobre a nossa atualidade. É uma viagem no tempo, em que se procura uma verdade talvez impossível, nos meandros das histórias oficiais, que sempre nos mostram apenas uma das faces. Com o título O Império do Ocidente e subtítulo Coisas de Deus e do Demônio, caberá ao leitor, dentro da sua liberdade e capacidade de análise, decidir se o mundo tem sido governado por Deus, ou pelo Demônio.





Espaço

VITRINE

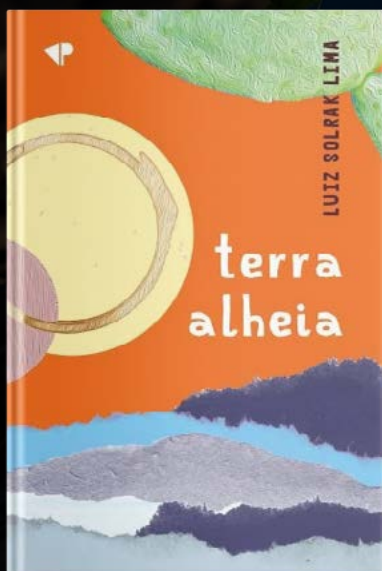
THE BARD

Escritor

Luiz Solrak Lima

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro Terra alheia
de Luiz Solrak Lima**



Terra Alheia é um lembrete poético de como mudanças podem ser necessárias ao mesmo tempo que transformadoras. E essas transformações demanda de cada indivíduo perdas e ganhos na sua estrutura cultural composta de sua linguagem, de seus costumes e de sua ligação com a terra natal. Com isso o livro faz um convite poético para sentirmos o saudosismo, o estranhamente espacial e o estado crítico dos múltiplos eus-líricos que compõem os poemas. O livro, no seu ano de lançamento, ganhou o Prêmio Cultural de Americana -SP 2023 e o Prêmio Destaque Cultural de Americana-SP 2023.

Clique aqui



COLUNAS E COLUNISTAS

LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025

Museus pelo Mundo:

o papel desses espaços de exposição, representação e memória na cultura contemporânea



29ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2025

Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na Cultura e Arte Universal"

**30^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO DE 2025**

PERÍODO DE 28 DE DEZEMBRO À 05 DE FEVEREIRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.